



ADRIANA BRAZIL

# OUTONO DE SONHOS

*Foi assim que te amei*

2ª Edição

novoséculo®

# Outono de Sonhos

Adriana Brazil

Nota importante:

Esta obra foi preparada para ser lida exclusivamente por pessoas com deficiência visual. Salienta-se que qualquer outra utilização que se dê a este material é ilegal e o infrator arcará com as responsabilidades.

## Sinopse:

Outono de Sonhos é o primeiro volume da Série Foi Assim que te Amei. Nesse romance Helen é uma jovem cheia de sonhos e objetivos a conquistar, filha única de uma família estruturada e feliz. No início da trama ela se vê envolta à expectativa do primeiro dia de aula na faculdade de Letras da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. O talento para escrever rende a Helen o convite para dar continuidade a um projeto parado na faculdade, terminar um conto de amor entre um príncipe e uma plebeia, iniciado pelo escritor e estudante de teatro, Andrew Gamberini, que sofreu um acidente há um ano e abandonou a faculdade. Conforme entra em contato com a trama, Helen descobre-se apaixonada pelo seu autor e viverá intensamente um romance pelas quatro estações do ano. Outono dos Sonhos é uma obra apaixonante, levando o leitor a mergulhar em uma surpreendente e emocionante história de amor.

Ficha técnica:

Título: Outono de sonhos – livro 1 da série Foi assim que te amei.

Autora: Adriana Brazil.

Editora: Novo Século.

Gênero: Romance.

Coleção: novos talentos da literatura brasileira

São Paulo 2011

Copyright © 2011 by Adriana Brazil

Coordenadora editorial Leticia Teófilo

Preparação de texto Aline Naomi

Revisão Pedro Henrique Fandi

Projeto gráfico e composição S4 Editorial

Capa David Cerqueira

Composição da capa Adrian de Souza

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brazil, Adriana

Outono de sonhos / Adriana Brazil.

Osasco, SP : Novo Século Editora, 2011. — (Coleção Novos Talentos da Literatura Brasileira)

1. Ficção brasileira I. Título. II. Série.

11-08138 CDD-869.93

índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2011

IMPRESSO NO BRASIL PRINTED IN BRAZIL DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO A NOVO

SÉCULO EDITORA LTD A.

Rua Aurora Soares Barbosa, 405 - 2a andar CEP 06023-010 - Osasco - SP Tel. (11) 3699.7107 - Fax (11) 3699.7323 [www.novoseculo.com.br](http://www.novoseculo.com.br) [atendimento@novoseculo.com.br](mailto:atendimento@novoseculo.com.br)

## Agradecimentos

Rio de Janeiro, outono de 2011.

Nada teria existido se não fosse Ele... Obrigada, Deus, por ter me presenteado com esta história naquela madrugada. Pelas quatro estações que criou, revelando sua bondade e grandeza. Por ser minha inspiração, minha força, meu alento, minha eterna referência do que é o amor.

Para Mareio Brazil, pelo sentido das cores de cada primavera. Por acreditar nos meus sonhos, tornando este uma doce realidade. Seu amor me faz viver intensamente e te amar um tanto mais em cada uma delas.

Para Lucas Brazil, pelo lindo sorriso inspirador.

Para meus pais, Luiz e Graciete, por todos os momentos que seus atos e palavras revelaram: “Nunca desista, filha”.

Para minha família, em especial meu irmão Carlinhos, Celi-zandra, Linderson, Lizandra e minha vovó Mainha — que me presenteou com tanta ternura.

Inesquecível verão de 1994 quando você chegou na minha vida, maninha Débora, minha Debi, por você a Sarah veio a existir, saudades do “tempo do nosso tempo”. Temos muitas estações para contar. Te amo tanto.

Para Bruna Aguiar pelos dias de outono. Suportar minhas fraquezas com amor, ser capaz de chorar minhas dores e ainda caminhar comigo, é, no mínimo, um verdadeiro dom, ah que bom que você o tem! Por ser minha amiga vinte e quatro horas por dia e irmã nas horas vagas. Obrigada por lapidar meu texto, ajudando-o a se tornar um brilhante.

Para Marcos Tavares, pela amizade dedicada à família Brazil.

Era apenas uma simples sinopse e ela enxergou um enorme e colorido horizonte. Para minha fotógrafa favorita, Evany Bastos, quantas aventuras inesquecíveis, hein? Obrigada guria, conseguimos!

Para Jaqueline Lopes, por tudo, sua amizade é um sonho real. Ao amigo que fez nascer o Diego, Heber Brisson.

Para Telma, amiga francesinha.

Amo vocês!

Para Carolina Bullê, suas palavras me ajudaram a chegar aqui, obrigada por cada uma delas. Ah, sim, quero sempre te deixar curiosa com o próximo texto.

Para Gabriela e Wesley, a amizade de vocês me inspirariam a escrever mais dez livros! Amigo, sua alegria fez o Alan existir.

Para Vanessa e Uelinton, Cleide e Paulo Júnior, pela amizade sempre presente.

Para a talentosa escritora Neiva Meriele e para a escritora mais fashion que conheço Karoline Guimarães, por estarem sempre presente, pela força sempre precisa na hora exata.

Para Mareia Rios, por sua alma tão generosa, por abrir a porta para que eu conhecesse o mundo dos blogs literários, minha amiga-irmã, obrigada por tudo!

Para a maravilhosa escritora Nanda Meireles, por sua amizade, orações e palavras de carinho.

Para a escritora Lycia Barros, pela amizade que nasceu e irá crescer a cada outono.

Para Erica Lopes, Clarisse Cunha, Sandra Mendes, Ahtan-ge Ferreira, Eliane Fernandes, Mariana Sampaio, Raphaela Christante, Libério Lara e Daniela Degobi, sempre me cativando com palavras de amizade e carinho.

Para cada blogue literário que torceu para que esse sonho fosse real, minha imensa gratidão a vocês, meninas!

Para todos que aprenderam a amar meu livro, pelos e-mails emocionantes falando dele, ainda quando era um manuscrito, em especial a Débora C. Borba pelo poema lindo dedicado à obra.

Para meus pastores, SylFarney, Patrícia, Dayse, Cláudio, Denise e Adaías, pelo amor e cuidado incondicional, por serem referenciais de homens e mulheres de Deus.

A todos os amigos e membros da Comunidade Evangélica de Mesquita -RJ.

Para o pastor Flaudízio e Cristina Calazans, por terem me sustentado em tantos invernos passados.

Para o pastor Jeffson Rocha, que harmonizou nossas vidas com tantas melodias, nos ensinando a crescer.

Para meus amigos de todas as estações, Mônica, Mauricinho — pelos conselhos sábios de Richard.

Para Rosângela, Elaine e Evanildo, Isa e Mauro Elias, Luciana, Patrícia, Alessandra e Camila.

Para minha Editora Novo Século, por acreditar no meu livro e ter me dado a oportunidade de viver literalmente o Outono de sonhos, agradeço por todo cuidado em todos os processos de preparação.

Para James McSill, pela regência em toda a preparação do manuscrito com sua maestria perfeita.

Para Florianópolis e seus moradores tão hospitaleiros. A beleza que encontrei em cada canto da ilha, ainda capaz de me levar de volta ao mundo de sonhos. O outono que vivi na cidade fará parte para sempre dos melhores momentos da minha vida.

Agradeço a AGEKOM da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), por gentilmente ceder autorização para menção do nome, como também ao Boliche Pinguim, que brilhantaram e tornaram ainda mais real a série Foi assim que te amei.

Para todas as Helens, Andrews, Richards, Alans, Sarahs, Evelyns... Que ainda encontrarei, depois que se “acharem” em algum deles.

Para todos aqueles que vierem a se apaixonar e a sonhar novamente com Outono de Sonhos.

Play-list Outono de Sonhos:

Casting Crowns, Kutless, Thir Day, Mariah Carey, Mandy Moore, Hoobastank (The reason).

## Sumário

Prefácio 13

Prólogo 15

1. Sonhos 19

2 - A festa 37

3-0 projeto 59

4 - Um príncipe 75

5 - O retorno 96

6 - Outono de sonhos 115

7 - Teu olhar 144

8 - Folhas secas 178

9 - Meu amanhecer 194

10 – Saudades 233

11 - Ondas de amor 267

12 - O dom supremo 319

## Prefácio

Ao som de Only Hope, que embala o folhear das páginas de Outono de Sonhos, me pego escrevendo as primeiras linhas desse prefácio. Apaixonante, envolvente, emocionante, são alguns dos adjetivos que posso dar a essa história que se desenrola pelas quatro estações do ano.

Outono de Sonhos vem nos fazer acreditar no verdadeiro amor, na fé e na esperança que SEMPRE, independente das circunstâncias, não nos deixam desanimar.

Helen Castilho e Andrew Gamberini nos fazem pensar em como cada dia é precioso, cada levantar, um sorriso ou até mesmo lágrimas existem para nos tornar pessoas melhores e mais preparadas para as lindas e serenas surpresas da vida.

A cada capítulo me peguei emocionada, sorrindo ou até mesmo com lágrimas nos olhos por saber que os personagens estavam ali ao meu lado, dividindo comigo suas dores e suas certezas. Outono de Sonhos vem ao encontro da realidade de projetos, de sonhos, da juventude que, de repente, foi roubada de alguém que acreditava no mundo lindo, colorido, diverso dentro dos corredores de uma renomada faculdade.

Este livro não conta só mais uma história de amor. Ele a descreve na sua verdadeira forma, sem reservas e sem medo.

Inacreditável como Adriana Brazil conseguiu de maneira tão singular traduzir em palavras as situações mais únicas e impressionantes destes jovens do Sul do país. Com uma linguagem pessoal, fluente e clara, a autora nos leva a uma viagem cada vez mais impactante, alegre, completa, definindo os verdadeiros caminhos onde sonhos, projetos e amizades nos levam.

Não deixe de ler e descobrir o que a triste realidade do mundo tem roubado de você.

Sem dúvida este se tornará meu livro de cabeceira, pois me trouxe de volta uma sensação de que tudo está ao nosso alcance, tão perto, basta acreditar. Consigo ler Outono de Sonhos e entender que existe uma única esperança.

Bruna Aguiar, jornalista

## Prólogo

Jamais esquecerei aquele ano. Tantas conquistas, alegrias, decepções e dor. Tudo foi intenso, profundo, uma colisão de vários momentos distintos transformou a minha vida para sempre. Não que ela não fosse boa; porém, tudo foi repentino e ainda respiro o ar daquelas emoções primorosas.

Aquele ano foi marcado pelas estações, que coincidentemente conseguiram descrever não apenas a sensação climática, mas meu interior.

Lembro detalhes minuciosos do outono, expressivo, impetuoso e inesquecível. Uma atmosfera de sonhos o transformaria para sempre.

Se para muitos pensar que um instante de felicidade não vale a pena diante de um momento maior de tristeza, eu, Helen Castilho, arrisquei; o tempo vivido intensamente, com paixão e amor, fez valer cada segundo pelo qual chorei.

Certamente, seria capaz de fazer tudo outra vez.

## Outono de Sonhos

### 1. Sonhos

Era apenas o começo, o novo começo na minha vida. Ansiedade e felicidade por ter entrado na faculdade de Letras. Um sonho: contos, poesias, dissertações, agora estava diante dele, prestes a dar um passo para torná-lo real.

Foram tantos esforços, respirar o ar de conquista era incrível.

O despertador do celular tocou novamente, deveria levantar. Então, num pulo, saltei da cama, empolgada.

Era verão na linda cidade de Florianópolis, região Sul do Brasil. Não costumava ser forte o calor; no entanto, o verão era radiante diante da felicidade de começar um sonho naquele dia. Tomei banho, troquei de roupa e descii saltitante pela escada.

Na cozinha, encontrei meus pais conversando sobre mim com serenidade.

— Ouvi meu nome! O que falam?

— Hoje é um dia muito especial para todos nós, certo, filha? - disse meu pai.

— Ah, pai, muito especial! Estou animada! — eu ri.

— Seu pai falava em te levar no primeiro dia na faculdade — comentou minha mãe, sentando-se ao meu lado.

Ele pegou o leite no fogão, colocou sobre a mesa. Com as sobrancelhas meio franzidas, me olhou.

— Os tempos mudaram, filha, talvez seja meio cafona, fora de moda; contudo, sua mãe e eu adoraríamos te levar, certamente entenderemos caso não se sinta à vontade com a situação,...

— Mãe, pai — interrompi, sorrindo —, vocês sabem, a modernidade não chegou para mim. Adoraria tê-los comigo, sim.

Enquanto falava, notei a alegria estampada nos olhos deles. Exibiam sorrisinhos.

— Vocês fazem parte dessa conquista. — Puxei o braço do velho, porém bonitão, Paulo. Continuei:

— Devo tudo a Deus, por ter me dotado de inteligência e força de vontade, e, claro, a vocês, por fazerem parte disso; devo muito a vocês. Seria injusto deixá-los de fora!

Notei novamente, escondiam algo.

— Do que estão rindo, afinal?

— Sua mãe, Helen - respondeu ele.

— Fale, pai? - indaguei.

—Você reparou na roupa dela?

Observei a bela Suzan, uma senhora de quarenta e cinco anos. Ela levantou-se da cadeira, dando uma rodadinha, com um simpático vestido azul floral e branco, roupa de passeio. Por um momento analisei, ela sentou-se. Ao concluir o fato, começamos a rir, numa contagiante alegria.

— Pai! Vocês, não acredito, sabiam? — comecei a rir novamente.

— Ontem à noite, Suzan fez o plano — explicou ele.

— Ah, filha! — falou ela. — Te conhecemos tanto, imaginamos que diria sim, então acordamos dispostos e estávamos esperando só você acordar.

— Vocês me conhecem bem — concluí.

-Você é uma filha de ouro, nos sentimos lisonjeados com sua atitude, Helen — observou ela.

Sentados como estávamos, meu pai segurou nossas mãos, sorrindo.

- Agradeço a você, Deus, por essa família, pela vida de Helen. Fique com ela neste dia especial. Muito obrigado.

Levantei e os beijei apertado nas bochechas.

- Então vamos, senão chego atrasada! — saltei feliz, pegando a mochila no sofá.

Enquanto o carro deslizava pela pista, sentia o vento batendo no rosto, fazendo os cabelos voarem alto como meus sonhos. O sol não ofuscava a alegria cintilante, o vento fazia contornos em meu sorriso aberto.

Não morava tão distante do campus da faculdade. Ao chegar diante dela, a tão desejada Universidade Federal de Santa Catarina, suspirei fundo. Desci do carro, percorri os olhos em sua extensão. Meus pais aproximaram-se, percebendo a minha ansiedade.

— Tudo isso é apenas o começo, filha — notou ele. -Creio que chegará a lugares maiores. Vá, faça diferença onde passar.

Nós nos abraçamos.

Suspirei fundo, peguei a mochila, coloquei nas costas e novamente acenei para os dois.

Eram tantas pessoas confusas, andando rápido, em direções diferentes. Tinham papéis nas mãos, procuravam as salas.

Estava mais ansiosa do que no dia da recepção dos calouros.

Peguei a grade de horários na mochila, olhei o relógio, faltavam quinze minutos para aula inaugural. Depois da procura, entrei na sala, sentei quase à frente, na fileira do meio. Em poucos minutos, a sala encheu-se de estudantes.

Algumas pessoas conversavam entre si, tentando quebrar o gelo da primeira impressão.

Estava distraída quando uma garota aproximou-se e sutilmente puxou conversa. Sempre fui comunicativa, porém ficava tímida no meio de desconhecidos.

— Oi, posso me sentar? - perguntou ela, sentando-se antes da resposta.

— Oh, sim, claro.

— Bom dia — ela falou sem jeito.

— Bom dia.

Olhei rápido a menina. Lembrei de tê-la visto na recepção dos calouros, todavia não trocamos palavras naquele dia.

Ela continuou se apresentando.

— Meu nome é Sarah, e o seu?

— Sou Helen.

— Ansiosa?

— Muito ansiosa.

-Você mora no campus ou fora?

— Não moro no campus, moro em Itacorubi.

— Não conheço sua cidade, sou de Criciúma, mudei em janeiro, então não conheço quase nada.

— Itacorubi é próximo. Dez, quinze minutos no máximo. Espero poder te ajudar a conhecer Floripa melhor.

— Conheci o centro, linda cidade. Mora sozinha?

— Com meus pais.

— Que ótimo ter a família perto, a minha está tão longe.

Ela deu um sorriso forçado.

— Deve ser difícil lidar com a distância — respondi sem jeito.

-Você sempre morou aqui?

— Sim. Nasci em Florianópolis, sou manezinha da ilha

— sorrimos.

Enquanto falava, o professor entrou na sala, feliz e contagiante, deu bom-dia alto, com entusiasmo.

— Olá, galera, sou o professor Jean, Jean Mendes. Serei professor de Língua Portuguesa e prática de textos. Teremos pela frente uma história inesquecível, se vocês ajudarem. Gosto muito de trabalhar em conjunto com os alunos, quero ler o que pensam, ouvir opiniões. Contem comigo, não sejam tímidos quando tiverem dúvidas, perguntem! Para começar, gosto muito de falar — todos riram. — E também de ouvir. Rapidamente, levante-se, fale seu nome e qual o seu objetivo aqui dentro. Pessoal, temos quase quarenta pessoas, sejam breves!

O sorriso foi coletivo diante daquele professor tão simpático. Rapidamente chegou minha vez.

— Sou Helen Castilho, tenho o desejo de absorver todo o ensinamento que puderem me dar.

O professor continuou a apresentar o projeto do curso. Estava tão cativada pela aula que fui despertada por Sarah avisando sobre o intervalo.

Caminhei com ela até a lanchonete. Nos sentamos com os lanches.

— Gostei do professor, divertida aula, gostou? — comentou Sarah.

— Gostei também, muito inteligente aquele professor.

— E você, Helen? Conseguiu passar de primeira no vestibular?

Enquanto terminava de mastigar o sanduíche, pus a mão na boca, depois pude responder.

— Consegui, sim, estudei muito, os estudos anteriores ajudaram também.

— Sorte sua! Tentei duas vezes.

— Está aqui, Sarah, é o que conta.

-Verdade.

Tiramos uma pausa comendo os sanduíches.

—Você tem namorado, Helen?

— Não, e você?

— Também não. Porém, espero encontrar o homem da minha vida, aquele que possa me arrebatrar de paixão! - Ela suspirou fundo.

— Entendo. Já viveu o “arrebato” antes? — Sorri.

— Mais ou menos. Quero guardar o coração, Helen. Não acredito em conto de fadas, acredito no amor. Creio que o homem da minha vida será um príncipe! Sou romântica, sabe? — falou com jeito tímido e sorridente.

— Também sou romântica - sorrimos juntas —, penso como você, Sarah.

— Escolha certa onde sentei hoje.

— Nada é por acaso.

Olhei o relógio, verificando a hora da próxima aula.

Observei Sarah, bonita, morena clara, os olhos quase verdes, os cabelos, lisos, pretos e longos.

— Reparei no quanto você chama atenção, no quanto é bonita.

— Ah, Helen, como se você não fosse.

— Você é bonita, deve ter tido vários pretendentes, já teve namorado?

— Tive alguns casos, todos eles, óbvio, aproximavam-se pela beleza, só queriam uma noite comigo, para dizer aos outros que haviam ficado com Sarah Massao — debochou sutilmente. - Quando notava, pulava fora. Mas, certa vez...

Ela ficou em silêncio, olhando seu sanduíche. Notei que não parecia à vontade com o assunto.

— Tudo bem, Sarah, se não quiser contar, entendo.

— Não gosto de falar sobre isso.

— Tudo bem — segurei sua mão -, quando achar a hora certa, te ouvirei, ok? — Ela concordou com leve sorriso.

-Teremos muitos dias pela frente, certo?

— Hum, certamente — limpei a boca com guardanapo. -Vamos? Vai começar a aula!

Ela engoliu rapidamente o sanduíche e bebeu o suco.

-Vamos, sim.

Ao chegar à aula, o professor escrevia no quadro seu nome a giz.

Ele começou com uma dinâmica de apresentação, falou também sobre os projetos do curso.

No final da aula, caminhei com Sarah até a saída do prédio.

— Então, Sarah, de que lado mora?

— Daquele lado — apontou à direita. — Você quer conhecer meu novo lar?

— Adoraria, mas tenho que trabalhar. Outro dia vou ao seu apartamento, ok?

— Combinado.

— Foi um prazer te conhecer, Sarah.

— Também adorei você, Helen.

— Até amanhã.

No ponto de ônibus, contei o imenso tempo perdido, precisava conversar com meus pais novamente sobre comprar meu primeiro automóvel.

Olhei o relógio quando o ônibus chegou. A ideia de sempre passar em casa antes do trabalho estava descartada. Ou comprava o carro ou teria que almoçar no trabalho todos os dias.

Minha mãe lavava a louça do almoço quando entrei na cozinha.

— Oi, filha, como foi seu primeiro dia de aula?

— Ótimo, mãe, gostei muito. Já almoçou?

— Sim, filha, você demorou.

— Bom lembrete. Precisamos conversar sobre aquele assunto do automóvel novamente.

Enquanto lavava as mãos, Suzan terminava de colocar os pratos no escorredor, em seguida, ela sentou à mesa.

— Acho melhor conversarmos quando seu pai chegar.

— Mãe, sei que não moramos tão longe da faculdade, porém, vou precisar do carro para ganhar tempo no dia. Olha a hora?! Amanhã vou ter que ir da UFSC, senão vou viver chegando atrasada no trabalho.

Coloquei lasanha no prato, sentei à mesa.

— Você sabe a opinião de seu pai, então tenha ótimos argumentos se quiser convencê-lo.

— Mãe, sou maior de idade, tenho carteira de motorista, quero dirigir.

—Vamos conversar à noite, querida.

Suspirei, puxando o canto da boca, bastante inconformada.

- Conheceu alguém legal? - perguntou ela com sorriso gracejador.

- Conheci Sarah, mora no campus, e os professores, paradigmas da sumidade.

— Gostei da palavra sumidade.

-Aprendi hoje. Vai dar aula?

—Vou, sim, já estou saindo.

-Agora, mãe?! - resmunguei.

— Sim, querida, senão chego atrasada. Nos falamos à noite. Quer uma carona até metade do caminho?

- Não, vou trocar de blusa ainda.

- Então, até mais tarde, filha.

Enquanto comia rápido, refleti sobre o dia na faculdade. Pouco depois ela saiu em seu Gol do ano anterior, diversas vezes o dirigi, quando estava na autoescola.

Olhei o relógio, chegaria atrasada.

Trabalhava meio expediente como vendedora de perfumes importados, no shopping do centro da cidade.

Cheguei vinte minutos atrasada, justifiquei-me com o gerente. Meu histórico de boa funcionária foi de grande valia para não ser repreendida.

No começo da noite, como era de esperar, avistei a BMW preta de meu pai parada na nossa garagem. Entrei pela porta cantarolando. Ele estava sentado no sofá, comendo seus amendoins favoritos, assistindo ao noticiário da noite.

— Oi, pai. Cheguei.

— Oi, filha. Dia comprido o seu. Tem muito para contar?

— Tenho, sim.

Coloquei as chaves na mesa, joguei a bolsa no sofá pequeno e sentei do lado dele. Beije-ihe o rosto e encostei no seu ombro.

— Como foi seu dia?

— Preciso tomar banho primeiro, depois conto tudo. Assim dá tempo de mamãe chegar, para não repetir a mesma história. - Meus lábios formaram uma careta, esperando ser censurada.

— Se prefere assim. Vá tomar banho, deixei o jantar adiantado.

— Pai, você fez macarrão e bife?

Ele sorriu.

— Desde quando só faço macarrão com bife?!

— Pai, você sempre cozinha isso quando está sozinho... é que... não combina.

-Você vai ter uma surpresa, tá, senhorita?!

— Espero gostar!

Subi a escada em direção ao meu quarto. Tomei banho. Enquanto colocava a roupa, escutei um carro parando na garagem. Olhei pela janela, vi minha mãe. Ao descer, ele estava no mesmo lugar.

— Pai, não devia estar pondo a mesa do jantar? Cadê a mamãe?

— Foi tomar banho. Esquece a mesa. Você deveria vestir algo melhor.

— Por quê?

— Sua roupa não combina com o restaurante aonde vamos.

— Fez surpresa, pai?!— Falei que se chamava surpresa.

— Mamãe sabe?

— Claro, ideia dela.

— Pai, você é meu herói!

— Tem a ver com macarrão o herói?!

Enquanto subia a escada, gritei:

— Por isso que você é herói, pai!

Uma hora depois, entrávamos no restaurante, na Avenida Beira-Mar Norte. Um lugar totalmente aconchegante.

— Puxa, ideia legal, mãe! — comentei entusiasmada enquanto folheava o cardápio.

— Hoje é um dia especial, filha.

— Certamente, mãe! E... só de pensar — sussurrei, escondendo a boca com o cardápio — em me livrar de comer a gororoba de papai... — ela riu.

— Muito engraçada você, Helen! - grunhiu ele. - Nos conte sobre o seu dia.

— A faculdade é linda, os professores são o máximo, fiz uma nova amiga, Sarah.

— Maravilha, fico feliz.

— A pior parte foi ter chegado atrasada no trabalho esperando ônibus.

Suspirei fundo.

— Pai, preciso de um carro.

Suas expressões ficaram rígidas.

—Você sabe o quanto acho perigoso você dirigir. Lembra o último acontecido?

— Pai, naquela ocasião tinha acabado de tirar carteira, foi só uma batidinha no carro de mamãe, nada sério, ninguém se machucou. Passou-se um ano, não sou uma menina. Você disse que voltaríamos neste assunto.

- Não aconteceu nada porque era um local de pouco movimento, acaso fosse na UFSC?

- Preciso do carro, vou gastar muito tempo da faculdade ao trabalho. Posso assumir as prestações. Guardei dinheiro. Confie em mim!

— Confio em você, não confio nos outros.

— Por confiar em mim, deveria deixar.

Ele fitou Suzan, colocou os cotovelos apoiados na mesa e apontou o indicador.

- Escuta, menina, você sabe a responsabilidade dessa atitude?

— Claro que sei.

— Vou conversar com Suzan, amanhã te dou a resposta.

Meus lábios alinharam um enorme sorriso.

— Valeu, pessoal!

Na volta, a exaustão pesava os olhos, cochilei no banco do carro. Dei boa-noite a eles, ansiando por minha cama.

Fui acordada pelo despertador do celular. Queria ficar somente mais cinco minutos... despertei rapidamente quando me lembrei da resposta do desejado primeiro carro.

Naquela manhã comemorei alegremente a notícia: eles dariam a quantia restante para um carro zero, presente por ter ingressado na faculdade.

Cheguei ao campus, peguei a grade de aulas na mochila.

Olhando o papel, acabei esbarrando em duas garotas.

- Ai, desculpem, meninas - falei, totalmente sem graça.

— Está perdida? — perguntou uma delas.

- São números, letras, por que simplesmente não colocam o andar e o número da sala?

— Estão em ordem — continuou uma delas.

- Não percebi.

- Observe, da letra A a L é no primeiro andar, do M em diante, aqui em cima. Os números também seguem o padrão. A letra em cima indica o prédio.

- Certamente não está no segundo dia de aula.

Elas sorriram.

- No começo fiquei perdida também, demora, mas você acostuma, caloura... — ela pausou, esperando meu nome.

- Sou Helen, valeu pela ajuda.

- Sou Karen, esta é Anna.

Cocei a testa.

- Ok, meninas, direita ou esquerda?

- Aquele lado. Caloura de... — Anna sorriu, apontou a direita.

- Letras, faço Letras.

- Gosta das palavras? — perguntou Karen.

- Ah, sim, faz parte das mulheres.

- Nos vemos por aí. Boa sorte, Helen — falou Anna.

Estendi a mão, sinalizando um tímido tchau.

Na sala encontrei Sarah conversando com cinco pessoas de nossa classe. Mal deixei a mochila na cadeira, ela me puxou pelo braço, apresentando-os.

- Helen, quero te contar algo! - sussurrou ela, eufórica, logo em seguida.

Voltamos para os nossos lugares.

- Conta.

- Conheci hoje um carinha lindo! Veterano, faz Engenharia Civil, chama-se Alex!

- Como foi?

- Estava perdida, procurando este prédio, quando ele se aproximou com um amigo, oferecendo ajuda ao observarem que estava perdida. Eles me trouxeram aqui. Helen, Alex é lindo, quando encontrá-lo te apresento!

— Também conheci duas meninas muito simpáticas, me ajudaram, fiquei perdida.

Parei de falar ao avistar a professora entrando. Ela escreveu no quadro: “Sra. Martha Lemos”.

— Depois continuamos — sussurrei.

A senhora devia aparentar 60 anos, séria, todavia esbanjou inteligência e conhecimento na aula de literatura. Fiquei boquiaberta com tamanha desenvoltura.

No intervalo Sarah e eu nos sentamos para lanchar. Avistei Anna e Karen, acenei.

— Fez amizade rápido, hein, garota? — observou Sarah.

— São as meninas que mencionei. Demoraria muito tempo para encontrar a sala, se não fossem elas.

— Essas letras, números são complicados. - Sarah sorriu, devorando seu sanduíche. E, mal acabou de engolir, continuou: — Simplesmente deveriam colocar o andar, o prédio e o número das salas.

— Falei exatamente isso com elas.

Sarah parou de mastigar, olhando à sua direita.

— Olha, Helen, lado direito, aqueles são Alex e Diego.

— Eles estão nos olhando.

Eles acenaram.

— Alex é muito gato! — ela engoliu o sanduíche.

— Concordo, muito bonito.

Reparei em Alex, moreno, alto, postura atlética, os cabelos lisos, porém pouco ondulados, curtos e pretos, agradável à vista.

— Realmente é um gato. Sabe, ele não tira os olhos daqui — mordeu o sanduíche.

— Hum, deve estar olhando você.

Engoli rápido o sanduíche, limpei a boca com guardanapo.

— Nada a ver!

-Tudo bem. Vai ao meu apê hoje?

— Essa semana não posso, ainda teremos muito tempo pela frente. Por que escolheu Letras, Sarah? - disse acabando de mastigar.

— Gosto muito de literatura, pretendo voltar a Criciúma como uma excelente professora de português - ela mordeu o sanduíche e apontou para mim com ele. - E você, Helen, será professora também?

— Não pretendo ser professora tradicional.

— Por quê? — ela interrompeu com a boca cheia.

— Amo escrever, ler, ouvir histórias. Quero ser escritora, revisora de textos. Serei professora de

crianças carentes, sabe? Ajudá-las não apenas com português, mas também com outros tipos de arte.

— Legal, uma espécie de trabalho em comunidade carente?

— Mais ou menos.

— O que mais gosta de fazer?

— Fora isso, amo ouvir música, seria uma excelente fotógrafa.

— Você tem alguma foto na internet? Vou verificar se é boa — ela piscou o olho.

— Ah, sim, muitas, vou te dar o link, amanhã me dê sua opinião.

— Nunca pensou em ser professora?

— Ah, sim. Minha mãe é professora de artes, inclusive, uma excelente professora. Fui criada assistindo suas aulas.

No começo queria, entretanto, quando vamos crescendo, outros sonhos crescem conosco.

- Legal, espero ver seus sonhos acontecerem. Terminamos o lanche e lentamente andamos de volta à sala, falando sobre nossos sonhos.

No outro dia pela manhã, cheguei cedo, combinei com Sarah, íamos andar pelo campus.

Encontramo-nos com Alex, Diego e seus amigos, próximo ao Centro de Cultura e Eventos.

- Olha quem está ali! - Sarah apontou disfarçadamente para onde eles estavam, totalmente empolgada.

- Oi, Sarah! - Diego veio andando rápido.

- Oi, Diego, tudo bem? - Eles trocaram beijos no rosto. — Esta é minha nova amiga, Helen. Helen, este é Diego.

- Bela amiga — Diego beijou meu rosto. — Não fique com ciúmes, você é uma gata também — ele mexeu no cabelo dela.

- Não estou com ciúmes - Sarah franziu os lábios - Venham, meninas, vou apresentar meus amigos.

Diego colocou os braços sobre nossos ombros nos conduzindo até os rapazes.

- Alex, você conhece Sarah, esta é Helen. Helen, estes são Alex, Gustavo e Renato.

Eles nos cumprimentaram, visivelmente estavam com segundas intenções, principalmente quando Alex veio falar comigo.

- Muito prazer, Helen - ele beijou meu rosto lentamente, pegando o canto da minha boca

-Vamos, Sarah, está quase na hora — afastei-me dele e a puxei.

— Espero que a gente se fale, meninas! — disse Diego.

Nos afastamos.

-Alex é lindo! - Sarah suspirou fundo.

— Lindo e oferecido! — sorrimos juntas.

-Vi suas fotos na internet, Helen. Você tem talento, guria!

- Gostou de alguma especial?

— Gostei muito daquelas que usou o preto e branco e uma parecida com efeito antigo.

- Efeito sépia, legal.

-Vi as fotos da ponte Hercílio Luz à noite, lindas! Queria conhecer qualquer dia.

— Nunca estive no forte?!

— Só vi de longe. Quero conhecer de perto.

- Muito legal! Qualquer dia vamos lá.

- Suas fotos são ótimas .Você tem uma segunda profissão.

- É sempre bom - sorrimos juntas.

A manhã esperada de sábado. Acordei eufórica antes de meus pais.

Apressei todos a tomarem café rápido. Estava ansiosa pela compra do meu primeiro carro. No carro de meu pai, a caminho do centro, fomos acertando os detalhes.

Fechamos negócio em um Fox lindo, vermelho, zero, o melhor: só meu.

Os dias se passaram, Sarah se tornava uma grande amiga.

Alex e Diego tornaram-se nossos amigos. Diego era super engraçado e dividia o quarto com Alex. Alex desejava ir

além da amizade comigo, sempre falava ou fazia algo como lembrete do fato. Resolvi ignorar, encontrei nele uma pessoa especial.

Sarah fez amizade com Evelyn, veterana do terceiro período de jornalismo. Ela teve problemas com as meninas de quarto e acabou anunciando duas vagas no seu novo quarto, que Sarah alugou. Evelyn era megaextrovertida, alegre, animada, acabou se encontrando conosco; Diego acompanhava perfeitamente seu ritmo agitado.

Karen cursava o quinto período de jornalismo, Anna, o terceiro. Sarah não gostava dos momentos em que conversávamos com elas, mantinha a opinião de que Anna gostava de Alex.

## 2 - A FESTA

No fim do terceiro mês de aula, Sarah e eu recebemos convites das veteranas Karen e Anna para a festa de boas-vindas na residência de Karen.

Todos nós iríamos juntos na picape de Alex, um dos primeiros a ser convidado.

Na noite da festa, por ser a única que não morava no campus fui a primeira da fila a ser buscada por ele.

Desci a escada num instante, meus pais conversavam.

- Estou saindo.

- Esse rapaz vai te trazer de volta, Helen?

—Vai sim, pai, não se preocupe.

- Qualquer imprevisto nos ligue, filha. Pegou o celular?

- Está no bolso, mãe. Tchau!

Alex estava encostado em sua picape preta.

- Você está diferente, Helen, linda - ele pegou minha mão, me fazendo dar uma rodadinha.

- Nada demais — ele beijou meu rosto.

—Você é linda — ele riu abrindo a porta.

Seu olhar desenhou todo meu corpo, fiquei constrangida. Quebrei o silêncio.

— Cadê o Diego?

— Foi buscar as meninas no apartamento delas.

— Linda picape, Alex! Enorme! - entrei, focando o painel.

— Realmente é linda.

— Adoraria dirigi-la qualquer dia. - Um pequeno sorriso atrevido surgiu.

— Quem sabe algum dia, num futuro bem distante — ele sorriu, fechou a porta e entrou no carro.

— Não teve graça, fique sabendo: dirijo bem.

— Aposto que sim - ele segurou meu queixo e sorriu.

Ele não ligou o motor, colocou o braço no banco passageiro.

— Sempre me evitando, Helen.

— Por que está dizendo isso? - senti meu rosto corar.

—Você se afasta com minha proximidade, parece medo.

— Mentira.

Alex construía situações favoráveis expressando seu interesse por mim, fugir talvez fosse a forma mais coerente de dizer a ele que apenas desejava sua amizade, meus esforços resultaram em nada, precisava ser clara.

-Você é meu amigo, adoro sua companhia, sobretudo quando estamos junto com o resto da turma — mal conseguia olhar seus olhos verde-escuros, lindos.

— Não quero você somente na companhia dos outros

— uma pequena mecha do meu cabelo escorregou brandamente em sua mão.

— Está me deixando constrangida — desviei o rosto.

—Você não tem namorado, somos solteiros, Helen.

Meu rosto estava corado como uma maçã, ele notaria o detalhe se não fosse as sombras escuras das árvores minorando a situação.

— Adoro você, como amigo.

— Serei algo mais, se permitir — ele aproximou-se.

Me vi encurralada, pelo jeito Sarah não estava sendo óbvia, ou, no mínimo, ele não queria perceber.

- E Sarah?! - aliviei a tensão ao vê-lo afastando-se.

- É linda, engraçada, simpática, amiga. Você é... — suas mãos apertavam o volante, pausadamente parecia escolher as palavras. — Você é linda demais. Seu sorriso, seu jeito, fico desorientado ao seu lado.

As minhas tentativas frustraram, era constrangedor aquele momento, o cara no qual minha amiga estava interessada, declarando-se para mim, somado ao fato relevante de ele ser apenas meu amigo.

- Sua amizade me importa, Alex, não quero perdê-la. Não vamos misturar os sentimentos.

- Posso ter esperança? - ele suspirou profundamente.

— Por favor, vamos continuar apenas amigos?

Ele ligou o carro, o som do motor atenuou-se, tornando--se imperceptível.

O silêncio cortava os ouvidos. Suas expressões estavam amenas, porém sem sorrisos ao longo do caminho. Como foi longo o caminho até chegarmos ao campus.

— Posso ligar o rádio? — cortei o silêncio ao pararmos no sinal de trânsito.

Ele assentiu levemente. Seus CDs eram todos de bandas de rock e, revirando-os, achei um audível. Procurei a entrada do CD.

— Onde coloca o CD?

— As músicas estão na memória. Os CDs estão aí há algum tempo, não os uso.

— Queria ouvir este.

Ele apertou o botão, fazendo surgir a entrada.

— Muito moderno o rádio — torci os lábios. — Alex, por favor, não fique assim?

A picape acelerou.

— Não posso conviver com você dessa forma.

— Tudo bem, Helen.

— Olha para mim e diz que está tudo bem.

— Não posso.

— Então não estamos bem!

— Não posso tirar os olhos da estrada - ele esboçou um leve sorriso.

Na entrada do campus, avistamos Diego, Evelyn e Sarah, gargalhavam algum assunto interessante.

— Demoraram! — resmungou Evelyn ao abrir a porta.

— Nem tanto, Evelyn!

— Você vai na frente? — perguntou Diego.

— Vou com as meninas atrás — saí da picape.

— Dá para irmos logo?! Não vou chegar no meio da festa! - Evelyn, sempre falante, abriu a porta de trás da picape.

— Nossa, Helen, você está linda! — Diego nada discreto e sempre irreverente.

— Você só tem essa frase, Diego?! — observou Sarah, entrando primeiro.

— Está com ciúme, princesa? Você é a mais linda de todas!

— Você me disse a mesma frase ontem! — lembrou Evelyn,

batendo no braço dele.

-Vamos, galera! - falei, entrando por último no carro.

- Diego precisava participar das aulas de literatura, teria diversas citações — todos riram.

- Quem está escutando essa coisa?! - Diego tirou o CD e colocou um de rock.

- Helen - respondeu Alex.

-Ai, tira isso, Diego! - disse Evelyn, cutucando-o. - Põe algo menos pesado!

- O que você quiser, gatinha.

No caminho, Sarah percebeu meu silêncio.

- O que aconteceu, Helen? - ela sussurrou.

- Depois a gente conversa.

Alex estacionou na rua de Karen.

O som da festa alcançava o local onde estávamos. O convite foi além do lembrete, devia ter dezenas de alunos. Pessoas bebendo e dançando freneticamente nas batidas incansáveis do som altíssimo vindo do interior.

-Vamos, gente! Vamos dançar! - Evelyn já saltava para fora, puxando-me e também a Sarah.

- Estou indo - esquivei-me.

- Não é o tipo de festa que curte? — perguntou Alex, ativando o alarme.

- Não sou agitada.

Ele andou devagar ao meu lado. O resto da turma sumiu na multidão.

- Quer ir embora?

- Não, quero ficar.

- Quer beber algo?

- Gostaria, nada que tenha álcool.

- Meio difícil — ele disse alto, tentando sobressair ao som.

Evelyn me puxou para onde eles estavam dançando.

— Não quero dançar! - gritei perto do ouvido dela. Diego segurou minhas mãos, dançando comigo. Disfarcei, saindo de mansinho.

Precisava admitir, não estava gostando, o barulho ensurdecedor, as pessoas pareciam loucas, ninguém conversava, apenas bebiam e dançavam.

Do lado de fora, observei a festa.

Um rapaz veio até mim, outro permaneceu quatro passos atrás.

— Oi, sou Jonathas, aquele é Peter. Ele deseja te conhecer. Antes de esboçar a resposta, o tal Jonathas fez sinal, chamando-o.

— Não estou sozinha.

O tal Peter interrompeu, beijando meu rosto.

— Pelo que vejo, está sozinha.

— Não nesse sentido, estou com amigos.

O tal Jonathas deixou-nos sozinhos, saindo astutamente.

— Sei quem são seus amigos. Vejo-os na faculdade quase todos os dias.

— Legal te conhecer, Peter, preciso procurá-los.

Dei dois passos, sua mão segurou meu braço.

— Aonde você vai, Helen?

— Sabe meu nome?

-Vejo você todos os dias na faculdade. A linda Helen.

— Não te conheço.

Enquanto falava, Alex aproximou-se.

— Estava te procurando. Algum problema?

— Alex este é Peter.

Alex, nada amigável, franziu o cenho.

- Prazer em te conhecer, Helen, a gente se vê na faculdade - falou Peter, envergonhado.

Ele saiu de cabeça baixa, enquanto Alex continuava observando.

- Tome - ele entregou um copo com algo vermelho. -Vamos sentar ali?

- O que é isto?

- Pode beber, não jogaram álcool aí — ele sorriu.
- Você conhece Peter, Alex?
- O conquistador do campus. Só dá em cima de garotas em destaque.
- Destaque?
- Calouras, assim, extremamente lindas como você — ele disfarçou o olhar.
- Tantas garotas bonitas na faculdade, logo eu?
- Desculpe a expressão, um galinha educado. Tenta todas, só as interesseiras caem no papo.
- Cara de pau!
- Desfila com as garotas por um curto espaço de tempo, exhibe o “troféu” e as deixa.
- Quanta futilidade.
- Culpa das meninas fúteis, só interessadas no seu conversível importado. Tentou com Evelyn há tempo atrás, não colou.
- Evelyn é muito inteligente.
- Vai tentar Sarah também.
- Conhece muitas pessoas na faculdade, Alex?
- Poucas, o campus é imenso, muitas apenas de vista.
- Te vejo sempre com o mesmo grupo de rapazes, são todos seus amigos?
- A maioria, sim.
- Tem amizade com garotas?
- Tenho, por quê? — ele riu.
- Só vejo você conversando com garotas da sua turma.
- Gosto da nossa nova turma. A maioria das meninas é chata, só quer saber de ficar comigo. Gosto de conversar com garotas inteligentes, como vocês.
- Puxa, valeu o elogio.

Enquanto falávamos, Sarah e Diego apareceram.

— Estão fazendo o quê, aqui fora?! A festa é lá dentro! — Lembrou Sarah, com as mãos na cintura.

— O barulho está demais — respondi.

— Quer fazer outro programa, amiga? — Sarah sentou nas minhas pernas.

-Não!

— Cadê a Evelyn? Podíamos ir no centro comer pizza, o que acham? — sugeriu ela.

— E perder a festa por minha causa?! Nem pensar! Parem!

— A festa nem está tão boa. Nossos programas são mais divertidos!

— O que decidirem, fechou. — Alex levantou as mãos em rendição.

— E as gatinhas?! - lembrou Diego.

— Diego, certamente você não ficará com ninguém aí dentro! — enfatizou Sarah.

Rimos dele.

— Você não tem nenhum senso de humor, Sarah. Acabamos de chegar, nem meia hora passou! — ressaltou Diego.

— Quem decide é a maioria! — disse Sarah.

— Não votei!

—Vai votar de não ficarmos! — ela apertou o braço dele.

- Melhor ficarmos — resmunguei.

- Helen, quietinha! Diego, vai procurar a Evelyn.

- O príncipe atrás da nobre donzela.

-Vou com você, Diego! — falei.

-Vou ficar sozinha? — disse Sarah, indignada.

- Sou invisível, Sarah? — murmurou Alex.

- Claro que não, amor - ela beijou o rosto dele.

—Vamos, Diego! — Eu disse.

Rodamos a casa pelo lado de fora. Logo achamos Evelyn numa varanda do segundo andar, conversando com um rapaz. Diego interrompeu, contando os planos, ela concordou de irmos a outro lugar.

- Só me dá meia hora? - pediu Evelyn. — Não precisam vir aqui, eu desço, ok?

—Você está me traindo, mulher?! — rosnou Diego.

- Desde quando tenho algo com você, Diego?! - ela sorriu.

-Vamos, Diego, não vamos atrapalhar -, puxei-o pelo braço escada abaixo.

- Temos meia hora, e se a gente aproveitasse, Helen?

—Você é uma figura!

Ele saiu dançando enquanto, andei para o lado de fora.

Observei Sarah conversando com Alex, não iria interromper. Fui para outro lado, parei na varanda, fiquei olhando pela janela as pessoas dançando, totalmente deslocada, não havia visto Karen, a anfitriã da festa.

Dois carinhas estavam me observando. Um deles ofereceu coquetel, levantando o copo. Fui para a varanda da frente.

Fiquei atrás dos arranjos de flores, onde Alex e Sarah não me vissem.

Peter novamente me achou, jogou seu charme barato, depois de cinco minutos, saí bufando de raiva. Puxei Diego, que dançava com uma garota no meio da sala.

Do lado de fora, caminhamos até Alex e Sarah.

— Helen, a menina não vai entender nada!

— Creio que ela não estava entendendo nada, Diego!

— Preciso me despedir.

— O que aconteceu? Vocês demoraram! — reclamou Sarah.

— Essa doida saiu me puxando!

— Te salvei, Diego! — ressaltei.

— Salvou?!

— Diego estava dançando com aquela menina que falou conosco na biblioteca outro dia - expliquei.

— Aquela alta magricela, de óculos?! — perguntou Alex sorrindo.

— Não lembro o nome dela, também não dá para falar de perto. — Sarah colocou a mão na boca prendendo o riso.

Todos começaram rir.

— Estão falando do quê? - Diego, indignado, cruzou os braços.

— Ela tem um mau hálito horrível, Diego! — Sarah pôs as duas mãos na cintura.

-Você tem ciúmes, gata?

— Não! Helen te salvou, amigo!

Evelyn chegou como se andasse nas nuvens, exibindo um enorme sorriso.

— Podemos ir, galera.

-Vocês, nem pra avisar! - reclamou Diego, indignado.

— Incrível não ter percebido — Sarah apoiou-se no ombro dele.

— Qual o assunto? — perguntou Evelyn.

—Vamos, Evelyn, no caminho a gente te explica — dei o braço a ela e fomos caminhando para a picape.

— Olha só, galera, esquece a história, valeu?! — lembrou Diego.

— Esquece nada, podem ir contando! - disse Evelyn, abrindo a porta.

No caminho, fomos rindo com Alex contando as histórias de Diego, que havia aprontado boas na faculdade. Diego ficou de cara amarrada.

Enquanto ria, descrevia meus amigos na cabeça. Eles eram divertidos.

Evelyn chegou na segunda semana de aula na turma, podíamos ver o quanto era totalmente doida, seu jeito extrovertido, fácil de gostar. Sarah estava tornando-se amiga do peito, com seu jeito alegre, ponderada, sempre carinhosa, sensata, sua amizade doce conquistou todos. Diego? Conquistador barato, doido, divertido, engraçado, o bobão atrapalhado da turma. Alex? Seguro, explosivo, inteligente, engraçado e... lindo.

— Está quieta, Helen - disse Sarah, tirando-me do devaneio.

— Nada, só estou observando vocês.

— Aê, Alex, acelera aí, estou cheia de fome! - Evelyn deu uma tapa no ombro dele.

Passamos uma noite ótima, comemos pizza, depois conversamos, passeando pelo centro da cidade.

Diego subiu no chafariz e chutou água sobre nós.

— Para, Diego! — Evelyn tentou bater nele enquanto ele ria.

— Que tal irmos ao forte?! - sugeri, empolgada.

— Ver a ponte de novo? - murmurou Evelyn, sem entusiasmo.

— Sarah não conhece.

— Hã, sim.

— É perigoso, pessoal? — perguntou Sarah, preocupada.

— Não, amiga, são nove horas, tem guardas que tomam conta do local.

— Estão comigo — Alex se exibiu. — Vamos?

Voltamos à picape. Fomos ao Forte Santana.

A visão da Ponte Hercílio Luz à noite fascinava, Sarah ficou encantada.

Diego se exibia, subindo nos canhões, falando frases da época dos portugueses, fazendo todos rirem.

Parei perto de Sarah.

— O que você tem? - perguntei.

— Conto depois.

— Conversou com Alex?

— Sim. Vai amanhã lá no apê para conversarmos um pouco?

—Você e Evelyn querem almoçar comigo?

— Aceito. Preciso conversar, amiga.

—A conversa não foi boa?

— Amanhã conversamos. Ai, seu chato! — Fomos interrompidas com Diego passando mato nas nossas orelhas.

— Podíamos encerrar a noite no boliche! O que acham?!

— sugeriu Diego.

— Tanto tempo sem jogar, topo! — falou Evelyn.

— Também topo! — disse, animada.

— Vamos, sim — falou Alex. — Sarah vai conhecer e estreamos com a turma! Quanto a você, Diego - ele segurou o queixo pensativo —, pensa em algo melhor que arrumar nosso apartamento. A última aposta que fizemos no Pinguim foi pequena, quero ganhar algo melhor desta vez.

-Você pense em algo melhor, amigão - Diego colocou a mão no ombro de Alex. — Hoje você não ganha — sorrimos juntos.

Nossa noite não poderia ter terminado melhor, jogar boliche com eles foi muito bom. Eram pessoas maravilhosas, adorava-os.

Na volta, Álex deixou a turma no campus, fui para cabine da frente.

Durante o caminho trocamos poucas palavras sobre carro, meu novo assunto. Em frente a minha casa, ele desligou o motor. Abri a porta do carro, ele segurou minha mão.

— Helen, não quero que nada mude entre nós, também fique sabendo que não vou desistir da ideia inicial.

-Alex... - tirei a mão debaixo da dele. —Preciso entrar.

— Até segunda.

— Boa noite.

Ouvi o barulho do motor quando entrei em casa.

Precisava descansar, era quase duas da madrugada.

Acordei tarde. Desci de pijama, toda descabelada. Minha mãe estava preparando o almoço.

— A festa foi boa, hein?

— Que horas são, mãe? — perguntei, tentando abrir os olhos.

— Onze horas. Que horas chegou?

— Quase duas horas.

— Tarde assim?

— Não ficamos na festa. Mãe, tirou a mesa do café?

— Claro, Helen, é quase hora do almoço — ela caminhou até a geladeira, colocou suco no copo e pôs na minha frente.

— Mãe, não sei o que vai dizer, mas chamei Sarah e Evelyn para almoçarem conosco.

— Por que não me avisou antes? — ela colocou algumas torradas do lado do copo de suco, enquanto eu tentava abrir meus olhos.

— Sarah precisa conversar comigo.

— Sabe que gosto de saber antes, para preparar algo melhor.

— Sabe que ela não liga.

— Mas a outra, sim, a última vez ficou fazendo umas caras que incomodaram.

— É o jeito dela, mãe, é muito brincalhona, não fez por mal. Também não sei se ela virá, é dia de visitar os pais.

— Me avise antes, Helen, sabe disso.

Comia lentamente a torrada com o suco.

— Como foi a festa?

— Ficamos pouco, estava muito barulhenta.

— Resolveram não ficar?

— Ahã, fomos ao centro comer pizza e conversar. Depois Alex nos levou no forte para Sarah conhecer, terminamos no boliche. A festa não foi boa.

— Incomodou seus amigos, filha?!

— Não, mãe, eles quiseram dessa forma, foi votação.

— Sabia que ia ficar deslocada, falei com seu pai. Você sempre vem embora cedo dessas festas.

— Só que agora, graças a Deus, tenho amigos compreensíveis.

— Dê sempre liberdade para eles decidirem.

— Claro — bebi o suco em goles maiores. — Vou subir e tomar banho, elas não virão de ônibus.

Depois de arrumada, liguei para Sarah. Tocou diversas vezes, ninguém atendeu. Na segunda tentativa, a voz sonolenta de Sarah falou ao telefone.

— Alô, quem é?

— Sou eu.

— Eu quem?

— Ai ai, eu, Helen.

— Que horas são?

— Onze e meia. Você vem?

— Você vem me buscar?

— Sua engraçadinha, vem de ônibus!

— Puxa, amiga, vem aqui.

— Argh, vai se arrumando e vê se acorda! — gritei.

Fui para o campus. Cheguei ao seu quarto, tive que bater quatro vezes, até que Evelyn levantou, totalmente desarrumada.

— O que está fazendo de madrugada aqui, Helen?

— Não acredito que estão desarrumadas!

— Pra quê?

— Vocês não iam almoçar na minha casa? — bati a porta.

— Vou no meus pais hoje — Evelyn jogou-se na cama.

— Estou quase pronta. - Sarah saiu do banheiro secando o cabelo.

— Te liguei faz meia hora, você não se arrumou ainda?

— Larga de ser chata, dormi demais.

— Vamos, porque meus pais não costumam atrasar o almoço.

No caminho, enquanto dirigia, falamos dos estudos e do trabalho individual de redação do professor Jean.

Almoçamos. Após comermos uma sobremesa deliciosa de limão, falamos sobre faculdade e família.

Ao acabar, subimos para o meu quarto. O dia estava nublado e frio.

— Me conta, Sarah, o que aconteceu com você e Alex?

— Para entender tudo, tenho que contar do começo.

Sentamos na minha cama, cada uma abraçou um travesseiro. Sarah encostou-se na cabeceira.

— Perguntei a Alex sobre os estudos. Ele contou rápido, falou do estágio na empresa do pai. Tentei discretamente entrar nos assuntos do coração. E, quando ia falar, ele perguntou se eu estava interessada em alguém na faculdade, respondi que sim.

— E ele?

— Não perguntou quem era.

-Vai, me conta logo!

-Vou contar — ela atirou seu travesseiro em mim e o pegou de volta. — Sempre pensei em guardar o coração, sabe, não o entregar a qualquer um, por pensar assim acabei me guardando também — ela sorriu sem jeito e sussurrou. -Sexualmente falando.

— Está dizendo que se guarda como eu?! - perguntei, surpresa.

—Você nunca teve alguém?Você sabe...

— Não tenho vergonha de admitir que nunca estive com um homem — sussurrei - sexualmente falando.

— Não acredito! Enfim encontrei alguém parecida!

— Por que está dizendo isso?!

— Ah, Helen, olha o tempo atual?! Muitas não pensam como nós, muitas vezes somos motivo de chacota das pessoas. Várias colegas diziam que era ultrapassada, quando queriam pegar light comigo, poucas admiravam ou pensavam da mesma forma. Pode parecer fora da realidade, não me importo.

—Você está certa, não deve se envergonhar de uma atitude tão singela. Sinceramente, também não me importo.

— Bom, agora, não vou me sentir tão “anormal” — ela torceu os lábios. - Só vou querer alguém quando sentir que é o cara certo.

— Se quer saber, Sarah, então sou antiquada como você, no meu caso, só depois de casar — ela sorriu.

— Sério?!

— São os princípios que aprendi, só vou ter algo profundo com alguém depois do casamento. Mas, acaba de contar sobre Alex, estou curiosa!

-Tive alguns casos, talvez porque chame um pouquinho de atenção.

— Um pouco?! — interrompi bruscamente.

— Fica quieta?! Então, tive alguns casos, quase todos eles só queriam sexo. Certa ocasião acabei me apaixonando por um cara, no meu último ano do colegial e começamos a namorar. Ele sempre tentava algo mais, eu sempre recuava, não achava que era o momento certo de ter algo profundo, sei lá, estava receosa. Com quatro meses o levei para conhecer meus pais. Tudo ia perfeitamente bem, estava completamente apaixonada, até que, ele tentou me levar para a cama, recusei, mas ele não parou, tentou com mais força, então terminei no mesmo dia aquele namoro. No dia seguinte, ele espalhou para o máximo de pessoas que pôde que havia dormido comigo.

— Que mau-caráter!

— Ele ainda tentou argumentar depois, entretanto o cristal se quebrou. Fiquei mal, afinal, estava apaixonada, chorei por uma semana e lamentei um longo tempo. Sofri muito, triste experiência.

— Então por esse motivo tomou a decisão de se guardar para o cara ideal?

— Por aí. Depois dessa dolorosa experiência, decidi não entregar meu corpo a qualquer um, mas ao cara certo. Daí chego na UFSC e conheço Alex. Ele é diferente — Sarah ficou olhando para cima, falando apaixonada. - Ele é inteligente, educado, gentil, lindo, o cara mais lindo que conheço!

—Você está apaixonada em que ponto? — disse, tentando chegar ao auge da conversa, pensando mil maneiras diferentes de educadamente dizer o que Alex sentia por mim.

— Não é paixão como senti pelo “maldito virgem”, adoro estar perto dele, quando brinca comigo, fazendo aquelas brincadeiras que sempre faz.

— Falaram algo mais?

— Depois tomei coragem e declarei: “Estou guardando meu coração para alguém como você”.

— Na maior? E ele?!

— Ficou em silêncio, segurou minha mão e gentilmente falou: “Amo sua companhia, Sarah, você é linda, mas deixa acontecer naturalmente”. Perguntei: “Está gostando de alguém?”. Ele segurou meu queixo, deu um sorriso superamigo e respondeu: “Você é muito curiosa, não quero falar sobre isso. Saiba que, independente dos acontecimentos, jamais vou querer te magoar, jamais”. Insisti dizendo: “Sim ou não”. Ele disse: “Na verdade sim, Sarah”. Prendi a respiração, desiludida.

Só restou ficar da mesma forma, desiludida. Se Alex mantinha um jogo limpo, o sim, se encaixa meu nome.

— Como você recebeu a declaração, Sarah?

— Enquanto não está namorando, posso continuar tentando.

Não seria uma boa ideia esconder dela, o sentimento estava pesando em meu peito, a história da noite anterior se misturava na cabeça, precisava desenvolver o assunto.

— Tenho algo a dizer, Sarah - engoli seco.

— Sobre o quê?

— Sobre esta história.

— O quê?! Me conta logo!

Levantei-me da cama, esquadrinhei com passos curtos o quarto, a mão colou na testa, tentava controlar a louca adrenalina.

— Não é justo esconder de você. Não sei o que vai sentir, mas quero te pedir, por favor, ouça até o fim!

— Fala logo, Helen! — Sarah escorregou para beirada da cama.

— Alex está gostando de mim.

Ela ficou estática me olhando.

— Não quero nada com ele, deixei claro!

— Ele falava de você? — Lentamente seu semblante entristeceu.

— Suponho que sim - sentei do seu lado.

— Ele se declarou?

— Ontem comentou seu interesse, deixei claro que só gosto dele como amigo, nada mais!

— E ele?

— Não posso afirmar seus sentimentos, mas posso te garantir que não o vejo com outros olhos, somente de amiga!

— Como será, Helen? — Sarah estava desolada.

— Nada muda! Vamos continuar sendo amigas, posso até me afastar dele, contudo não posso perder sua amizade! -Segurei firme sua mão.

— É injusto que faça isso, são amigos.

— Faria por você — interrompi.

-Adoro nossa turma,jamais iria querer desfazê-la.

—Você está com raiva de mim?

Ela cerrou os lábios com o rosto de contentamento.

— Minha rival luta comigo, será mais fácil ganhar a guerra.

— Ai, Sarah, me sinto leve, mas não sou sua rival - abracei seu pescoço.

— Obrigada pela sua sinceridade, Helen, sempre soube que podia confiar em você — ela abaixou os olhos.

— Amiga, lute por ele! Se depender de mim, farei de tudo para ajudar.

— Como vai ser agora? Olhar Alex sabendo de quem ele gosta.

— Você não imagina quão constrangedora é esta situação. Ele destacou de deixar tudo rolar naturalmente, então deixa rolar.

— Deixarei vir à memória a observação dele — ela esboçou um pequeno sorriso. —E você, está gostando de alguém?

— Sinceramente, não.

— Já namorou antes, Helen? Você é tão certinha.

— Não sou certinha nada, sou parecida com todos, porém procuro fazer diferença com as atitudes. Tive dois namorados, gostava de forma diferente, ainda assim, nunca me apaixonei.

Levantei e olhei pela janela. O tempo havia mudado, ventava com o céu nublado.

— Paixão que digo é aquela que te deixa sem fôlego, te faz sonhar imaginando a pessoa amada, sempre com um sorriso nos lábios. Que arranca de você emoções novas e desconhecidas!

— Nossa, Helen! Você fala sempre poeticamente!

— Boba. É o amor que escrevo, uma paixão capaz de colorir ainda mais o amor, perfeito por si próprio.

— Você considera o amor perfeito?

— O amor verdadeiro, sim.

— Existe o amor falso? — ela deitou de bruços na cama.

— Mais uma forma de expressar o amor, Sarah. Só existe um amor, esse amor é Deus.

— Vai pregar pra mim?

— Não é uma pregação, engraçadinha. — Joguei uma almofada nela e sentei na cadeira em frente à cama.

— Sabe que não gosto do assunto, parece minha mãe — ela ficou olhando o teto.

— Vamos hoje à igreja comigo?

— Fala sério, Helen!

— Estou falando, só hoje, quem sabe você gosta.

— Não vou gostar.

— Está com medo?

— Está me desafiando?

— Pode considerar que sim.

— Quem sabe outro dia, amiga.

No outro dia, Alex se comportou normalmente e Sarah também. A amizade que existia entre nós tornava-se forte e cada dia maior.

### 3- O Projeto

Entregamos nossos trabalhos de redação. Fiz apenas algumas adaptações em textos antigos.

As semanas que antecederam as primeiras provas foram corridas, paramos de sair com a turma, nosso foco passou a ser apenas os estudos.

Na última aula de português, o professor Jean fez comentários sobre as redações entregues, ficou surpreso com o nível da turma, citou algumas redações, prosas, poemas, comentou nominalmente sobre alguns alunos, inclusive Sarah.

— Estou incrivelmente extasiado com vocês. Li os textos com atenção e entusiasmo. Poderia explicar sobre outras, portanto quero fechar com uma, representando todos vocês, a sua, Helen.

— Minha?! — a surpresa repentina me fez corar.

— Qual a surpresa?!

— Não esperava.

— Você gostaria de lê-la?

Senti o rosto corado sob pressão da turma, batendo palmas, declarando: “Leia, leia!”. Inclusive Sarah. Muito constrangida, fiquei de pé. Li os primeiros versos escritos havia alguns anos, uma redação sobre o prazer de escrever.

— Quero escrever o que pode ser entendido, para que qualquer um possa ler, sentindo claramente as ideias de um cérebro eloquente, porém incansável. Quem cria jamais descansa, viaja sempre além das próprias histórias. A leitura é um resumo de alguém que viajou além do descrito. Nessas viagens insólitas, tantos pensamentos, emoções, o destino é exato: sempre recolher o máximo de adjetivos, dar vida à história. Sejam contos, poemas ou redações, elas sempre terão o enlaço, atenção e emoção de quem lê. Nessa viagem de palavras, sempre sou sucumbida pelas próprias emoções. Nos sentimentos, encontro todo o prazer de levar aos outros o encanto de cada fato em palavras graciosamente se tornando frases de uma história que venha a ser inesquecível ou não.

Todos aplaudiram, fiquei constrangida. No término da aula, o professor sinalizou um chamamento.

— Helen, não posso esconder o quanto estou contente por seu talento. Estive conversando com a professora Martha sobre você.

— Sobre mim?! - ele continuou formando uma pilha de livros, prosseguiu.

— Sobre você. Observamos seu talento para escrever, você é boa nisso.

— Uau, professor! Obrigada pelos elogios.

— Vai além dos elogios, menina. Achamos em você a pessoa ideal para terminar um projeto parado na faculdade.

— Projeto? — perguntei, surpresa.

— Você pode ficar amanhã depois da aula? Queremos conversar contigo, a professora Martha quer participar dessa conversa.

— O assunto é importante?

— Depende de como verá. Você pode?

— Depois das aulas tenho duas horas livres antes do trabalho. Posso encurtar o almoço, então sobra uma hora.

- Combinado. Amanhã conversamos melhor.

À noite fui ao campus estudar no apartamento de Sarah. Ao chegar à porta, ouvi as duas dando altas risadas.

Evelyn abriu a porta.

- Oi, meninas, qual motivo dos risos? - perguntei, curiosa.

— Oi, Helen! Tenho que estudar com as meninas da turma. Essas provas — falou Evelyn, de forma medonha.

Ela pegou a mochila, segurei seu braço na saída.

-Você vai, depois de contar o motivo de ter saído rápido, hoje, do nosso lado.

- Amanhã conto tudinho. Prometo! — levantou a mão direita num gesto de promessa.

— Conta agora.

- Amanhã conto. Você vai dormir aqui!

— Não vou esquecer!

Seus lábios formaram um beijo, feliz, saiu saltitando.

—Você sabe o que é, Sarah?

—Vamos estudar? — ela disfarçou.

—Você sabe?!

— Prometi não contar, amiga, me perdoe.

- Conspiração contra mim!

— Amanhã você vai saber.

- Não sou fã de surpresas.

-Você vai adorar.

Tentei convencer Sarah, baldei. Estudamos até o cansaço nos vencer.

Poderia dormir tarde, dormiria com as meninas no campus. Mal fechei os olhos, o despertador nos levantou.

Tomamos café da manhã, seguido de banho.

Fomos andando pelo campus com Evelyn, sonolenta, escondendo o sono com óculos de sol.

— Falamos que devia tomar banho para despertar — Sarah sacudiu-a.

— Banho?! Quero dormir!

— Evelyn, o que tem para contar?

Logo após minha pergunta, surgiu Diego pulando nela, quase a derrubando.

— Coisa chata! - Evelyn bateu nele.

— Acorda, bela adormecida - ele a abraçou apertando seu rosto com beijo.

-Vamos sentar, daí você conta. - Puxei Evelyn, todos sentamos no gramado próximo ao estacionamento.

— Cadê o Alex? - perguntou Sarah a Diego, procurando com olhar.

— Estava se aprontando, deve estar vindo aí.

— Conta agora, Evelyn! — insisti, curiosa.

— É sobre o projeto.

— O que tem?! Fala!

— Existe um projeto muito legal parado na faculdade, da área de comunicação e expressão, envolve jornalismo, letras, música, cinema e teatro.

— Continua.

— O projeto é do curso de jornalismo. Sabe aquela revista que quase ninguém lê? Tempus!

—Sei, conta!

- Bom dia. Qual o assunto? — perguntou Alex ao sentar em nossa roda, após beijar cada uma.

- Sobre o projeto - respondeu Sarah se aproximando dele.

- A revista Tempus possuía grande circulação há um ano atrás - continuou Evelyn -, quase mil exemplares por semana.

- O que aconteceu? — perguntei, ansiosa.

- Nessa época não fazia parte desse projeto, não aceitavam calouros. Eles então criaram uma seção na revista, duas páginas, sobre o amor. Além de testes, entrevistas, comportamento entre meninas e rapazes, relacionados ao amor, namoro e sexo, trazia também, a opinião dos estudantes de psicologia, medicina e outras áreas. Contudo, o sucesso se devia a uma história nessa seção.

-A história do príncipe e da plebeia - desdenhou Alex.

Olhei rápido para Alex e voltei a olhar Evelyn, presa no assunto.

- Todos liam porque a história criou um verdadeiro alvoroço entre os alunos. Todos esperavam ansiosos pela próxima edição.

- Conta logo, Evelyn, onde me encaixo nessa história?!

- Resumindo, sei do seu talento, então Sarah e eu achamos a pessoa ideal para terminar a história: você. Indiquei seu nome para os coordenadores do projeto.

- Doida! - exclamei espantada. — Sarah, traidora!

- Detalhe: eles adoraram suas redações e querem você!

- Não te traí! — disse Sarah, me batendo no braço.

- Se aceitar e escrever algo legal, como as que escreve

- acrescentou Evelyn -, pode dar continuidade ao projeto, algo bastante interessante.

- Meu Deus — sussurrei.

Sarah olhou o relógio e nos chamou para a aula.

— Depois você conta os detalhes, amiga — falei, cerrando os lábios.

— Depois a gente fala! Beijo, beijo - despediu-se Evelyn, dando o braço a Alex.

— Sarah, você sabia?

— Sabia. Diego também!

-Amigos da onça! Por que não me contaram?!

-Você não ia aceitar.

— Deveria indicar você mesma!

— Primeiro, quem tem o sonho de ser uma escritora é você; segundo, ninguém escreveria melhor o final da história.

— Como sabe?

— Simplesmente sei.

Chegamos à sala e o professor já colocava no quadro a revisão da prova.

No término das aulas, fui até a sala dos professores. Estavam reunidos os professores Jean e Martha, além de Karen e uma mulher desconhecida. Me sentei com eles depois de os cumprimentar.

— Helen, esta é Débora - estendi a mão para cumprimentá-la. - É uma das coordenadoras-chefe do projeto — falou Karen.

— Queremos te apresentar um projeto interrompido do curso de jornalismo — iniciou Débora, com vários papéis nas mãos. - Anteriormente a revista vendia vários exemplares semanais, quase mil

exemplares, pelo bom conteúdo, em especial por uma coluna de um aluno de teatro. Semanalmente ele contava uma história de amor entre um príncipe e uma plebeia, as revistas eram produzidas, sendo vendidas rapidamente. No começo, antes dessa coluna, a distribuição era gratuita, ainda assim eram lidas por um grupo pequeno de leitores. Depois dessa história, com uma maior produção, os gastos aumentaram consideravelmente, nos fazendo cobrar por elas um valor simbólico. Porém, devido a um acidente, nosso escritor memorável deixou de escrever a história.

Débora olhou para Jean, dando-lhe a oportunidade de falar.

— O acidente interrompeu o projeto de novos talentos

- continuou o professor Jean. - A repercussão alcançada da revista foi além do que imaginávamos; além da cidade universitária, uma grande editora se interessou pela história, então nasceu o Projeto de Novos Escritores. A editora iria investir nesse projeto e, em troca, teria os direitos autorais para publicá-las. O reitor achou uma oportunidade excelente, leu o contrato, considerou ouro ter os melhores talentos a serem pinçados daqui, sendo expostos em âmbito nacional, o nome da UFSC ficaria ainda mais conhecido e nossos mais talentosos alunos seriam conhecidos nacionalmente. Outro fato foi o surgimento de uma produtora de teatro, interessada na história, firmou acordo com a editora de produzir para o teatro as melhores histórias, tendo o pontapé inicial a do príncipe.

— Quantas pessoas envolvidas! — suspirei. — Como chegaram à conclusão de que eu poderia terminar a história?

— Evelyn nos indicou você — disse Karen. — Falei com Jean e Martha, como coincidentemente são seus professores, eles disseram que ficariam observando.

-Você tem um talento de ouro com as palavras, querida

— falou a professora Martha gentilmente. — Não demorou para que percebêssemos, você é um talento. Vimos suas redações, seus poemas, cremos que você é a pessoa ideal para dar continuidade.

— Tenho uma curiosidade, por que ninguém continuou o projeto?

—Você que pensa, menina! — enfatizou Karen. — Já tentamos diversas vezes dar continuidade, as ideias não agradaram à comissão. Desiludidos, achamos que ninguém poderia terminar o projeto, então arquivamos, era necessário terminar primeiramente a do príncipe.

-Várias pessoas nos procuraram entregando seus manuscritos — lembrou Débora, fina e educada —, mas sabíamos que desejavam somente o soberano prêmio e nenhuma história conseguiu ser aprovada pela comissão, pois não continham o conteúdo, a essência, que procurávamos.

— O projeto está vinculado à área de comunicação e expressão — disse a professora Martha. — Professor Jean e eu fazemos parte da coordenação dos cursos envolvidos nessa área, sendo eles: jornalismo, letras, teatro, cinema e música. Somos responsáveis pela análise dos escritos. Fizemos uma seleção restrita com os alunos desses cursos, apenas dois chegaram próximo do que procurávamos, entretanto queríamos a continuidade, não a mudança do enredo.

— Então, Helen, o professor Jean nos falou de sua desenvoltura com as palavras — falou Débora com

voz firme, porém amável —, lendo suas redações, observamos que elas aproximaram-se bastante do procurado.

— Depois que Evelyn falou de você — salientou Karen —, pedi que ela não te falasse nada. Ficamos seletivos, depois de várias tentativas frustradas. No entanto, ela trouxe um manuscrito seu há algumas semanas, sem que pedíssemos nada.

- O que Evelyn mostrou a você? — perguntei, franzindo o cenho.

- Trouxe um conto, “Janelas Abertas” — disse Karen.

- Só pode ter conseguido com a ajuda de Sarah - resmunguei, inaudível.

- Fiquei atenta. Ela mencionou Sarah, pensamos nela também, mas é outro assunto. Quando falei com Martha e Jean, eles já estavam certos de você ser quem procuramos.

- Queremos saber se podemos contar contigo, querida

— disse Martha.

- Olha, toda essa história me anima, como também assusta, primeiro preciso conversar com meus pais, depois dou a resposta.

- Amanhã? — perguntou Débora.

- Amanhã dou a resposta.

-Você tem alguma dúvida? - interrogou gentilmente a professora Martha.

- O projeto envolve dinheiro? Escrevo por prazer, porém, se envolver dinheiro, preciso saber e comunicar meus pais.

- Oh, sim, querida — contou Martha. - Se eles gostarem da continuação e quiserem investir nesse projeto outra vez, como o plano inicial, você ganhará e os direitos autorais serão seus também.

- Então me deixa processar tudo, depois dou resposta.

Todos movimentaram as cadeiras, levantando-se.

-Tomara que aceite - desejou Karen.

Fiquei o dia todo procurando quais motivos tornavam o projeto tão importante, quais elementos atrativos a história continha que deixava todos querendo mais. A curiosidade me rondava, constantemente me pegava pensando no assunto.

No jantar conversei com meus pais a respeito, eles incentivaram sem reservas, atribuíram o valor do ouro àquela oportunidade.

Antes da opinião deles, estava certa em aceitar o convite. Existia uma força lançando-me ao projeto,

devia fazer. Meus olhos não viam, mas existia algo muito maior por trás de tudo, podia sentir.

No outro dia, as perguntas dos amigos eram enfáticas sobre o assunto. Agradei a Evelyn e Sarah depois de extravasar a ansiedade por terem me escondido o assunto.

No fim da aula, fui até à sala do jornalismo, local em que se reuniam para edições, trabalhos da revista e jornal. Combinei com Karen de ir à casa dela à noite, precisava saber mais detalhes do projeto.

O dia passou depressa. Cheguei na residência dela dez minutos antes do combinado.

Toquei a campainha, uma empregada atendeu, em seguida, Karen surgiu.

— Oi, Helen, tudo bem? - disse Karen, cumprimentando--me com um beijo no rosto.

-Tudo bem.

—Vamos entrar.

Na entrada tinha um enorme lustre com pétalas imitando cristal.

— Lindo lustre, Karen! Não prestei atenção nele no dia da festa.

— É o xodó da minha mãe. Mãe, ela chegou! — gritou ela. Sua mãe, ao ouvir, veio de um cômodo. — Mãe, esta é Helen, a colega da faculdade de que te falei.

- Oi, querida, seja bem-vinda - ela me abraçou. —Você é a escritora?

- Oh, pretendo, sim.

- Fique à vontade.

De repente, entrou por uma das portas, que provavelmente dava para a cozinha, aquele inesquecível chato da festa, Peter. Fechei o semblante.

“O que esse cara está fazendo aqui?! Argh!”

- Olha quem está aqui, se não é a linda Helen!

—Vocês se conhecem?! — falou Karen, surpresa.

- Claro que conheço — disse Peter, cheio de charme, beijando meu rosto. — Nos conhecemos na festa. — Virei o rosto, com expressão de antipatia.

-Vamos subir, não liga para o meu irmão, ele pensa que é o rei das mulheres.

—Vocês são irmãos?! — exclamei.

- Somos, não sabia?! — Karen estava surpresa.

- Não sabia — cerrei os lábios, levantando os olhos.

- Ótimo que vocês são amigas, sei que não aguentaria ficar longe de mim, linda - falou Peter, mexendo nos meus cabelos.

-Vamos, Helen, não ligue — ela foi me puxando para a escada que daria no seu quarto.

Enquanto subia, olhei para trás e vi Peter mandar um beijo, fechando os olhos.

No quarto, Karen foi até seu armário e tirou uma pasta, existia várias outras, todas com diversos artigos, muito organizados, separados por datas.

- Esta é a pasta — disse ela.

Peguei a pasta, com divisórias, organizadas por data.

— Está tudo aí, os artigos publicados pela revista. Cuide dessa pasta como de sua vida, ela ficava na nossa sala, trouxe--a apenas para te entregar. Temos os manuscritos originais num pen drive, porém todo cuidado é pouco. Aí estão todos os artigos originais que Andrew nos entregou.

— Sim, pode deixar, terei todo o cuidado. Andrew é o famoso escritor?

— Sim, o inesquecível Andrew.

— Por que inesquecível?! — franzi o cenho.

— Já se passou quase um ano e ainda nos lembramos dele.

— Me conte um pouco sobre ele e a história? — interrompi, expressando surpresa e inquietação.

Karen foi relatando o começo. A ideia de uma coluna chamada “O amor em diversas facetas”, com a participação almejada de Andrew, foi o início do grande sucesso da revista Tempus.

— Por que desejavam tanto Andrew?

— Sabíamos que ele escrevia como ninguém ali dentro. Andrew havia escrito duas peças teatrais, das quais se fala até hoje, então foi unânime a decisão de tentarmos convencê-lo, outras tentativas foram frustradas, ele enfaticamente negava.

— Por que ele não queria escrever para a Tempus?

— Ele achava que escrever para que alguns lessem não era o seu alvo. Acreditava ser perda de tempo e que as peças causavam mais impacto; não deixava de ser verdade.

— Conseguiram convencê-lo?

— Claro. Seus amigos ajudaram. Caso ele não aceitasse, teríamos que abrir mão de todas as páginas destinadas ao “Amor em diversas facetas”, Débora só aceitaria o projeto

se fosse para ser lançado por completo. Felizmente Andrew aceitou.

- Ele era tímido?

- Não, reservado. Sem contar sua beleza, era notável.

- Ele era bonito? - dei um sorrisinho de canto.

- Ah, sim, lindo, lindo demais, se quer saber — ela sorriu. Peguei a pasta, abri e li na primeira página, o título da história.

- O Príncipe e a Plebeia?

- Isso, Helen, o príncipe Yáh e a princesa Lia.

- Príncipe Yáh... Interessante — guardei a folha, a curiosidade me saltava de dentro. — O que aconteceu com Andrew, afinal?

- É uma longa história.

- Me conte, quero saber de tudo.

- Engraçado que você não tenha ouvido sobre essa história.

- Não conheço.

- A história dos Gamberini?! Não acredito! Saiu no noticiário da cidade! Uma família tão tradicional.

Olhei Karen, com a boca entreaberta, fechei as expressões.

- Não conheço. Aliás, conheço o nome, mas não sei o que aconteceu com eles. Se foi há um ano, como falaram, estava com a cara nos livros, estudando para o vestibular. Me conte.

- Foi um acidente.

-Acidente?!

- Quase um ano atrás. Ele estava no quinto período de teatro, estávamos vivendo o sucesso espantoso da revista. Andrew estava cheio de planos com sua peça, que ensaiava

para o fim do ano. Numa noite, quando estava com a mãe voltando de uma palestra de um renomado diretor de cinema, o carro estava em alta velocidade, ele desviou de um veículo que cortava uma esquina a mil; nesse desvio, eles subiram num canteiro e o carro capotou, até serem parados por uma árvore. O carro ficou destruído. O cinto não foi capaz de salvar a vida da mãe dele. Andrew ficou hospitalizado por quase dois meses. Foi uma comoção na faculdade, muitos foram visitá-lo.

Lembrei de soltar a respiração, impaciente, perguntei:

— Ele ficou internado por dois meses?!

— Ficou em coma profundo por quase um mês.

— Meu Deus! O que aconteceu depois?!

— Ele se abateu muito no hospital, selecionou a dedo as visitas.

— Ele te recebeu?!

— Sim, foi a última vez que o vi.

— Por quê?

— Depois Andrew saiu do hospital, começou a fazer sessões de fisioterapia em casa, se afastou das pessoas, só aceitava receber seus amigos de infância, Richard e Alan. Insistíamos para ir vê-lo, seus amigos sempre diziam que ele não queria receber ninguém.

— E a família dele?

— Ele era filho único, uma família tradicional, viviam bem, tinham luxo, contudo, ele sempre foi um cara simples. Seus pais haviam se separado um pouco antes do acidente.

— Nossa, então ele largou tudo por causa do acidente.

— Sim, largou tudo para tentar vencer com a presença de seus amigos.

Não conseguia fechar a boca e esconder o quanto estava comovida com aquela situação.

- Então, por causa do acidente, ele não sai de casa?!

- Creio que sim.

- Estou perplexa. História triste e intrigante. Onde ele mora?

- Numa linda mansão em Jurerê Internacional. Conhece?

- Conheço, meus avós por parte de mãe moravam lá. Em Jurerê minha mãe conheceu meu pai, por causa dos imóveis que o escritório dele vende, passei muitas férias com meus avós, tenho boas lembranças daquele lugar.

-Você, de repente, pode tê-lo visto e nem sabe.

-Verdade - aquele detalhe me trouxe de volta. - Queria saber onde ele mora.

- Podemos ir qualquer dia, então vejo meus tios!

-Vamos, sim, só marcar.

—Vamos neste fim de semana?! — Karen sugeriu, empolgada. - Aproveitamos o verão também!

- Ia ser ótimo! Vamos combinar. Será que... Andrew vai ficar sabendo de mim?

- Com certeza, sim. Mas não se preocupe, vai dar tudo certo.

- Me diz uma coisa, quem são os amigos de Andrew? Estão ainda na UFSC?

- Sim, Richard é aluno do sétimo período de direito, seria o período que Andrew estaria cursando, Alan faz o quinto período de engenharia civil, não sei se conhece, talvez já os tenha visto, são tão populares. São amigos de infância.

— Mostre-os na faculdade.

— Ok. Quer jantar comigo?

— Não, Karen, vou para casa comer algo e começar a ler os artigos.

— Até amanhã, então. Combinamos nosso passeio deste fim de semana.

#### 4 - Um Príncipe

Ao entrar no carro, tentei processar toda história que ouvi. Comi um lanche rápido, narrei de forma resumida aos meus pais os acontecimentos do dia e me preparei para dormir. Precisava mergulhar naquelas linhas, afinal, se a vida do autor tinha mexido comigo, imaginava as surpresas ainda reservadas de “O Príncipe e a Plebeia”.

O primeiro capítulo dizia:

Posso escrever sobre o tempo ou sobre as ondas sussurrantes contra as pedras. Posso dissertar claramente sobre o céu e seus desenhos vagos sem sentido feitos pelas nuvens, ou talvez o cantar de pássaros assíduos nas tardes dos parques, expressando sua alegria em estar vivos, trazendo som a um mundo às vezes tão vazio e silencioso.

Conseguiria contar em poesia tantas outras belezas, que pernoitam por inúmeros pensamentos, os quais me levam a lugares distantes, durando apenas até o abrir de meus olhos, trazendo-me à dura realidade em que nada em minha volta mudou. Porém, resolvi expressar o amor, em todas as suas formas e o que pode fazer na mente de um simples mortal como eu.

Um conto. Se real não posso afirmar, apenas tenho como garantir o espaço ocupado em minha mente nas madrugadas silenciosas que me acharam. Certeza mesmo que esta história estava viva dentro de meu ser, concluindo assim, foi completamente real.

O amor consegue, por si, ser dito por variações, expressões, provocando em qualquer indivíduo uma ação e uma reação. Certamente, cada um encontra a sua. Minha versão? O amor não se explica, simplesmente se vive.

Através deste conto, espero provocar reações correspondentes às expectativas esperadas, reações de ódio, egoísmo e verdade. Quantas provocarei? Difícil enumerar, ao menos desejo conseguir atenção até o fim, quando finalmente saciarei a minha expectativa.

Apresentarei nas próximas edições um romance vivido nos tempos antigos, conheceremos a história de um príncipe e sua plebeia.

Escreva, elogie, critique, sugira, faça valer sua voz. Prometo, lerei tudo.

Abraço e te vejo na próxima.

Andrew Gamberini

— Sem dúvida, o cara é poeta — sussurrei, enquanto pegava o início dessa história. O capítulo dois.

O Príncipe e a Plebeia

Parte I - O Reino

Esta história aconteceu há muito tempo, num reino longínquo, coberto de riquezas e belezas. Seu tamanho perdia-se com o delinear dos raios de sol. Nele, as árvores de todas as espécies desenhavam uma paisagem indescritível. Um reino demarcado por hectares, onde se encontravam pequenos vilarejos, compostos de duas classes, uma considerada miserável, outra dos ricos comerciantes.

Todo o reino era cercado por montanhas rochosas, apenas com uma abertura ao leste, onde o sol nascia. No ponto alto, corria uma cachoeira cortando todo o reino, desembocando num lago. Próximo ao lago se encontrava o palácio do rei. Dez hectares eram a medida daquele palácio, muros altos e guardas o vigiavam dia e noite.

A leste desse palácio podiam-se ver os verdes campos, onde os cavalos raros eram adestrados por seus soldados.

Atravessando por eles, chegava-se à entrada do palácio. O chão de mármore refletia todos os candeeiros de ouro puro com lâmpadas penduradas no alto do salão principal. Taças, castiçais, utensílios de ouro, tapetes, vários tipos de artesanato, perfeição agradável à vista, tornavam-no grande em opulência.

Qualquer mortal daria a vida para conhecer o palácio por dentro, apenas convidados do rei poderiam colocar os pés naquele chão.

Não perca! Na próxima edição acompanhe esta emocionante história.

Andrew Gamberini

Parte II — A Realeza

Toda beleza daquele reino causava o enlevo de seus nobres e fiel dedicação deles à família real.

A rainha desse palácio morrera há alguns anos, o rei vivia sua velhice, próximo de seus dias chegarem ao fim.

O casal tinha apenas um filho, o príncipe Yáh, moço de boa aparência, futuro rei e herdeiro de todo o reino. O príncipe era um homem bom, procurava acabar com a injustiça, tentando promover um lugar digno onde todos pudessem viver.

O príncipe costumava cavalgar nos fins de tarde pelo reino, fiéis escudeiros o seguiam, promovendo sua segurança.

Após uma tarde de cavalgada, voltou ao palácio, caminhou até os aposentos de seu pai. No quarto,

ajoelhou-se diante dele, ao lado da cama. Ao redor, estavam os principais homens que governavam ao comando do rei.

— Pai, estou aqui.

- Filho, sabes a proximidade da minha hora, antes dela, desejo que governes com honra e dignidade. Tu serás um rei, maior que eu. Serás meu substituto, assumirás uma posição elevada diante das nações. Tu serás o rei. Para que teu pai possa descansar em paz, procure entre as donzelas do reino uma moça de boa aparência, formosa, que, agradando-te, torne-se rainha ao seu lado.

O príncipe afastou-se de seu pai, ordenando ao chefe da guarda que se realizassem as palavras do rei.

No banquete, vieram moças acompanhadas pelos respectivos pais se apresentar ao príncipe. Os convidados comiam livremente e bebiam vinho em taças de ouro. Enquanto as moças passavam diante do príncipe lhes era tirado o véu do rosto; se agradasse Yáh, ele mandaria separar das demais, caso contrário, mandava passar. Belas donzelas de vários reinos, inclusive do seu, foram apresentadas a ele, todavia, nenhuma lhe agradou.

O conselheiro do rei sugeriu que outro banquete fosse realizado. O príncipe ficou satisfeito com o conselho, contou ao pai o acontecido. Convidaria moças das províncias distantes.

Andrew Gamberini

Parte III - A Plebeia

O príncipe fazia sua costumeira cavalgada pelo reino, quando ouviu um alvoroço entre os comerciantes, perguntou ao seu escudeiro:

— Por que tão grande alvoroço?

— Hoje é dia de vender escravos, meu senhor, como sabe, comerciantes de outras províncias chegam para comprá-los.

— Quando for rei, não permitirei tal prática dentro do meu reino. Verei de perto.

— Mas, senhor, há dezenas de pessoas, poderia causar maior agitação com a incomum presença do príncipe.

Yáh não se importou, cavalgou em direção à multidão.

As pessoas, vendo-o montado em seu cavalo branco, cingido com as vestes reais, foram se aquietando, abrindo espaço para que ele se aproximasse dos vendedores. Mais próximo deles, o príncipe observou homens e mulheres da parte miserável de seu reino, conhecidos como “escravos do reino”, pois serviam desde pequenos aos senhores ricos. Eles estavam sendo negociados com compradores por pequenos valores, aquele que agradasse com a maior oferta levava o escravo.

Depois do murmúrio de Yáh, o chefe da guarda anunciou em alta voz:

— Continuem a negociação, não se intimidem com a presença do príncipe.

Homens e mulheres, parecidos com animais sujos, passaram amarrados pelas mãos, com trajes imundos. Alguns escravos tinham feridas no corpo, o que causou muito pesar no príncipe. Havia compradores rindo e zombando deles. Yáh observou aquelas cenas lamentáveis, comovido grandemente.

Uma moça suja e ferida foi exposta, sua aparência causou tanta aversão aos compradores a ponto de eles começarem a esbravejar entre si que a tirassem dali. O

leiloeiro levantou a cabeça dela. Yáh fitou os olhos na moça, seu íntimo se abalou profundamente diante das lágrimas que escorriam pelo rosto dela.

O príncipe ficou indignado ao ver a jovem sendo jogada de lado com os outros escravos não vendidos. Yáh deu ordem ao chefe da guarda:

- Aquela moça agrada aos meus olhos. Tragam-na.

- Príncipe Yáh, é uma escrava, plebeia, não faz parte dos condados do reino, nem da realeza! Ela causa repulsa, ninguém a quer!

- Está dito! É ela.

O príncipe, atento, não desviava o seu olhar da plebeia.

O chefe da guarda cavalgou à frente, bradando a decisão do príncipe.

- O príncipe Yáh se agradou dessa jovem moça, ela não será devolvida e sim levada para o palácio.

Houve alvoroço entre os comerciantes e compradores. A jovem moça, caída no chão, ergueu os olhos e avistou Yáh. Ele perturbou-se ao encontrar os olhos dela.

O chefe da guarda desceu do cavalo, causando murmúrios. Em volta, vieram os outros guardas afastando a multidão. Ele levantou aquela mulher do chão e sentiu asco ao conduzi-la. O príncipe se aproximou, todos fizeram silêncio quando ele desceu do cavalo e se aproximou da plebeia.

- Qual o seu nome?

A moça abaixou a cabeça, controlando o choro para responder a ele.

- Lia, senhor.

Ele pegou suas mãos amarradas, sentindo pesar. Puxou a espada e cortou as cordas, libertando-a. Ele a conduziu até o seu cavalo, enquanto as pessoas olhavam espantadas.

O príncipe subiu no cavalo, estendendo a mão para ela. Um coro de vozes perplexas ecoou ao fundo.

A jovem moça ergueu os olhos e gaguejou:

— Senhor, não posso, estou suja e certamente mancharei suas vestes tão brancas.

Os guardas se apressaram em ajudá-la a subir no cavalo do príncipe, que a colocou entre seus braços,

sentada de lado. Yáh pegou os braços dela.

Ao se afastarem, a agitação era desmedida, por onde passavam causava grande enleio. Durante o percurso até o palácio, a moça permaneceu o tempo todo cabisbaixa, com medo, fome e vergonha por sua aparência.

Ele desceu do cavalo estendendo a mão para que ela pudesse descer.

Ela olhou nos olhos dele, ele se enamorou dela.

Andrew Gamberini Parte IV - As Vestes Reais

Ao trazer a plebeia até o palácio, príncipe Yáh causou um alvoroço em todo o reino. Conduzida às portas, a princesa Lia ergueu os olhos, paralisada, observou todos os detalhes e, com espanto e preocupação no olhar, foi até o pórtico do palácio.

Ao comando de Yáh, o chefe da guarda e o conselheiro real aproximaram-se dele.

- Tragam cinco jovens criadas do reino e deem a Lia alimento e água de que precisa, além disso, cuidem de suas feridas. Façam-na passar aos aposentos reais banhando-a com unguentos e especiarias das mais finas pelo período de vinte dias como de costume. Troque estas vestes rasgadas por roupas bordadas, cubram-na de linho fino, unguindo-a com óleos e perfumes aromáticos. Ao passar o tempo determinado de embelezamento, tragam-na diante de mim na sala do trono.

Yáh tocou seus cabelos, inquieta, a plebeia não se considerou digna de olhar nos olhos dele.

— Não precisa temer, seu sofrimento acabou. Jamais será punida por sua origem. Pode confiar.

Com os olhos marejados, a plebeia caiu prostrada aos pés do príncipe, dizendo:

— Senhor, de que forma encontraste graça numa pessoa tão humilde como eu? Sou apenas uma miserável escrava, nada tenho a oferecer, apenas posso te servir caso me seja dada tamanha honra. Não mereço ficar diante de ti, menos ainda ser favorecida com tantos bens que ordenaste que fizessem a mim.

Abaixando-se, o príncipe lhe tocou a cabeça

— Olhe para mim — disse. - De alguma forma encontraste graça diante de meus olhos. Minha intenção não é tê-la como serva, já os tenho em abundância, seu lugar será de honra, muito maior que a de qualquer um dos serviçais.

O príncipe foi interrompido pelo conselheiro:

— Senhor, o rei deseja vê-lo.

Ajoelhando-se no leito de seu pai, ele perguntou:

— O que desejas, pai?

— Filho, soube de teu feito neste dia, a forma como quebrou todas as normas e tradições, colocando

dentro deste palácio uma plebeia. Qual desejo há neste coração diante de tal ensejo?

— Imensamente agradou-me aos olhos tal moça, meu pai. T tamanha compaixão acometeu meu íntimo e seu olhar fez com que estremecesse todo meu interior. Meu anseio é que deixe de ser escrava e torne-se rainha ao meu lado.

— Já pensaste nas críticas severas que sofrerá por parte dos governantes das principais províncias e dos outros reinos?

— Sim, pai, tenho consciência de que a quebra das tradições gera escândalos, porém, a decisão já foi tomada.

— Admirável é tua nobreza, filho amado. Tenho certeza, tu governarás em retidão e justiça, descansarei em paz. Serás lembrado por gerações, conhecido entre as nações como justo e bondoso rei. Meu ser se alegra por ti.

Ditas essas palavras, o rei, suspirando lentamente, expirou. A partir daquele momento, o príncipe decretou luto por sete dias. Passado o luto, ordenou o envio de convites às províncias para um banquete, afinal, se findavam os vinte dias de embelezamento da plebeia Lia. Não se fazendo mais necessário trazer das demais províncias moças donzelas, uma vez que Yáh tinha se agradado sobremaneira de uma moça de seu reino. O banquete aconteceria por dois motivos: a apresentação oficial da futura rainha e o primeiro pronunciamento de Yáh como rei.

Andrew Gamberini Parte V - A decisão

Vinte dias após a morte do rei, foi dado um banquete. Chefes, príncipes, princesas, governadores de províncias distantes e arredores vieram conhecer a princesa, futura rainha, e também ouvir a primeira declaração do rei Yáh.

Yáh deu o sinal para o toque das trombetas, convocando atenção ao seu pronunciado. Ele caminhou até seu trono, permanecendo de pé.

- Copiosa noite preparei para recebê-los. Reinos estão representados. Depois da morte de meu pai, de sua vida digna de admiração, fui incumbido de reinar de maneira honrosa seu trono. Procurei entre as mais belas donzelas aquela que me alegraria, nenhuma achou mercê. Cavalgando pelo reino, meus olhos encontraram uma simples plebeia, no íntimo fiquei comovido. Nenhuma outra me agradou tanto quanto ela. Não incomodarão nunca os comentários ou críticas que receberei por ela não pertencer à realeza; contudo, seu nobre coração estará gravado para sempre diante de mim.

O rei Yáh sentou-se no trono, sinalizou para os tocadores de trombeta e anunciou:

— Tragam diante de todos a futura rainha Lia.

A plebeia se aproximou, ao vê-la entrar no salão principal, o novo rei conturbou-se profundamente, levantou-se do trono sem desviar o olhar dela. Os murmúrios eram intensos diante daquela linda donzela que passava no meio do salão. Seu lindo vestido branco arrastava-se pelo chão, a pele reluzia como o sol, seus olhos brilhavam como água cristalina, toda a beleza e nobreza se encontravam naquela moça. Seus olhos não desviaram do rei, deixando-o extasiado. Ela aproximou-se e ajoelhou-se diante dele,

todos ficaram perplexos. Amavelmente, ele inclinou-se, pegou-a pela mão, ergueu-a de novo.

— Não será necessário prostrar-se diante de mim

— disse, sussurrando -, serás rainha, outros se prostrarão diante de ti.

Seu olhar enlaçou-se ao de Lia. Ele sorriu de forma inigualável.

-Vejam todos quão formosa és! A futura rainha de todo este reino. És de nobre coração, aparência agradável, és extremamente formosa, o rei conclama nesta noite que todos os súditos submetam seus serviços e honra à futura rainha Lia. Somente meu trono será maior que o dela. O que for dito por ela será feito. Que haja festa nesta noite pela vida dela!

Yáh fez sinal, a música encheu todo recinto.

Ele sentou-se no trono e Lia permaneceu em pé, enquanto observavam as pessoas dançarem.

Yáh levantou-se do trono.

—Venha dançar - convidou.

— Perdoe-me pela falta de sabedoria, não fui ensinada a dançar.

Ele sorriu, deixando transparecer seu afeto por tamanha sinceridade.

— Mandarei prepará-la, haverá danças e precisará estar totalmente instruída.

Ele estava encantado por tamanha beleza de Lia, ela jamais pensou, em sua vida previamente fixada, que algum dia se tornaria rainha.

- Não sigo as tradições impostas pelo reino. A ordem é: qualquer donzela que me agrade se tornará minha. Não posso cometer tamanha injustiça diante de uma linda donzela que jamais pôde ter escolhas.

Ele tocou-lhe os cabelos, ela não conteve as lágrimas.

- Lia, nesta noite lhe dou a livre escolha. Diante de ti ponho dois caminhos. Darei confiança para decidir, se queres permanecer ao meu lado ou receber tamanha liberdade, sendo que em tempo algum serás novamente escrava e nunca mais venhas a passar necessidade. O que decides?

-Ao teu lado encontro toda alegria nunca sonhada. Para onde iria, meu amado? Ao teu lado alegro-me profundamente. Não aceito a liberdade sem tua presença. O que faria se perdesse meu maior afeito? Não pelo fato que podes me dar tudo, fizeste-me livre e devolveste--me à vida. Escolho ser rainha ao teu lado. Escolho ser tua eternamente.

Andrew Gamberini

---

Parte VI — O Jardim

A plebeia Lia se tornaria rainha do reino mais rico e forte das nações. O fato passou a ser o

acontecimento divulgado por todas as províncias.

Yáh, logo pela manhã, ordenou que preparassem um banquete para primeira refeição com Lia.

Ele estremecia-se diante de cada olhar dela.

Eles sentaram-se à mesa e lhes foi servida a refeição. Lia ficou embaraçada diante de tantos utensílios que nunca usara.

- Senhor, não sei como me portar diante de ti.

Yáh, paralisado, observava seus movimentos.

- Não se preocupe, minha bela, acompanhe-me.

- São utensílios de maior valor que minha própria vida, e se eventualmente vier a quebrar algum deles?

- Formosa Lia, não entendeste quem tu és? Teu valor é maior que este reino.

No cair da tarde, com o costume de cavalgar, Yáh convidou Lia, que subitamente manifestou sua alegria.

Ela montou no cavalo do rei. Enquanto cavalgavam, eles sentiam o vento indo contra o riso em seus rostos.

Chegaram a um jardim com diversas flores, Lia emocionou-se.

- Yáh, lindo este jardim, estou como se passeasse pelo céu!

- És mais formosa que essas flores. Estou impactado por sua beleza.

- O que fiz para merecer tamanha admiração? És formoso, com apenas um comando poderias ter qualquer donzela, de qualquer reino.

- Dissestes bem, porém, nenhuma delas me fascinou. Teu olhar deixou-me perturbado, teu perfume exalado naquela noite permanece incutido nas narinas. A grandeza que encontro em teu humilde ser é desejável.

- És tão formoso, sua voz é suave, harmoniosa como o som desses pássaros. Sua beleza deixa-me ofuscada.

Ele aproximou-se de Lia e a beijou.

Aproveitando o momento, ele sussurrou uma canção, conduzindo-a em dança. Gentilmente recomeçava diante dos erros de Lia. Risos fizeram parte daquele momento.

-Yáh, me perco nos pensamentos sem clareza, pelo fato de um lindo rei, antes príncipe, estar enamorado por uma plebeia. És tão lindo, fico perturbada com tua presença. Não mereço algo tão puro quanto o teu afeto.

- Tua beleza fascina, tuas palavras cativam e deixam sem escolha quanto ao que desejo. Só tenho este caminho, ser eternamente teu.

Lia ficou encantada e afastou-se de Yáh.

- Lembro-me das poucas vezes em que o vi cavalgar nos arredores do meu vilarejo. Lembro de detalhes, quando o avistei pela primeira vez. Montado em teu cavalo branco, com teus escudeiros. Apascentava um pequeno rebanho quando te avistei. Eras mui formoso, tudo de belo em mim desejou tua pessoa. Teu perfume ficou pairando pelo ar, tua beleza e majestade deixaram-me dominada por intenso desconforto. Alegrava-me ao extremo quando ouvia o barulho da cavalgada do teu séquito.

- Perdoe-me por nunca ter descido do cavalo e conhecido o teu vilarejo. A miséria que vejo me comove. Naquela tarde da negociação, fiquei inquieto, enquanto todos viam apenas teu exterior, encontrei o teu coração através do teu olhar.

-Yáh, não te incomodam os comentários da realeza?

- Não, Lia. És instruída em palavras. Onde foste treinada?

- Nascemos escravos, precisamos ter árduo trabalho para nos alimentarmos. Quando completei a infância, fui vendida a senhores do teu reino, fui instruída quanto ao servir e falar. Próximo ao tempo de não serem necessários meus serviços, fui vendida a outros senhores de uma província próxima. Maltratada e humilhada fui, numa noite escapei e voltei ao vilarejo. Fiquei escondida até avistar o lindo príncipe. Tornaste-te bálsamo de esperança, pelo simples fato de permitir que te admirasse. Acharam-me e maltrataram-me antes de ser exposta naquela tarde.

Yáh ficou perturbado quando ouviu as palavras de

Lia.

Chegaram ao palácio e ele ordenou que seus soldados matassem os negociadores que maltrataram Lia. Ela nunca soube desse fato.

Andrew Gamberini

Pela manhã, contei aos meus pais o quão fascinante era o conteúdo da história. Minha mãe se interessou em ler.

Cheguei tarde à faculdade. Sarah, Diego e Alex estavam conversando no estacionamento.

— Bom dia, amigos - bocejei.

— E aí, dorminhoca? — Sarah mexeu nos meus cabelos.

— Quase chego mais tarde, minha mãe me acordou.

— O que aconteceu?

— Fiquei até tarde lendo os capítulos entregues por Karen.

— Começou a escrever? - Sarah relaxou a tensão inicial.

— Estou lendo.

— Gostaria de ler também.

— Claro, amiga.

— Li alguns — lembrou Diego.

— Gostou?

— Li para ter o que comentar com as gatinhas — ele sorriu.

— Você é demais, Diego - eu ri.

— O que achou? - perguntou Sarah.

— Um sonho, uma das histórias mais lindas que li na vida!

— Mais uma para o fã-clube — debochou Alex torcendo os lábios.

— Por que falou isso? — dei um empurrão no ombro dele.

— Porque todas gostam dessa história melancólica e antiquada.

— Discordo, não acredito que o amor seja antiquado. Então você leu?

— Algumas sim, são melancólicas e dramáticas, como o autor - debochou novamente.

— Uma história viva e envolvente, não pode ser considerada melancólica - franzi o cenho.

— Nem todos pensam como você.

-Você?

— Que seja.

— Bom dia, galera! Qual o assunto?! — Evelyn chegou, pendurando-se no pescoço de Alex.

— Sobre a história escrita pelo Andrew — respondi, chateada.

—Você adorou, certo?! — falou Evelyn, entusiasmada.

— Adorei, entretanto, nem tudo agrada a todos.

— Não ligue, se as histórias não tivessem críticas, não fariam tanto sucesso - Evelyn se sentou no muro atrás dela.

- As poucas pessoas que criticaram o enredo geralmente são aqueles que não podem fazer algo causando

a mesma reação.

— Concordo, Evelyn — sentei-me ao seu lado, franzi a expressão para Alex, que desviou o olhar. — Adorei, fiquei encantada com a história, é linda, profunda.

— Tenho que ir, pessoal, até mais — fui interrompida por Alex, fazendo cara de poucos amigos.

— O que deu nele? — Evelyn apontou para ele.

— Parece que não gostava muito dessa história — Sarah observou-o ir embora.

No término da aula, fui até o jornalismo procurar Karen. Encontrei Débora e Evelyn, falante como sempre.

— Estou sabendo, adorou, acertei? — perguntou Karen ao me sentar à sua frente.

— Simplesmente linda.

— Leu todas as partes?

— Parei na parte seis, “O jardim”. A história é tão linda e envolvente como disseram, amei! Se estivesse na faculdade na época, morreria de curiosidade pela continuação!

— A ideia era essa — ela sorriu. - Não vamos apressá-la, porém, lembre-se: semana que vem começam as provas, você não terá tanto tempo de ler.

— Acabarei hoje mesmo.

Débora saiu da sala. Evelyn foi para o outro canto mexer no computador. Os outros alunos faziam diferentes tarefas.

Percebi que estava somente com Karen, sutilmente pedi a ela outros detalhes do projeto, principalmente para obter respostas para questões latejantes no pensamento.

— Karen, me conte mais sobre Andrew?

— Por que quer saber? — ela sorriu.

— Apenas por curiosidade. O que ele escreve é fantástico, quero saber se ele era tão especial quanto o que escrevia.

— Andrew era mais especial. Maravilhoso! - Ela falava e organizava alguns papéis.

— Refere-se a ele sempre no passado?

— Ele não está aqui.

— Andrew fazia algo além do teatro?

— Depende. Se quer saber, ele tinha muitos talentos. Escrevia como ninguém, possuía uma voz

maravilhosa, você iria adorar vê-lo cantar. Sem contar a habilidade de tocar piano, além de ser — ela suspirou fundo — lindo demais!

— Quantos talentos.

— Devia ter muito mais. Algo nele era especial, a forma como descrevia o amor — ela parou de mexer nos papéis, olhando para o alto. — Sempre falava coisas gentis. As meninas eram enlouquecidas por ele.

— Um namorado?

— Não, discreto — ela deu um sorriso. — As meninas eram atraídas pela beleza e popularidade. Seus amigos também eram constantemente alvo dos ataques das garotas; além de serem bonitões, eram os três garotos mais disputados do campus e, claro, os caras mais populares daqui.

Olhei em volta, verificando se alguém prestava atenção na conversa, ninguém estava.

— Não tem nenhuma foto dele? Fiquei curiosa.

— Não, a página de relacionamento dele foi deletada. Era reservado, certamente não era do tipo que usava a beleza para atrair alguém. Mas, também, nem precisava, era evidente aonde quer que fosse - ela riu.

Mal podia acreditar que alguém tão perfeito assinava aquela história tão maravilhosa. Não sabia definir meus sentimentos, porém, quanto mais ouvia sobre ele, a curiosidade aumentava.

— Esse cara perfeito tinha defeitos? — O deboche foi sutil.

— Claro, não é, Helen?! Andrew parecia alguém triste, não sei, parecia que guardava uma tristeza, quando tocávamos nesse assunto ficava hostil.

— Em parte, todos somos assim.

— Com ele era diferente, não sei explicar. O fato é que Andrew tinha várias qualidades, talvez só eu via isso ou não tive tempo suficiente para descobrir o resto.

— Explique melhor.

— Deixa pra lá. Mas, me diz: e a praia? Rola ou não neste fim de semana?

Sorri. Enquanto pensava nele, combinávamos a ida para Jurerê Internacional.

Passei o dia tentando imaginar Andrew, se era alto, magro, o desenho do seu rosto. Aquele desconhecido estava povoando demais meus pensamentos.

À noite, joguei-me na cama depois de pegar as outras partes da história dele.

Parte VII — O casamento

Anunciou-se o casamento de Yáh com Lia. Os principais governantes foram novamente convidados para

a cerimônia de casamento.

Yáh, ao entrar no salão principal, causou admiração nos principais homens e mulheres das nações. Ele caminhou em direção ao trono e anunciou o início da cerimônia. Vários instrumentos de música harmonizaram aquele momento. O som mudou, anunciando a noiva, a bela plebeia.

Lia apontou no começo do salão principal. A beleza que ela irradiava deixou todos perplexos. Seu perfume se estendeu por onde passava.

Lia, ao ver Yáh vestido como rei, num instante atrasou os passos. Seus olhos brilharam, seu coração queimou com uma intensa paixão pelo rei. O jovem Yáh não achava lugar para depositar os sentimentos que se deslocavam dentro de si. Parecia inacreditável a cena, com aquela linda jovem, deslizando pelo lugar, ataviada com as mais belas joias e enfeites.

Ele estendeu a mão e a pôs ao seu lado. Sentindo o interior queimar, sussurrou a Lia:

— Seus olhos brilham através do véu, minha noiva. Não me encontro diante de sua beleza.

Durante a cerimônia, o rei admirava Lia.

Yáh pegou uma linda coroa com os mais valiosos diamantes e pôs sobre a cabeça da noiva.

- De hoje em diante, és a rainha Lia.

Ele levantou o véu que cobria o rosto dela e a beijou.

Na dança oficial da noite, ele a conduziu ao meio do salão, ao som de uma doce melodia, eles deslizaram, desenhando as notas tocadas pelos experientes musicistas.

— Estou profundamente apegado a ti, rainha. Arrebataste-me o coração com apenas um olhar. Desvia--o de mim, pois ele perturba. Vejo flores por onde passas, pois teu perfume é exalado.

— Como é doce seu falar, amado. Deixa-me desconfortável diante dos nobres sentimentos que despertas dentro de mim. Como és formoso!

-Veja, as donzelas invejam sua beleza, rainhas estão hesitantes por contemplarem o seu rosto, brilhante como o sol.

Yáh sorria sem reservas ao lado dela. Essa alegria transbordava, unindo-os em perfeita harmonia.

Caminharam para fora do salão principal. A lua os iluminava.

— Quando meus olhos o viram esta noite, não pude deixar de notar que todo o meu interior estava estremecido pela minha visão. Tua beleza atrai, Yáh, teu afeto não me deixa esquivada. Te desejo. Em teus braços sinto-me protegida, feliz como jamais sonhei.

— Querida, não encontro defeito em tamanha perfeição.

Yáh tomou-a nos braços e a beijou.

Lia dormiu pela primeira vez com o rei naquela noite.

Entre todas as províncias e nações se falava sobre a formosa Lia. Nenhuma outra rainha tivera sido tão admirada quanto ela. Toda sua fama causou também impacto, inveja e desprezo de várias rainhas e reis.

Andrew Gamberini Parte VIII - A infidelidade

Nos encontros reais do rei Yáh, a rainha Lia causava desconforto por onde passava. As rainhas e princesas perturbavam-se pelo fato de uma ex-escrava ter se tornado a rainha mais bela de todos os reinos. Entre alguns príncipes ela despertava o desejo, a cobiça e a inveja.

O rei Yáh preparou um banquete para receber a comitiva de um rei, que viria de uma longínqua província.

Aquele rei tinha apenas um filho, jovem moço de ótima aparência, chamado Nabal. O segundo maior guerreiro depois de Yáh. Esse príncipe estivera na coroação de Lia e a desejou. Todo seu interior estava corrompido pela inveja que sempre sentiu por Yáh, porém, sempre a ocultou. Yáh, por sua vez, mantinha tratamento cordial, desconfiando de tal fato.

Nabal maquinava em seu coração conquistar Lia, enganá-la e aprisioná-la, Yáh seria dominado pela fraqueza de ter perdido seu grande amor. Para, enfim, derrotá-lo.

A comitiva do rei foi recebida por Yáh. Enquanto tratavam de assuntos reais com o rei, o príncipe Nabal observava a rainha Lia cuidar do jardim.

Os guardas do castelo não costumavam vigiar Lia, Nabal aproveitou-se do fato e desceu ao encontro dela.

Lia, ao avistar aquele moço, incomodou-se, todavia não conseguiu evitar o segundo olhar diante de tamanha beleza.

- Salve, agraciada, linda rainha!

Ele continuou insistindo em trocar palavras com ela, no início, recusou, mas depois não resistiu a tamanho impacto diante da beleza de Nabal.

- Você pode perder a cabeça, jovem príncipe, por falar com a rainha sem a presença do rei.

- Morreria por você e faria mais que Yáh.

- São apenas palavras.

- Provar-te-ei que posso te dar mais.

Nabal mostrava-se o melhor de todos os homens, cortejava-a e lisonjeava-a com falsas promessas. Lia era conduzida por aquelas palavras, não conseguia perceber que o ser de Nabal exalava inveja e ódio de Yáh.

Impressionada com a beleza daquele príncipe perverso, Lia se deixou levar por todo falso encantamento.

Quando se deparou com Yáh, Lia ocultou seu encontro com Nabul, e ele notou sua indiferença.

Na segunda visita de Nabul com o pai, no mesmo jardim, Nabul convenceu-a a deixar Yáh e unir-se a ele. Lia estava cega diante da beleza exterior daquele príncipe, envolvida com todas as palavras dele. Nabul enobreceu o coração dela, fazendo-a pensar que aquele encanto se devia unicamente à sua formosura. Naquela mesma noite, Lia levantou-se sem ruídos e saiu ao encontro de Nabul, ele a esperava do lado de fora do castelo.

Os guardas que vigiavam os muros do palácio tentaram impedi-la, contudo, tiveram de obedecer ao mandado dela. Lia montou no cavalo de Nabul e os cavaleiros dele seguiram o casal.

Andrew Gamberini

Como era nosso costume conversar pela manhã, contei a meus pais o resumo da história, como estava encantada.

A história estava pulsando em mim, estava ansiosa para escrever, mesmo preocupada, considerando minhas ideias pequenas diante daquela grandeza.

Na faculdade, fiquei dispersa, procurando os amigos de Andrew, não vi ninguém semelhante aos rapazes. Sarah notou.

- O que foi, Helen? - ela sorriu, pegando alguns biscoitos e colocando na boca. — Parece estar procurando alguém.

- É — respondi, olhando rápido para ela. — Estou querendo ver duas pessoas.

- Quem?! - perguntou, curiosa.

- Queria ver quem são os amigos do autor da história que vou continuar.

- Por que está procurando esses caras?

- Só quero ver quem são os amigos dele.

Não vi ninguém com as características que Karen havia dito.

Anna e Karen se aproximaram e combinamos os detalhes da ida à praia. Sarah ficou quieta, não costumava conversar com elas. Trocou poucas palavras de agradecimento por poder ir conosco para Jurerê Internacional.

Ao longe, avistei um rapaz diferente. Não lembrava de tê-lo visto, no mínimo, concluí que não, lembraria de um rapaz tão bonito. Logo atentei ao fato de ser um dos amigos de Andrew. Antes que falasse algo, Karen discretamente me cutucou, apontando com a cabeça para onde já estava olhando.

— Aquele lá, Helen, é um dos amigos de Andrew.

— O de azul? — a curiosidade era visível nas minhas feições.

— Sim, ele. Também, o mais bonito dos quatro! — Ela sorriu. — Aquele é Richard.

— E os outros?

— Amigos de Richard, porém Alan não está ali. Repare: ele anda muito com os caras do futebol, quando o vir, vai ver Alan, sempre andam juntos.

Era um rapaz muito bonito, tinha o cabelo castanho--escuro, liso, jogado para trás, não muito curto. Devia ser moreno claro, entretanto, estava com a cor do verão. Alto, físico atlético, não desviei o olhar dele. Seu sorriso largo, totalmente alinhado, chamava atenção. No tempo em que ficou parado, algumas meninas trocaram palavras com ele. Ele caminhou para a saída do refeitório, vi outro rapaz se aproximando, trancando sua passagem, os dois sorriram e fingiram brigar. Havia dois, imaginei que o mais bonito fosse o outro amigo de Andrew.

— Aquele de camisa branca é Alan? - apontei com a cabeça, perguntando à Karen.

— Ele mesmo.

Enquanto eles conversavam e sorriam, observava os detalhes. Alan era quase da mesma altura de Richard, um pouco mais baixo, físico atlético também; não era tão branco quanto eu, o cabelo era preto, curto, liso e arrepiado, também tinha um sorriso perfeito. Os dois eram realmente lindos. Se Karen havia dito que Andrew sobressaia à beleza deles, desconhecia o padrão de perfeição. Tal fato só aumentou a curiosidade de conhecê-lo pessoalmente.

Sarah aproximou-se.

— São aqueles dois ali, não é, Helen?! - sussurrou, empolgada, logo que Karen e Ana se afastaram indo em direção às amigas de classe.

— Eles mesmos, Sarinha. São muito bonitos, não acha?

— Eles são lindos! Tudo de bom! - ela sorriu. - Já tinha visto o de branco, Alan, certo?

— Isso, o de branco. Está informada, hein?! — Sorri.

— Ouvi as meninas falando deles, dessa turminha - continuei olhando para os rapazes -, mas não os tinha visto. Naquele dia em que fui à biblioteca vi esse Alan passando de longe. Ele não me viu, mas percebi o quanto ele é lindo.

— Concordo, Sarah, são lindos.

Eles sorriram e Alan olhou em nossa direção, parando de rir. Ficamos atrapalhadas.

— Ele está nos olhando, amiga! - falou Sarah, surpresa.

Paramos de olhar, porém, a curiosidade foi maior. Olhei

novamente, os dois estavam conversando algo nos focando.

- Sarah, eles estão olhando para cá! - sussurrei com vergonha, desviando o olhar outra vez.

- Não quero olhar, Helen - ela sorriu jogando o cabelo para o lado. - E aí? Eles estão olhando ainda?!

- Não sei, disfarça e olha você agora - sorrimos, disfarçando.

- Ai, meu Deus! Estão, sim! Por que estão olhando?

- Não faço ideia. Mas vamos que está na hora.

Quando saí do refeitório, olhei rápido e eles continuaram nos encarando. Fiquei totalmente sem jeito.

Do lado de fora, Sarah falava empolgada sobre eles. Estávamos curiosas para saber se eles estavam ou não falando sobre nós duas.

Em casa, recusei o jantar, apenas comi um lanche rápido. Subi a escada, fui direto para o meu computador, curiosa por outro fato.

Joguei o nome de Andrew Gamberini em um site de busca, logo de cara apareceu o acidente numa matéria antiga de jornal. Li todo o artigo, os detalhes do acidente, não achei nenhuma foto dele. Li outro artigo, em uma revista de circulação nacional, em que se falava sobre o projeto e o talento de Andrew

Onde mais poderia procurar? Pensei, segurando os lábios com as pontas dos dedos. Lembrei-me da minha página de relacionamento. Fiz o login. Seu nome e sobrenome não estavam lá, achei outros distintos, porém sabia não ser ele.

Entrei na página de Karen, encontrei os amigos de Andrew. Não hesitei em entrar na página deles, certamente saberiam da visita.

Na página de Alan, não achei nada, nenhuma foto. Estava ficando frustrada, quando, enfim, na página de Richard, encontrei uma foto com o seguinte dizer: “A amizade se constrói com a união de uma força em comum”. Havia quatro rapazes na foto. Ao fitar o rapaz da ponta, tive certeza que era ele. A foto estava distante, a fisionomia, meio longe. Passei para outra foto, com Richard, Alan e outro rapaz, só podia ser ele. A foto também estava distante. Embaixo, encontrei escrito: “As maiores conquistas que construí foram ao lado de vocês, irmãos”. Era ele, só podia ser! Avancei para a próxima foto e lá estava ele: Andrew com Richard e, embaixo, escrito: “Você ensinou o que é ser amigo. Mais que amigos, irmãos”.

Não pude, por um momento sequer, desviar o olhar da imagem de Andrew. Não sei quanto tempo fiquei olhando aquela foto. Quando percebi, involuntariamente, minha mão se estendeu para a tela do computador, toquei seu rosto com o indicador. Fiquei impressionada, então percebi a boca aberta. Meus sentimentos me confundiram, deixando apenas a certeza de que aquele homem era o mais admirável visto por meus olhos.

Fiquei por um longo tempo observando ou, talvez, gravando seu rosto. Estava gravado. Minha imaginação se perdeu ao delinear aquele rosto perfeito. Sentia algo muito confuso acontecendo dentro de mim, desconhecia o motivo, todavia, ele passou a existir.

Naquela noite, tentava me concentrar na leitura dos artigos outra vez, mas era atrapalhada constantemente pelo devaneio dos pensamentos, lembrava das palavras de Karen, do acidente. Como ele estaria?

O seu rosto vinha constantemente à memória. Não precisava forçar a imaginação, não precisava de tentativas para imaginá-lo, os pensamentos tinham feição, cor, detalhes. Karen o descreveu muito bem. Seu rosto, perfeito, seus contornos, marcantes, simplesmente lindo, lindo demais.

Tentava juntar meus pensamentos espalhados para dar continuidade à história. Naquele momento, precisaria ligar o começo ao meio e ao incerto fim. Reli o último capítulo de Andrew. Comecei a escrever, diversas vezes apagava o que começava. Em vários momentos fiquei com os olhos fixos no cursor piscando, com os pensamentos nas fotos. O rosto dele não saía da cabeça. Até que consegui escrever meu primeiro capítulo.

## Parte X - A Dor

Lia foi levada por Nabul até seu castelo, distante de seu antigo lar.

O chefe da guarda de Yáh foi aos aposentos reais e acordou o rei. Ao levantar-se, notou que Lia não dormia ao seu lado e inquietou-se.

Yáh perturbou-se quando soube da fuga de Lia pelo chefe da guarda.

— Os vigias da noite avisaram-me, corri para dar a notícia. A rainha o deixou, meu rei. Grande cavalaria estava ao seu redor conduzida pelo príncipe Nabul. A rainha Lia ordenou que se abrissem os portões, indo ao encontro de Nabul.

O rei Yáh ordenou que seus soldados fossem atrás dela, todavia, foi em vão. Eles fugiram por outro caminho. Yáh passou a noite caminhando pelo palácio, pensando no que poderia de fato ter acontecido.

Yáh perturbou-se, irou-se com a carta que recebera de Nabul pela manhã, dizendo que Lia seria sua rainha, não por imposição, mas simplesmente por livre escolha dela.

O conselheiro do rei se aproximou.

- Meu rei Yáh, vejo o quanto estás perturbado por esta lamentável notícia. A rainha fez uma escolha. Não fique perturbado. Certamente a rainha não merecia o seu afeto.

— Não posso deixá-la partir! Preciso convencer-me ouvindo de seus lábios que não sou digno do seu amor!

— Acalme-se, não há nada mais a fazer. Lembre-se das nossas leis, a rainha o traiu, diante de tamanha infração, a rainha deveria ser morta.

— Sou o rei, eu faço as leis!

- Essa é uma lei irrevogável, senhor, imposta pela comissão formada pelos cinco principais reis das províncias próximas, como bem sabe, Yáh. Não pode mudá-la a menos que convença os cinco reis unanimemente.

No castelo de Nabul, ele mostrou quem verdadeiramente era. Espancou e maltratou Lia, arrancou-lhe as joias e anunciou tudo que guardara por tanto tempo.

- Como caíste em minhas palavras, rainha?! A mais bela entre as mulheres e de todas as rainhas, a enamorada por seu rei é também a mais estúpida! Quem tu és agora? Não passas de uma miserável escrava, uma desprezível plebeia! Pensaste no teu interior, que o grande príncipe Nabul, escolheria alguém como tu? Uma escrava?! Es bela, entretanto, jamais deixarás de ser escrava!

Lia, humilhada, maltratada, suja e espancada, foi jogada no calabouço sem luz. A ex-rainha lamentou-se, arrependeu-se profundamente por tamanho erro que cometera. Yáh, antes do término da manhã, mandou convocar os cinco reis, que chegaram ao cair da tarde.

Reuniram-se, e o jovem rei contou-lhes o ocorrido com Lia e Nabul. Um experiente rei tomou a palavra.

- Jovem moço, observei todo o seu empenho em salvar aquela simples plebeia. Admirei seus esforços. Diante de tamanho erro, não posso permitir que lute para trazê-la de volta. As nossas leis são explícitas: traição a qualquer costume do reino é considerado erro passível de morte. Diante da violação dessa aliança, não podemos ignorar tal fato. Lia deve ser morta.

— Não posso permitir a morte dela!

— Tens uma escolha, jovem rei. Se de fato te importas com a vida dela, podes escolher deixá-la viva com Nabul ou oferecer uma vida de igual valor no lugar. O rei não possui filho a ser sacrificado no lugar da rainha Lia; de igual valor, só tem sua própria vida.

— Buscarei Lia e trocarei minha vida pela dela.

— Por que darias tua vida a alguém que desprezou o teu coração? Ela não merece tal proeza. Permita-me aconselhar esse jovem coração. Deixe-a, Lia fez uma escolha, poderás ter a mais bela das donzelas, ter o amor de qualquer uma que queiras. Contudo, se insistires em trazê-la de volta, escolherás por tua vida ou pela vida da rainha.

Yáh enfraqueceu-se, foi definhando de amor. Seu interior estava perturbado e aflito. Em seu castelo, Nabul gloriava-se de ter derrotado Yáh, seu plano cruel triunfara. Nabul mandou anunciar a todos os reinos os seus feitos bem-sucedidos.

Lia continuava a ser maltratada, presa, jogada no calabouço, passava fome, estava ferida, suja e desprezada, muito pior que seu estado antes de encontrar Yáh.

Yáh não levava comida à boca, trancou-se em seus aposentos e dia após dia lamentava a partida da rainha. Seus conselheiros tentavam reanimá-lo. Seu interior fora corrompido pelo ódio e pela vingança contra Nabul. Ele estava debilitado e angustiado, não existia nele alento para lutar contra o reino de Nabul.

Helen Castilho

Pela manhã, fui direto à sala de jornalismo. Karen comemorou o primeiro capítulo que eu escrevera, comentou que estava perfeito.

No outro dia, Evelyn me tirou da aula, mostrando-me o cartaz original que seria espalhado pela faculdade.

Estava ansiosa pelo lançamento. Ao ver os cartazes espalhados pelo campus, no fim da aula, fiquei nervosa. Havia um príncipe montado em um cavalo branco, estendendo a mão para uma plebeia suja, com o seguinte texto: “O príncipe e a plebeia — o retorno. Não perca na revista Tempus da próxima semana a continuação dessa incrível história de tirar o fôlego. Procure na nossa redação”.

Comecei a ouvir os comentários. Os novos não sabiam do que se tratava, enquanto os antigos começaram a espalhar a volta de Andrew. Muitos foram à redação do campus saber notícias dele. As meninas disseram que colocariam uma nota de esclarecimento no topo do artigo.

A revista seria lançada depois do fim de semana.

Sexta à noite, tudo pronto para ida à praia de Jurerê Internacional. Meu pai passou no campus de carro para pegarmos Evelyn e Sarah.

Ele nos levou à casa de Karen, que nos esperava do lado de fora, em seu belo Golf amarelo. Colocamos as bolsas no porta-mala. Só não me agradou nada a ideia de que Peter iria conosco.

Entrando pelas ruas de Jurerê Internacional, fui me lembrando de minha infância, adolescência e da saudade que meus avós haviam deixado.

— Quanto tempo não vem aqui, Helen? — perguntou Karen.

— Uns três anos, desde que meus avós morreram.

— Morreram de quê? — Karen me olhou pelo retrovisor.

— Eram velhinhos, minha avó morreu de pneumonia e, um ano depois, meu avô também morreu. Ah! — Suspirei fundo. - Este lugar me lembra demais os dois!

— Será que meus tios os conheceram?

— Quem sabe.

Quando paramos, tivemos de elogiar a mansão. Um luxo. Karen nos apresentou os tios, que nos receberam calorosamente.

A tia de Karen, Clara, mandou preparar a mesa de jantar, tive de ficar com Peter ao meu lado, me cantando o tempo todo. Combinei com Sarah e Evelyn: nas próximas refeições, ficaria no meio.

Pela manhã, fomos todos à praia. Peter e os amigos ficaram dormindo. Esperava não ser encontrada por ele.

A praia, sempre magnífica. Lembrei-me das inúmeras vezes em que estive ali com meus avós, com meus primos por parte de mãe, que eu não via desde a adolescência. Estava sendo nostálgico.

Almoçamos próximo à praia. O dia estava perfeito.

Conversamos sobre tudo, tiramos fotos, tive de aturar Peter por horas.

Voltamos para casa ao cair do sol.

Sábado à noite, havia dezenas de programas a serem feitos. Escolhemos ir em um luau com comidas típicas.

Discretamente pedi a Karen para conhecer a casa de Andrew. Deixamos as meninas em frente à residência de seus tios.

— Onde vocês vão? — perguntou Sarah.

— Já voltamos, vou mostrar a Helen uma coisa — respondeu Karen.

— O quê? Não podemos ir?! — retrucou Anna, chateada.

— Vocês são muito curiosas.

Passamos pelas ruas e, na quarta esquina, lembrei dos meus avós.

— Não é a rua dele - disse Karen.

— Quero ver a casa dos meus avós. Ali na frente.

Fiquei emocionada, concluindo que estava da mesma

forma, só haviam mudado a cor.

— Sente saudades?

— Muitas saudades, nem imagina o quanto.

— Venderam a casa?

— Mamãe com meu tio acharam melhor.

— Andrew não mora tão longe daqui.

— Sério?!

— Você vai ver.

Ela manobrou o carro e voltamos. Ela foi parando na avenida Búzios.

— Andrew mora ali na frente.

Ficamos distante, observando. Uma linda mansão de dois andares, toda branca e cáqui. Na frente, pequenas árvores, próximo à calçada estava repleto de plantas, com aproximadamente um metro de altura. Olhei a casa, parecia não ter moradores.

-Tão perto dos meus avós!

— Será que você já o viu?!

— Provavelmente não.

Desci do carro, me aproximei. Karen ficou na porta do carro. Atravessei a rua caminhando lentamente até o outro lado, meu coração se agitou. Parei na calçada, observei a grama aparada.

— Tem certeza que mora alguém aqui?

— Por quê?

- Não parece que mora alguém.

- Depois do acidente, você passa e não vê ninguém.

Continuei olhando. A luz de algum cômodo estava acesa, não vi nenhum movimento dentro dela. Cheguei perto da entrada, havia o interfone e a caixa de correio.

'Toque o interfone, Helen! Diz que você quer falar com ele!' Pensei, revirando os olhos. “Adoraria ter essa coragem agora.”

Imaginar que o rapaz intruso em meus pensamentos morava ali me fez suspirar fundo na tentativa de acalmar os batimentos do coração.

Voltei para o carro, fiquei impressionada com a proximidade da casa de Andrew com a casa dos meus avós.

À noite saímos para o luau.

Dancei com as meninas e rimos das performances de Evelyn. A noite estaria perfeita se Peter não tivesse aparecido com os amigos.

Ele aproveitou para tentar me convencer de que deveria beijá-lo. Sarah e Evelyn também conseguiram se livrar dos amigos dele.

Peter resolveu ir para outra festa com os amigos, para nossa alegria.

Pela manhã, passamos o dia na praia, voltamos no início da tarde, afinal, na segunda-feira tudo começaria novamente.

Mesmo cansada, porém impactada com as emoções, senti-me inspirada para escrever.

Parte XI — A Saudade

Preso no calabouço do castelo de Nabul, a rainha Lia recordou sua vida. Sozinha e abandonada naquela fria prisão, murmurava a canção que Yáh cantou no jardim. Suas lágrimas misturavam-se aos sussurros de arrependimento.

- Meu belo Yáh, se pudesses saber onde estou! Como me arrependo. À noite, observo pela única fenda a

luz do luar, posso ouvir sua voz! Ah, tão agradável a sua voz! Preciosos seus unguentos! Eras o meu amado, fui tola ao perder aquele que amava.

Nabul apareceu no calabouço e zombou.

- Ainda choras por teu rei? Apenas vim avisar-te que Yáh a despreza. O asco por ti apoderou-se dele! As mais belas donzelas o têm cortejado, em breve ele anunciará outra rainha em teu lugar!

- Não falas a verdade! Tudo em ti são apenas mentiras! Yáh prometeu-me amor eterno, nunca me deixaria!

Nabul soltou uma sagaz risada diante de Lia.

- Não sejas tola! Prometeste a mesma aliança! Mas quebraste-a, Yáh garantiu o direito de desprezá-la por tal violação.

- Mentira! Yáh virá me resgatar e te matará! Tua inveja irá matar-te! Jamais chegarás à metade da glória de Yáh!

Nabul enfureceu-se e bateu no rosto dela com ferocidade. Seu rosto sangrou.

- Irás morrer no calabouço! Não percebeste onde estás?! Tola! És tão desprezada que ele não enviou nenhum dos seus cavaleiros para salvar-te e muito menos decidiu sair de seu trono para vir ao teu encontro!

—Yáh não me abandonou, ele virá! Sei que virá!

- Se houvesse em ti alguma instrução, saberias que Yáh jamais poderá vir resgatar-te, se o fizesse, teria de morrer no teu lugar! Ou não sabias que se quebrar qualquer aliança de um reino é levada à morte?! Salvo

se o rei der a vida no lugar ou oferecer algo de igual valor, ou seja, um filho! Estúpida e ignorante escrava! Aqui será teu fim! Yáh esqueceu-se de ti!

Nabul trancou-a, enfurecido. Ele planejava em segredo atacar com os soldados o castelo de Yáh. Quando a pai de Nabul soube que o filho mantinha a rainha Lia presa no calabouço, mandou soltá-la. Nabul, controlado por seu espírito maldoso, recusou-se a ouvir o rei e secretamente matou o próprio pai. Nabul convocou seus soldados e começou a treiná-los para a guerra.

O rei Yáh perdeu a alegria, seu semblante ficou abatido e abalado. A ausência daquela por quem seu ser amava deixou o rei sem ânimo.

Yáh, no entanto, mantinha dentro de si uma breve esperança de novamente ter nos braços a rainha Lia.

Helen Castilho

\_\_\_\_\_Parte XII - Revelações\_\_\_\_\_

Com a morte do pai, Nabul tornou-se rei.

Numa tarde, um mensageiro chegou às portas do castelo de Yáh. Os vigias dos muros mandaram avisar o rei.

Yáh encontrava-se sentado na parte alta do palácio, observando seu reino. O chefe da guarda prostrou-se diante dele.

— Meu rei e senhor, tenho notícias a serem entregues. Um mensageiro do castelo de Nabul encontra-se ferido nas portas do palácio e deseja entregar-lhe uma mensagem.

Yáh sentiu-se estremecer.

O rei caminhou até o pórtico do palácio e os seus soldados trouxeram o mensageiro ferido e sujo.

— Se encontrar alguma mercê diante de Vossa Majestade, peço-lhe que me poupe a vida, meu senhor.

— Diga de onde vieste e quais novas me trazes.

- Há três dias tenho caminhado árduo caminho para trazer ao rei Yáh uma mensagem da parte do rei, pai de Nabul.

Ao ouvir o nome de Nabul, o rei sentiu todo seu interior revolver-se de ira.

- Fui chamado em uma noite pelo rei para entregar-lhe uma mensagem, Nabul descobriu que o pai conspirava contra ele, naquela mesma noite o rei foi morto. Nabul tornou-se rei da província. Fiel era ao rei, em atitude de honra fugi no silêncio da noite e estou aqui diante de Vossa Majestade para dizer-lhe que Nabul mantém a rainha Lia presa no calabouço. O rei tentou convencê-lo a soltá-la, mas seu ser está dominado pelo ódio e pela inveja. Nabul não soube que fugi para entregá-lhe a mensagem.

Yáh ficou paralisado pelo rancor e compadeceu-se profundamente por Lia.

- Lia foi enganada por Nabul, ele apenas quis vingar-se da tamanha glória do rei Yáh. Ela nunca chegou a ser rainha, como anunciou-se pelas províncias. Várias ocasiões fui designado a levar-lhe alimento, ela encontra-se ferida, humilhada e maltratada. Apenas recebe um alimento por dia. Certamente a vossa Lia morrerá naquele lugar.

- Mandem que deem a esse servo alimento e o deixem viver. Seu ato de coragem será lembrado diante de mim.

O mensageiro prostrou-se diante do rei e beijou-lhe os pés.

Yáh ficou inquieto, andando de um lado para o outro, totalmente comovido e perplexo por causa de Lia.

O chefe da guarda e o conselheiro de Yáh se aproximaram. O rei anunciou:

- Preparem os cavalos e criemos estratégias de ataque! Separem os melhores flecheiros e escudeiros!

- Meu senhor, ouviste bem o que disseram os reis das províncias próximas? Se trouxeres Lia de volta, o rei Yáh terá de escolher entre a vossa vida ou a vida da rainha.

— Nada importa, trarei a rainha de volta.

— Não temes ser considerado um rei fraco?

— O que são as opiniões alheias diante do que há em mim? Para muitos pode ser fraqueza; todavia, considero compaixão e amor.

O chefe da guarda saiu a reunir os melhores homens para irem à batalha contra o reino de Nabul.

Helen Castilho

O lançamento da continuação foi normal, sem correria. Muitos alunos antigos procuraram a revista, poucos dos novos alunos apareceram. Karen e as meninas, porém, comemoravam, haviam batido a meta de duas semanas de distribuição.

Na segunda semana, poderia ser alvo de alguns olhares. Saberria que era por causa da história.

Na tarde de domingo, estava com Sarah estudando para as provas.

- Ah, amiga, não consigo me concentrar! — resmungou Sarah, jogando o caderno de lado.

— O que aconteceu, amiga?!

- Alex não quer nada comigo! O pior é que estou apaixonada!

— Calma, Sarinha, talvez não seja ele. Deus sempre guarda o melhor para o final!

- Sinceramente, como acha que Deus traria algo maravilhoso para mim se estou tão longe d'Ele?!

- Amiga, o amor de Deus é incondicional, não é baseado em nossos atos. Ele ama e ponto. Deseja sempre o melhor pra todos.

- O que poderia ser melhor que Alex?! Ele é lindo, engraçado, carinhoso, inteligente, adoro quando estamos juntos! Tem que ser ele!

- Nem sempre o que vemos é de fato o melhor.

- Puxa! — ela reclamou. — Queria tanto uma chance com ele.

- Muda essa carinha, hein? O que vai fazer hoje?!

- Nada. Evelyn vai àquela festa, Alex não vai, então ir pra quê?!

—Vamos à igreja hoje?

- Não estou a fim.

- Prefere ficar dentro de casa vendo televisão?! Fala sério, amiga! Vamos?!

Ela pensou por um instante, suspirou fundo e bufou.

-Vamos, afinal não tenho nada pra esta noite.

Era visível a felicidade dos meus pais ao verem Sarah indo à igreja conosco.

Sarah ficou o tempo todo observando as músicas alegres e animadas, o solo que Clarice fez num momento especial. Foi o único momento em que ela sussurrou, elogiando a voz de Clarice.

A pregação foi sobre a pecadora que lavou os pés de Jesus. O quanto o coração dele se encantou com aquela atitude de uma mulher pecadora. Reparei que Sarah estava chorando e, quando o pastor perguntou se alguém queria aceitar aquele amor, ela segurou meu braço. Suas lágrimas escorriam pelo rosto, comecei a chorar também.

—Você quer ir lá na frente? Vou com você.

Ela assentiu com a cabeça. Enquanto caminhávamos para a frente, o coral começou a cantar o coro de uma música que eu particularmente amava.

Sarah chorava feito criança que enfim encontrou os braços de um pai. Eu a abracei forte.

No caminho de volta, ela permaneceu em silêncio. Fomos cantando algumas músicas.

Levei Sarah ao campus. No caminho, ela falou o que sentiu. Fiquei emocionada com seu relato carregado de ingenuidade e ternura.

No dia seguinte, todos notaram a diferença em Sarah. Ela falava empolgada, contava para todos seus sentimentos. Feliz, eu a ajudava, concordando. Todos ouviram, sem fazer comentários.

Na UFSC me tornei motivo de olhares e murmúrios. Não imaginava que aquela história era tão famosa; sem buscar, acabei ficando em evidência.

Os dias foram se passando. Havia sobrevivido às críticas da primeira e da segunda semana. Meus pais estavam adorando ler as histórias de Andrew, minha mãe já lia a minha parte, me dando dicas de valor.

E Andrew?! Qual era sua opinião? Parecia um elo em meus pensamentos. Pensava nele em vários momentos do dia.

Quando encontrava Karen, sempre perguntava sobre ele nas oportunidades a sós, algum detalhe, algo que me levasse a conhecê-lo melhor. Quanto mais ouvia falar dele, seu rosto vinha à memória. Como seria o seu sorriso pessoalmente?! Será que cintilava a explosão de sentimentos que corriam dentro de mim?!

Não podia aguentar o ataque de novas emoções! Não podia afirmar, mas deveria existir um interesse além dos artigos, estava cativada pelos detalhes que envolviam o autor. Não conseguia fazer nada no meu dia sem recordar os detalhes que o tornavam tão intruso dentro de mim.

Devia estar louca por pensar aquilo, não podia mais negar para mim mesma, deveria assumir, eu estava apaixonada por ele. Louca! Repetia sempre. Me apaixonar por alguém que nem conhecia! Seu nome despertava atenção, sua história mexia com a minha alma e seu rosto estava pulsando no ritmo acelerado do meu coração.

Desejava vê-lo, conversar com ele, ansiava imensamente conhecê-lo. Continuar a escrever aquela história, quem sabe conversando, ouvindo seu criador! Apaixonada?! Usei essa palavra outras vezes, porém, algo mudou: se insanamente a usei, o momento não foi ideal. Não sabia quais eram os sentimentos dela!

Abria meu arquivo de fotos todos os dias à noite para ver as três fotos de Andrew. Talvez houvesse algum detalhe despercebido, ou, quem sabe, era a prova real de que não estava louca, afinal ele existia, morava tão perto, poucos quilômetros nos separavam. O que ele estaria fazendo?! Por que nunca nos esbarramos por aí?! Ou nas inúmeras férias que passei na praia com meus avós? Por que simplesmente não o encontrei andando por lá?! Pelos caminhos da vida?! Não tinha nada além de seu rosto decorado, suas lindas histórias e suas fotos... Era tão pouco! Porém era tudo para mim. O suficiente para me deixar totalmente apaixonada.

## 6 - Outono de Sonhos

Tirei aquela tarde de outono para caminhar na praça próxima à minha casa. O vento um pouco frio e o sol que surgia por entre as árvores secas não possuía calor suficiente para me aquecer. Andava lentamente pelas ruas, sentindo o frio bater no rosto. Talvez fosse a descrição do que sentia. Devia colocar tudo no lugar.

Sentia meu coração se aquecer quando pensava em Andrew, quando imaginava seu rosto ou pensava numa maneira de encontrá-lo. A história que ele escrevera me fascinava, sua vida me dominou.

Imaginava sua voz, o som da sua risada, seu jeito reservado, como Karen descrevera. Seus olhos, qual seria a verdadeira cor? As fotos não revelavam. Da mesma forma que sentia meu coração se aquecer e bater diferente, no instante seguinte, sentia frio, um vazio de algo irreal. Ele não escrevia e não estava mais na UFSC. Para minha melancolia insana, não o conhecia. Argh! Como aquilo me incomodava! Me deixava sem argumentos, para os meus sentimentos infundados. Queria me convencer de que não era possível ou real, apenas um sórdido pensamento, contudo, ele sempre era vencido pela convicção voluntária do meu ser por estar perdidamente apaixonada por Andrew.

Sarah notou diferença na minha maneira de ser. No começo neguei, até que não pude sustentar.

Naquele fim de tarde estávamos no quarto dela fazendo um dos nossos trabalhos da faculdade.

- E então, Helen, vai me contar o que está acontecendo ou não?

- Ah, Sarah, realmente não posso esconder de você, é tão grande, nem está cabendo dentro de mim.

- Me conta! - Sarah largou os cadernos, sentando-se do meu lado, supercuriosa.

Adquiri coragem para declarar.

- Estou apaixonada, amiga.

- O quê?!

- É, estou apaixonada.

- Mas por quem?! Quando aconteceu?!

- Promete que não vai rir de mim, nem vai dizer que estou doida?!

- Fala logo!

- Promete primeiro?

- Prometo, fala!

Evelyn entrou no quarto cantarolando.

- Oi, meninas! — ela jogou os cadernos em cima da cama.

- Oi, Evelyn — falei, sentindo repentino alívio. “Salva pelo gongo.”

- O que estão fazendo?!

- Estudando - respondeu Sarah, frustrada. - Na verdade, íamos falar de um assunto pessoal.

- Desculpe, já estou saindo, estou atrapalhando, não é?!

- Não! Pode ficar, afinal é amiga também — destaquei.

Não podia esconder de Evelyn, elas precisavam saber.

- Tem certeza?

- Claro, sente aqui - mudei-me para a cama de Evelyn, ficando de frente para elas. — Estava dizendo para Sarah que... eu estou apaixonada.

- O quê?! — Evelyn deu um pulo de alegria na cama. — Por quem?!

- Fiz Sarah prometer que não iria rir de mim nem me chamar de doida. Promete também, Evelyn?!

- Diz logo! Prometo o que quiser!

- Estou com vergonha - escondi o rosto nas mãos.

- Deixa adivinhar! — sugeri Evelyn.

- Seria ótimo se não precisasse falar, mas vocês não acertariam.

- Deixa ela falar, Evelyn! - Sarah a repreendeu.

-Ah, meninas... — falava pausadamente, escolhendo as palavras. - Depois de ouvir tanto, ler, acabei me apaixonando...

- Fala logo! Quer nos matar de curiosidade?! — Evelyn falou com voz aguda.

- Quis evitar, porém não evitei muito, estou apaixonada por alguém que não conheço, bem, conheço, mas não pessoalmente.

- Hã?! Está se comunicando com alguém pela internet?! — perguntou Sarah.

- Não, amiga, me apaixonei pelo Andrew, Andrew Gamberini.

- O cara das histórias da revista?! - ela ficou boquiaberta.

- Sim, ele mesmo, meninas.

— Mas você nem o conhece — observou Sarah gentilmente.

— Ouvi falar tanto dele, as histórias, esses dias... vi a foto dele pela internet - mordeu o lábio.

— Nossa, estou perplexa! Andrew? - Evelyn ficou boquiaberta.

— Sei que parece loucura, mas não. Penso nele todos os dias e não vejo a hora de conhecê-lo pessoalmente.

— O amor não escolhe quem — Evelyn cerrou os lábios.

— Ok, amiga, se é o que seu coração deseja, conte comigo, vou estar ao seu lado para o que vier - Sarah me abraçou.

— Comigo também. Mas podíamos fazer algo em relação a isso! - Evelyn pulou da cama e pegou o notebook que estava ligado.

— Não comece com suas ideias, Evelyn! - repreendi-a.

— Calma, só quero mostrar para Sarah quem está roubando o sono da nossa amiga.

— Ele não tem página.

— Sei, mas os amigos dele sim.

— Você os conhece, Evelyn, sabe de quem estou falando?

— Richard e Alan?! Ou Andrew?!

— Conhece?!

— Claro! Eles dois são uns gatos! O lindo do Richard conheço, sim, o outro, Alan, apenas de vista. E Andrew? - Ela suspirou, colocando a mão no peito e olhando para cima. — O lindo Andrew, tive o prazer de conhecer, sim.

— Você conheceu Andrew?! - a surpresa se estampava em meu rosto.

— Sim. No primeiro período de jornalismo o conheci.

— Poderia imaginar — segurei os lábios.

— Me mostra, Evelyn, quem é! — Sarah ficou apressando-a.

Sentamos do lado de Evelyn, ela começou a abrir as

pastas de fotos de Richard.

— Essa pasta — aponte para a tela. — Me fale sobre ele, Evelyn!

— Era um dos carinhas mais cobiçados daqui, um gato. Lindo! E... - ela fez cara de desdém ao olhar a foto. - Essa foto não mostra nem a metade de sua beleza!

Sarah pegou o notebook da mão dela.

— Ele é muito lindo, Helen!

— Concordo, Sarah. — Novamente fiquei olhando, encantada. — Conte mais, amiga, conte tudo que sabe dele!

— Quando entrei aqui, no primeiro período, poucos dias depois, já comecei ouvir sobre uns carinhas que não saíam da boca das meninas. O nome de Andrew estava no meio. Quando o vi, concordei com tudo o que as meninas diziam, era lindo, seus amigos também! Então tentei participar do projeto da revista, mas eles só aceitavam os veteranos — ela torceu os lábios. — Li os capítulos da história dele, afinal, as meninas que andavam comigo só falavam nisso. A história dele, maravilhosa, e ele também — ela sorriu.

-Você o conheceu?! — perguntei, empurrando seu braço.

— Fiquei muito interessada em Richard um tempo, então tentei me aproximar. Na época, Andrew estava selecionando pessoas para participar da peça de fim de ano, seria a história do príncipe e a plebeia. Selecionava pessoas que sabiam cantar, tocar ou interpretar. Daí fui lá. Fiquei pertinho dele, tão lindo! A educação em pessoa.

— E depois?!

— Nos falávamos pouco, acabei conhecendo Richard, ah, como é lindo. Porém, não consegui nada, acabei me afastando deles. Depois acabou acontecendo o acidente e nunca mais o vi.

— Quero tanto conhecê-lo meninas! Estou melhor por ter contado.

— Podia ter nos contado quando começou — reclamou Evelyn.

— O bom é que contou — Sarah sorriu.

— Mudando a prosa, vamos terminar esse trabalho logo

— fiz cara de tédio.

No intervalo do outro dia, estava com Sarah, caminhando para uma das lanchonetes do campus, fui

surpreendida por Alan e Richard, vindo em nossa direção.

— Sarah, eles estão vindo pra cá! — sussurrei, nervosa.

— Percebi — ela sorriu, arregalando os olhos.

O nervosismo quase me dominou, que procurei ao máximo disfarçar.

— Podemos falar com você? - falou Richard, sorrindo. Fiquei parada, observando-os. Conseguiram ser ainda mais bonitos de perto!

— Claro, sobre o quê? — morde o lábio de nervosismo. — Você é Helen, a escritora da história da revista?

Estava frita, iam acabar comigo ali! Tentei disfarçar a tensão.

— Sou, sim.

— Suas histórias são ótimas — continuou ele.

— Sério?!

— Nos desculpe, não nos apresentamos, sou Richard, este é Alan.

Nos cumprimentamos com beijos no rosto. Não pude deixar de notar o quanto o perfume era bom.

— Sou Helen, esta é minha amiga Sarah — eles a cumprimentaram com beijos no rosto também.

— Deve saber que somos amigos de Andrew, certo? — perguntou Richard. - O criador da história à qual está dando continuidade.

— Claro, sei sim. “Não seja tão evidente, Helen” — pensei.

— Queríamos que soubesse que gostamos da continuação, tem ficado bem legal — ressaltou Alan com belo sorriso.

— E... Aliás, queríamos dizer que Andrew tem lido suas histórias. — Richard torceu levemente os lábios, numa expressão como esperasse uma reação de espanto.

— O quê?! - Quase perdi o fôlego quando ouvi. Sarah sorriu. Alan devolveu o sorriso, olhando-a.

— Ele tem lido. - Richard fazia uma expressão como se estivesse aprontando algo, gostando daquela situação.

— O, o quê, o que ele achou?! — meu coração ficou desenfreado.

— A verdade?! - falou Alan, sorrindo.

— Claro!

— Andrew não fez muitos comentários. Quem sabe algum dia você possa perguntar pessoalmente a ele — sua expressão mudou para uma concordância com a expressão de Richard.

— Eu?! Não sei se estou preparada, mas, e, e... não sei, quem sabe, ia, ia ser legal. — Nem conseguia controlar as palavras, totalmente nervosa.

— O fato é que Helen adoraria sentar com Andrew e conversar com ele sobre as histórias. — Sarah falou firme e convicta.

— Sarah?! — falei entre os dentes.

— Sabemos que são amigos de Andrew, é natural que uma nova escritora possa sentar e conversar com o antigo escritor para trocarem ideias, sei lá, conversarem sobre algo em comum. Você sabem. Além do mais, ela está dando continuidade à história dele.

Minha vontade era de enforcar Sarah; todavia, ela estava segura demais..

— Ah, sim, com certeza — concordou Richard, sorrindo.

— Podemos tentar algo, Helen, porém não garantimos nada. — Alan sorriu para Sarah. — Se for sua vontade mesmo... - ele voltou a me olhar.

— É, é verdade, que, que, quero conhecê-lo. Soube do acontecido. Gostaria de ser recebida por ele.

“Quero com todas as minhas forças! Me levem a ele!”

— Vamos tentar alguma coisa. Parabéns pela história — disse Richard. - Precisamos ir, até mais, meninas.

Quando eles se viraram, fui tomada por uma coragem súbita.

— Richard!

— Sim — eles dois se viraram, Richard me fitou nos olhos.

— Você não responderam. O que Andrew achou das histórias?

— Guarde a pergunta para fazer pessoalmente - ele sorriu, olhou para Alan e virou-se.

Quando eles se afastaram, descarreguei minha indignação em Sarah.

—Você ficou doida?!

- Só porque falei que quer conhecê-lo?

-Você quer que eu tenha um enfarto?!

-Tem nada. Está aí vivinha - ela sorriu.

—Você e Evelyn armaram isso?! — apertei o passo e parei na frente dela.

- Eu, não!

- Evelyn! Só pode!

-Você já pensou na possibilidade de ninguém ter falado nada e eles terem vindo por eles mesmos?!

- Foi Evelyn! Sem outra explicação!

- Será? A realidade é que eles são lindos demais. — Sarah colocou a mão no peito, suspirando. - Não acha?!

- São lindos mesmo. Puxa!

-Alan é um gato! — ela se abanou com a mão.

- Sarah, você notou o perfume deles?

- Claro que sim! Como cheiram bem, perfume maravilhoso! Disso você entende bem, não é, amiga?! — Sorrimos juntas. — Mas, fora isso, reparou no sorriso deles?!

- Claro, amiga, são lindos. Só fiquei pensando em Andrew, meu Deus! Como quero conhecê-lo!

—Vai conhecê-lo, tenho certeza. Depois desse inusitado encontro, então... — sorrimos de novo.

No restante do intervalo não achei Evelyn. No fim da aula, encontrei-a e, para a minha surpresa, ela não havia falado nada com os rapazes.

Dois dias depois do primeiro encontro com os amigos de Andrew, estava com Evelyn, Sarah, Diego e Alex, conversando sobre os últimos acontecimentos no intervalo da aula quando Richard se aproximou.

— Olá, pessoal — ele nos cumprimentou educadamente.

— Posso falar com você, Helen?

— Claro, agora?

A expressão de Alex mudou completamente, ele encarou os olhos de Richard, todos perceberam.

— Se possível.

Nos afastamos dos meus amigos, acabei na direção de Alex, não tirando os olhos de onde estávamos. Fiquei ansiosa e nervosa.

— E aí, como vai a famosa escritora do campus? - ele perguntou, sorrindo.

— Nem tanto — sorri, constrangida. — Estou bem, e você?

— Estou legal. Estive pensando no que você falou da última vez, sua amiga, melhor dizendo.

— Sobre o quê?

— Sobre Andrew — gelei por dentro. — Quero saber se de fato quer conhecê-lo.

Suspirei fundo para me acalmar.

— Poxa, seria muito legal, e, eu queria, sim.

— Antes, queria conversar com você sobre ele.

— O que aconteceu?! Está tudo bem com ele?!

— Sim, está bem — ele franziu o cenho, como se estivesse surpreso com a minha preocupação.

— Andrew, como sabe, sofreu um acidente e depois disso não se abriu para novas amizades.

— Karen me falou algumas coisas, sabia disso.

— Karen não sabe de muitos fatos e, na verdade, ninguém. Se você quer saber, poderíamos conversar sobre ele no fim da aula. O que acha?

— Para ser sincera, quero muito saber sobre ele, Richard, adoraria se você pudesse contar. Tenho duas horas até ir ao trabalho.

— Tudo bem, podemos marcar outro dia.

— Não! - voltei ao tom normal quando percebi seu pequeno sorriso. — Pode ser hoje.

— Desculpe perguntar, mas onde você trabalha?

— No shopping do centro. Por quê?

— Trabalho com meu pai lá perto. Poderíamos, então, conversar no fim do expediente, se quiser.

— Pode ser, sim, saio às 18h30. “Claro que desejo saber sobre Andrew, ainda mais por você, que pode me levar a ele! É claro que sim!” — pensei, entusiasmada.

— Não vai te atrapalhar?

— Claro que não, pode ser, sim.

— Ok, então, fico te esperando na praça do primeiro andar, combinado?

— Estarei lá.

Ele sorriu. Quando voltei para a roda, os olhares me fitavam.

— O que ele queria?! — Evelyn, tão indiscreta.

— Depois conto, meninas — fiz uma expressão de alegria.

— Por que não podemos saber? - Alex franziu as expressões.

— Assunto de meninas! — Evelyn bateu no ombro de Alex.

— Estão cheias de segredos. — Diego fechou o semblante.

— Esquece, gente, vamos mudar de assunto - sugeri.

Alex continuou me analisando com o olhar.

No trabalho, olhava o relógio a todo momento, esperando a bendita hora de ir ao encontro de Richard.

Fiquei animada quando finalmente o relógio avisou o término do expediente.

Fui caminhando para o encontro, muito ansiosa.

Richard foi pontual. Quando desci, encontrei-o.

— Oi, Helen, tudo bem? — Ele me cumprimentou educadamente com um beijo no rosto.

— Tudo bem. Está há muito tempo aí? - perguntei.

— Dez minutos. Você quer comer algo?

— Não, ainda não estou com fome, mas se você quiser...

— Também não. Vamos ficar aqui?

— Pode ser.

Nos sentamos, respirei fundo, controlando a ansiedade.

— Ok, Helen, o que sabe sobre Andrew?

— Sei que é um escritor fantástico e fui incumbida de terminar a história linda dele. Soube do acidente que o fez parar de escrever e que não recebeu mais os amigos da faculdade.

— Está bem informada. Mas, qual o seu interesse em saber dele?

— Impossível ler tudo aquilo e não ficar curiosa para conhecê-lo.

— Só por curiosidade?

— Não, não é só isso. Não sei explicar.

“Sei sim, estou apaixonada por seu amigo!”

— Se for só a história, teria um outro bom motivo para satisfazer sua curiosidade?

- Sei que é amigo dele, Richard, porém não me sinto à vontade para falar sobre o assunto.

- O que não quer me contar?

- Você promete que ficará somente entre nós dois?

- Promessas encobrem fatos importantes, certo?

- Com certeza, sim. Senão, não precisaria de promessa

— sorri.

- Onde quer minha promessa? - sua expressão de achar que já sabia o que diria me inquietou.

- Apenas me prometa que tudo o que conversarmos aqui ninguém saberá. Pode prometer?

- Acho razoável a promessa, também tenho segredos que poderia morrer se falasse - ele fingiu cortar a garganta, sorrindo.

- O quê?! Quem te enforcaria?!

- Estou só brincando, Helen, mas há uma verdade no que falei. Tudo bem, prometo que não conto nada a ele, ok?

- Certo!

—Você começa, sem esconder nada, fale o que quer saber e por quê.

- Não estou à vontade para falar com o amigo de Andrew. “O amigo do cara por quem estou apaixonada!”

- Por que o motivo de ser amigo dele te deixa assim?

- Porque você o vê, certo?

- Certo, mas e aí?

— Você vê constantemente o cara que ultimamente tenho desejado demais conhecer.

- Por que conhecê-lo não é apenas curiosidade?

Fiquei em silêncio, procurando as palavras, diferente de paixão, que se encaixassem naquele momento, não podia assustá-lo.

— É que, eu... Eu estou interessada no Andrew.

— Como? — A surpresa trazia um ar de felicidade em seu rosto, não compreendi.

— Me interessei por ele, por suas palavras, ouvi falar tanto dele que acabei me interessando — desviei o olhar.

— Sei, você andou visitando minha página na internet, não é?

— Sim, queria vê-lo - baixei a cabeça, constrangida.

— Sabe, Helen, ele não está com a aparência daquela foto.

— Como assim?

— Ele emagreceu bastante por causa do acidente, não possui a beleza que tinha.

— Sinceramente, não me importa. Quero conhecê-lo independentemente de como seja ou esteja.

— Pode acabar se frustrando, não em relação ao que ele é, mas pela aparência dele.

— O que aconteceu, afinal?!

— Ele não tem mais a beleza que atraía tanto as meninas.

— Não me importa, Richard, juro que não.

— Por que tanto interesse no meu amigo?

— Vai dizer que sou louca, contudo, como está sob juramento, não poderá contar a ninguém. Eu... — não sabia como dizer, porém, era uma ótima oportunidade. — Acabei me interessando tanto por Andrew que... acabei me apaixonando - mordi o lábio e desviei o olhar.

— Apaixonada?! — ele soltou uma risada de alegria e surpresa.

- Sabia que não devia contar — declarei, frustrada.

- Não, Helen, apenas desconfiava do seu interesse nele, mas não que estava apaixonada! Tem seu lado bom!

- Ai, que vergonha!

- Não te acho louca por isso! Relaxe — ele esbarrou no meu ombro.

-Você não vai contar a ninguém. Lembra do juramento!

- Que pena que não posso contar.

- Quem se interessaria? - resmunguei.

- Se não tivesse sob outro juramento, certamente te diria.

- Então nem adianta tentar forçar você falar, certo?

Ele balançou a cabeça, concordando.

- Como notou que estava interessada?

- Seu rastro — ele sorriu.

- Rastro?

- Na internet, na faculdade, nos observando sempre que podia, perguntando a Karen sobre ele, e várias vezes.

- Ela te contou alguma coisa?!

- Não, porém inocentemente disse que você estava perguntando sobre Andrew, na época que soubemos que você tinha sido escolhida para escrever a continuação da história.

- Não estava sendo discreta.

- A desconfiança virou certeza esses dias, quando Evelyn veio falar comigo.

- O que Evelyn te disse?! — fiquei corada e constrangida.

- Sei que ela anda com a sua turma. Fazia tempo que não nos falávamos e do nada ela volta a puxar assunto, pergunta sobre Andrew, o que ele estava achando das histórias, aí comecei a ter certeza.

- Estou com vergonha por tudo.

-Tudo bem, não tem por que ficar envergonhada. Fico feliz com a notícia. Não imagina o quanto — ele sorriu, satisfeito.

Suspirei fundo e soltei rápido.

— O que não sei e preciso saber? Sua vez.

-Andrew ficou muito agitado, melhor, irritado, quando

soube que alguém continuaria a história, afinal era a história favorita dele.

— Ele ficou chateado?!

— No começo, sim, depois passou.

— O que fez passar?

— Outra pergunta que você deve fazer pessoalmente.

— Ele vai me receber? — prendi a respiração num instante de inquietação.

— Ainda não conseguimos convencê-lo, vai acabar cedendo.

— Tem certeza?!

— Tenho, conheço ele, vai ceder.

Fiquei sem fôlego outra vez.

— Não sei se estou preparada.

— É bom que esteja, principalmente quando o vir. Não quero que ele seja magoado.

— Por que acha que eu faria isso?

— Sua aparência mudou, pode ter criado expectativas erradas.

— Falei que não me importo!

— Ele emagreceu, perdeu o cabelo...

— Por quê?!

— Não gostaria de ouvir dele pessoalmente?

— O que realmente está acontecendo com ele?! Me diz!

- Você foi tão sincera, Helen, porém entenda que algumas coisas não posso falar sem a permissão dele.

- O que pode contar, então?

- Ele usa cadeira de rodas.

- Cadeira de rodas?! — perguntei, perplexa.

- Por causa do acidente.

- Por que ainda usa a cadeira?!

- Deveria conversar com ele.

Meu coração batia diferente, não conseguia compreender tais fatos.

- Tem certeza que continua querendo conhecê-lo, sabendo que a aparência dele é bem diferente do que viu?

- Nada mudaria, Richard, quero muito conhecê-lo, pode dizer a ele.

- Já disse — ele sorriu.

- O que ele falou?!

- Outra pergunta que você deveria fazer a ele.

- Ah, para! Me diz!

- Só posso afirmar uma coisa, você faz bem a ele, se não fosse por isso jamais estaria aqui, sentado, conversando com você.

- Faço bem a ele? - desviei o olhar, senti uma agradável sensação.

- Fazia muito tempo que não o via como agora.

- Fico feliz, muito feliz.

- Helen, pense se quer continuar, não quero ver meu amigo sofrer e também não gostaria que você, uma garota tão legal, se machucasse.

—Volto a repetir não me importa nada, nada e nada!

- Prometa que vai pensar e repensar?

—Já pensei e repensei o suficiente, vou pensar outra vez, prometo. Garanto, não vai mudar nada.

— Gostaria de saber algo mais?

—Você certamente não responderia.

— Talvez posso responder.

- Fale sobre ele, não sobre a aparência, mas quem é Andrew.

- Será um prazer relatar quem é Andrew Gamberini — ele apoiou uma perna na outra. — Andrew é demais. Uma pessoa incrível! Vai além de um amigo, é meu irmão, meu melhor amigo, na verdade, tenho dois melhores amigos, ele e Alan. Andrew é um cara muito especial, inteligente, vale muito a pena ser amigo dele. Sempre esteve presente nos melhores e piores momentos da minha vida, é uma pessoa extraordinária! Daria minha vida por ele, sem dúvidas. Ele é o sentido vivo daquele provérbio: amigo mais chegado que um irmão.

— Como vocês se conheceram?

- Conheço Andrew desde que éramos crianças. Tínhamos 6 anos.

— Eram novinhos!

- Estudávamos na mesma escola, só passamos a ser amigos quando começamos a jogar futebol juntos. Dali nossa amizade continuou fora da escola. Meu pai passou a fazer negócios com o pai dele. Nessa época, Andrew morava em Camboriú, minha família também. Ele morava a uns cinco quarteirões da minha casa, e isso nos permitia sempre fazermos muitas coisas juntos.

- Quando conheceram Alan?

— Um ano depois, Alan apareceu, os pais dele foram morar em Camboriú. Ele devia ter... — ele pensou por um momento. -Tinha 8, Alan tinha 7. Nós o conhecemos no futebol também, daí passou a andar conosco. Nos tornamos, então, inseparáveis. Quatro anos depois, os pais do Andrew foram morar em Jurerê Internacional, mas isso não nos impediu de ficarmos juntos. Todo fim de semana estávamos nós três juntos, raras exceções não acontecia. Antes de entrarmos no segundo grau, aos 14 anos, meus pais vieram morar aqui no centro de Florianópolis, Andrew insistiu tanto com o pai que conseguiu se matricular na mesma escola que eu.

- E Alan?

- Continuamos a amizade nos finais de semana. Acabamos o segundo grau, fui trabalhar com meu pai, aluguei um apartamento, claro, Alan foi morar comigo. Andrew e eu tínhamos o plano de ingressarmos juntos na faculdade, então resolvemos fazer um intercâmbio fora do país por um ano, porém, não pude ir devido a um problema, fiquei arrasado por ficar longe do meu amigo. Para Andrew, esse tempo foi preciso.

- Ficaram separados um ano? — perguntei, surpresa -entraram na UFSC no mesmo ano?

- Foi muito ruim ficar longe dele aquele tempo. Quando ele voltou, ingressamos na faculdade. Se ele tivesse continuado, terminaria antes de mim, já que Direito são dez períodos. No ano seguinte, Alan entrou.

- Puxa, uma amizade de infância, muito legal! Deve ser indescritível! São os únicos amigos de Andrew?

- Sim, e agora ele tem Rebecca também.

- Quem? - Minha expressão de desapontamento era visível.

— Minha namorada, Rebecca - ele sorriu e empurrou meu ombro. — Queria ver sua reação.

— Não teve graça.

— Alan nunca teve uma namorada a sério, então combinamos que só levaríamos para conhecer Andrew as meninas que fossem “namoro sério”. Como Alan não consegue ficar com ninguém a sério, apenas eu levei Rebecca.

-Andrew teve muitas namoradas? - sondei, sem jeito.

— Poucas. Desde que éramos crianças, sempre foi reservado, não era de ficar, preferia que existisse algum sentimento, sempre foi conservador. Mas uma o deixou caidão, tanto que durou uns seis meses.

— Seis meses? — Franzi o cenho.

— Ele ia gostar de ver sua cara — ele soltou uma risada.

— Não tem graça nenhuma. Por que iria gostar de me ver assim?

— Não posso falar, mas iria adorar.

— Por que terminaram?

-Andrew sempre procurou algo maior do que escrevia.

-Talvez nunca possa ser o que ele espera.

— Talvez possa.

“O que ele quer dizer com “talvez possa?”. Será?!”

— O que Andrew gosta de fazer?

— Depois do acidente, se resumiu a algumas atividades que costumava fazer. Ele toca piano, compõe, gosta muito de escrever, cantar. Faz tempo que não faz nada do que falei.

— Soube que ele tem uma linda voz.

— Ele canta, toca, escreve, perfeitamente bem, é um bom ator, porém quem o conhece sabe que é péssimo tentando mentir ou esconder o que sente.

— Richard — fitei seus olhos castanhos —, preciso conhecer o Andrew.

— Estamos tentando convencê-lo, espere só mais um pouco.

— Penso nele todos os dias, vejo as fotos dele todos os dias.

— Não veja mais, apenas guarde quem ele é. Dessa forma você não toma um choque quando o vir.

— Vou continuar vendo, sim.

— Falarei outra vez com ele hoje.

-Verá ele hoje?! - prendi a respiração.

— Moramos com ele, Helen, não sabia?

— Não sabia. É longe da faculdade, já se acostumaram?

— Ah, sim. Alan e eu fomos morar com ele depois do acidente, estava muito deprimido — Richard ficou pensativo. — Tão deprimido que algumas vezes ele... tentou tirar a própria vida.

— Co-como? - minha expressão de espanto brecou meu coração.

— Ele ficou muito deprimido, se não fosse a gente, certamente Andrew não estaria aqui hoje.

— Por quê?

— Creio que com o tempo você saberá de tudo, agora ele está melhor. Por fim, gostamos de estar perto. Hoje ele só tem Alan e eu próximos como família. Só queremos ver nosso amigo sendo o Andrew de sempre.

— Que bom que ele tem vocês.

— E agora você.

— Espero que sim.

—Você quer saber de algo mais? Está de carro, quer uma carona?

— Não. Tenho carro. Gostaria de saber mil coisas, contudo, me contento com o pouco de hoje.

— Quer comer alguma coisa?

-Você está com fome — sorri.

— Não quer comer algo?

— Não. Fiquei meio sem fome depois de tudo que contou.

— Sei - ele sorriu. - Quer jantar comigo e com meus amigos hoje, na minha casa? - ele esbarrou no meu braço, sorrindo.

— Claro que não! — abri um enorme sorriso.

— Por que não? Ia ser uma agradável companhia!

— Está louco, Richard?!

— Estou falando sério. Se quiser — ele pegou o celular no bolso -, ligo para ele e digo que estamos indo.

— Claro que não, Richard! — segurei a mão dele que estava com o celular. — Ficou doido?!

— Puxa, Helen — ele sorriu. —Vamos comigo?! Eles adorariam a surpresa, tenho certeza!

— Absolutamente não, seu doido! - sorri.

Ele sorriu e guardou o celular no bolso. Andamos até o estacionamento.

— Meu carro está naquela direção - apontei para o lado oposto que ele iria.

— Quer algum recado?

— Diga apenas que desejo muito conhecê-lo e não me importo com a aparência dele.

— Não é exatamente um recado, como ele não pediu segredo...

Voltei toda a atenção para ele.

— Fala, Richard!

— Ele disse que você é linda.

— Como?! Onde ele me viu?!

— Pergunta pra ele — sorriu.

— Argh! Isso me irrita em você!

— Andrew vai gostar de saber que você é mais especial pessoalmente.

— Adorei ter conhecido você e Alan.

— Foi ótimo conhecer você também. Ah, qual o número do seu celular?

— Me dá o seu também.

Trocamos os números.

— Boa noite, Helen — ele beijou meu rosto.

— Boa noite.

A lua iluminava o estacionamento, estava carregada de emoções novas.

A paixão formava laços, amarrando meus pensamentos a ele, formando aspirações desiguais, um sonho que jamais sonhei.

O encontro deixou de ser utopia, seria real a qualquer instante.

O outono havia ido embora, todavia, as emoções que ele trouxe ficaram. A alegria me preenchia, seria real, mas quando?! Não aguentava esperar! Logo estaríamos de férias.

“Tem que ser logo! Podia ser hoje...Tudo que quero!”

No outro dia contei os detalhes às meninas, que, ansiosas esperavam pelas notícias. Vi apenas Alan. Alex sempre o fitava com expressões sérias.

Dois dias depois, numa tarde, meu celular tocou. Um número de celular desconhecido. Pensei ser Richard ou Alan. Depois de falar repetidamente alô, achei ser sinal fraco, resolvi ficar em silêncio, não desliguei, ouvi ao fundo, o som de uma música, quase inaudível. Afastei o celular do ouvido, pensativa. Encerrei a chamada.

Na manhã seguinte, teria duas provas e sairíamos cedo. Combinamos de irmos juntos almoçar fora.

Estava com Sarah, Alex e Evelyn, esperando Diego. Quando vi Richard e Alan se aproximando, minha respiração mudou. Eles acenaram para nós e me chamaram.

- Oi, Helen - disse Alan, me dando um beijo no rosto.

- Oi, pessoal. E aí, alguma notícia?

- Estamos quase chegando lá - falou Richard, sorrindo e me dando um beijo.

- Ontem à noite ele soltou um talvez. Estamos avançados. - Alan sorriu.

- Acha que o encontro só acontecerá nas férias? - fiz uma expressão de frustração.

- Não sei, como é a última semana de aula, é provável. Se anime! - Ele me entusiasmou, apertando meu ombro.

- Pelo menos ele está aceitando a ideia, ele estava irredutível, conseguimos um avanço! — ressaltou Richard.

- Posso te ligar? De repente, dará notícias.

- Claro, Helen, pode ligar para Alan também. Você tem o número dele?

- Não, me dá.

Enquanto anotava o número de Alan, lembrei da ligação.

- Aliás, você me ligou ontem?

- Não, por quê? — perguntou Alan.

- Nada, pensei ser você. Tinha dado meu número a vocês.

- Está com o número aí? — disse Alan.

- Deixa ver - fiquei procurando nas últimas chamadas recebidas. — Pronto, esse aqui — mostrei a Alan.

- Não é nosso — ele devolveu o celular e sorriu.

Eles se entreolharam e só percebi quando levantei a cabeça, vi que estavam sorrindo de canto um para o outro.

- O que foi? — Tentei desvendar alguma coisa nos olhares.

- Nada, não desanima, ok? - falou Richard.

- Fiquei muito satisfeito com as notícias. — Alan expressou alegria.

- Sobre o quê?

- Meu amigo aqui — ele jogou o braço nos ombros de Richard —, disse que você quer conhecer Andrew não apenas por curiosidade. Fiquei muito feliz!

- Richard, você prometeu que não contaria a ninguém!

— falei, envergonhada.

- Prometi que não contaria nada para ele, Alan é nosso parceiro nessa história.

- Não lembrava desse detalhe, que havia prometido que não contaria nada apenas a ele.

- Devia estar distraída pensando nele — ele sorriu.

- Não quero que mais ninguém saiba, ok?

- Ele iria adorar saber disso - falou Alan. - Mas vamos esperar você contar pra ele.

- Não vou contar pra ele, estão doidos?!

- Deveria — ressaltou Alan, sorrindo, olhando para Richard.

Diego gritou meu nome.

- Tenho que ir.

- Lembrei, desbloqueia seu álbum de fotos, alguns estão bloqueados — falou Alan. — E nos aceite como amigos lá.

-Você foi na minha página?

- Fui, seus três álbuns estavam bloqueados, os de fotos da sua família.

- Pode deixar! Vou desbloquear para vocês.

Fui andando para onde o grupo estava reunido, me esperando.

Almoçamos no nosso restaurante favorito. Alex estava quieto.

O dia passou depressa.

Quando cheguei do trabalho, avistei a picape de Alex parada em frente à minha casa, para minha surpresa, ele não estava dentro dela.

Entrei em casa, encontrei-o conversando com meus pais na sala.

- Oi, filha, chegou finalmente.

Minha mãe sorria de algo que Alex contava.

- Oi, mãe, oi, pai... Oi, Alex.

- Convidamos Alex para entrar, Helen, naquela vez que ele te trouxe o conhecemos rápido - lembrou meu pai, que parecia bem confortável ao lado de Alex.

Lembrei-me rápido daquela noite, meu carro não queria ligar, meus pais não atendiam o celular, nem meu seguro atendia, então tive que recorrer a Alex, que descobriu que a bateria do controle do alarme, que cortava a ignição, estava fraca. Nessa noite ele rebocou meu carro até em casa, apresentei-o a meus pais e eles ficaram tão agradecidos que insistiram para que ele ficasse para jantar, porém, ele recusou.

- Helen, nós o convidamos para jantar conosco, ele não quer aceitar de novo, veja se consegue convencê-lo. - Minha mãe estava animada.

— Na verdade vim conversar com você, Helen — ele se levantou e ficou do meu lado.

—Vamos conversar agora, então, lá fora.

- Comam primeiro! — insistiu minha mãe.

— Não, mãe, depois. “Será mais fácil digerir os alimentos ou a conversa?”

Fomos andando até a varanda, sentamos no banco de frente para a rua. Ficamos em silêncio.

- O que está acontecendo com você, Helen? - Ele falou, quebrando o silêncio com voz de chateação.

- Comigo nada, por quê?

- Está diferente, com segredos entre as meninas, não conversa comigo, parece que está me evitando.

Sabia exatamente aonde ele queria chegar.

— Coisas de menina, Alex, não seja bobo, não estou evitando você.

— Parece que sim. Só quer saber de conversar com Richard e o amigo dele — ele retorceu os lábios.

- Fiz novas amigas, sim, mas não significa que esqueci de vocês.

Ele silenciou, indo direto ao assunto.

— Está acontecendo algo entre você e o Richard?

- Claro que não, por quê? Somos apenas amigos.

— Conheceu ele ontem e já é seu amigo?

- Não tem nada a ver.

—Você está a fim daquele Alan?

- Não. Não é o que está pensando.

— Por que está sempre conversando com eles então?

— A amizade e o carinho que tenho por você não te dão o direito de se intrometer dessa forma na minha vida — gentilmente o repreendi.

— Tem algo que preciso saber e não sei?

— Tem, sim, mas não sei se é a hora de saber.

— Me diz logo, machuca de vez, estou preparado.

— Alex, não quero te machucar, é meu amigo, adoro você. Já conversamos sobre o assunto. Por que você não dá uma chance a Sarah?

— Porque estou a fim de você, sabe disso.

— Meu coração está ocupado - disfarcei.

— Estava vazio, agora foi preenchido?! Sabia que era um daqueles caras!

Sua expressão mudou radicalmente, ficou sério e falava asperamente comigo.

— Não é nenhum deles, já falei.

— Quem é o cara então?!

— Pra que quer saber? Não vai mudar nada.

— Pode haver uma luta justa.

— Não é uma disputa, nem uma escolha, simplesmente aconteceu.

— Você está namorando?

— Não, na verdade ele... Ele nem me conhece.

Ele ficou pensando e sua voz cheia de decepção cortou o silêncio.

— É o Andrew, Helen?

Não respondi.

— Você nem o conhece. Como pode saber que é o cara certo?!

— Sei que é.

— Não sabe e pode acabar se frustrando!

— É o que você deseja, Alex?

— Para ser sincero, sim!

Ele se levantou bruscamente, indo embora. Quando saiu, acelerou, fazendo cantar o pneu. Me senti mal, afinal, parecia que estava perdendo meu amigo.

Não vi Alex no outro dia na UFSC. Vi meus novos amigos, que apenas disseram que Andrew não tinha mudado de opinião. Precisava conhecer Andrew, não poderia mais ser evitado.

7 - Teu olhar

Eram férias finalmente. O costume ainda me fazia acordar cedo.

Tantos acontecimentos relevantes marcaram meu semestre. O maior deles era estar apaixonada como nunca antes. Alguém diferente, capturando meus pensamentos e emoções.

No terceiro dia de férias, Richard ligou, sem novidades. Na primeira sexta-feira das férias, estava no trabalho quando ele apareceu no meio do expediente. As meninas que trabalhavam comigo logo pensaram ser meu namorado. Fui para o lado de fora da loja.

— Oi, Helen - ele esboçou um pequeno sorriso.

— Richard? O que aconteceu?! - perguntei, preocupada. - Vim assim que pude. Ia te ligar, porém, não é algo que dá para fazer por telefone.

-Ai, Richard, me conta logo!

— Hoje pela manhã Andrew me entregou isso.

Ele tirou um papel pequeno dobrado do bolso.

— O que é?!

— Não sei, prometi que não leria. É seu.

- Para mim?! - A surpresa se misturava com o nervosismo, minhas mãos tremiam quando peguei o papel da mão dele.

- Não precisa ler agora, tenho que voltar ao trabalho, só dei uma saída para te entregar. Quero saber o que é, me liga depois! - Ele sorriu e desceu as escadas rapidamente.

Fiquei segurando o papel antes de abrir. Uma onda de medo me inundou, fiquei receosa, pensando no que poderia ser. Me sentei perto das escadas e abri lentamente. Estava escrito:

Oi, Helen,

Me perdoe por te fazer esperar tanto tempo, enfim me convenci que preciso te conhecer. Se ainda quiser, claro.

Que seja no dia e na hora que você puder. Estarei te esperando.

Aguardo por te conhecer,

Andrew

P.S.: Não se assuste comigo.

Fiquei emocionada, desenhando com o dedo sua letra tão linda. Li e reli várias vezes, convencendo a mim mesma da realidade! Abracei o bilhete contra o peito, voltei a ler. Andrew queria me conhecer! Coração em desatino, o encontro do sonho com uma doce realidade.

“Vou conhecer o meu Andrew, quanto tempo esperei!” A todo tempo, pegava o bilhete e relia. Era verdade... Quando saí do trabalho, fui direto ao campus.

No apartamento das meninas, elas já esperavam por uma ótima notícia.

— Olhem, meninas! - mostrei o bilhete.

Elas leram, Evelyn foi a primeira a dar seu gritinho de alegria, comemorando. Depois pulamos juntas, festejando.

— Quando será, Helen?! — perguntou Sarah, sorrindo.

— Não marquei, espero que seja esta semana!

— Mas tem um problema — Evelyn interrompeu, me inspecionando.

— O quê?! — olhei para mim, acompanhando seu olhar. -Você não pode conhecê-lo desse jeito.

— Que jeito, Evelyn?!

— Esse! Você quase sempre usa esse horroroso rabo de cavalo, sem maquiagem, essas roupas sem vida! Nem pensar!

— Não inventa, gosto dessa maneira!

— Porém, nós não!

— Nem inventa!

— Por favor, Helen! — continuou Evelyn. — Sabemos o quanto é linda e acaba não fazendo nada nessa cara branca. Deixa colocar um pouquinho de cor em você, por favor?!

— Vou pensar e faremos primeiro um teste. Tenho que fazer uma ligação.

—Vai ligar para ele?! — perguntou Sarah, com entusiasmo.

— Está doida?! Vou ligar para Richard.

Fui na varanda do quarto das meninas fazer a ligação.

— Richard?

— Oi, Helen, pode falar.

— Richard, ele quer me conhecer!

— Que maravilha! Falei que ele iria ceder?

— Estou tão feliz!

— Eu também, não sabe o quanto.

— Também estou muito nervosa, muito, muito!

- Calma, Helen, relaxe, a pior parte passou, o que vier é lucro.

- Não sei, estou muito ansiosa. Será que ele vai gostar do meu jeito, de mim?!

-Te garanto algo, não se preocupe com isso - ele sorriu.

-Tem certeza?!

- Absoluta. Ele marcou o dia?

- Não, deixou a decisão pra mim.

- Por que não marca para amanhã, sábado?

- Não estou preparada, bem, não sei!

- Pensa nisso. Estou muito feliz. - Richard parecia emocionado.

-Te aviso quando decidir.

- Fique à vontade.

-Tchau, Richard. E... obrigada por tudo.

- Eu que agradeço. Até mais, Helen.

Evelyn e Sarah viajariam na próxima semana para visitar os pais.

Cheguei em casa, contei a meus pais sobre o projeto, para, enfim, entrar no assunto de Andrew, de que poderia conhecê-lo.

- Mãe, vou ter a chance de conhecer Andrew, o criador da história.

- Esse rapaz não é aquele do acidente que você nos contou?

- Sim, é ele, conheci os amigos dele e eles me disseram que Andrew tem lido a continuação e enfim

resolveu me conhecer.

- Por que quer tanto conhecê-lo? — Meu pai, sempre tão sensato.

— Pai, Andrew faz parte de tudo em que estou envolvida. Quero sentar com ele, tirar muitas dúvidas e sugar tudo o que puder me passar. Sou a colaboradora da história. Sei que vou aprender muito, também ele quer conhecer alguém, há um ano não faz novas amizades.

— Quando você vai conhecê-lo?

— Ainda não marquei, mas vou marcar para amanhã.

— Tome cuidado, Helen, talvez ele não retribua o que você tende a oferecer.

— Seus amigos me disseram que ele quer me conhecer.

— Seu pai está dizendo, filha, talvez esse rapaz não aceite apenas sua amizade, você é tão linda, entende?

Ela havia acertado em cheio! Não poderia mentir, mas também não era a hora de abrir todo o livro.

— Mãe, não se preocupe comigo, sei me cuidar.

— Esperamos que sim, filha.

Fui para o quarto, li e reli o bilhete. Linda a letra dele! Guardei na minha agenda, escrevendo naquela página:

“Enfim o dia será real... Quero te conhecer, Andrew, você não imagina o quanto!”

Não podia adiar, precisava ser logo! Esperei demais por aquele momento.

Num súbito de coragem, peguei o celular e liguei para Richard.

— Oi, Richard. Sou eu, Helen.

— Oi, Helen. Sei que é você — ele sorriu.

— Estou te atrapalhando?

— Não, pode falar.

— Decidi conhecer Andrew amanhã! — falei com certeza na voz.

- Que máximo, Helen! Fico muito feliz com a notícia!

- Não sei como será, estou nervosa demais!

- Calma, relaxe - ele me tranquilizou.

—Você pode ver a hora, à noite? Não sei o que é melhor para ele.

- Por que você não pergunta a ele?

Gelei! Fiquei em silêncio.

- Helen?

- E-e-eu, estou aqui.

- Ele está aqui, perto de mim, por que não combina com ele?

- Richard, não sei se, se posso, nã-não sei se conseguirei -fiquei totalmente atrapalhada. - Eu acho que, que, que é me...

Ouvi a voz de Alan e outra voz, feminina, devia ser Rebecca, dizendo algo como “Fale com ela. Vai lá”.

- Claro que consegue, vou deixar você com ele. Estou muito feliz, muito mesmo!

- Richard! Acho melhor vo-você..., Richard?! — Ele me deixou falando sozinha. Meu coração intensificou as batidas, respirei fundo, em vão, não podia ficar gaguejando, sempre acontecia quando o assunto era Andrew.

- Oi, Helen, aqui é Andrew.

“Não posso acreditar nisso! Meu Deus! É ele!”

Sua voz educada, tão gentil, mal podia acreditar. O coração batia freneticamente, e aquele ritmo estava tirando a minha razão, a forma correta de agir. Consegui suspirar fundo e responder.

-Oi.

- Tudo bem com você?

—Tudo. “Diz algo melhor, Helen! Vamos, diz algo melhor!”

— Queria saber se vai aceitar meu convite de nos conhecermos.

“Que voz linda!”

— Sim, e-era is, isso que, que estava falando com Richard. “Respire fundo! Respire.”

— Estou ouvindo, o que é melhor para você?

— Pensei em amanhã, tudo bem... para você? — Estava muito nervosa.

— Ótimo, você marca a hora.

— Não sei, pensei às dezenove horas, pode ser?

— Claro. Posso te pedir algo?

— Pode.

— Deixe que Richard vá buscá-la. Ele adoraria fazer isso. Gostaria que não viesse no seu carro, aceita a gentileza?

“Quanta educação! Uau! Que voz linda, firme!”

— Tudo bem, Andrew, como quiser.

— Foi um prazer falar com você, Helen.

— Também.

“O prazer você que deu, meu querido! Nem pode imaginar!”

— Até amanhã. Diga a Richard onde você mora. Foi um... verdadeiro prazer te ouvir. Tchau, Helen.

“Não! Não me dê tchau! Continue falando comigo!”

— Tchau, Andrew.

— Oi, me diz onde você mora - Richard dava risada ao celular.

— Richard, te enforco pessoalmente!

— Enforca nada!

— Para de falar isso pelo telefone. O que ele vai pensar?!

- Tenho certeza de que ele está muito ocupado com outros pensamentos.

- Para de ficar rindo! Que horas você vem?

- Umás 18h30 estou chegando aí, ok? Onde você mora?

- Anota aí.

Dei meu endereço a ele e encerrei a chamada do celular.

A voz de Andrew continuava a ecoar dentro dos meus pensamentos, era tão linda...

Na manhã de sábado, fui para a tal “transformação” que as meninas me fizeram prometer que faria. Ficaram a manhã toda arrumando meus cabelos, tira roupa, troca roupa, pinta olho, sobrancelhas, tudo em mim estava remexido. Não estava à vontade com tanta maquiagem, permiti por ser apenas uma experiência.

No fim da manhã, elas colocaram o espelho na minha frente.

Fiquei um tempo tentando me reconhecer embaixo de tantas coisas diferentes. Não podia negar o evidente: estava linda.

Faltava apenas uma hora para que Richard chegasse. Ainda estava lá, com quase todo o meu armário em cima da cama, sem saber com o que iria. O cabelo estava pronto, menos mal.

Olhei o relógio, vi que faltava apenas meia hora, decidi pela calça jeans, botas, uma blusa preta, jaqueta marrom de couro e alguns acessórios discretos. Não era exatamente o

planejado. Passei o lápis preto e o blush, como prometido às meninas e apenas um batom fraco.

Não tinha acabado quando ouvi a campainha tocando, estava tão ansiosa que esbarrei na maquiagem, o batom, pincel e a sombra caíram no chão. Olhei o relógio, ele havia chegado dez minutos antes. Não costumava demorar tanto, contudo, era um dia especial.

Quando desci, Richard estava na porta conversando com meus pais.

— Pai, mãe, pelo visto já se conheceram. Esse é Richard, amigo de Andrew.

— Ele se apresentou, filha — falou meu pai.

— Meu amigo também — dei um beijo no rosto dele. — Precisamos ir.

— Senhor Paulo, trarei Helen de volta.

— Não corra com minha filha.

Ele apontou para o carro de Richard, uma picape maravilhosa. Não entendia muito de carro, porém, compreendi quando meu pai mencionou o quanto ela era rápida.

— Essas belezinhas aceleram tão rápido que você nem percebe a quanto está enquanto desliza.

— Não se preocupe, senhor Paulo, não sou de correr.

-Tchau, mãe, tchau, pai. - Despedi-me, puxando o braço de Richard.

— Foi um prazer conhecer vocês — falou Richard, apertando a mão deles.

Passando pela varanda, reclamei:

— Richard, você ficou louco?! Por que fez aquilo comigo, colocando Andrew para falar ao telefone?!

—Vai dizer que não gostou?! — ele começou a rir.

-Você quase me fez ter um ataque cardíaco! - dei um empurrão no braço dele.

Ele abriu a porta da picape.

- O certo foi como aconteceu.

Ele deu a volta e entrou.

-Jamais poderia imaginar que ele estaria perto de você!

- Se eu falasse antes, talvez você não aceitasse — ele ligou o motor. - Está pronta?

- Não, não estou, estou muito nervosa e ansiosa!

- Respire fundo e relaxe. Não vai ser fácil para ele também, Helen.

- Como ele está?

- Nervoso como você, mas... ele não deixa transparecer assim - ele sorriu focando minhas mãos, inquietas de nervoso.

- Ele sabia que falaria comigo?

- Não, foi surpresa para vocês dois.

- Ele fez algum comentário depois?

- Andrew ficou o tempo todo com uma expressão de felicidade, mencionou que sua voz devia ser doce como você.

—Você me deu um susto!

- Acabaram gostando.

- A cada esquina que passa fico mais nervosa, não sei se vou conseguir.

- Calma, Helen, vai conseguir, vai conhecer Andrew e logo vai ver que valeu a pena.

- Sei que costuma não responder às perguntas, mas, como ele passou o dia? Falou de mim, de expectativas?

— Helen, só posso te dizer que ele lutou muito contra si mesmo, mas acabou aceitando, dizendo que era necessário acontecer. Hoje é o seu maior desejo.

— Maior desejo? — ele sorriu de canto. — Esta roupa está boa?

— Você está ótima, não se preocupe. Quem devia ficar preocupado era eu.

— Por quê?!

— Não sei como será sua reação quando vocês se encontrarem.

— Não vou fazer nada de que venha a me arrepender, Richard - meu tom de desapontamento o fez desviar o olhar para mim.

— Me desculpe, Helen.

— Entendo sua preocupação.

— Só me promete uma coisa?

— Fala.

— Aconteça o que acontecer, você não vai magoá-lo? E se as coisas não acontecerem como planeja, pensará em ser amiga dele?

— São duas promessas. Já prometi algo semelhante quanto a não magoá-lo, prometo outra vez. Mas quanto à segunda parte não sei se posso prometer, ser apenas amiga do cara pelo qual estou apaixonada.

— Sei o que ele passou e também posso reconhecer o quanto você faz bem antes mesmo de conhecê-lo. Te agradeço.

-Tudo bem, Richard.

Durante o caminho, fiz várias perguntas sobre Andrew, sobre a família e a amizade deles. Viajava naquele mundo ao qual adoraria pertencer.

Ele deve ter notado o nervosismo.

- Calma, Helen. Estamos chegando.

- Nem me fale. Sei que está chegando.

-Veio aqui outras vezes?

- Meus avós moravam aqui, vinha quase todas as férias para cá.

- Interessante. Sabe onde ele mora?

- Na verdade, sei, viemos passar um fim de semana com Karen e minhas amigas.

- Karen te mostrou a casa dele?

- Sim. Estou tão nervosa.

- Relaxe, vai dar tudo certo — ele fez outra curva. - Karen sabe que você está interessada em Andrew?

- Não, por quê?

-Vejo vocês juntas, achei que suas amigas sabiam.

- Só Sarah e Evelyn, essas sim são minhas amigas.

- Evelyn é uma figura.

- Ela falou que vocês se conhecem.

- É uma garota muito legal.

Vi que faltava alguns segundos. O frio na barriga e a tensão aumentaram.

- Não sei se vou conseguir!

- Você chegou aqui. Não precisa ficar tão nervosa, vai gostar dele. Caso não exista nada além da amizade, valerá a pena, certo? — Ele piscou o olho e sorriu.

- Sabe que não desejo apenas a amizade dele - fiz careta.

Ele parou em frente à mansão, entrou devagar pelo quintal. No meio vi um chafariz, e também havia um caminho de pedras levando à porta principal. Ele desceu e abriu a porta da picape.

- Helen, não posso deixar de perguntar, quer ir até o fim? Pode desistir aqui; se quiser, é a hora.

- Não vou voltar atrás, sabe o motivo de ter vindo, jamais desistiria, apesar de todo o nervosismo.

- Está pronta?

- Estou. Não sei, acho que estou.

Suspirei fundo, ele ofereceu o braço, aceitei, apoiando nele.

Na porta, parei.

- O que foi, Helen, desistiu?

- Onde ele está?

- Não está logo atrás da porta, se pensou isso. Ele costuma ficar no segundo andar, pode se familiarizar com a casa. Vem, entre.

Quando entrei, fiquei encantada. Um luxo.

- Vou avisar Andrew que você chegou. Vai subir ou esperar aqui?

- Te espero aqui. Avise ele, enquanto vou me acalmando.

— Vou e volto num instante.

Ele subiu correndo a escada.

Fiquei observando aquela enorme sala, os quadros de pintura abstrata. No canto direito, uma escada com detalhes dourados, ao lado dela, um elevador, cujo interior era possível ver, formando uma linda decoração. Janelas grandes de vidro deixavam entrar a iluminação do exterior. No centro, um lindo lustre, parecido com o que tinha visto na casa de

Karen. Nos dois cantos, havia portas largas, que deveriam dar para outras salas. Também avistei um lindo piano de cauda, preto, e as luzes embutidas no teto rebaixado o deixava destacado.

- Está preparada agora? - Richard desceu até metade dos degraus.

— Estou mais nervosa.

— Não se preocupe, pode vir.

Fui subindo lentamente. Cheguei perto dele, era visível o quanto estava nervosa.

- Calma, Helen, não fique assim, relaxe - ele apertou minha mão, sorrindo.

Fui subindo, de um lado dava para o que devia ser os quartos, do outro lado, para uma sala.

E lá estava ele. De costas para a entrada, olhando pela janela.

-Vou deixar vocês dois sozinhos.

Richard sorriu, sua voz certamente tinha sido audível para Andrew também.

Richard saiu, Andrew permaneceu de costas.

Dei dois passos em direção a ele. Ao ir me aproximando, meu coração disparou desenfreado, pensei diversas vezes que não conseguiria ir até o fim. Queria fugir com o pavor que descia pelas pernas, estremecendo-as, me impedindo de caminhar. Nessa luta do meu corpo, consegui dar mais um passo, outro, relutante, a distância entre nós dois parecia não diminuir. Percebendo que certamente não conseguiria me aproximar mais, fiquei ali, mexendo nas mãos, tão nervosa que talvez fosse possível ouvir meu coração batendo.

Foi quando Andrew foi se virando lentamente para trás com a cadeira de rodas. Parecia que tudo se movimentava na velocidade de uma câmera lenta. Ele, de cabeça baixa, movimentou os controles da cadeira; quando percebeu que estava diante de mim, foi lentamente levantando a cabeça, sem dizer uma palavra.

Fiquei imóvel, não consegui dizer nada, nem ao menos me mexer, nada se mexeu em mim! Minhas mãos se soltaram, permanecendo abaixadas, meu rosto não demonstrava nada, não consegui definir as emoções dentro de mim. Andrew estava muito diferente do que esbocei na mente. Me perdi nos pensamentos. “Não é ele! Não é ele! Não pode ser!” Pensava aturdida. Estava tão magro, sem cor, parecia não estar vivo. Sem cabelos, sem curvas, sem vida.

Durante uns instantes nada se moveu. Sem que quisesse e sem poder evitar, uma lágrima escorreu pelo meu rosto, senti aquele gosto encontrar meu paladar. Não consegui controlar, de repente, outra lágrima desceu por outro canto do rosto. Queria levantar as mãos e enxugar, simplesmente não consegui! Fiquei sem liberdade de ação diante dele. Andrew, sem expressão alguma, ficou me observando por um longo período sem dizer uma palavra, seu rosto não esboçava emoções.

Querendo me mover ou dizer algo, fitei seus olhos pela primeira vez. Foi quando me perdi neles... Enfim me encontrei neles também. “É ele! Sim! É o meu Andrew!” Dizia em pensamentos. Então me convenci de que era ele e consegui ir relaxando. O olhar dele era sereno, profundo, existia algum tipo de poder de encantar, encontrei verdade,

uma desejada bondade e uma poderosa ternura. Fui completamente capturada pelo seu olhar.

Nesse momento, ouvi pela primeira vez sua voz pessoalmente, embalada por um sorriso tímido que havia decorado tão bem. Aquilo fez meu coração quase parar.

- Suponho não ser o que você esperava - falando pausadamente, Andrew cerrou os lábios numa frustração premeditada. - Você não precisa ficar se não quiser.

Consegui me aproximar, demorei até tentar balbuciar as primeiras palavras.

- Nã... Não, não quero ir.

Não consegui me desviar do seu olhar, até aquele momento, era o único detalhe atrativo a ele.

- Não é o que parece.

- Quero ficar — engoli seco.

Houve uma pequena pausa de silêncio entre nós.

- Oi, Helen, sou Andrew.

Ele estendeu a mão lentamente, fiz o mesmo. Pensei somente num cumprimento, mas não, delicadamente ele a beijou. Estava tremendo, torci para que ele não percebesse, e, com outro sorriso de canto, continuou falando gentilmente.

- Se quer ficar, você pode sentar — apontou-me um sofá à frente dele. Sentei-me sem desviar o olhar de seu rosto.

Outra pausa de silêncio entre nós. “Fale! Fale algo, Helen!” Tentava, não conseguia, estava impactada demais, talvez por ter finalmente conhecido Andrew, talvez por ele não ser nada do que superficialmente conhecia. Jamais pensei que ele poderia ter mudado tanto, não sabia se era só culpa do acidente a sua aparência. Devia ter algo fora do meu conhecimento.

- Você é mais bonita pessoalmente — sua fala foi doce e gentil. - Não sou o que você esperava encontrar - ele desviou o olhar para a janela do meu lado.

- Co-como vo-você me conheceu?

-Te conheci há uns dias quando vi sua foto na internet.

- Na minha página de relacionamento? - o nervosismo começava a passar lentamente.

- Exatamente.

—Você tem página?

- Não, entrei pela página de Alan - ele deu um pequeno sorriso.

- Por que resolveu me conhecer? “Que pergunta indiscreta!”— pensei revirando os olhos.
  - Queria saber quem estava dando continuidade à minha história - sua voz era pausada e tranquila.
  - Ficou com raiva? - consegui dar um sorriso, totalmente sem graça.
  - Fiquei com raiva de você até ler a continuação — ele levantou as sobrancelhas numa expressão de contentamento.
  - Houve algum motivo para passar?
  - Você soube expressar com exatidão a história.
  - Fico feliz por ouvir isso, sempre foi uma responsabilidade — enfim, a respiração amenizou. - Ainda está chateado por eu ter continuado a história?
  - Não, também não poderia — ele desviou o olhar.
  - Por quê? - Mudei o tom de voz, surpresa.
  - Quem sabe te conte em uma outra oportunidade -seus lábios formaram um discreto sorriso.
  - Fiquei curiosa. Me fale?
  - A curiosidade pode fazer você não ir embora cedo.
  - Não vou embora, vim para conhecer você - cheia de certeza, fitei seus olhos.
  - Não sou a imagem idealizada, certo?
  - Você diz por causa da sua aparência?
  - Sim, talvez o que tenha ouvido, ou visto, não está aqui
  - ele franziu a testa.
  - Não se preocupe, Andrew, vim para falarmos sobre você, sua poesia, sua arte.
- “Não é só isso! Vim para te conhecer!”
- É uma entrevista? - ele ergueu a sobrancelha e cerrou os lábios.
  - Não, vim conversar com você - consegui sorrir espontaneamente.
- Veio fazer perguntas?
- Tantas perguntas, não sei por onde começar - pausei. “Quero saber tudo que puder de você!”
  - Estou aqui, é só perguntar - falou gentilmente.

- Estou falando de coisas sem tanto valor e... e você, como está? — Baixei a cabeça.

- Quer realmente saber? — Seu tom de voz parecia farto.

- Sim, quero muito saber - fitei seus olhos lindos demasiadamente.

- Cada dia que passa morro um pouco, Helen - outra vez fez uma expressão de conformismo.

- Por que diz isso?! — engoli seco.

- Cada dia morro um pouco. Um dia a menos para esperar que algo aconteça.

-Você não acredita em milagres?! - meus olhos se encheram de lágrimas, tentei disfarçar a dor ao ver alguém tão debilitado, cheio de talentos, sem nenhuma esperança.

- Milagre?! O que é um milagre?! — Um tom de amargura surgiu na sua voz. - Não quero falar sobre milagres, por favor - ele baixou o tom de voz.

-Tudo bem, Andrew, não quero discutir com você hoje.

- Então pensa em vir outro dia? - perguntou com tom de surpresa.

- Se você permitir, virei sim.

“Não diga que não!” Prendi novamente a respiração, ansiosa por sua resposta.

- Não tenho nada a te oferecer, por que viria?

- Porque sei que posso aprender muito com você.

“Quero somente te ver, nem que você não falasse nada,  
me contentaria em te ver.”

- Quer que eu te ensine exatamente o quê?

- Quero que você fale sobre a história, sobre o que pensou, o que pensa, sobre você... - não pude olhá-lo na última palavra.

- Você quer saber sobre mim? — ele deu um pequeno sorriso.

- Claro! Até hoje se fala sobre você, você é Andrew, muitos sentem a sua falta. Acabei desviando o assunto. Se, você não se importa, e-eu, queria que contasse o início, sobre o acidente, quer falar sobre isso? - mordi os lábios.

- Posso falar, sim. Se é que consigo - ele suspirou fundo.

- Não falo sobre ele há algum tempo.

- Tudo bem se não quiser falar, compreendo.

- É que. - seu semblante mostrava dor e tristeza.

- Fale, por favor — gentilmente pedi.

Sutilmente escorreguei para a beira do sofá.

- Foi há quase um ano, quando voltava de uma palestra na faculdade - ele falava pausadamente. - Voltava com minha mãe quando o celular dela tocou. Era meu - outra pausa - o ex-esposo dela.

- Seu pai? - interrompi cuidadosamente.

- Infelizmente - sua voz era hostil. - Lembro que eles discutiam, peguei o celular. Ele a ofendia e falava sobre bens, começamos a discutir. Não recorro das palavras, minha mãe começou a chorar, fiquei tão nervoso com as ofensas, que acabei esquecendo que estava dirigindo, devia estar a cem por hora. Nessa discussão, perto de um cruzamento, o sinal estava verde para mim, mas um carro surgiu de repente, me fazendo deixar o celular cair e virar com tudo, desviando. Só me lembro do carro subindo num canteiro e voando.

Permaneci imóvel.

- O que aconteceu depois?! — não consegui controlar o agudo na voz.

- Não lembro, acordei no hospital numa noite, com Alan e Richard presentes. No acidente, a parte mais atingida foi do lado do carona — ele embargou a voz. — O lado da minha mãe.

- Como soube dela? Te incomoda falar?

- Não pude ir ao enterro. Só pude chorar e lamentar depois de um mês de coma. A culpa me consumiu por algum tempo até meus amigos me convencerem de que não tive culpa.

- Claro que não teve! Foi um acidente. Andrew, não sei se estou sendo intrusa em assuntos tão particulares, porém, preciso ser sincera, queria ouvir de você, sobre... sua recuperação. Entendo se não quiser falar.

— Qual a verdade que precisa saber primeiro?

— Sobre sua recuperação. Confesso que ouvi rumores.

— Procurou saber sobre mim? - sua expressão de surpresa me deixou feliz.

— Procurei, sim — senti meu rosto corar, desviei o olhar.

— O que sabe? E quem te contou?

— Karen contou muitas coisas, sobre os assuntos particulares, Richard e Alan falaram um pouco também.

— O que aqueles traidores te falaram? — Ele fez novamente a expressão serena que estava me enamorando.

— Por que traidores?

— Deixa pra lá. O que te contaram?

— Contaram um pouco sobre... - Não queria tirar aquela expressão do rosto dele.

— Sobre a doença? — Sua expressão foi sumindo.

— Me desculpe, Andrew, não precisa falar se incomoda.

“Você estragou tudo, Helen? Logo agora?!”

— É fato, Helen, não posso fugir da realidade.

— O que você realmente tem?

— Meus amigos não te contaram?

— Não. Richard falou que você devia responder.

Ele ficou em silêncio.

— Tenho câncer - sua pausa atravessou minha alma. -Câncer nos ossos - sua expressão mudou. Pude ver seus olhos se enchendo de água, ele desviou o olhar.

— É o câncer que não permite que você se recupere? -Forçava para não desabar de choro diante dele.

Sabia as causas daquela doença; todavia, não ao ponto de ela ter desconstruído seus traços. Ele se virou lentamente para a janela e continuou.

- Ela torna os ossos frágeis, me impedindo de andar, de fazer afazeres costumeiros - sua voz embargou. - Sou muito grato aos meus amigos, não sei o que seria de mim sem eles... Quantas vezes eles se revezaram para cuidar de mim, eles suportaram comigo o resultado da quimioterapia. Serei eternamente grato a eles.

- Agora entendo melhor por que eles vieram morar com você — sem esforços, comecei a deixar as lágrimas correrem pelo rosto.

- No começo, tive uma forte depressão. Depois comecei o tratamento, eles foram essenciais.

- O que os médicos dizem? E o tratamento?!

- Os médicos não acreditam na cura, apenas que posso viver melhor com as sessões de quimioterapia, porém ela só me enfraquece mais. Melhor seria deixar que meus dias fossem abreviados.

- Por favor, não diga isso! — não contendo a dor que sentia, caminhei até ele, me agachei ao seu lado.

- Por que está chorando, Helen?!

- Pelo mesmo motivo que você - segurei seu braço, ele ficou olhando com uma expressão vazia.

-Você é sensível a esses assuntos? Se soubesse, não teria contado, não queria te deixar assim. — ele limpou meus olhos; ao seu toque, tremi.

- Não é ser sensível apenas, Andrew, eu, eu... “estou apaixonada!” — Me importo com você!

—Você nem me conhece.

- Conheço além do que pensa.

- Suficiente para fazer você chorar? Ou você choraria por outro com a mesma história?

— Talvez poderia chorar, sim, contudo, é diferente — disfarcei.

“Me importo demais com tudo que diz respeito a você!”

— Por que sente tanta pena de mim?

— Não é pena, Andrew. Sinto compaixão, parece que sinto sua dor - comecei a chorar, não consegui controlar as lágrimas.

— Por favor, não chore - ele limpou meus olhos.

— Me perdoe, é que eu, e-eu, me desculpe. - Limpei os olhos.

— Acredito em você.

— Fico feliz por acreditar.

— Obrigado por ter ficado - sua expressão gentil queimou meu coração.

— Apesar de ter chorado, adorei te conhecer - sorri entre lágrimas.

— Eu também, não sabe como - ele segurou minha mão, os batimentos aceleraram.

— Nem você.

— Posso te falar algo, com todo o respeito?

— Claro, claro que sim!

— Nem com os olhos vermelhos e o rosto corado como está consegue esconder o quanto você é linda, Helen — ele delicadamente secou meu rosto, meu fôlego desapareceu.

Olhei seus olhos, descarregavam brandura.

-Você é uma pessoa linda, Andrew

—Você virá me ver novamente?

— Se você permitir, virei sim.

— É a primeira pessoa que me permito conhecer, certamente tenho um forte motivo para querer sua volta.

- Qual?

-Você me fez lembrar que ainda estou vivo. — um sorriso discreto apareceu em seu rosto.

Meu rosto corou novamente, porém, para meu conforto, o rosto permanecia ruborizado como consequência do choro.

- Posso vir outro dia?

—Você já vai? Quando te verei de novo?

- Não posso sair tarde daqui, prometo que segunda volto. Tudo bem?

- Podia ser amanhã... Tem certeza que precisa ir? — Olhei para sua mão quando ele segurou meu braço.

- Poderia ficar, mas falei para os meus pais que não iria demorar.

Somente por aquele acordo eles haviam concordado de visitar alguém ‘desconhecido’.

-Adoraria saber sobre você - seu olhar me fascinava.

- Segunda conversamos mais.

—Vou contar o tempo. — Pela primeira vez vi seu sorriso completo. Mais lindo do que nas fotos! Alinhado, branco, perfeito. Naquele momento, a respiração presa lembrou-me de que uma dose maior de paixão fora somada.

- Ficarei com culpa.

- Então deixarei o despertador programado, ele trará o aviso.

Sorrimos juntos. Não queria ir embora, queria ficar ao lado dele, ouvindo sua voz, seu riso. Olhando seus olhos.

—Você é especial, Andrew. Muito especial.

- Faz muito tempo que não ouço algo parecido.

-Você é especial - dei um pequeno sorriso. - Especial pra mim.

Não me contive. Venci o nervosismo e me aproximei dele, segurei seu rosto com as duas mãos e beijei-lhe a face. Minhas mãos estavam trêmulas por ter o meu desejo entre elas. “Quero dizer que estou apaixonada por você!” Pensei enquanto beijava suavemente seu rosto. Seu cheiro me desnorteou, delicioso demais. Afastei-me lentamente, procurando seus olhos, olhei rápido para os seus lábios, fiquei desejosa demais por eles, não era o momento oportuno, ou seria, se deixasse de lado tantos conceitos?! Era uma louca por ter feito aquilo! O que ele pensaria?! Resolvi ignorar minhas indagações quando vi seu semblante. Ele permaneceu em silêncio, me observando com uma expressão maravilhada no rosto.

- Por que sou especial para você?

Fiquei tímida e disfarcei o olhar.

- Porque... “Não posso dizer que estou apaixonada. Pense rápido, Helen!” - Sempre sonhei em escrever, hoje sua história me deu essa oportunidade.

- Participo do seu sonho e não sabia... Interessante... Posso te ligar?

- Claro que pode! Anota meu número?

- Eu tenho.

- Você tem meu número de celular?! — perguntei, surpresa.

-Tenho, sim - ele sorriu.

- Ah, sim, Richard te deu, certo?

- Pensei em te ligar há um tempo atrás e pedi que Richard pegasse teu telefone.

— Claro, estou lembrando... Ele não mencionou que era para você.

— Pedi que não falasse.

-Vocês são cúmplices mesmo, hein? Por que não ligou?!

- Faltou coragem.

— Quer o residencial?

-Tenho também - ele sorriu.

— Me dá o seu, não tenho.

Peguei meu celular na bolsa, anotei seu número. Enquanto digitava, suspeitei de algo. Ao armazenar o número, verifiquei nas últimas chamadas recebidas; descendo a tela, vi o nome dele já armazenado.

-Andrew, foi você que ligou um dia desses. É seu celular!

- Essa tecnologia deixa tudo às claras.

- Por que não falou comigo?!

— Quando ouvi sua voz, tive muito receio de falar.

— Por quê?

— Porque tive receio de conhecer você.

- E seus amigos?! — lembrei-me da manhã em que mostrei o número a eles na faculdade. - Eles disseram que não era deles o número, sabiam que era seu!

- Não tenho culpa das armações deles - seu semblante ficou alegre.

O silêncio nos dominou, ficamos nos olhando.

- Foi um prazer, Andrew. — Aproximei-me dele, me abaixei na sua frente.

- Eu que o diga, Helen - ele segurou minha mão apoiada na cadeira, pegou-a e beijou. — Boa noite.

—Até mais — fui me aproximando dele e beijei seu rosto delicadamente, uma ótima desculpa para, quem sabe, reconhecer seu perfume tão bom.

— Sabe onde achar Richard?

— Ele falou que estaria na sala esperando. Suponho ser onde entrei, acertei?

— Quando descer a escada, à esquerda você vai encontrá-lo.

— Queria poder ficar com você — sorri com o rosto de lado.

— Não pode ficar?

— Hoje, não mais.

-Tudo bem, o importante foi tê-la aqui. Volte, pois desta forma seus pais permitirão sua volta.

— Tchau.

— Boa noite.

Meus olhos não desviavam dele enquanto estava no meu campo de visão.

Desci as escadas e Richard estava com a TV enorme ligada, esparramado no sofá, falando ao telefone. Falou por alguns instantes e desligou o telefone e a TV.

—Já vai, Helen?! — ele deu um pulo do sofá.

— Tenho que ir, meus pais disseram para não demorar. Só assim concordaram na boa que viesse.

— Não ficou nem uma hora!

— Achei que não aguentaria dizer nada.

— E aí, como foi?!

— Sobrevivi - suspirei fundo e soltei de uma única vez

— ele é tão gentil.

— Gostou dele?

- Muito, Richard, muito. - meu rosto denunciava o quanto estava feliz.

- Então vamos, não quero que seus pais impliquem com a hora. O que achou da aparência dele?

- No começo eu o achei diferente, mas não importa, é o de menos. Vamos?

No caminho, contei meu ponto de vista sobre Andrew.

- Então não se assustou com a aparência dele?

- Um pouco, não sei, estava tão emocionada de estar com ele, não soube diferenciar o que estava sentindo.

- Queria ter visto.

- Ele é tão gentil, Richard, tão educado!

- Então, pelo que estou ouvindo, não mudou de ideia.

- Definitivamente, não! Muito pelo contrário, só aumentou minha vontade de ficar com ele. E os olhos dele?! São tão profundos!

- Não pode imaginar o quanto estou feliz.

- Quero vê-lo de novo.

- Marcaram alguma coisa?

- Segunda, segunda-feira eu volto. Não precisa me buscar, venho sozinha, tá?

- Não sei se Andrew vai gostar dessa ideia.

- Por quê?

- Coisa de homem. Ele queria te buscar, te trazer, ele adoraria fazer isso. Ainda mais Andrew, que é todo conservador. É a educação que recebeu.

- Não sei, Richard, você abriu mão do seu sábado. Aliás, muito obrigada, não quero fazer de você meu chofer particular — sorri. — Pode ser o motorista de vocês?

- Você não entendeu, Helen?! Não pode imaginar a importância disso tudo para mim e Alan, ver Andrew reagir depois de tanto tempo! Nenhuma ajuda seria um esforço e, sim, um prazer. Virmos te buscar é o de menos.

- Só não quero ficar incomodando.

- Alan e eu nos revezamos, ok? Não quero ficar ouvindo Andrew enchendo nossos ouvidos depois — ele levantou os olhos, sorrindo. — Também a estrada à noite é deserta, sabe disso.

—Vocês que sabem, se é importante para Andrew, torna--se importante para mim também. Na segunda, não precisa, irei direto do trabalho, vou estar de carro.

- Apenas em ocasiões especiais, ainda assim, ele vai reclamar. Na volta te seguimos de companhia.

- Sua namorada não vai achar ruim?

- Ela não gostou da ideia, porém, não estou preocupado, reclama porque não te conhece.

- Ai, Richard, não quero arrumar problemas para você, apresenta logo ela.

- Assim que tiver oportunidade. De vista vocês devem se conhecer na faculdade.

- Não vai vê-la hoje? Ainda dá tempo, não está tarde.

- Desmarquei, achei que demoraria mais.

- Me desculpe.

- Tudo bem. Também quero muito ouvir o que Andrew tem a declarar desse encontro.

—Você bem que podia me contar depois!

- Hum, quem sabe.

- Compreendi o porquê de tanto cuidado com ele. E do seu receio de impedir mágoas - suspirei fundo.

- Somente Alan e eu vimos o quanto ele sofreu e somente Deus sabe as dores que a vida lhe causou. Faria e faço de tudo para impedir outras dores.

- Tristezas fazem parte da vida, Richard. Algumas serão inevitáveis.

- Concordo, porém, as que puder impedir, farei.

- Espero contribuir para o mesmo.

Caminhamos em silêncio. Andrew dominou meus pensamentos.

Quando cheguei em casa, reparei que meus pais estavam na sala, certamente fariam dezenas de perguntas.

- Muito obrigada por tudo, Richard.

- Eu que te agradeço, menina — ele beijou meu rosto.

—Também estou feliz por ter ganhado mais dois amigos.

- Pode contar com a gente quando precisar.

-Tchau, me liga amanhã, vai? Me conta o que ele vai

dizer? — Fiz uma cara de imploração.

- Quem sabe.

Ele saiu, fiquei observando a lua antes de entrar, agradecida a Deus por todos os acontecimentos.

Entrei, meus pais estavam vendo filme na TV a cabo.

- Oi, pessoal, cheguei.

- Chegou cedo, Helen? - A expressão despreocupada do meu pai não se parecia com a da minha mãe.

-Você falou para não demorar, pai.

- Como foi? — Ele desligou a TV, me joguei no sofá na frente deles.

- Foi muito bom, ele é uma pessoa muito simpática e gentil.

- Ficou sozinha com ele?

— Mãe, você sabe que pode confiar em mim.

— As pessoas podem pensar mal de você, filha.

— Ele mora com dois amigos, tem empregados, não estava sozinha com ele. E, mesmo se estivesse, não precisaria se preocupar.

— Conte-nos como foi a conversa? — Meu pai fitou meus olhos.

— É uma pessoa especial. Confesso que chorei vendo a situação em que vive — prendi o choro. — É mais sério do que imaginava.

— O que ele tem?

— Tem câncer nos ossos, pai.

— Coitado desse rapaz!

— Então ele acabou se isolando do mundo, só sai para as consultas médicas. Fiquei muito triste quando deparei com tanta fragilidade. Ele se movimenta numa cadeira de rodas

— a voz embargou.

— Que Deus o ajude.

— Ele é um pouco resistente a palavras de fé, pai. Tenho que agir com sutileza.

—Vai continuar vendo esse rapaz?

— Sim, sei que posso ajudá-lo, dando-lhe esperança, creio que as palavras ficam nas pessoas como

semente.

— Cuidado, Helen, para você não se machucar com essa história — ressaltou minha mãe.

— Não se preocupe, vou tomar cuidado. Então posso continuar visitando ele?

— Concordo com sua mãe, filha. As pessoas podem pensar mal de você, não sabem a realidade de vida desse rapaz.

- Pai, nunca dei a vocês nenhum motivo para desconfiarem de mim.

Eles permaneceram em silêncio.

- Gostaria de conhecê-lo — meu pai replicou.

Fiquei tão surpresa que me ajeitei no sofá.

- Não sei se é o momento, Andrew resolveu me conhecer agora, nem sei como faz para sair de casa. Deixe-o ir se acostumando comigo, vou preparando, ok? Por que quer conhecê-lo, pai?

Será que eu estava sendo evidente demais?!

- Fiquei interessado em conhecer a vida dele de perto.

- Vou ir preparando ele.

- Filha, outra vez tome cuidado para não acabar se machucando com essa história.

- Pode deixar, posso fazer isso. Vou para meu quarto.

Beije-os e subi.

Seria perda de tempo tentar dormir, constantemente me perdia nos pensamentos.

A lembrança de Andrew não saía da cabeça. Por mais que ele não se parecesse com as fotos ou com o relato das meninas, ele era a pessoa maravilhosa pela qual me apaixonei. Tanta educação e gentileza. Seu falar doce... E seu sorriso?! Guardavam todo o encanto que queria tanto ver, perfeito! Deixou-me encantada! Seus olhos eram lindos, castanho-claros! Queria tanto saber! As estrelas estavam neles. Sua voz tão graciosa, tão linda... Quanta preciosidade. Quando ele gentilmente me tocava, podia sentir meu ser evaporando-se. Era real, não apenas uma foto no computador, era real! E o seu cheiro?! Quando o beijei, senti o cheiro como o do orvalho da manhã, maravilhoso, algo fresco,

parecia cheiro do amanhecer, cheiro da relva do campo, um tanto inexplicável. Que perfume era aquele?! Desconhecia.

A memória me ligava àquele maravilhoso momento que desejava viver mais uma vez, e eternamente.

Meu celular tocou. “Quem poderá ser a esta hora?”

Meu coração passou a ter o compasso único chamado pelo nome dele. Sorri ao olhar o identificador.

-Alô.

— Helen?

— Sim — suspirei fundo, ouvindo aquela linda e inconfundível voz do meu Andrew.

— Me desculpe te ligar agora, estou te atrapalhando? É Andrew.

— Sei que é você — sorri. — Pode falar! — Sentei-me, colocando o travesseiro no colo.

— Queria saber se você chegou bem — sua voz soou cuidadosa.

— Cheguei, sim, obrigada por se preocupar.

— Não é só isso, é que... eu queria dizer de novo... adorei ter te conhecido.

— Eu também, Andrew, eu também.

— E... eu precisava ouvir de novo sua voz.

Ele me deixou sem fala.

— Helen, você está aí?

— Estou, estou, sim.

— Me desculpe, você deve estar querendo dormir, ligo amanhã.

— Nã-não, não é isso!

-Você está ocupada?

— Não - sorri.

— Então vou te deixar dormir.

- Não, não precisa desligar.

“Não estou dormindo, porque não consigo parar de pensar em você!”

- Boa noite outra vez, Helen.

- Boa noite, Andrew. - Percebi que ele não desligara o celular. - Pode desligar.

—Você primeiro.

-Você me ligou, você desliga - sorrimos. - Tchau.

Enfim, desliguei.

Depois da surpresa, demorei para pegar no sono.

Chorei quando lembrei do câncer, porém, agarrei a certeza: aquela doença não iria tirá-lo de mim

Uma explosão de sentimentos guardados há tanto tempo saltavam, buscando aquele momento, tornando o presente eminente.

Fui vencida pelo cansaço.

## 8 - Folhas Secas

Acordei tarde. Brigando com o sono, fui de pijama até a cozinha tomar o desjejum. Meus pais estavam dormindo. As emoções do dia anterior não saíam de minha cabeça.

Olhei o relógio e me apressei. Deveria ir ao campus me despedir de Evelyn. Deixei um bilhete para meus pais.

Cheguei no quarto das meninas, Evelyn estava acabando de arrumar as malas para viajar.

Elas ficaram felizes com as notícias. Evelyn me fez prometer ligar contando fatos novos. Nós a levamos à rodoviária e, logo depois, fui com Sarah para minha casa. Passamos a tarde conversando.

No meu trabalho, à tarde, o celular tocou. Olhei o nome dele e o sorriso surgiu espontaneamente. Suspirei fundo e atendi.

- Oi - falei, feliz, com o peito cheio de emoção.

- Estou te incomodando? - ele falou gentilmente.

— Claro que não.

— Tudo bem?

—Tudo. “Melhor agora falando com você, ouvindo sua voz.

- É que... estava pensando se você gostaria de jantar comigo hoje à noite.

- Gostaria, sim — morde o lábio, sorrindo.

- Pode recusar, não ficarei chateado. - Podia imaginar aquele sorriso dele.

- Hum, se disser não, vai ficar chateado?

- Para ser sincero, sim - ele sorriu.

- Claro, Andrew, posso, sim, jantar com você.

- Era isso, não vou te atrapalhar mais.

- Não está me atrapalhando.

- Combinado, então. Até mais tarde.

-Até. Beijo.

Suspirei fundo, ninguém notou. Não via a hora do encontro.

Conversei com o gerente da loja, pedindo liberação de alguns dias para descontar nas férias. Aleguei ser férias na faculdade. No começo, ele retrucou, porém, cedeu. Consegui o desejado: ficar livre nas férias por uma semana.

Viajaria para visitar meus avós em Porto Alegre e, claro, ficaria mais tempo com Andrew.

Quando cheguei à casa dele, pelo interfone, disseram que podia entrar.

Um dos empregados abriu a porta, devia ser uma governanta, pois estava muito elegante.

- Boa noite - cumprimentei-a, sorrindo.

- Boa noite, senhorita, Helen — respondeu a senhora.

Entrei e, perto da escada, estava ele. Tão lindo, de blazer

preto, blusa branca e calça jeans.

-Mel?

— Sim, Andrew — ela respondeu, educadamente.

— Essa é Helen, ela sempre será bem-vinda nesta casa.

Helen, essa é Melaine, todos a chamamos de Mel. E a governanta de toda a casa.

— Muito prazer.

— O prazer é meu, querida - ela me abraçou e saiu da sala.

— Se soubesse, viria com algo melhor — falei, examinando minha roupa.

-Você não precisa de roupas melhores, você é bonita de qualquer jeito - ele se aproximou e beijou minha mão.

—Você é muito gentil, senhor Andrew — abaixei e beijei seu rosto, suspirei fundo, fechei os olhos, envolvida por seu perfume.

— Não sei se acertei do que você gosta, espero que agrade, seja sincera.

Ele segurou minha mão, me conduzindo até a sala de jantar. A sala era enorme, com um lustre no centro. A mesa arrumada lindamente só para dois, velas acesas, talheres e louças em harmonia. Não via louças

tão lindas desde a época em que passávamos o Natal com meus avós por parte de mãe, antes de morrerem.

Ele puxou a cadeira, me sentei. Somente em filmes via homens tão educados.

— Que mesa linda, Andrew!

— Precisava combinar com você — ele sorriu. — Pedi que preparassem peixe com salada, acertei?

— Sim! — sorri, surpresa. — Adoro frutos do mar, principalmente peixe, de qualquer jeito.

Ajeitei-me na cadeira, colocando o guardanapo no colo e, esperando outra empregada nos servir, suspeitei de algo.

- Obrigada — agradei a empregada.

- Obrigado, Vivian - disse Andrew. - Essa é Helen, uma visita ilustre esta noite e espero que em outras também.

— Prazer, Vivian — falei.

— Oi, Helen, espero que goste de tudo que preparamos.

- Estou adorando, Vivian.

- Pode deixar comigo, se precisar, te chamo - falou Andrew.

A suspeita veio à tona.

— Como sabia? — Fitei seus olhos.

— Sobre o que gostava?

— Ahã — sorri.

- Estive fazendo umas pesquisas na internet - ele sorriu.

- Estava vendo a minha página?! O que mais viu?

- Não tem muitas informações, li tudo, queria saber do que gostava, da última vez só falamos de mim. Hoje, espero que falemos de você.

- Pode perguntar - experimentei o peixe. - Está maravilhoso!

- Agradeça a Mel e a Vivian. Me conte onde mora, o que faz. Se quiser dizer, gostaria de saber sua idade.

— Tenho 19 anos. Faço Letras, estou indo para o segundo período. Trabalho no shopping do centro, numa loja de perfumes importados. Moro com meus pais, não tenho irmãos e moro a mais ou menos vinte minutos de você.

— Sério?! Tão perto. Mora em Itacorubi, certo?

— Certo. Richard deve ter te contado.

— Ele me contou. Tão perto daqui.

- E se eu te contar que era aqui onde vinha sempre passar as férias de infância e adolescência?

- Em Jurerê?!

- Vinha para a casa dos meus avós nas férias, eles morreram uns anos atrás, eles moravam a cinco esquinas daqui.

- Está falando sério?! Puxa, por que nunca nos encontramos por aí? - sua expressão revelava desapontamento.

- Já me perguntei também. Me perguntei por que nunca te vi antes.

- É uma pena, nunca fui de ficar indo à praia. Como era o nome dos seus avós?

- Antônio e Valdete Ramos, eles eram velhinhos.

- Um senhor que vivia passeando com um labrador

branco na orla da praia?

- Devia ser, todos o conheciam por causa do cachorro.

- Lembro, sim, de vista - ele falava, surpreso. - E você, Helen, por que nunca te vi por este lugar?!

- Nem fale nisso. Poderíamos ter nos conhecido antes.

- Lamento nunca ter sentado perto daquele senhor e conversado com ele — lembrou, desapontado. — Ele sempre me cumprimentava, porém, nunca parei para conversar. Poderia ter te conhecido. Que oportunidade perdi - lamentou-se.

- Mas acabamos nos conhecendo.

- Poderia ter sido antes. Minha mãe podia estar falando do seu avô, quem sabe muitas vezes de você mesma!

- Sua mãe falava dele? Não se lembra de nada?

- Quando sua avó morreu?

- Uns três anos atrás. Por quê?

- Não pode ser! Helen, minha mãe foi ao enterro da sua avó!

- No velório?! Você lembra?!

- Só lembro que estava no quarto, ela me chamou para fazer companhia, mas recusei. Poderia ter te conhecido! Puxa!

- Naquele dia eu estava arrasada. Interessante! Estávamos tão perto e tão longe.

- Fiquei triste agora, minha mãe falou algumas vezes comigo sobre ele. Que pena...

Ele ficou pensativo novamente.

- O que foi? — perguntei.

- Estou tentando lembrar de algo que ela tenha dito. Lembro que ela comentou que a neta deles estava arrasada. Era você?! - perguntou, surpreso.

- Andrew? - fiquei surpresa também. - Será que - sorri impressionada — sua mãe falou comigo naquele dia?! Fiquei surpresa por imaginar que sua mãe um dia esteve tão perto de mim!

- Fiquei surpreso também. Poderia ter te conhecido antes.

- Mas... quando teve a oportunidade de me conhecer antes, ficou pensando.

—Você não sabe o quanto lutei comigo mesmo.

- Por que não queria me conhecer? - Mordi o lábio, não pude encará-lo.

- Sempre quis, apenas não queria que visse como estou.

- Diversas vezes falei para os seus amigos que não me importava.

- Estava receoso, passou tanto tempo, desaprendi a conhecer pessoas novas, ainda mais... você.

Seu olhar me fitou de forma diferente. Fiquei encabulada.

- Qual o problema comigo? - disfarcei

- Para ser sincero, muitos — ele sorriu. — Ainda fico confuso, você é... simplesmente linda.

Sua voz regada de gentileza, com um tom fabuloso de romantismo me deixava mais atraída.

Ficamos em silêncio.

- E você, quantos anos tem e o que gosta de fazer? -Tenho 20 anos, este ano faço 21. Gosto de escrever, ler, cantar, tocar piano.

- Quantos talentos! - sorri. - E atuar?

- Gosto, todavia, prefiro ficar por trás das cortinas.

- Por que escolheu o teatro, e não a música?

- Sempre estudei música, desde os 7 anos. Então, ir para uma faculdade e estudar quatro anos de música seria demais. Queria aprender sobre direção teatral, escrever, essas coisas.

-Você é muito talentoso, Andrew.

-Você também é.

- Sente falta de... fazer algo que não pode mais?

- Muitas coisas, Helen, principalmente jogar futebol e correr, adorava — ele ficou triste.

- Me desculpe! Havia esquecido que você jogava futebol na faculdade.

—Tudo bem — ele cerrou os lábios. — Está sabendo muito a meu respeito. Como sabe que jogava bola na faculdade?

- Karen contou, quando narrou a cena do pessoal do jornalismo tentando te convencer a escrever para a revista

- disse, rindo.

- Fiquei constrangido - ele sorriu. - De repente, entram vários loucos gritando e apitando, pedindo que aceitasse, exagerado. Por menos, aceitaria.

- Só queriam você, como não aceitava, fizeram a cena. Andrew, quando você puder fazer tudo outra vez, o que pretende fazer primeiro?

-Você tem tanta fé que me inspira. Não penso mais nisso, sabe, já passou tanto tempo...

- Não perca a esperança, Andrew! — apertei sua mão.

Ele focou nossas mãos com um discreto sorriso. Me

inquietei e a retirei lentamente.

—Algo que sempre desejei foi voltar a jogar bola, correr.

- Tenha fé, confie. Vai voltar a fazer tudo que sempre fez! Vai voltar a ver seus jogos na televisão. Não gosto muito de futebol; contudo, aceito ver uma partida com você no estádio, combinado?

—Você é tão sonhadora...

- Vai acontecer, Andrew, e você vai se lembrar desta conversa, vai me convidar para ir. Claro, se for para você torcer para o Grêmio. - Mordi os lábios, prendendo o riso.

- Então não vamos nunca, sou Flamengo.

- Está brincando?! Você nem é do Rio de Janeiro e torce para um time carioca?!

-Você também não mora no Rio Grande do Sul e torce para o Grêmio.

Sorrimos juntos.

- Meu pai morava no Rio Grande do Sul, porém nasci aqui, influência dele.

- Parece Richard. O pai dele morava lá também e acabou influenciando os filhos a torcerem para o Grêmio. Reparei sua paixão por animais, em especial, por cachorro comentou ele.

- Amo cachorro, desde que o meu morreu, há dois anos, não tive outro, fiquei muito triste, chorei por dias. Você gosta de animais?

- Gosto de cachorro também. Quando tinha 13 anos, ganhei um golden retriever do meu pai. Foi a última fase boa que vivi com meu pai. — Andrew falava com um tom de nostalgia. - Quando ele nos levou para fazer trilha. Também adorava correr com o cachorro — ele suspirou fundo. — Quase todos os dias corríamos de manhã... Rock morreu quando tinha 18 anos, fiquei muito chateado.

-Você vai voltar a correr e a jogar bola, vai ver! Andrew? - Suspirei fundo antes de perguntar. - O que aconteceu com seu pai?

- Não falo sobre ele - seu tom de voz ficou sério.

- Não sente falta dele?

- Já superei a ausência. Aliás, ele sempre foi ausente.

- Será que de fato superou?

—Vamos mudar de assunto?

Ficamos em silêncio. Havia tantas perguntas.

- Andrew, soube que você canta muito bem... Queria ouvir.

- Quem sabe em outra oportunidade, não canto há algum tempo.

- Por favor, só um pouquinho?

- Prometo que outro dia.

- Por favor! Diz que sim?

- Não peça assim... Fico te devendo... Me fale mais sobre você.

— O que quer saber?

— Qual o seu sonho?

— Tenho muitos sonhos. Vou destacar apenas três, em uma escala do menor para o maior.

— Estou curioso, me conte.

— O terceiro é que quero ser revisora de textos e escritora. Seu projeto tem me ajudado muito nisso. — Torci os lábios, esperando que ele brigasse comigo.

— Fico feliz por fazer parte de um dos seus maiores sonhos. E o segundo?

— Quero criar um projeto com crianças de rua, levá-las às artes. Escrita, leitura, poesia, pintura, música. No dia em que contemplar crianças de rua lidando com as artes, sendo instruídas, valorizando o talento, pode ter certeza, estarei realizada!

— Lindo o seu sonho. Posso ajudar?

— Seria demais! Você participando?! Sem palavras!

— E o terceiro, ou seja, o primeiro, é o mais importante?

— Adoraria contar, mas... ainda não é o momento.

— Quando vai dizer?

— Em breve.

Seus olhos pareciam desenhar meu rosto.

— Andrew, estive pensando, me ajuda a escrever sua própria história?!

— Não acho uma boa ideia.

— Poderíamos escrever juntos! Sua história é fantástica! Você é um escritor de talento, não pode se perder!

— De que adiantaria sonhar, Helen?

—Você está vivo, Andrew! Seus sonhos de alguma forma estão vivos dentro de você! Olha o seu talento, quanta repercussão! Talvez não estaria aqui se não fosse ele!

-Você sabe da realidade, sabe que, mesmo sendo jovem, não tenho a vida inteira pela frente.

Suas expressões mudaram, as minhas também.

— Por favor, não fale isso. Machuca...

— Me perdoe, não posso te enganar e também seria injusto te atrair para perto de mim...

— Para! Não há injustiça nisso, Andrew?! Se você me aceita por perto, me deixa ficar, porém, não me faça ter receio de perder isso.

— Helen...

— Andrew, se for sobre esse assunto, não quero ouvir. Lute pela sua vida, Andrew.

— Agora tenho um motivo...

— Vamos nos sentar na sala? — disfarcei.

Na sala principal olhei o piano de cauda. Caminhei para perto dele.

— Soube que você toca muito bem — comentei.

— Faz tempo que não toco, estou enferrujado de todos os lados.

— Podia começar a tirar a ferrugem.

— Quem sabe outro dia.

-Vai me negar tudo que te pedir hoje?

— Depende.

— Toque algo, você consegue?

— Fisicamente sim, sem exageros, porém não sei se é o momento... emocionalmente, compreende? - Ele abaixou a cabeça.

— Posso compreender.

Sentei no banco do piano.

“Será que ainda sei tocar alguma coisa?” Passei minhas mãos pelas teclas, pensando, buscando alguma canção em especial.

— Sabe tocar? - ele se aproximou.

— Um pouquinho, fiz aulas quando era menor, não tenho tanto talento, mas amo a música.

— Toca para mim?

-Você negou meus pedidos, por que iria atender o seu?

— Porque a música fazia lembrar meus sonhos.

— Não sou tão boa nisso quanto você.

Não pude recusar. Comecei a tocar com a mão direita as notas agudas, uma melodia antiga. Depois, fui lembrando das outras notas, juntei com o grave da mão esquerda, nada difícil. Aquele som ecoou em todo o recinto. Fui levada, sem perceber, por aquela canção, comecei a cantar, sussurrando a música.

“Por que você me amou? Não fiz nada para merecer sua

vida... O que tenho? Por que me ama, por que me ama tanto

assim?...O que tenho?... Não tenho nada. Seu amor me deixa sem jeito, tão constrangido... Doce amor.”

Quando olhei para Andrew, seus olhos estavam fechados. Virei-me lentamente para ele.

— Andrew?

— Tudo bem, não se preocupe. Estou apenas pensando — seus olhos estavam úmidos.

— Acabei te emocionando.

— A música pode nos trazer vida. Tão lindo o que tocou e cantou. Sua voz é doce, suave.

— Lembrei-me muito desta música enquanto lia suas histórias do príncipe Yáh... Ele amou a plebeia de uma forma tão extravagante, chocando a todos. O que pensava quando escrevia aquela história?! Tenho essa curiosidade.

— Não pensei em ninguém, Helen.

— Impossível, deve ter algo em que pensava.

— Sempre imaginei a existência de um amor daquele jeito, que não fosse apenas um conto ou fantasia. Dentro de mim, sempre acreditei que um amor daquela proporção poderia ser real.

— Andrew, esse amor existiu e ainda existe, esse detalhe me deixou encantada!

— Do que está falando?

— Será que você não percebeu? Lembra da sua história agora... Não pensou em nenhum momento no que o príncipe sentia? Dar uma chance a uma pessoa indesejada, sem valia? Ele cuidou dela, tratou dos ferimentos, limpou-a, vestiu-a com tudo de rico e belo. Deu a ela suas riquezas, joias e a amou com sua alma. Entretanto ela não fez por merecer, traiu seu príncipe. Ele ainda a quis de volta, não por merecimento, ele simplesmente a amava. Todos o criticaram, foi alvo de tantas acusações! Por ela, ele abriu mão de tudo.

— Ela merecia morrer. Seria o final da história, o meu final.

— Não o meu final. Muitas vezes nos comportamos como a plebeia diante de um amor genuíno. Acredito que Yáh seria capaz de lutar por ela.

Sua expressão era vazia, ele se mostrava atento, ligando uma coisa a outra.

- Não via dessa forma, Helen.

Ele ficou em silêncio, olhando pela janela.

- Quer que eu volte? — mordeu o lábio, num instante de preocupação.

- Queria poder te ver todos os dias.

“O que ele quer dizer com isso?!” Me levantei e olhei o relógio.

- Está na hora de ir.

- Tão cedo?

Concordei, balançando a cabeça.

- Quando te vejo novamente? - ele se aproximou, chegou tão perto que esqueci de respirar normalmente.

- Amanhã não poderei vir - disfarcei. — Tenho que ir resolver algumas coisas. Consegui alguns dias de folga no trabalho e vou visitar meus avós, passar três dias em Porto Alegre.

- Ficarei três dias sem te ver?

- Adoraria vir todos os dias te ver, mas são compromissos marcados. Não faz essa expressão, pode partir meu coração.

- Parei, preciso dele inteiro.

Ficamos nos olhando em silêncio. Devia começar a me preocupar comigo mesma, estava coesa a ele, começando a desconfiar do seu interesse por mim. Estava perdendo minhas razões centradas nos meus princípios tão prudentes. Ele, o ideal para formar novas razões.

- Obrigada pela noite, adorei tudo o que você fez — falei, quebrando o silêncio.

-Você merece muito mais, são apenas gestos simples.

— Nos pequenos gestos se vê o que se tornará grande um dia.

— Espero que tenha começado bem.

— Muito bem.

Me aproximei e beijei seu rosto. Novamente seu cheiro me fez lembrar o amanhecer.

— Não vai embora agora — ele segurou meu braço.

Fiquei próximo ao seu rosto. A imagem do seus lábios

deixou-me sem saber como agir. Sua respiração fez meu interior galopar intensamente, tentando encontrar o equilíbrio das emoções fora do lugar.

— Preciso ir - falei nervosa e desconcertada. - Mas e-eu... eu volto.

— Gosto de ouvir isso... Obrigado por vir.

Fiquei sem comentários, ele também pareceu ficar.

— Se precisar de algo, me ligue, não hesite - interrompi o silêncio.

— Você veio sozinha?

— Boa lembrança. Richard comentou sobre me buscar, combinamos que nos dias em que vier direto do trabalho eles não precisarão me buscar. Concorda?

— Se for só desta maneira, aceito. Fico preocupado de você vir sozinha nessa estrada à noite. Vou pedir que Rubens te siga até Itacorubi.

— Andrew, não precisa, eu...

— Helen - ele me interrompeu com as expressões franzidas. — Rubens vai te seguir.

— Tudo bem. Adorei a noite.

— Eu também.

— Boa noite...Tchau.

Enquanto caminhava para a porta, ele ficou observando. Quando saí, sorri e mandei-lhe um beijo.

Rubens me seguiu até em casa.

Fui para o quarto, me joguei na cama, ele inundou meus pensamentos. Recordei os momentos em que estivemos tão perto de fazer acontecer o beijo, o beijo desejado.

Meu celular tocou, um sorriso surgiu ao pegá-lo.

— Oi, Helen.

-Oi.

— Queria saber se você chegou bem.

- Cheguei, sim. Obrigada por se preocupar.

- Me preocupo, pode ser uma boa desculpa também, de continuar ouvindo sua voz.

“Será que ele está interessado em mim?!”

- Pode me ligar, Andrew, não precisa de desculpas. Isso me dá o direito de ligar para você também.

- Me ligue quando quiser.

- Adorei tudo que fez, foi lindo.

- Fico feliz que tenha gostado. Vou te deixar dormir.

— Não vou dormir agora.

- Só vou desligar porque tem uns carinhas aqui querendo conversar comigo.

Sorrimos juntos.

— Quem está aí? Alan e Richard?

— Eles mesmos.

— Diga que mandei um beijo.

- Pode deixar. Boa noite.

— Boa noite. “Sonhe comigo, querido.” Sussurrei depois de encerrar a chamada.

9 - Meu amanhecer

No dia seguinte, acordei cedo para levar Sarah à rodoviária.

Meus pais mudaram os planos, seriam apenas três dias em Porto Alegre, mas, devido às férias da minha mãe, resolveram ficar uma semana. Convenci-os a viajarmos um dia após o combinado, aleguei que precisava me despedir dos meus amigos, quando o real motivo era: não podia viajar sem me despedir do Andrew.

Contei a eles um resumo sobre o jantar da noite anterior. Meu pai repetiu quase as mesmas palavras. Precisava começar a prepará-los para conhecê-lo, não podia assustá-los quando revelasse meus sentimentos pelo Andrew. Sentimentos que entreteciam serenidade, aspirações e conservando certezas. Sussurrava a todo momento o nome dele, transformando o maior dos meus sonhos copiosamente em brilhantes, ele foi capaz de modificar os dias de inverno em outono outra vez.

Levei Sarah à rodoviária. Contei os detalhes do jantar. Ela contou sobre a despedida com Alex, que permanecia irreduzível em relação a ela.

Vóltei para casa, peguei minha mãe, eram quase 10 horas. Fomos ao centro. Adorava andar com ela. Falei muito de Andrew, não dos meus sentimentos. Ela apenas ouviu.

Almoçamos e fui para o trabalho.

À tarde, Alan me ligou, animado.

- Helen?

- Oi, Alan, tudo bem?! O que aconteceu?

- Aconteceu algo muito bom!

- Me diz logo!

-Vai gostar de saber que ontem, quando cheguei em casa, ouvi do quintal Andrew tocando piano.

- O quê?!

- Sim, ele estava tocando piano! Entrei pela porta dos fundos para não distraí-lo.

- Fico tão feliz! E tão emocionada!

- Sabia que você ia gostar.

- O que estava tocando?

- Não conheço a música, fiquei escutando e só quando acabou, entrei.

- Não sabe como fico feliz!

- Obrigado, Helen. Você tem feito muito bem a ele.

- Não precisa me agradecer, eu que sou grata por terem nos apresentado. Mas, diz uma coisa, Alan.

- Fala?

-Você e Richard, sabe, não disseram a ele que... você sabe, que estou a fim dele, disseram? - Meu coração acelerou.

-Você vai falar com ele — sorriu.

- Está doido?!

- Por que não?! Está gostando dele! Ele é o maior interessado em saber! — sorrimos.

- Será que você... me responderia outra pergunta?

— Depende. Fala.

- Será que Andrew está gostando de mim? - novamente fiquei nervosa.

— Acho que devia perguntar pra ele — sorriu novamente.

— Puxa, Alan! São amigos dele, tenho certeza que ele deve ter falado algo para você e Richard! Por que não contam?! - ele soltou uma risada, me fazendo rir também.

- Porque achamos que quem deve falar são vocês dois, um com o outro. Só posso dizer que ele gostou muito de você.

-Ah,Alan, isso não vale! Ele me falou! Quero saber se, por acaso, pode acontecer de ele se interessar por mim, algo assim.

— Devia perguntar a ele — sorriu.

- Desisto! Valeu por ter ligado. Adorei a notícia!

— Sabia que ia gostar de saber.

- Adorei!

Quando ele desligou, fiquei sorrindo, segurando o celular no peito, controlando a explosão de alegria por Andrew ter resolvido voltar a viver.

À noite, fui com meus pais a um jantar de negócios. Não gostava daquelas reuniões, eram muito formais, demoravam e sem contar que era com a família do senhor Marcos. O filho mais velho deles ficava sempre com segundas intenções comigo, me irritava, ainda mais no momento atual...

Desejava estar com Andrew, ouvindo sua voz, suas histórias.

Durante o jantar, meu celular tocou. Era ele.

Pedi licença e fui para a recepção do restaurante.

— Oi — Minha voz não escondeu a alegria.

— Oi, Helen. Estou te atrapalhando?

— Andrew, vamos combinar uma coisa? Se você me ligar e eu não puder atender, não atenderei, mas se atender é porque quero e posso falar com você!

— Só não quero ser um chato.

—Você só é chato quando não liga.

Ele sorriu do outro lado.

-Já posso desligar... só queria ouvir sua voz.

-Você é demais, Andrew.

Ficamos em silêncio.

— Pensei em você - ele disse.

Suspirei fundo antes de responder. Ele me desestruturava com poucas palavras.

— Eu também.

Ouvi-o soltando um gemido.

— O que aconteceu?!

— Nada, só estou sentindo um pouco de dores hoje.

— Como você está?! — minha voz se alterou radicalmente.

— Não se preocupe, estou bem.

— Que cabeça a minha! - reclamei. - Ficamos esses dias juntos e nem perguntei nada sobre seu tratamento, suas visitas ao médico. — a voz soava embargada, com indignação.

— Falamos de assuntos infinitamente melhores. Helen, não gosto de conversar sobre a doença quando estamos juntos, não fique assim, já vivo, não preciso ficar relembando.

— Mas me preocupo com tudo que envolve você!

— Não fique chateada, falamos de coisas tão boas. Não quero passar o precioso tempo com você falando de assuntos que não sejam os que falamos ontem.

— Andrew...

— Pziu — ele sussurrou me fazendo aquietar. - Esquece, não fique assim.

— Então diz, quando vai ao médico de novo?

— Tenho uma consulta a cada quinze dias, devo ir na próxima semana. Vamos falar de nós dois, hein?

— Preciso saber de você, me importo e não quero deixar passar despercebido nada sobre você. Vai me contar tudo o que acontecer até a ida no médico, ok?!

— Tudo bem, agora vamos mudar o assunto?

Ficamos um período em silêncio.

— Soube que você andou tocando.

— Esses caras que se chamam meus amigos não sabem guardar segredo.

— Era segredo?! — perguntei, curiosa.

— Para você sim.

— Por quê?

— Quando te verei?

— Não muda de assunto, Andrew! - sorri.

—Você deve estar franzindo a testa. Acertei?

—Você sabe disfarçar tão bem. Como sabe?

— Reparei que se expressa desta maneira quando é contrariada.

— Acertou — sorri. - Mas, me diz, por que era segredo?

— Depois te falo, prometo. Quero saber quando vou te ver?

— Tenho uma ótima notícia e uma ruim — suspirei.

— O que aconteceu?! — seu tom de preocupação me fez mudar o tom de voz para algo menos triste.

- Não é nada sério. Agora não posso falar, estou num restaurante com meus pais. Quando chegar em casa te ligo. Posso?

- Tem certeza que está tudo bem? Fiquei preocupado.

- Está tudo bem. Não fique preocupado.

- Vou ficar esperando, me ligue a hora que for.

- Pode deixar. Preciso desligar.

- Me ligue.

- Até depois.

Estava triste, desolada, não sabia como seriam aqueles dias sem ele. Adoraria continuar falando ao celular, porém, tive que desligar, certamente meus pais iriam começar a reclamar de minha ausência.

Em casa, fui logo para meu quarto, fazer aquela ligação importantíssima.

No segundo toque, ele atendeu.

- Oi, Helen.

- Me desculpe por ligar tão tarde, cheguei agora.

- Tudo bem, durmo tarde, pode falar.

- Quer a notícia boa ou a ruim primeiro?

- Me fale a ruim.

- A maioria das pessoas começa pela ruim. Vamos sair da cidade. Lembra que te falei da visita aos meus avós?

- Lembro, sim.

- Houve uma mudança de planos, meus pais resolveram ficar um tempo maior em Porto Alegre, não os vemos há anos, então, não serão apenas três dias.

- Quanto tempo? — perguntou, triste, senti tristeza.

- Quase uma semana, Andrew.

Houve silêncio por alguns instantes.

— Vou sentir sua falta. Contudo, compreendo que precise ver sua família.

— Não fique triste, não queria ficar tanto tempo — suspirei fundo.

— Vai ser bom para vocês — falou com carinho.

— Mas tenho uma boa notícia.

— Consegue ter algo que possa me confortar nesses dias sem você?

“O que ele quer dizer com essas frases soltas?!”

— Consegui adiar a viagem para depois de amanhã, o que faz ter o dia de amanhã com você!

— E uma ótima notícia, conforta.

— Amanhã irei te ver, posso?

— Mais do que ontem, preciso te ver, Helen. — Meu coração acelerou.

-Amanhã vou mais cedo, umas 18 horas, ok?

— Tarde assim?

— Preciso me despedir dos amigos e principalmente de você.

— Estarei te esperando - sua voz triste me abateu. — Vou pedir a Richard ou a Alan que te busque.

— Amanhã é outra exceção, estarei indo de um lado para o outro na despedida dos amigos. Certo?

— Está certo. Depois Rubens te segue. Do contrário, ficaria preocupado.

— Combinado. Vou desligar, tenha bons sonhos.

— Não sei se os motivos que me deu farão sonhos bons.

— Não fique triste, amanhã nos veremos, pensa nisso.

— Somente nisso.

— Só uma pergunta: você está bem? As dores passaram?!

- Não se preocupe, estou bem.

-Até amanhã. Beijo.

Encerrei a chamada, estava arrasada. Não queria imaginar como seriam aqueles dias sem ele.

Pela manhã fui ao campus visitar Alex e Diego.

Alex abriu a porta.

- Oi, Alex.

- Oi, Helen.

- Será que podemos conversar?

—Vai entrar? — perguntou, coçando o cabelo despenteado.

- Não, só vim me despedir e saber como você está. Aliás, te liguei ontem e você não atendeu, pensei que não te encontraria aqui.

- Não queria falar com você.

- Sabia que viria, então não atendeu.

- Imaginei.

- Podemos conversar?

- Entra? Toma café comigo? — insistiu.

-Já tomei.

- Então me faz companhia? Vamos, Helen, você vai ficar feliz, só vai me ver agora no fim do mês.

- Não tem graça.

- Entre.

Resolvi entrar. O quarto estava todo bagunçado, havia uma mesa com leite, torradas e achocolatado. Sentei na cadeira.

- Que bagunça vocês deixam este quarto! - reclamei

- Ninguém vem aqui.

- Alex, ainda está chateado comigo?

— Deveria?

— Não sei, saiu aquele dia da minha casa irritado!

— Fiquei com raiva, sim.

— Passou?

— Tudo passa.

Ficamos em silêncio.

— Ia se despedir? — perguntei.

— Iria e também perguntar o que você faria nas férias.

— Vou viajar amanhã. E você, vai hoje à tarde?

— Vou, não é uma viagem ir para Blumenau.

— Iria viajar chateado comigo?

— Sempre fazemos as pazes. Ia te ligar, mas, já que veio, me poupou.

— Seu sem-graça — bati em seu ombro.

— Estou indo hoje, tinha algumas coisas para resolver aqui esta semana. Vou ficar na casa dos meus pais, passar um tempo com a família... Apesar de não ser fã disso.

— Não diga isso, Alex, já falei que ter uma família é maravilhoso, mesmo que não seja como queremos.

— E você, o que fará nas férias?

— Consegui uma semana no trabalho e vou viajar com meus pais para visitar meus avós e tios, em Porto Alegre, não os vejo há anos.

— Depois vai descansar?

— Tenho que trabalhar.

— Fala sério, Helen, em plenas férias você indo trabalhar.

— Não sou filha do dono da empresa, como alguns.

— A empresa de engenharia onde estou estagiando não é só do meu pai. A de Blumenau, sim, mas na daqui ele é sócio.

— Não deixa de ser dono.

- Por que não vai trabalhar com seu pai?

- Nunca pensei nisso. Vou pensar melhor. Nunca me interessei, ele trabalha com contabilidade, aluguéis e compra de imóveis, tão diferente do que gosto. Nunca pensei na hipótese.

- E o que você faz? Também não tem nada a ver com suas aptidões.

- Olha, Alex, você nunca falou algo que me deixasse tão pensativa.

- Não precisa humilhar.

- Estou dizendo que você me deu uma ótima ideia, vou pensar seriamente nisso.

- Somente esse assunto te faz pensar bastante?

-É.

- Não tem pensado em mim?

- Alex, por favor, já conversamos sobre isso.

- Pensa em mim?

—Você é meu amigo, penso em você como penso nos nossos amigos.

Ficamos em silêncio.

- Realizou seu sonho? De conhecer o contador de histórias? — falou, debochando.

- Conheci, e o nome dele é Andrew.

- Ficou decepcionada?

- Pelo contrário, é uma pessoa extraordinária.

—Veio aqui só para contar?

- Não, você está perguntando, estou respondendo. Vim para me acertar com você.

- Não sei se posso conviver com isso, Helen.

- O que está dizendo? — franzi o cenho.

— Ser seu amigo quando queria ser um namorado.

— Não quero te deixar chateado comigo, mas não é possível.

— Fez sua escolha? - Ele falava sério.

— Não há escolha! Você é meu amigo.

— Posso escolher não ser - fitei seus olhos.

— E seu desejo?

— Me dê um tempo, de colocar tudo no lugar, de tentar compreender que você só quer minha amizade.

— Se quer um tempo na nossa amizade, tudo bem,Alex. Espero que não se arrependa. Posso compreender. Vou embora - levantei-me.

Ele se levantou bruscamente da cadeira e segurou meu braço.

— Posso ter esperança?

— Me solta, Alex.

—Você vai acabar se dando mal nessa história — ele soltou meu braço.

— É o que você quer, não é?!

-Você não se importa com o que quero — ele se aproximou enquanto dava passos para trás.

— Se você não quer ser meu amigo, não posso te forçar a ser, sinto muito.

— Me desculpe.

— Seja meu amigo? - encostei-me na parede ao lado da porta, ele se aproximou.

— Isso é pedir demais.

— Pense e depois me dê a resposta — esquivei-me dele.

— Nada pode mudar o que sinto.

— Se você tentar, pode conseguir - abri a porta. — A gente se vê, vou esperar sua resposta.

Ele permaneceu de cabeça baixa, fechei a porta, com o coração apertado.

Iria passar perto da casa de Karen, resolvi estender e me despedir. Encontrei-a de saída. Dentro de nossos carros, trocamos algumas palavras.

No final da tarde, tomei banho e troquei de roupa, queria estar renovada para quando Andrew me visse.

O inverno havia chegado. Coloquei uma calça preta jeans, um casaco fino branco, sobretudo, touca e botas.

Quando cheguei à casa dele, entrei pelo quintal, encontrei Alan, que estava saindo com sua linda moto amarela.

— Oi, Alan. Vai sair de moto nesse frio?

— Oi, Helen, que bom te ver! Vou sim, estou acostumado.

Ele me deu um abraço apertado e um beijo no rosto.

-Você está saindo? Avise Andrew que estou aqui.

— Estou saindo, não vai ser necessário avisar que você chegou, ele está te esperando.

— Ele está bem? Ontem comentou que estava sentindo dores. Fiquei preocupada.

-Tem dias que sente dores, em outros dias passa sem.

— Por que ele não fala comigo sobre esse assunto?

— Ele não quer te preocupar, só isso.

— Alan, avisa ele que cheguei?

— Não precisa, gatinha, é só tocar a campainha. Richard e Rebecca estão com ele.

Ele me beijou no rosto e subiu na moto.

— Antes que eu esqueça, obrigado por tudo, Helen, muito obrigado — ele colocou o capacete e saiu acelerando a moto.

Fui até a porta e toquei a campainha.

— Oi, querida, pode entrar — falou Mel, abrindo a porta.

— Oi, Mel, tudo bem?

— Melhor agora que você chegou. Venha, entre.

— Ah, quero dizer antes que seu peixe estava divino. Agradeça a Vivian também.

— Obrigada, filha, caprichamos — sorrimos juntas.

— Onde Andrew está?

— Está no segundo andar. Venha que te levo, está te esperando. — Antes que saíssemos, ela se virou. — Quero agradecer, Helen, por todo o bem que você tem feito ao Andrew. Fazia tempo que não o via feliz, aliás muitos anos — ela parecia emocionada.

-Você conhece Andrew há muito tempo?

— Sim, vim trabalhar aqui quando tinha uns 10 anos, eu o vi crescer. É um filho para mim, os meninos também. Desde que tudo aconteceu, posso vê-lo feliz outra vez. Obrigada, querida.

— Não precisa agradecer, faço por gostar muito dele.

Quando chegamos à sala — a mesma onde o havia conhecido —, todos estavam rindo de alguma coisa sobre Richard. Quando Andrew me viu, aproximou-se com aquele sorriso lindo que me deixava mais ligada a ele.

— Oi, Helen, que ótimo que chegou — ele beijou minha mão.

— Oi, Andrew, tudo bem com você? — abaixei e beijei seu rosto. Seu perfume ainda era um mistério.

- Sempre fico melhor quando te vejo.

- Hum, sabemos... - Richard começou a fazer cara de segundas intenções, nos olhando.

—Vem, Helen — Andrew me levou até Richard e Rebecca.

— Só estávamos esperando você chegar, íamos sair. Antes quero que conheça minha namorada, Rebecca — disse Richard.

- Oi, Rebecca, sou Helen.

Ela se levantou, apertou minha mão, em seguida, me beijou no rosto.

— Reconheceria você a distância, Helen, de tanto esses dois falarem de você. Prazer em conhecer.

Ela permaneceu de pé, enquanto Richard me dava um beijo no rosto e se despedia.

— Precisamos ir, pessoal — falou ele.

Conhecia Rebecca de vista na faculdade, morena alta, de cabelos cacheados pretos, olhos castanhos e um belo sorriso. Combinava com Richard, alto como ela. Formavam um casal muito bonito.

- Senta aqui, Helen.

—Você está bem, Andrew?

- Estou, porém, depois das últimas notícias, não tão bem. Estou feliz por você estar aqui. Conte o que aconteceu.

- Não quero falar de mim, me diz como você está se sentindo. Por que não fala de assuntos referentes à sua saúde?

— Não fica chateada comigo - ele franziu as expressões, não consegui prender o riso, ficava lindo.

— Andrew, tudo que diz respeito a você me importa, entende?

— Não quero te preocupar.

—Vai me deixar preocupada se não disser. Está sentindo dores hoje?

— Foi ontem, estou bem.

— Me fala sobre sua fisioterapia, as sessões.

— Helen — ele fez cara de cansado. — Vamos falar de nós, passamos pouco tempo juntos. Fico esperando você para falarmos de boas novas.

— Tudo bem, Andrew, promete que me contará tudo a partir de hoje?

Ele desviou o olhar, não concordando.

— Ok. Me conte o que aconteceu.

— íamos passar apenas três dias com nossa família, próximo a Porto Alegre, mas meus pais resolveram

ficar uma semana.

— Tem seu lado bom.

— Em parte. — fiquei pensando se diria ou não, ele precisava saber. — Vou sentir sua falta.

— Eu também.

Ficamos nos olhando.

— Conseguiu mudar as passagens?

— Não tínhamos comprado, convenci meu pai de que precisava me despedir dos amigos hoje e ele concordou.

— Suponho que tenha muitos amigos.

-Tenho um grupo seleta, digamos. Aproveitei e fui me despedir de Karen, que mandou lembranças para você.

— Ela sabe então que nos conhecemos?

— Não falei detalhes, ela falou que se você continuar abrindo exceções, ela também quer te ver.

— Ela quer me ver?

— Sim. Não entendi muito o jeito dela quando falou. Sei lá, ficou surpresa pelo fato de termos nos conhecido — dei de ombros.

—Vamos falar de nós dois, vamos? Como foi seu dia?

— Me despedi de um amigo de manhã, vi Karen. De tarde tive que arrumar a mala.

— Richard havia contado sobre seus amigos achegados, inclusive de Alex, Alex Carter. Você está sempre com ele, não é? — ele fez uma expressão nova, desconhecida.

— Conhece Alex?

— Conheço, sim, era o cara que sempre arrumava brigas no futebol. Sempre fui calmo, diferente de Alan. Eles viviam se estranhando e sobrava sempre para mim e Richard apartar. A rixa entre eles existe desde que esse Alex entrou na faculdade, por serem do mesmo curso, Alan e os outros veteranos aprontaram com ele no trote aos calouros.

— Não sabia que o conhecia.

— Conheço, sim. Pintoso ele, não? - estava começando a suspeitar das expressões faciais dele.

— Ele é um tipão, sim, contudo não é o meu tipo, se quer saber.

Andrew estava com ciúme de mim!

— Ele vive tentando algo mais com você, ou estou errado? — suas feições sérias eram tão lindas.

— Não tem nada a ver, minha melhor amiga é apaixonada por ele, nunca tive nada com ele.

— Então é fato que ele fica dando em cima de você?

— Não posso negar. Como sabe?!

— Alguns fatos cheiram evidente de longe. Alan havia dito que todas as vezes que eles se aproximam de você, o tal de Alex fica olhando de cara amarrada.

— Deve ser pelo trote, que eles ficam se estranhando.

— Não creio ser apenas a rixa, Alan contou que ele te vigia como se você fosse dele - sua expressão de ciúme era tão linda, não conseguia parar de olhar, fiquei mais apaixonada. - Alan sempre torce para que Alex fale apenas uma palavra torta, dando mais motivos para brigarem, Richard sempre o acalma.

— Andrew, você está com ciúmes de mim? — não consegui prender o riso.

Ele desviou o olhar e ficou em silêncio.

— Estou. Não posso estar lá com você.

“Não posso acreditar nisso! Andrew com ciúmes de mim?! Meu Deus! O que ele sente realmente?!”

— Não tem motivos para ficar com ciúmes de Alex, é apenas meu amigo. Acho que posso discernir muito bem por quem realmente estou interessada.

Fiquei aliviada por perceber que ele estava tão compenetrado nos pensamentos que não prestou atenção no que havia dito, um ato insano da minha parte.

— Queria poder estar do seu lado, fico frustrado.

— Andrew, por que você não volta a estudar?! Estive pensando nisso, seria um sonho!

— Apenas um sonho.

— Por que não?! Poderia terminar seu curso de teatro e fechar com chave de ouro com sua peça!

—Você é tão cheia de sonhos.

— Não sente saudades?

- Sinto, porém, não sei se fisicamente posso, muito menos emocionalmente.

-Tenho dito tantas coisas para que você pense, assuntos importantes, mas poderia pensar sobre a faculdade também?

-Já pensei muitas vezes sobre ela, não sei se posso.

- Estaria junto com você e seus amigos estarão lá também!

- Não sei, vou pensar.

- Por favor?! Por você... Por mim? — Fiquei próxima a ele. A verdade é que adoraria sentir melhor o perfume maravilhoso que usava.

- Não faz essa expressão, poderia ser levado pelas emoções a dizer sim.

- Só pense.

Ele mexeu numa mecha do meu cabelo e, como da primeira vez em que nos conhecemos, estremeci.

- Não posso descartar de forma alguma a parte de pensar que você estaria comigo.

O ar ficou preso nos pulmões. Fiquei sem jeito e voltei a sentar mais atrás no sofá.

- Tem pensado no que tenho falado com você?

- Um pouco, na verdade, penso mais em você.

Sorri de canto, sem jeito.

Olhei pela janela, atentei que a lua estava linda, iluminando todo o jardim.

—Vamos lá fora? - sugeri.

- Não costumo ir ao jardim.

-Vamos, Andrew? A noite está linda, fria, mas linda. Vamos, por favor?

— Não posso negar outro por favor tão gentil da sua parte. Não quer comer algo primeiro?

— Não estou com fome, você está?

— Não. Perguntei por causa de você mesma. Espere que vou pegar meu casaco e uma touca.

Observei que ao lado da lareira havia uma cômoda com fotos. Cheguei perto, vi fotos de Andrew com os amigos, e uma com quem devia ser sua mãe. Peguei uma em que ele estava sentado ao piano, tocando, devia ser de quando era adolescente. Em outra, ele fazia pose de time com seus amigos no futebol. Passei o olhar e vi outra, ele estava sentado, vendo o pôr do sol, lindo, com a pele alaranjada, olhando para a frente, ao fundo, o mar. Peguei o porta-retrato na mão, não consegui desviar o olhar. Ele se aproximou sem que percebesse.

— Essa foto não é antiga - ressaltou. - Tem dois anos.

Ele havia ficado charmoso de touca.

— Está linda a foto, a tonalidade, adorei. E você... continua muito bonito - foquei seus olhos, ele retribuiu o olhar com um sorriso de canto.

-Também gosto muito dela. Bem diferente do atual.

— Não começa, Andrew. Adorei a foto. Poderia ficar com ela? — morde o lábio.

— Tem um motivo?

— Acredito que tenho.

— Qual?

— Quero ter uma foto sua e levá-la comigo na viagem.

— Não é um bom motivo.

Fiquei em silêncio.

- Para falar a verdade tenho outro, mas... não sei como dizer.

-Vai me falar hoje?

- Quem sabe. Então, posso levar?

- Se for me contar o motivo real hoje, pode.

- Então está combinado.

Quando virei o porta-retrato para tirar a foto, ele me repreendeu.

- Não, pode levar na moldura, não precisa tirar.

- Obrigada, Andrew - abaixei, beijei seu rosto, coloquei a foto na bolsa. - Essa aqui é sua mãe? Qual era o nome dela?

Peguei a foto e mostrei.

- Sim, é ela. Chamava-se Alice. Linda, concorda?

- Linda mesmo, se parece com você. Sente falta dela?

- Sinto, contudo, o tempo acaba amenizando a saudade.

- Me fale sobre ela?

- Era maravilhosa, supercarinhosa, cantava, escrevia música. Estava escrevendo uma para minha peça, mas - sua voz embargou — é a vida. Você iria adorar conhecê-la, escrevia poesias maravilhosas.

- Adoraria ler algumas se pudesse.

- Claro, outro dia vou te mostrar.

Coloquei a foto onde estava.

—Vamos descer? - perguntei.

-Vamos.

A casa foi toda adaptada para ele se movimentar.

Descemos, ele não teve dificuldade nenhuma de chegar à mesa e às cadeiras que ficavam no jardim, na parte de trás da mansão, onde ficava a piscina. Havia dois pequenos postes de decoração com as luzes acesas.

Retirei uma das cadeiras, para que ele pudesse tomar o lugar com a cadeira de rodas.

- Não, Helen, não precisa. Sou frágil, todavia não sou de vidro — ele sorriu. Lentamente se levantou da cadeira de rodas, deu um passo, se segurando na mesa, e se sentou na cadeira comum.

- Andrew, você pode andar?! — fiquei surpresa, de boca aberta.

- A maior parte do tempo fico na cadeira, mas posso andar um pouco, bem pouco. Consigo tomar banho sozinho, deitar sozinho, como viu, tudo está adaptado. Os dias em que sinto dor preciso de ajuda.

- Fico muito feliz por você poder se movimentar! - falei, emocionada.

—Você é tão sensível, isso mexe comigo.

- Sou, sim, porém não é sempre.

Ele ficou olhando meu rosto em silêncio. Seu olhar me atraía.

- Será que hoje vai me contar qual é o seu maior sonho? — ele piscou um dos olhos e sorriu.

- Quem sabe.

- Quais seus planos futuros?

-Tantos planos. Boa parte envolve escrever, tenho muitas ideias guardadas e espero trazê-las à tona escrevendo, acredito ser o que faço de melhor.

-Você escreve muito bem, concordo que tenha talento.

- Não sou tão boa quanto um tal de Andrew - levantei a sobrancelha. — Espero ser igualzinha a ele.

-Você é melhor do que eu nisso.

— Tenho uma curiosidade. Qual era o final que você daria àquela história? Você escreveu o final dela?

— Não escrevi o final, apenas tinha em mente o que te falei.

— Ela morreria?

— Ele a salvaria, porém pelas leis, ela seria morta.

— Você não acha que Yáh a amava tanto a ponto de morrer por ela?

— Pela sua continuidade, sim. Havia pensado nisso, mas achava que o melhor seria ela morrer.

— Encontrei muitas semelhanças nas declarações de amor entre eles com as palavras que o rei Salomão declarou a Sulamita. Você conhece a história?

— Conheço. Certa vez li uma obra sobre ele, fiquei impressionado com o amor que ele sentia. Então fiquei inspirado a continuar a história do príncipe e da plebeia, que já estava parada há alguns anos no meu computador.

— Imaginei que tivesse lido algo a respeito e que tivesse servido apenas como inspiração. Você tem um talento incrível com as palavras, Andrew. Mas... pensava em alguém quando... escreveu aquelas declarações de amor tão lindas?

— Se eu pensava em alguma garota? - ele deu um pequeno sorriso.

— Pensava? — mordeu o lábio.

— Hum... - Ele percebeu minha ansiedade. — Não, Helen, não pensava — ele sorriu. Que alívio senti!

Ele continuou me olhando, me deixando encabulada.

-Vi seu blogue de fotografias — ele cortou o silêncio. — Perfeitas.

- Esteve passeando pelo meu blogue de fotografias também?!

- Só um pouquinho - ele piscou o olho. - Poderia colocar mais fotos.

- Tenho dezenas no meu computador, apenas fotografo porque gosto.

-Você é ótima. Seriam perfeitas se você estivesse nelas.

Dei um tímido sorriso.

- Por que fotografias? - ele perguntou.

- Sempre gostei de apreciar fotos, quadros de arte, deve ser pelo fato de minha mãe ser professora de artes. Quando era pequena, tinha 10 anos, ela me deu uma câmera fotográfica. Lembrou que momentos bons da nossa vida deveriam ser gravados em fotografias. Acrescentou que deveria fotografar momentos felizes da minha vida para lembrar de sorrir nos dias tristes.

- Conseguiu guardar esses momentos?

- Muitos, outros passaram sem registro.

- Gostaria de ver quais foram esses momentos da sua vida.

- Qualquer dia te mostro.

- E o seu grande sonho? Vai me contar hoje?

- Quem sabe...Você está muito curioso - rimos. - E o seu, Andrew? Sei que gosta de escrever, tocar, tantos talentos admiráveis. Mas, há algum sonho especial para você?

- Havia um, sim — ele deu um pequeno sorriso.

—Vai me contar? Adoraria saber.

Ele ficou em silêncio, suspirou fundo e cerrou os lábios.

- Quero uma família, Helen.

Fiquei tocada e totalmente emocionada.

— Uma família, Andrew? — perguntei mansamente, com os olhos cheios d'água.

— É — ele cerrou os lábios de novo. — Quero uma família de verdade.

— Queria que seus pais tivessem mostrado a você como era? - senti um nó na garganta.

— Queria. Meu referencial de família sempre foi tão confuso. Lembro-me de poucos momentos juntos, era tão pequeno que as lembranças fugiram. Sempre tive tudo que o dinheiro podia comprar; porém, nunca tive meu maior desejo... uma família - ele ficou emocionado. - Quando ia à casa dos meus amigos, principalmente à de Alan, que é tão grande, ficava imaginando como seria bom se tivesse irmãos e a cada noite pudéssemos sentar à mesa e contar aos nossos pais como foi o dia. Sei que o tempo não volta. Então sempre tive o sonho de ter uma família. Filhos sentados à mesa, o carinho da esposa — deixei as lágrimas caírem.

— Imagino os Natais, celebrações, todos reunidos, risos — a emoção embargou sua voz. — Nunca tive. Depois do câncer, o sonho também morreu — ele abaixou a cabeça, ficando em silêncio. — É um sonho impossível...

— Você vai ser curado, será como sempre foi! Não é impossível!

—Você tem muita fé, Helen.

—Você poderia começar a querer ter também.

— Não acredito.

— Devia acreditar! — apertei sua mão.

Seus olhos me encontraram, fiquei desconcertada.

—Você viu como a lua está linda hoje? — disfarcei.

— Só você para me trazer aqui fora.

— Olha quantas coisas mágicas tem perdido ficando apenas dentro de casa — segurei sua mão e, quando ia tirá-la, ele segurou com a outra.

— Você me faz querer estar vivo.

Senti uma agradável sensação no peito.

— Responde uma pergunta?

— Claro - respondeu atencioso.

— Sabia que Richard e Alan estavam tentando nos apresentar?

— Sabia, sim.

— Por que me evitou?

— Jamais faria isso, tive receio apenas. Jamais afastaria de mim a razão que encontrei.

Fiquei corada e constrangida. Suas mãos permaneciam segurando a minha.

— Não precisa ficar sem jeito, mas... preciso dizer que... estou interessado em você - ele desviou o olhar. — Que loucura! Mas... — ele olhou para a lua e, quando seu olhar me encontrou, quase fez meu coração parar. — Não interprete mal, nem sei o que vai acontecer depois disso, mas preciso te dizer que...

Seu jeito tímido me deixou sem fôlego.

— Estou apaixonado por você, Helen.

Meu coração batia tão rapidamente, como jamais imaginei. Meu interior estava sendo envolvido por um delicioso afago. Tudo em volta do meu coração parecia formigar de um intenso prazer. Fiquei ali, parada, com ele segurando uma das minhas mãos.

“Diga alguma coisa, Helen! Fale que também está apaixonada! Fale!” Não consegui dizer nada, ele continuou:

— Sei que tudo pode parecer uma loucura, mas me apaixonei por você. Quando Alan e Richard trouxeram a primeira continuação da história que você havia escrito, fiquei com raiva, queria te xingar, sei lá, fiquei chateado! Quem era você para terminar meu projeto, meu sonho?! Intrusiva, dizia pra mim. O que me deixava louco era que sua história estava perfeita! Queria apontar erros! Fiquei confuso, com raiva, com curiosidade. E... quando te vi pela primeira vez, gelei... Você, você é tão linda... Seu rosto, seu sorriso, me deixou confuso demais! Tudo é uma loucura. Porém, não podia mais guardar... estou apaixonado por você.

Tentava recuperar o fôlego, respirando profundamente. Seu olhar no meu foi certo.

“Eu não posso acreditar nisso! É demais para mim! Meu Deus!”

— Andrew... - fechei os olhos e respirei fundo. - Não acho loucura, sei o que sente, a verdade é... não sei o que te falar, bem, na, na v-verdade e-eu sei. — Andrew, também estou muito mais que interessada em você — ele apertou minha mão. — Eu... — suspirei fundo e soltei rápido. — Eu estou apaixonada por você também.

Ele sorriu de uma forma linda, como não tinha visto, um sorriso tão encantador e perfeito, capaz de fazer com que me declarasse de novo.

— Helen, parece que posso escutar meu coração batendo outra vez. Mas... preciso que responda algo.

— Me diz? - aproximei-me dele. Ele segurou minha mão e a beijou, um longo beijo de olhos fechados.

— Chegou a hora de você pensar se levará isso adiante. Você sabe, tenho limitações que talvez me impeçam de ser completo para você, como meu desejo agora de me levantar e te abraçar.

— Não me importo.

— Agora não, mas pode vir a se importar. Não posso te proteger como homem, não posso estar ao seu lado a todo momento como desejo. Além disso, tem o tratamento, que me fragiliza, não é uma cena bonita de se ver, não sei se aguentaria me ver depois das sessões.

— Psiu - interrompi novamente tocando seus lábios. -Andrew, já fiz uma escolha, não vou voltar atrás, fui longe demais para voltar um passo sequer - acariciei seu rosto pela primeira vez. Senti uma agradabilíssima sensação.

Ele segurou minha mão que estava em seu rosto e beijou-a.

— Sabe, Helen... — ele suspirou fundo e soltou. — Seria muito... — ele pensou um instante — injusto com você se não te dissesse.. — ele desviou o olhar.

— O que quer dizer, Andrew? — fiquei com a respiração presa.

— O que vou te falar pode mudar tudo - ele fitou meus olhos.

— Me diz? Mas antes quero que saiba que nada, absolutamente nada do que você venha a dizer poderá mudar o que sinto por você — toquei seu rosto. — Entendeu? Nada.

Ele parecia frustrado. Ficou em silêncio alguns instantes. Olhou para baixo, levantou a cabeça e suspirou fundo.

— Me diz? — mordi os lábios e franzi o cenho.

— Quando soube do câncer, fiquei tão mal que parecia que iria morrer a qualquer instante. Antes do acidente, já estava deprimido, depois, então, quando soube da doença, perdi

toda a vontade de viver - aquilo doeu fundo. - Só pensava em uma maneira de tirar minha vida.

— Que bom que não o fez! — abracei-o com força —, ainda bem que está aqui - olhei para ele e afaguei seu rosto. Ele fechou os olhos.

— Diante daquela notícia, não pensei em nada. Fiquei tão preso à doença e ao que faria depois... Então não quis preservar minha fertilidade.

— O que está dizendo, Andrew? — limpei meus olhos úmidos, não consegui desviá-los dele.

— Helen... não posso gerar filhos — seus olhos estavam úmidos. Ele cerrou os lábios e abaixou a cabeça.

— Não entendo muito sobre o assunto — falei, nervosa.

- Me explique melhor?

— Quando soube do câncer, o médico falou sobre o efeito da quimioterapia e ressaltou que o tratamento pode causar infertilidade, uma das saídas seria armazenar meu sêmen, porém, recusei - ele deixou as lágrimas encherem seus olhos.

Fiquei sem ação diante daquela revelação.

— O que está dizendo, então, é que não pode gerar filhos?

— Nunca poderei, por causa da quimioterapia.

— Quem afirmou tal conclusão, Andrew?! - falei, nervosa.

— O médico tentou me convencer, não tinha ânimo para nada, muito menos para viver. Perdi qualquer razão para continuar vivo. Ele falou sobre o risco de não poder ser fértil, não me importei. Queria muito ter te contado antes de tudo — ele limpou os olhos. — Mas não tive coragem.

— Andrew... — abracei-o apertado, chorando. — Nada pode mudar o que sinto por você! Nada!

- Helen, você entendeu bem? Não posso te dar filhos!

- discuti, indignado.

- Entendi! - abracei-o mais forte. — O que você não entendeu foi o que afirmei: nada pode mudar o que sinto por você! Não vou te deixar, Andrew! Entenda! Acredito na cura divina.

- Helen...

- Eu acredito! - interrompi-o. - Se por algum motivo, depois da sua cura, não vierem os filhos, adotamos, pensamos em outras maneiras! Não sei! Mas Andrew... tenho fé, eu tenho - meus olhos se embaçaram das lágrimas.

- Queria te dizer antes de tudo. Quando falei do sonho de ter uma família. Esse sonho não resistiu à notícia do câncer. Nunca me arrependi pela decisão... Até conhecer você... Quando te vi, percebi que ainda tinha vida, com o passar dos dias o sonho voltou de uma forma diferente, um sonho impossível. Foi

a primeira vez em que me arrependi pelo que fiz.

- Não é impossível!

- Sabe que é.

- Não. Se ainda fosse, não mudaria o que há dentro de mim. Andrew - segurei seu rosto com as duas mãos -, quero ficar com você.

- Um dia pode mudar de ideia. Quando vier a enorme vontade em você de querer ser mãe.

- Não mudei nem mudarei a ideia, serei mãe. Como também não mudei de ideia em relação a querer ficar com você. Pode entender isso?

- Quer ficar comigo mesmo sabendo desse fato tão importante?

- Quero! É minha palavra final. Tenha fé, apenas confie!

Ele ficou em silêncio, de cabeça baixa.

- Andrew - toquei o rosto dele, ele me olhou —, quero ficar com você — abracei-o, o cheiro de seu rosto colado ao meu me estremeceu. Seu abraço era sinônimo de prazer.

- Tem certeza de que deseja ficar comigo? - seu rosto permanecia colado ao meu, abalando meu estado físico.

- Sempre tive essa certeza.

Ele acariciou meu rosto e ficamos nos olhando.

- Helen, você aceita namorar comigo?

Estava perdida em meio a tantas emoções novas.

- Estou apaixonada por você, por que não aceitaria?

Ele colocou uma mecha da minha franja atrás da orelha.

Meu coração disparou. Ele aproximou-se para me beijar. Lentamente me afastei.

- Andrew, adoraria te beijar, mas parece que estou traindo a confiança dos meus pais. Não fique triste comigo, compreende?

- Posso compreender o motivo, porém, não posso negar o fato de que adoraria te beijar agora.

Ele não desviava o olhar. Olhei seus olhos, fui atraída novamente pela pequena linha que se formou nos seus lábios por causa de um sorriso discreto. Era o que mais desejei naquele momento, sentir o beijo dele. Resolvi esquecer meus conceitos, meu desejo estava diante dos meus olhos.

—Você é a razão que sempre quis — seus olhos brilhavam.

— Não posso ser o que espera — sussurrei.

— Impossível... Você vai além do que esperava - sorri.

Ele mexeu nos meus cabelos.

— Posso sentir seu perfume?

- Meu perfume? — repeti ansiosa.

- Quero que meus cinco sentidos recordem você.

Ele se aproximou, suspirou fundo meu pescoço entre

os cabelos, me arrepiei ao sentir o calor do seu rosto tão próximo. Ele sorriu.

- Jamais poderia esquecer esse cheiro. Quando nos encontramos pela primeira vez, antes que te visse, senti seu perfume. Naquele momento tive muito medo de olhar você.

- Por quê?

- Medo de me apaixonar.

- O medo passou depois?

- Não sei, quando te vi naquele dia tive certeza, de que você era especial. Seus cabelos longos - ele mexeu no meu cabelo -, loiro-escuros, seus olhos de mel, quase verdes. Seu sorriso, com essa covinha nos cantos. Quando Richard disse que eu devia conhecê-la, lembrou o detalhe de que você era muito bonita, fiquei te imaginando.

- Acertou os pensamentos?

- Não. Você era mais bonita - ele sorriu. - Achei que fosse morena.

- Por quê? - fechei o semblante. - Prefere as morenas?

- ele deu um enorme sorriso, fiquei encantada.

- Não. Prefiro exatamente você - ele me abraçou, um delicioso afago. - Branquinha, com esses cabelos longos, claros nas pontas, dona de um sorriso maravilhoso.

Me afastei e fitei seus olhos.

- É bom te ver assim — sorri.

- Obrigado por me trazer de volta a vida.

- Ela sempre esteve diante de você.

— Não como agora.

Sua mão afagou meu rosto, ele foi se aproximando lentamente, não queria resisti-lo mais.

— Andrew, e-eu, nã-não sei, se...

Meus lábios vacilaram ao sentir os seus. A linha tênue entre meu desejo e meus valores se esvaíram, esqueci-me das indagações, meu sonho estava diante de mim. Senti arrepios por todo o corpo, seu beijo afluía paixão e carinho, esquadrinhando meus lábios de forma sedenta, meu coração foi persuadido por uma onda de desejo perene, que o fazia bater descompassado, ele se perdeu no ritmo certo, se houvesse uma música soando, talvez daria a ele um compasso, porém aquela batida era nova, a única que desejava continuar sentindo. Ele se afastou tirando minha imunidade. Como ele beijava bem.

Fiquei sem ação, maravilhada observando seu sorriso sedutor. Ele mordeu o lábio.

Abaixei a cabeça, fiquei com um sorrisinho de canto, sentindo meus lábios formigando de anseio por mais um beijo daquele.

— Não pude resistir —justificou-se.

— Nem eu - olhei seus olhos. -Tudo bem. Agora tenho algo muito melhor para me lembrar de você.

—Vou esperar você falar com seus pais, não queria que tivesse esquecido seus valores.

— Tudo bem — estava flutuando. — O beijo não mudou meus valores, mas, o que vou pensar daqui para frente — sorri de canto.

Ele certamente não sairia dos pensamentos, nas inúmeras somas de segundos futuros.

— Faltava um sentido — ele riu.

— Imaginei.

— O que mais desejei.

Um silêncio descomunal nos alcançou, não consegui parar de pensar no beijo dele, e de como eu queria novamente.

- Foi seu sorriso — ele cortou a pausa.

- Meu sorriso?

- Culpado de fazer toda a raiva passar, entende agora? É lindo... Não poderia continuar chateado quando vi sua foto, você é linda demais.

—Via suas fotos todos os dias.

—Via minhas fotos? Quais? — ele sorriu. Seu sorriso se assemelhava a uma paisagem.

- As únicas que têm no álbum de Richard.

- Pedi que eles deletassem minha página depois do acidente, e que não colocassem fotos.

- Richard não te ouviu, ainda bem, pois foi na página dele que te conheci.

-Agora sei por que quis minha foto...

- O motivo é o mesmo de antes, estava e estou apaixonada. Quero uma foto para ficar olhando quando não estiver perto de você.

- Por que chorou no primeiro encontro? Quando me viu?

- Tomei um choque, mas quando encontrei seus olhos fiquei paralisada... São profundos e lindos. Seu olhar fez com que eu me perdesse e também me encontrasse.

- Explique melhor.

- Quando me perdi apaixonada, olhando para eles, me encontrei como pessoa, finalmente soube qual seria meu alvo... ficar ao seu lado para sempre.

- Obrigado, Helen, por me tirar de um mundo de solidão - ele acariciou minha cabeça.

- Não agradeça a mim, agradeça a Deus, você não vê? Não percebe que a forma maluca com que nos encontramos só poderia ser algo planejado?

- Estou começando a acreditar nisso.

- Fico feliz.

— Vou sentir sua falta.

- Eu também vou sentir a sua. Você vai me ligar?

- Pode ser todos os dias?

- Toda hora que quiser.

Olhei para o relógio, aproximava-se a hora de partir.

- Daqui a pouco tenho que ir.

- Como o tempo passa rápido quando estamos juntos.

- Concordo — abracei-o apertado.

Suspirei fundo seu cheiro.

- Ainda não consegui descobrir seu perfume, Andrew — afastei-me e olhei seus olhos.

- Sente diversas fragrâncias todos os dias e não sabe qual uso?

- É diferente de todos os perfumes que conheço.

- Quer saber o nome?

- Não, prefiro que o mistério continue. É o melhor perfume que já senti. A combinação perfeita com sua pele.

Ele sorriu e me puxou, me abraçando com força. Era maravilhoso o seu abraço. Encostei minha cabeça em seu ombro. O perfume dele me fez suspirar fundo diversas vezes. Entre tantos aromas da loja, nenhum poderia se assemelhar ao dele, totalmente inebriante, maravilhoso demais para que pudesse descrever.

— Seu cheiro parece o cheiro do amanhecer, Andrew, quando a relva está com o sereno da noite.

Ele me abraçou forte, deitada em seu ombro, ouvi-o suspirar fundo.

— O seu cheiro me faz lembrar uma noite como esta, é suave, frio, porém, aquece. Sabe, quando você foi embora no primeiro encontro, fiquei observando a noite, lembrando seu perfume. Sentindo-o agora, como estamos, posso novamente imaginar a história que imaginei naquela noite.

— Qual história?

— Uma orquestra, todos em posição numa praça, a lua refletindo em cada instrumento, somente esperando você aparecer. Você chega, linda, com um vestido longo, branco, e o vento fazendo seu vestido e seus cabelos balançarem suavemente, ao som de uma doce música.

— Que música seria?

Ele ficou um tempo em silêncio e começou a cantar em volume baixo.

— “Como é lindo seu olhar, seu riso me faz feliz...”

Sua voz era linda, perfeita e forte.

— “Linda, simplesmente linda, não posso evitar. Sei que te amarei enquanto viver... Ainda não dará, pois há muito em mim... Nem toda minha vida, ainda faltará tempo para lhe dar tudo, tudo o que há em mim... Você trouxe uma razão, me apeguei. Há muito em mim...”

Sua voz fisgou meu coração, fechei os olhos naquela emoção, sem que me esforçasse, as lágrimas corriam pelo meu rosto se misturando com o meu sorriso. Me afastei.

- Andrew, como sua voz é linda, linda demais! — Franzi o rosto, as lágrimas e o sorriso misturavam-se.

- Não achei que iria chorar - ele secou meu rosto.

- Que música linda, nunca ouvi.

- Ela foi feita para você.

-Jamais vou me esquecer deste momento.

Abracei-o apertado outra vez e beijei seu rosto.

- Me conte agora, Helen. Qual o seu maior sonho?

- Queria ter falado antes de você, fiquei receosa de parecer boba, sei lá. Que achasse não ser importante.

- Fala?

- O grande sonho da minha vida é me casar, Andrew. Entrar de véu e vestido branco, um lindo vestido, na igreja. Na frente, o meu amado, o homem da minha vida. Mas se dissesse a você naquela hora, o que pensaria de mim? Depois me senti uma boba quando ouvi você falando sobre o casamento.

- Temos um sonho em comum.

- Um lindo sonho.

Me aproximei do seu rosto, olhando em seus olhos. Ele certamente não sentiu minha respiração, não conseguia usá-la naturalmente. Toquei seu rosto, as batidas do meu coração se intensificaram. Olhei seus olhos, sua respiração atraía um beijo apaixonado. O desejo de sentir seu beijo novamente veio com força. Ele não se afastou, seu polegar deslizou por meus lábios. Seus olhos brilhavam e desenhava cada centímetro de meu rosto. Sua mão aqueceu minha nuca,

fechei os olhos, senti seus lábios nos meus. Seu beijo foi me dissipando, enviando descargas elétricas a todo meu corpo, havia uma verdade intrínseca que me alcançou.

Precisava recuperar o fôlego que ele tirou de mim.

O beijo dele era melhor que a vida e pertenceria para sempre à lista dos meus desejos preeminentes. Meu

coração? Era a única prova de que aquele momento tinha sido real através de sua batida forte.

— Prometo que vou me comportar - ele sorriu. - Me desculpe, estou cativado por seus beijos.

Soltei um pequeno sorriso, precisava voltar do mundo da fantasia.

— Eu também - disfarcei.

Ele me envolveu em um aconchegante abraço.

— Mais uma vez, obrigado. Por me trazer de volta à vida.

— Não precisa agradecer — toquei meus lábios, a lembrança do beijo dele não se dissipava. - Preciso ir.

-Vou te levar lá na frente.

Fui andando ao lado dele, parecia que as nuvens estavam debaixo dos meus pés. Passamos pela lateral da casa. Ele abriu a porta de meu carro.

Sentei no banco e fiquei admirando-o. Ele me olhava com um sorriso tímido; piscou o olho, não resisti, abracei-o apertado e dei-lhe um beijo rápido, com força. Ele sorriu.

— Se continuar fazendo isso, vou saciar a vontade que você deixou de te dar mais um beijo.

— Adorei seus beijos.

— Me desculpe ter feito isso antes de falar com seus pais.

— Não se preocupe, foi impossível evitar.

— Imaginei que fosse de outra forma.

- Como? - perguntei, sorrindo.

- Espero você voltar e te mostro.

-Vai me deixar curiosa?

- Depende de você - meu rosto corou, disfarcei o olhar.

-Vou contar os minutos para saber.

Ele sorriu. Precisava ir embora, seria capaz de nunca mais sair de perto dele. Ele era lindo demais.

- Tchau, aliás, você está muito lindo e charmoso de touca.

—Você é que é charmosa. Boa noite, princesa — ele beijou minha mão. — Espere ali na frente que Rubens vai te seguindo.

Fechei a porta do carro e saí. Dentro do carro, ficamos um tempo nos olhando.

Fui saindo devagar. Freei bruscamente quando o pneu encostou na subida da calçada. Ele abriu um enorme sorriso.

- Culpa sua! - falei alto, sorrindo. Ele riu e negou com a cabeça.

Rubens me seguiu até em casa.

A felicidade envolvia todo meu ser! Nunca sonhara viver aquela plenitude. Andrew era encantador, apaixonante, o homem da minha vida, com quem queria passar o resto de meus dias. Ele era tão lindo, gentil, amável, carinhoso... Sua voz parecia melodia, poderia passar o dia inteiro ouvindo. Definitivamente estava apaixonada por ele.

Cheguei em casa e terminei de arrumar as malas.

Troquei-me para dormir. Sabia que Andrew me ligaria, peguei o celular e o fiz primeiro.

- Oi — suspirei fundo.

- Oi, princesa, chegou bem? Ia te ligar.

— Cheguei. Sei que ia, queria ouvir sua voz.

— Estava esperando o mesmo.

— O que está fazendo?

— Estou pensando em você.

— Estou tão feliz, Andrew, parece que meu coração vai explodir de tanta felicidade!

— Não deixa acontecer isso. Como poderei cuidar dele?

-Vou sentir tanto sua falta.

— Eu também, minha querida. Lembra de mim quando amanhecer.

— Estarei cercada por seu cheiro, já que meus avós moram numa fazenda, e quando a neblina cair sobre a grama, ao andar por entre as árvores, será muito mais que lembrar de você, vou te sentir em cada um desses momentos...

— A cada anoitecer vou sentir seu cheiro. Certamente vou lembrar que tenho você.

— Andrew? Você... vai sentir saudades?

— Sabe que sim.

— Adorei o quinto sentido.

— Deveria ser o primeiro sempre. Quero seus beijos de novo.

— Vou tentar suportar esses dias sem eles.

— Entrego os pontos, não vou conseguir.

— Voltarei logo.

— Não demore - sua voz soou carregada de carinho.

— Sonha comigo.

— Não precisava pedir.

— Vou desligar... Boa noite.

— Boa noite, princesa.

Fechei o celular. Meus pensamentos voaram até ele.

## 10 – Saudades

O celular despertou cedo, iríamos sair de casa às nove horas, porém, acordei às seis horas. A lembrança do melhor beijo provado encheu meu pensamento. A dúvida surgiu: iria ou não ligar para Andrew tão cedo. Fiquei com o celular na mão, pensativa.

Resolvi ligar. Chamou algumas vezes, no quarto toque ele atendeu, com a voz carregada de sono.

- Helen?

- Sabia que ia te acordar. Não brigue comigo, queria ouvir sua voz logo cedo.

- Oi, linda - falou, sonolento. - Tudo bem, costumo acordar cedo, porém, nem tanto — ele sorriu.

- Na frente de casa é tudo gramado, do lado tem árvores e o cheiro da manhã enche o quarto, então sou levada a pensar em você... Você é meu amanhecer, Andrew.

- Acordar ouvindo sua voz é inexplicável. Queria que fosse sempre assim.

“Será Andrew... Quando finalmente me casar com você!”

- Posso te ligar todos os dias cedinho — falei.

Ficamos em silêncio.

— Acordei lembrando do seu beijo — sussurrei sem jeito.

— Quero mais - sorrimos. — Guardei um especial para você.

— Se for mais especial que aquele, vai fazer meu coração parar.

— Não quero que pare, apenas que sinta o quanto é especial pra mim.

Senti meu peito queimar de prazer e alegria.

— Não vejo a hora de ganhá-lo.

— Espero que chegue logo.

Fiquei em silêncio.

-Você arrumou tudo para a viagem? - ele falou, quebrando a pausa.

— Acabei de arrumar ontem quando cheguei.

— Quando você voltar, tenho algo para te dar, além do beijo.

— O quê?!

— Não sei se você gosta de ler...

— Para de graça, Andrew, sabe que amo ler! Me conta?

— Escrevi algo ontem à noite quando entrei.

— Sério?! Não faz isso comigo! Não vou aguentar de curiosidade!

— Só quando você voltar.

— Sabe que nem vou me concentrar direito pensando no que você poderia ter escrito!

— Queria ver você com o rosto franzido.

— Andrew? — reclamei.

— Não sabia que era tão curiosa.

— Agora sabe! Preciso ler o que escreveu! Só falou para que voltasse aí, confessa?!

- Não pensei nisso; contudo, adorei a ideia.

- Não posso ir aí hoje - a voz saiu triste.

- Eu sei, princesa, falei que quando você voltasse, entregaria.

- Não vou aguentar! Andrew...

- O que posso fazer? Se soubesse, não teria dito. Não fique assim, te mando por e-mail.

- Não quero e-mail, quero ver sua letra! Passei muito tempo lendo suas palavras num computador ou nos capítulos da história, quero sua carta, quero me convencer de que você é real!

- Sou real.

- Será que Alan ou Richard... sabe... não trariam aqui?

- Como eles estão de férias, estão acordando tarde, não sei se eles fariam.

- Andrew! Por favor, iria adorar viajar lendo algo seu. Peça a um deles, por favor!

- Vou tentar, daí é com eles.

- Pede a Richard! Ele prometeu que ajudaria sempre que precisasse!

- Hora boa de fazer valer a promessa, não? Não é uma ajuda.

- Para mim, é! Peça a ele, por favor, por favor! - implorei. - E também ele conhece meus pais, não tomariam um susto ao vê-lo tão cedo.

—Vou perguntar, depois te ligo.

- Andrew, às nove horas vou sair, meus pais não costumam atrasar. Richard precisa chegar antes disso.

- Por que te falei?

—Você é demais!

-Te ligo depois. Beijos.

- Beijos.

Tomei banho e troquei de roupa. Desci com a intenção de preparar o café da manhã para os meus pais, porém, eles já estavam acordados.

- Bom dia, filha, animada para hoje?

- Oi, mãe, estou, sim.

Sendo sincera, existia um tanto de animação; todavia, a vontade de ficar com Andrew era infinitamente maior.

- Não parece, está com uma carinha - ela mexeu no meu queixo quando sentei a seu lado.

- Só estou com sono, mãe - beijei o rosto dela. - Oi, pai — beijei seu rosto.

- Arrumou tudo, filha? Desligou tudo da tomada? -perguntou ele.

- Desliguei, pai.

- Se despediu dos seus amigos? - perguntou minha mãe.

- Ahã, até de Karen.

- Que bom. Vai ser ótimo para todos nós esse tempo em família.

- Creio que sim.

Eles começaram a conversar sobre a viagem. Minha mente voltou a pensar na noite anterior. As declarações de Andrew me levaram para muito longe dali. Fui obrigada a voltar quando meu pai me cutucou.

- Helen, seu celular está tocando, não vai atender?

- Vou, me distraí - tirei-o do bolso do casaco.

Era Andrew, não podia sair da cozinha, atendi.

- Oi, fala.

Meus pais ficaram ouvindo a conversa.

- Richard disse que se esqueceu de colocar na promessa uma emenda: nas férias só fará algo depois das onze horas.

Não consegui me segurar e comecei a rir ao telefone.

- Seu sorriso é como música.

- Só você para ver música nisso. Mas e aí? Ele virá?! -Vai abrir uma exceção, só hoje.

Não consegui prender a voz aguda de felicidade.

- Não acredito!

- Ele falou que acerta pessoalmente com você.

- Nem acredito!

- Boa viagem, princesa.

- Me liga depois?

- Ligo, sim.

-Tchau. Beijos.

Quando desliguei, o ar de felicidade no rosto me denunciou.

- Seja lá o que tenha acontecido fez você mudar radicalmente sua carinha, não é, filha?

- Realmente é muito bom, mãe. Quero falar com vocês na viagem. Assim terei tempo para contar tudo.

- O que está acontecendo?

- Mãe, prometo que contarei tudo na viagem. Pai, vamos sair às nove horas em ponto?

- Certo, filha, por quê? Esqueceu algo?

- Aquele amigo, Richard, virá entregar uma coisa antes de irmos.

- Não pode esperar voltarmos? — minha mãe retrucou.

- Não, é importante o que ele vai entregar.

- Podemos saber o que é?

-Vão ver. Falarei sobre isso depois, ok?

- Espero que não esqueça.

- Não vou esquecer.

Arrumamos tudo o que faltava. Sempre fui exagerada, tirei vários itens da mala; porém, ela mal fechou, improvisei uma bagagem de mão.

Meu pai desligou todos os eletrodomésticos da tomada. Guardou o seu carro e o da minha mãe na garagem. O meu, um dos nossos vizinhos — um casal simpático, que morava do outro lado da rua - aceitou guardar na garagem dele, pois só tinha um carro. Poderia ter guardado na garagem enorme de Andrew, porém, o que meus pais pensariam?

O táxi havia chegado. Olhei o relógio, faltavam dez minutos para as nove horas e nada de Richard aparecer. Liguei, ele não atendeu o celular. Meu pai colocou tudo no táxi.

- Está tudo pronto. Vamos, filha? Seu amigo não vem mais.

- Pai, ele vem, sim, vamos esperar dar nove horas, faltam cinco minutos.

- Ele já teria vindo.

- Não, sei que virá. Só cinco minutos, por favor?

- Só cinco minutos.

Passaram os cinco minutos, olhei para a direção da qual ele viria, me convenci de que não apareceria.

Meu pai já havia esperado além dos cinco minutos. Entrei no táxi e olhei o relógio eram 9h15. Fiquei triste. O que teria acontecido para Richard não chegar? Liguei novamente, ele não atendeu.

Víramos a primeira e, na segunda esquina, ouvimos alguém buzinando desesperadamente. Era Richard.

- Pai, é meu amigo!

- Para o táxi, por favor? - pediu ele ao taxista. - Helen, não demore.

- Pode deixar, pai!

Desci e fui andando rápido, enquanto ele estacionava

atrás do táxi.

- Richard, por que demorou tanto?!

- Porque estava dormindo — ele falou entre os dentes. Comecei a rir quando observei que ele usava um short que certamente era algo de dormir, uma camiseta amarrotada e o cabelo estava todo despenteado.

- Não peça mais para cumprir alguma promessa nas férias antes das onze horas, ok?

- Obrigada, amigo! - falei, sorrindo.

- Andrew me acordou para falar o que você queria, me cobri e voltei a dormir. Esqueci a hora, acordei com Mel batendo na porta dizendo que Andrew me chamava. Dei um pulo da cama e vim como estava.

- Fico te devendo uma!

- Não poderia esperar até a volta? — Ele forçou uma cara feia, trincando os dentes. Ri de novo.

- Não! Não daria, cadê?!

- Toma.

Ele pegou no banco do carona um envelope, um papel com leve relevo, sem nada escrito.

- Você é lindo, amigo! - apertei a bochecha dele. -Adoro você, sabia?!

- Estou sentindo - ele esfregou a bochecha, sorrindo. -Por que não falou que iriam de táxi? Levaria vocês.

- Não pensei nisso.

- Quer que leve vocês?

- Não precisa, estamos meio que atrasados e minha mãe falaria que nos atrasaríamos mais.

- Podia ter dito ontem.

- Foi mal, não me liguei nisso.

- Sua mente devia estar ocupada, não é? — ele sorriu. -Fiquei muito feliz com a notícia - ele cerrou os lábios com um ar de felicidade. - Muito feliz.

- Estou radiante, amigo, não imagina o quanto! Desejava, porém, não esperava, ele se declarou e quase breçou meu coração! Foi tão lindo!

- Obrigado por tudo, Helen.

O táxi buzinou.

-Tenho que ir. Outra vez o-bri-ga-da — sorri.

- Boa viagem, Helen.

Beijei apertado seu rosto.

- Obrigada de novo, amigo!

- Ah! Andrew lembrou que é para você ler enquanto estiver no avião.

- Pode deixar! Tchau. E... — dei uns passos andando de costas. - Diga a ele que estou apaixonada! - Mordi o lábio e Richard deu um enorme sorriso.

- Direi, com certeza!

Entrei no táxi, minha mãe me olhou séria.

- Tudo isso por causa de uma carta?

- Não é só uma carta, mãe. Depois saberá. Meu amigo reclamou que esqueci de pedir que ele nos levasse ao aeroporto. Queria nos levar.

- Estamos um pouco atrasados - ela falou. - Mas agradeça o favor.

Sorri ao ver Richard passando por nós e buzinando, indo para o lugar aonde eu adoraria ir, Jurerê Internacional. Suspirei fundo de saudades do Andrew.

Não via a hora de embarcar no avião para começar a ler. O que seria?! Guardei-a dentro da bolsa de mão.

Tudo aconteceu dentro da devida hora. Sentei na janela, meus pais, ao lado. Eles adoravam ler, ele abriu o jornal e ela, uma revista.

Peguei o laptop de Sarah, levei principalmente para ver as fotos de Andrew e como garantia de comunicação com ele. Coloquei o fone, fiquei ouvindo as músicas românticas que me faziam lembrar dele. Antes de ler a carta, certifiquei-me de que meus pais não estavam observando, virei o pequeno laptop de lado, vi novamente as fotos dele, estavam em uma pasta com meu nome. Ele era lindo.

Peguei a carta dele para ler quando percebi que minha mãe já cochilava no braço de meu pai. Aproximei o envelope e pude sentir seu cheiro. Senti uma imensa saudade. Comecei a ler.

“Oi, princesa,

Não posso enumerar a quantidade de palavras passadas na mente, enquanto imagino como começar esta carta.

Procurei, revirei, elas são tão parecidas com tudo já lido anteriormente, e continuo a pensar, quais

palavras ainda não ouviu? Quais frases soariam novas aos seus ouvidos, ou quem sabe, quais frases ainda esperam ser escritas? Será que em algum lugar, elas ficam esperando ser achadas? Talvez guardadas para serem sentidas ou expressas por poetas?

Sei lidar tão bem com as palavras, contudo, agora, não consigo expressar o que sinto por você, minha doce Helen. Talvez a explicação esteja nos meus sentimentos tão novos. Nunca senti o que estou sentindo.

Você é tão linda... Seu sorriso é lindo, seus olhos me fascinam, me levam a um mundo de sonhos real. Você é a princesa dessa história, bela, formosa, mui formosa, ataviada de joias, que são suas qualidades. Estou totalmente emergido no que sinto por você. Eu te quero...

Tudo em você me atrai, você é totalmente desejável. Quero ficar com você! Não importa o que aconteça, sei que serei eternamente seu...

Não consigo imaginar como eram os dias sem você... Fui iluminado por sua luz.

Viu o que você fez comigo?! Não consigo escrever o que estou sentindo. Pareço um menino com as palavras, se perdendo ao imaginar seu sorriso, seus olhos, seu jeito meigo tocando meu rosto e sua voz ecoando pelos cantos do meu interior, dizendo que sou seu amanhecer.

Seu beijo foi prazeroso demais. Uma suavidade embalou minhas emoções como uma melodia graciosa que sobrepunha tudo ao redor. Seus lábios serenos fizeram afluir uma dose de adrenalina ao interior. Tentei fazer com que ele não terminasse e ainda farei.

Você acertou meu coração em cheio, foi certa sua flecha, estou totalmente apaixonado por você. Te conservarei dentro de mim com todos os sentimentos agradáveis que conheço e os que ainda vou conhecer.

Veja que outra vez não estou dizendo coisa com coisa. Você me deixa assim... Você mexe tanto comigo, que adoraria encontrar o controle do que escrevo. Não sei lidar com esses sentimentos e muito menos sei defini-los. Ninguém nunca me deixou assim, estou perdido no meio deles; contudo, não quero me achar, tamanha é minha felicidade por eles me rodearem e trazerem gravado em cada um o seu nome. Nosso tempo juntos só faz te querer mais.

Te aguardo, linda. Não demore, preciso te ver. Te esperei a vida toda e agora não quero ficar distante de você um minuto sequer.

Em cada noite — quando esta me trazer seu cheiro — me lembrarei com intensidade de você.

Vou te esperar. Espero por seu beijo também.

Leve meu coração e meus sentimentos guardados nele.

Vou terminando. Não lerei esta carta, pois sei que fugi à regra, geralmente tenho o controle de como começa e termina. Apenas sei do fato concreto, que do começo ao fim dela seu

nome estava presente em minha mente a termino mais apaixonado do que quando comecei.

Lembre-se de mim ao amanhecer.

Seu Andrew

Ao terminar de ler, coloquei-a no meu peito e continuei deixando as lágrimas caírem. Desejava estar com ele!

Olhei pela janela e meus pensamentos foram tão longe, quem sabe na expectativa de que o trouxessem para mim. Estava viajando, quando minha verdadeira vontade era estar ao lado daquele por quem irremediavelmente me apaixonei.

Desliguei o laptop e fiquei pensando nele. Com esses pensamentos, adormeci.

Acabei sonhando com Andrew. Foi um sonho rápido. Estávamos na beira da praia, via-o sentado na areia. Corria para encontrá-lo e, ao me aproximar, ele escrevia nosso nome na areia. Ele levantava os olhos, via que estava curado, seu rosto era o da foto. Ele se levantava, me rodava no colo e depois me jogava no mar.

Acordei com a voz do comandante do avião dizendo que íamos pousar.

— Tinha que ser agora?! - resmunguei.

— O quê, filha? - perguntou minha mãe.

— Nada - disfarcei, esfregando os olhos.

Desembarcamos. Meus tios Pedro e lida acenaram para

onde estávamos, nos cumprimentaram e fomos até o carro deles. Estava tão despenteada que, ao olhar no espelho do retrovisor do carro, me assustei. Prendi o cabelo.

Eles foram contando os últimos casos relevantes da família.

Fomos nos afastando da cidade. Chegamos à casa deles, uma chácara, linda, com árvores e montanhas por todos os lados.

— Lembra, Helen, que ali você brincava no balanço que seu avô fazia? Como você cresceu, menina! - meu tio sempre falava aquela frase.

— Lembro, sim, tio, não faz tanto tempo assim.

— Claro que faz, menina! Tem quase quatro anos que não te vemos.

Fomos nos aproximando, logo olhei para o celular, verificando se haveria sinal. Meu tio percebeu.

— Não se preocupe, o sinal é ótimo.

— Que bom, tio.

— Helen, vê se não vai ficar pendurada nesse telefone e se esquecer de curtir os dias aqui — enfatizou minha mãe.

— Eu sei, mas também não posso ficar ilhada.

“Na verdade adoraria estar na mesma ilha que Andrew...”

— Temos tudo, querida. - Minha tia lembrou, sorrindo.

— Internet, TV a cabo, não vai sentir saudade da cidade, somente das pessoas — ela piscou o olho.

Era um alívio saber que a tecnologia ajudaria a não sentir tanta saudade de Andrew. Na primeira oportunidade que tivesse, ligaria para ele.

De longe, meus primos vieram correndo nos encontrar. Amanda, Luana e Daniel nos esperavam com alegria. Eles simplesmente pularam em cima de mim quando desci do carro.

— Prima, como você está linda! — exclamou Luana.

—Você também, está linda prima! - falei, abraçada a ela.

-Vamos fazer programas como antigamente! — Amanda

me abraçou.

— Helen, que saudades! — enfatizou Daniel, o mais velho dos primos.

— Venham, vamos entrar, tem almoço e tem um belo café, é só escolherem! Depois vamos preparar o jantar especial! - declarou minha tia animada.

Passamos a tarde nos lembrando de vários assuntos. Estávamos todos eufóricos, falando simultaneamente. Não estava totalmente presente, precisava falar com Andrew e saber como ele estava.

Meu pai saiu com o tio Pedro e Daniel. Fui com eles até o lado de fora para tentar ligar, o sinal aparecia e desaparecia rapidamente. Liguei e a ligação não completava.

— Helen, venha! - minha tia gritou.

Amanda e Luana puxaram minha mãe para o segundo andar.

-Tia — chamei-a enquanto subia a escada. - Meu celular está sem sinal, preciso fazer uma ligação. Será que posso?

— Claro, querida, às vezes acontece, mas não é sempre.

— Obrigada, manda o valor da conta para mim.

-Vou fingir que não escutei isso! - ela subiu, retorcendo os lábios.

Liguei e Mel atendeu.

-Alô?

— Mel, é você?

— Sim, quem está falando?

— Sou eu, Helen.

— Oi, querida, chegou bem?

— Sim, cheguei. Preciso falar com Andrew.

— Ele passou o dia quieto, esperando você ligar. Vou passar a ligação para outra sala. Espere só um instante.

— Claro.

- Helen? - sua voz era inconfundível e aquietava a alma.

- Oi, Andrew, estou tão feliz por ouvir sua voz. — emocionei-me, ele percebeu.

- Estava tão preocupado, você não ligou, seu celular está dando fora de área. Porém estou extremamente feliz por te ouvir, linda. Você chegou bem?

- Cheguei há pouco na chácara dos meus tios.

- Estou com saudade - sua voz soou carinhosa.

- Eu também — suspirei fundo. - Li sua carta, depois te falo, tão linda. Estou sentindo muito a sua falta.

- Estou com saudade de você.

- Te liguei porque precisava ouvir sua voz.

- Estava ansioso por isso. A que horas posso te ligar?

- Quando quiser. Ah, vou aproveitar os dias aqui para falar de você com meus pais.

- Vou aguardar as notícias.

- Estou tranquila, tudo que Deus faz é perfeito, não tenho dúvida de que Ele me deu você.

- Adoraria ter a mesma certeza que você.

- Sabe que só depende de você confiar. Preciso desligar, lindo.

- Não deixe de ligar. Ligue a cobrar para o meu celular.

- Fico sem jeito.

- Sem jeito, Helen?! Somos namorados. Me liga a cobrar, está fora da sua área, me liga.

— Vou desligar, depois te ligo então. Beijos.

- Beijos, princesa.

Quando desliguei, suspirei de saudade.

Cheguei ao quarto e elas tagarelavam tantos assuntos que demorei para entender do que falavam e entrar na conversa.

Minha tia estava animada com nossos dias ali e fazia vários planos para começarmos a realizar no dia seguinte.

Preparamos um delicioso jantar, nos alegramos em família.

Fomos vencidas pelo sono.

Acordamos com as risadas de lida no quarto em que estávamos.

-Vamos, meninas! Temos um longo dia pela frente, são dez horas! Vamos!

Ela abriu as cortinas e o sol nos fez levantar, resmungando.

Levantei-me e fui à janela. A campina verde, aquele cheiro do amanhecer, do meu Andrew. Tudo de belo me fazia lembrar dele.

Fiquei empurrando minhas primas da cama, elas levantaram-se insatisfeitas. Estava tudo programado para passarmos os próximos dias na fazenda dos meus avós.

Meus tios tinham uma caminhonete e todos subiram, fazendo barulho na carroceria. Meus avós não moravam tão longe. No caminho, lembrei que fazíamos aquilo quando éramos menores. Cada lugar destacava uma lembrança da infância. Aproveitei as fases da vida, fui criança, como brinquei! Atualmente era uma jovem com 19 anos, cheia de sonhos e completamente apaixonada.

Ao nos aproximarmos da fazenda dos meus avós João e Lourdes, avistei-os de longe, corri para abraçá-los.

— Que saudade, vó!

— Minha filha, como você cresceu! Linda como sempre!

-Você que é linda, vó.

Meu avô João me abraçou apertado.

Vovó Lourdes brigou com meus pais pelo longo tempo de ausência.

Fomos para dentro e houve uma longa rodada de conversas.

À tarde, fomos andar pela fazenda. Vovó nos mostrou as galinhas e os patos. Ela foi nos contando os

últimos fatos. Avistei o balanço na árvore, onde costumava brincar quando criança, meu avô ainda trocava as cordas na esperança de que os bisnetos viessem a qualquer momento.

Vovó e lida se distraíram com os patos. Percebi que somente eu e minha mãe estávamos juntas, era a hora exata de conversar sobre meus sentimentos.

— Mãe, preciso falar com você.

Sentamos no banco de madeira.

— O que deseja contar, filha?

— Nem sei por onde começar.

— Que tal do começo, como sempre?

— Vou começar pelo final.

— O que tem de tão importante para ir para a conclusão?

— Mãe, é que... não esperava, mas... acabei me apaixonando.

— Está namorando alguém?

— Ainda não, mais ou menos, queria conversar com vocês primeiro, antes que fosse oficial.

— Helen, me conte tudo do começo, por favor? A começar por quem é o rapaz.

— Andrew, mãe.

A folha de planta que estava em minha mão ficou toda esmigalhada por causa do nervosismo.

— O autor das histórias que você tem escrito?

— Ahã.

- Imaginei que fosse ele.

- Imaginou?

-Você tem falado muito dele e, quando menciona o nome dele, seus olhos brilham. Desde que o conheceu, você está diferente, é visível.

- Por que não comentou nada?!

- Estava esperando você me contar. Sou sua mãe, Helen, te conheço, sabia que tinha algo acontecendo, não nasci ontem.

Fiquei corada.

- Acabei me apaixonando pelas histórias, por ele, que é uma pessoa incrível, educado, conservador, me respeita como nunca vi outro igual.

- Sabe, filha, tenha cuidado, esse rapaz tem câncer, falamos que poderia acabar em paixão.

- Mãe, ele é muito especial, adoro estar com ele. No último encontro, ele se declarou, estou muito a fim dele também.

- Ele te pediu em namoro?

- Pediu e aceitei, porém, não é oficial, você e meu pai precisam consentir o namoro.

- E ele?

- Ele concordou. Tem receios, não sabe se o aceitarão.

- É, mocinha, você acabou arrumando uma preocupação bem grande. Seu pai também está desconfiado.

- O que meu pai dirá?

- Deve ser sincera com ele.

- E você, o que diz?

- Ainda penso que pode se machucar com essa história, porém, não posso te impedir de crescer. Sabe decidir sozinha.

Voltamos para a casa. Elas começaram a preparar os ingredientes para assar um bolo.

Fui para a varanda, meu pai estava deitado na rede, comendo algum doce feito pela mãe.

— Está gostando, filha?

-Tem sido muito bom.

Ficamos em silêncio.

— Pai, gostaria de conversar com você.

— Como não, filha? — ele se sentou na rede. - O que quer conversar?

— Depois conversamos, só queria que soubesse.

Percebi que os homens chegavam perto da varanda.

Eles sorriam e falavam alto.

— Depois então, filhota.

Meu avô anunciou a programação da noite, iríamos jantar fora e andar na cidade.

Na ida para a cidade, no carro de vovô, repassei o texto que falaria com meu pai. Foi nesse momento que o celular tocou.

— E Andrew, Helen?! — sussurrou Amanda, me cutucando. Meu coração acelerou. Estava com tanta saudade de ouvi-lo, não pensei duas vezes antes de atender.

-Alô.

— Oi, linda, tudo bem?

— Estou, sim, e você?

— Estou bem. Você está ocupada? — ele percebeu que não falava como de costume.

— Estou indo ao centro da cidade. Quando chegar lá te ligo, tá?

— Tudo bem, não deixe de ligar, preciso te ouvir.

— Eu também.

-Até depois. Beijos.

Quando encerrei a chamada, minhas primas sorriram.

Meus avós pareceram não ter ouvido, pareciam distraídos no banco da frente conversando.

Escrevi uma mensagem de texto no celular para Andrew.

“To com saudade de vc, lindo. Detesto ter que disfarçar a felicidade por te ouvir. To sentindo d+ sua falta! Bjs, muitos bjs. Sua Helen.”

Não demorou muito e o celular soou um bip de mensagem recebida. Era dele. Abri um enorme sorriso.

“Compreendo, espero ansioso pelo dia que não vai precisar disfarçar, pq vamos estar juntos, só eu e vc. Queria que estivesse aqui... Saudades. Um beijo apaixonado do seu Andrew. P. S.: Será que seus muitos beijos vão ser como o primeiro?!”

Enquanto digitava, sorria.

“Cada um deles e ainda serão carregados de paixão e saudade! Você é lindo d+!”

Ele respondeu com outro SMS.

“Vou esperar ansioso por cada um deles. Você é linda, princesa!”

Suspirei fingindo com o celular contra o peito. Minhas primas ficaram rindo.

Fomos jantar num restaurante ótimo, não conhecia. Foi uma bela noite, tiramos fotos, rimos e comemos.

Meu avô nos levou a um tipo de mirante, de onde víamos toda a cidade. Sentamos para conversar.

Continuei tirando fotos. Havia outras pessoas conversando também. Meu pai sentou ao meu lado e esbarrou no meu ombro.

—Você quer conversar agora, filha?

- Pode ser, sim, pai.

Ele e eu nos afastamos. Encostamos em uma cerca de madeira que rodeava o lugar.

— O que você quer conversar, filha?

— Pai, estive conversando com mamãe. Ela já te falou alguma coisa?

— Não, talvez ela queira que você me conte.

“Ai, mãe, por que você não adiantou o assunto?!”

Suspirei fundo e olhei a cidade.

— Pai, estou interessada em um rapaz.

— Está namorando alguém? — seu tom de voz era normal.

— Não, pai, mas estou querendo.

— Nós conhecemos? É um daqueles rapazes que foram na nossa casa?

— Não é nenhum deles.

— Então me diz quem é.

Estava sendo mais difícil do que pensava. Continuei olhando a cidade.

— É o rapaz das histórias que estou escrevendo.

— O tal de Andrew? - ele falou como se já soubesse.

— Sim, pai.

— Você nos contou que ele tem câncer e anda numa cadeira de rodas.

— E o que tem? Gosto dele, é um cara incrível!

— Que parte perdi, Helen? - seu tom de voz ficou grave. - Em que grau de relacionamento estão?

— Como sabe, eu o conheci. Gosto de estar com ele e quero muito que você abençoe o namoro.

— Estão namorando? — sua voz ficou ríspida.

— Não, porém, aceitei namorar com ele. Mas não é oficial, sabe, pois ele concorda que antes precisa

pedir permissão a você. Ele é bastante conservador.

- Falei para você tomar cuidado, Helen, pode se machucar com essa história.

- Mamãe falou isso quando contei a ela hoje à tarde. Não tenho medo, pai, gosto dele.

- Imaginei que poderia terminar assim. Você estava falando muito nele, com empolgação demais no projeto, sua mãe e eu suspeitávamos que você poderia acabar gostando desse rapaz.

- Por que não falaram nada comigo?

- Queríamos ouvir de você.

- Pai, o que acha? Ele quer pedir permissão a vocês quando voltarmos.

- Você já pensou em tudo o que envolve esse relacionamento? Filha, ele faz um tratamento de câncer, você sabe o quanto essa doença é cruel.

- Nunca me importei com a aparência dele.

- Não falo só pela aparência. Você pensou que ele pode

- ele suspirou fundo - não aguentar o tratamento? Pode acontecer a qualquer hora... essa doença é severa.

Meus olhos estavam cheios de água só de pensar rápido naquela hipótese.

- Já pensei nisso... Mas, pai, tenho fé! Acredito que Deus possa curá-lo e lhe dar uma nova oportunidade de viver uma nova vida.

- Sei o que sente, Helen, porém, você não pode fugir dos fatos. Como será sua vida com ele? E se por acaso não for curado?

- Sempre sou vencida pela certeza que há na fé.

- Filha — ele cerrou os lábios —, pelo que sei, homens ou mulheres que fazem quimioterapia têm a fertilidade afetada. Você sabe disso? — Aquilo foi uma punhalada no peito.

— Sei, sim, pai — segurei as lágrimas. — Não sei tudo, estou pesquisando para poder ajudar Andrew, ele não escondeu esse fato — baixei a cabeça.

— O que você está fazendo com sua vida, Helen? Você sempre nos disse que seu sonho era casar, ter filhos. Como poderá realizar esse sonho? Que futuro você espera desse namoro?

— Pai - suspirei fundo e olhei para o alto, para as lágrimas não saírem —, ainda sonho. — As lágrimas começaram a descer, mas não perdi a voz firme: — Só posso afirmar que tenho fé. Você me ensinou! Você ensinou a crer, mesmo nas piores adversidades, não importasse o que fosse, você me ensinou a ter fé, a acreditar nos impossíveis de Deus. Como poderia duvidar disso agora, se é a única coisa que tenho?!

Ele ficou em silêncio e depois me abraçou.

— É verdade - ele suspirou. — Que bom que tenha guardado. Tenho medo de vê-la sofrer, de se machucar. Contudo, preciso admitir, desde que conheceu esse rapaz, você está melhor. Vive sorrindo, ouço-a cantar pelos cantos, sei que ele te faz bem.

— Ele me faz muito bem e, mesmo se tivesse só uma semana com ele, faria tudo que fiz outra vez.

— Tem certeza, é o que quer para você, minha filha?

— Tenho muita certeza, pai. Tudo bem para você?

— Vamos conhecê-lo e depois avalio se posso confiar você a ele, ok?

Olhei seu rosto e sorri.

— Obrigada — abracei-o. — Ele é importante para mim.

— Depois conversamos melhor sobre esse dia. Até para que possa me preparar como pai, ao ver que minha filha cresceu.

- Ah, pai - abracei-o de novo. - Não é meu primeiro namorado.

- Os outros não contam, eles nem passam perto do que consigo ver hoje.

- O que vê?

Ele se afastou, segurou meus braços e sorriu.

- Com os olhos brilhando, feliz, emocionada, como nunca vi. “Realmente, nunca estive tão apaixonada, usei erradamente a palavra outras vezes. Ninguém havia me deixado tão feliz como Andrew.”

- Posso ligar para ele e dar a notícia?

- Concordamos em conhecê-lo. Quanto a deixar você namorá-lo, preciso verificar se ele é ou não um bom rapaz.

- Então você vai deixar! - soltei um gritinho de alegria.

—Vamos ver.

Ele voltou para onde os outros estavam. Liguei para Andrew. O sinal estava perfeito.

- Oi, linda.

- Andrew — falei, emocionada.

- Como é bom ouvir sua voz.

- Estava ansiosa para te ouvir. Tenho tantos assuntos para contar, adoraria estar com você. Deitar no seu ombro como aquele dia — não aguentei, acabei chorando. — Estou com tanta saudade...

- Não fique assim, senão fico louco por não poder fazer nada.

— Desculpe, mas estou cheia de saudade.

- Tenho sentido demais sua falta. Aproveite os dias aí, logo estaremos juntos.

— Li sua carta, Andrew, tão linda, tão profunda, chorei do começo ao fim. Como podem sair pensamentos lindos como aqueles?!

— Gostou? Nem li de novo, ficou ruim, Helen, não disse coisa com coisa.

— Estava linda! Entendi tudo, não sabe como fiquei. Tão absoluta, tão verdadeira, perfeita!

-Você está usando muito o superlativo, não é tanto assim.

— Andrew, quer parar?! O que importa é que você achou meu coração!

— Me perdi, não expressei tudo.

— Se não é tudo, vou descobrir.

-Terá que passar a vida toda na descoberta.

— Que seja, é meu maior desejo. Estou apaixonada por você, Andrew.

— É sobrenatural ouvir isso.

Ficamos em silêncio.

— Como você está? Sentiu dores?

— Não se preocupe, estou bem. Amanhã é dia de consulta no médico.

— Promete que vai ligar quando sair do hospital?

— Não se preocupe. Como está sendo aí? Conte.

— Acabei de conversar com meu pai sobre nós, falei com minha mãe também.

— O que disseram? Fiquei nervoso.

— Meu pai mostrou compreensão, vai dar tudo certo.

— Estou preocupado, Helen. Quando me virem, o que vão pensar? No mínimo, que não posso ser homem para te proteger. Ou... um homem para te dar filhos - aquela frase doeu.

— Não fale assim, Andrew — falei, triste. — Dói.

- Quero ser completo para você.

-Você é! Quem falou o contrário?!

- Quero ser tudo o que você sonhou.

—Você é!

- Não sou - ele falou asperamente.

- Quando vai se convencer disso?!

- Quando você vai compreender?

Ficamos sem falar.

- Não quero brigar com você — murmurei.

- Será que poderíamos brigar somente quando você estivesse perto de mim?

-Tem razão, brigar com você longe é horrível.

- Queria que estivesse aqui.

- Também queria muito.

- Estou com saudade de ver seu rosto.

—Também quero te ver — suspirei. — Não sabe o quanto. Adorei sua mensagem pelo celular.

- Estou esperando seus beijos.

-Também estou esperando os seus.

- Adoro ouvir isso.

- Lindo, preciso desligar.

- Não vejo a hora de te ver. Quando você voltar me encontrará mais apaixonado.

- Andrew? Preciso te pedir algo.

- Claro, pede?

- Preciso te ver. Não aguento mais sentir saudade! Você não poderia entrar na internet mais tarde?

Ele suspirou fundo.

- Quase não entro na internet.

- Quero te ver.

- Está me dando um motivo especial. Viu o que você anda fazendo comigo?
- Sério, Andrew?! Vai entrar?! Não vejo a hora de te ver, nem que seja apenas alguns instantes!
- A que horas?
- Umás onze horas. É tarde?!
- Não, te espero. Preciso fazer outro e-mail, não tenho mais.
- Isso é maravilhoso, pois aposto que seus contatos deveriam ser de várias garotas — ele riu.
- Você é uma graça, Helen.

Quando voltei à roda, todos me fitaram. Sentei ao lado do meu pai e abracei seu pescoço. Luana e Amanda me chamaram para sentar no meio delas. Ficaram cochichando, querendo saber das novidades.

A noite foi perfeita. Voltamos para a fazenda.

Eles começaram a se preparar para acender uma fogueira. Olhei o relógio, era quase meia-noite

Liguei o laptop de Sarah no escritório do meu avô. Entrei na internet. Demorou demais a conexão. Olhei meu celular, fora de área, fiquei angustiada. Peguei o telefone, fiquei pensando se ligaria ou não a cobrar para o celular de Andrew. Tomei coragem e liguei. Fiquei ansiosa enquanto ouvia aquela musiquinha chata.

- Helen? — ele perguntou.
- Desculpe por estar te ligando a cobrar, mas meu celular...
- Helen, para com isso - ele me interrompeu. - Pode me ligar sempre que quiser.
- A conexão está lenta aqui. Mas... é tão bom ouvir sua voz.
- Adoro sua voz... Fiz um novo e-mail. Está conectada?
- Estou quase. Anota, helencastilho.ufsc@gmail.com. Dá o seu também, pode demorar.
- Helen - ele reclamou -, não estou com pressa. Você por acaso está?
- Não - sorri apenas não quero fazer ligação interurbana para o seu celular, e ainda é...
- Chega dessas desculpas, por favor.
- Pronto, estou on-line. Vou desligar.
- Você apareceu. Não, não vai desligar, quero te ver e falar pelo telefone.
- Não era o plano.

- Passou a ser, a menos que não queira falar comigo.

- Quero sim!

Ao ver o rosto dele no computador, comecei a chorar. -Ah,Andrew... que saudades — Toquei a tela do PC.

- Não chora, linda - disse ele, piscando o olho. -Você é tão linda. Poderia passar o dia todo apenas te olhando. Não chora, vai?

-Andrew, não aguento mais ficar... longe de você — caí no choro.

- Eu também, princesa... Eu também. Não chora.

Nos perdemos naquele momento. Ouvir e ver Andrew

foi como recarregar a bateria do coração, que ultimamente só batia acelerado por causa dele. Tia lida passou na cozinha, mexeu comigo, sorrindo. Percebi que havia ficado quase quarenta minutos na conexão. Chorei na despedida. Encerrei a chamada do telefone, não desconectei a internet, queria vê-lo um pouco mais.

“Foi ótimo te ver! Não vejo a hora de te abraçar e pagar nossas

promessas"- ele teclou.

“Também espero, espero contando os dias!Tenho que ir...

Infelizmente. Mas amei ver você, precisava tanto... ”

“Sonhe comigo, princesa, e tenha uma ótima noite. ”

“Sonhe comigo também. Beijos.”

“Beijos apaixonados. ”

Acordamos cedo. Era sábado. Estava amando os dias em família, somente a saudade me instigava a voltar. Sentia falta também das minhas amigas, de Diego, Richard, Alan e de Alex. O que ele iria decidir? Doeria se ele não quisesse mais ser meu amigo.

Fomos ao lago próximo à fazenda. Naquele lugar lindo, logo olhei para o meu celular, totalmente sem sinal de vida, incomunicável.

Falei para as minhas primas sobre meus amigos, elas ficaram interessadas em conhecê-los, sobretudo os rapazes.

A manhã passou rápido. Os homens não pescaram nada, nenhum peixe resolveu aparecer naquelas águas geladas.

À noite, resolvemos assar queijos na brasa, olhei o relógio, eram quase oito horas e Andrew não tinha

ligado.

Liguei para casa dele. Chamou até cair. Deixei recado na secretária. Na segunda tentativa, comecei a ficar preocupada. Liguei para o celular e só dava caixa-postal. Deixei recado também.

“O que está acontecendo?” — Fiquei nervosa.

Liguei para o celular de Richard. Chamou diversas vezes e ninguém atendeu. Liguei para o celular de Alan, que também não atendeu, estava aflita.

Caminhei até a fogueira, ao redor da qual todos estavam. Os pensamentos permaneciam longe. Não consegui

me concentrar nas conversas, olhava para o celular constantemente. Como estaria ele? Depois de uma hora, o celular tocou. Era Alan. Ele me tranquilizou, dizendo que Andrew tinha ido ao médico, e estava descansando.

Passar aquele dia todo sem ouvi-lo não foi nada bom.

Acordei e logo olhei o celular, não tinha nenhuma chamada perdida. Seria paciente e o esperaria ligar.

Naquela tarde fui com Luana e Amanda passear pelo centro da cidade, foi quando ele ligou.

- Andrew?

- Oi, Helen - sua voz parecia cansada.

- Andrew, estava tão preocupada com você!

- Desculpe, estava descansando, essas medicações dão sono.

- Fiquei aflita ontem, sem saber o que estava acontecendo com você!

- Foi meio corrido; porém, estou bem, não precisa se preocupar.

- Como foi no médico?

- Quando você chegar conversamos melhor.

- Por que não agora?! Por que sua voz parece cansada?!

- São os remédios. Helen, quero falar de nós, não quero ficar falando de médicos, foi tão ruim ontem, compreende?

- Preciso saber de você, seus amigos não dizem nada, dizem que devo perguntar a você, daí você não diz nada! Puxa, me importo!

Percebi que estava falando alto demais, chamei a atenção das minhas primas, que sorriram e continuaram

comendo.

- Eu sei, hoje estou cansado.

— Está com dores?!

— Um pouco, estou cansado, não posso ficar falando muito — ele suspirou. — Quero perder o fôlego, se for o caso, falando sobre nós dois, não sobre doença — ele falava pausado e com cansaço. — Por favor?

— Andrew, estou tão preocupada, como você está?

— Estou bem. E você?

— Cheia de saudade, com uma vontade enorme de te ver. Senti falta de falar com você ontem, foi tão ruim.

— Também senti. Quero te ver, te abraçar. Sinto sua falta.

— Amanhã é segunda, não vejo a hora de encontrar com você — suspirei fundo.

— Tenho uma surpresa para você — falou pausado.

— O quê?! - sorri.

— Se contar não será surpresa.

— Sabe que sou curiosa. Também hoje vou te deixar curioso, tenho algo para te dar!

-Vai contar?

— Sabe que não. É só mais um motivo para que queira me ver.

— Não preciso de outro motivo, tenho todos, linda.

— Me diz um?

— A saudade enorme de ver o seu rosto e o seu sorriso.

— Ontem passeamos por um bosque que levava até um lago. Caminhando por entre as árvores, lembrei tanto de você, aquele cheiro de madeira, de folhas molhadas, desejei muito que estivesse comigo.

— Adoraria — falou, ofegante.

—Você está sentindo algo? Sua voz parece cansada. Quer descansar?

—Já estou descansando, ouvindo sua voz.

-Você precisa descansar. Vou desligar para você obedecer ao médico.

- Não. Fale mais um pouco comigo? Não desligue agora A menos que não possa falar.

Aquele convite tão carinhoso tornava impossível não ser atendido.

- Só não quero que se canse, Andy.

- Andy? - ele falou, surpreso.

- De tanto falar de você - sorri -, fico falando de você às minhas primas, achei essa abreviação do seu nome carinhosa. Gostou?

- Sim, pode me chamar como quiser, principalmente dizer que sou seu namorado.

- Me acostumei, só faltava você saber.

- Pensei nos seus pais, quando você voltar, irei falar com eles. Confesso que estou ansioso.

- Não precisa se preocupar, Andy.

- Estou me preparando — ele suspirou fundo. — Tem certeza de que deseja namorar comigo?

- É tudo que quero, mas, às vezes, de tanto você perguntar, parece que você tem dúvidas.

- Nunca duvidei do que quero, só pergunto por você mesma. É tão linda, é mais do que mereço.

- Não fale assim..

- Que horas você chega amanhã? Richard ira buscá-los.

- Chegaremos tarde, Andy, não vou incomodar meu amigo.

- Ele faz questão, Helen.

- Não. Amei o que ele fez para entregar a carta, porém, diga a ele que chegaremos de madrugada, ficaria muito

preocupada depois, com ele voltando pela estrada de Jurerê. Nem pensar.

- Depois vocês se acertam.

- Ele é um superamigo, agradeça, porém, não precisa. Vou deixar você descansar.

- Não, fica?

—Você precisa descansar. Por favor, descanse.

— Posso te ligar mais tarde? Só para te desejar bons sonhos?

— Claro, desde que descanse agora, ok?

- Ok. Beijinhos, linda.

A noite jantamos com toda a família, mamãe e vovó Lourdes arrumaram uma bela mesa com jantar.

Estava frio. Acenderam a lareira e ficamos ouvindo os acontecimentos que meu avô contava. Meu pai depois começou a contar os outros casos relevantes que nos aconteceram nos últimos anos.

Meu celular tocou, foi automático o sorriso. Era Andrew. Olhei no relógio, eram quase onze horas da noite. Levantei-me e fui enrolada no cobertor para a varanda.

Falar com ele foi maravilhoso, embora sua voz soasse cansada, fato que estava me angustiando. Ansiava ficar ouvindo aquela linda voz, mas ele precisava descansar.

— Posso te pedir algo, então? — perguntou ele, com carinho.

— Claro.

— Fica comigo? Sua voz faz bem... Só hoje...

Sua voz parecia triste. Tudo em mim mudou, fiquei emocionada e triste, engoli seco para não chorar.

- O que foi, Andy? - falei carinhosamente.

- Fica? Estou cansado, gostaria de dormir ouvindo sua voz.

- Claro que fico. Quer um poema ou uma música? Não canto muito bem, mas faço qualquer coisa por você.

- O que preferir.

— Vou te contar uma história. Ela diz: se as águas correm para um destino planejado - comecei a falar lentamente - até encontrar algo maior que si, da mesma maneira também correrei, como um rio escorre para o mar, para algo desconhecido, mas sei que é maior. Ao desembocar na imensidão desse oceano, entenderei perfeitamente o encontro com o amor; o caminho em que estou me levará sem volta a esse oceano, não voltarei, ali será o meu lugar, estou certa de que me diluirei naquele infinito... Andrew? — sussurrei. Ele deveria estar dormindo. Não ouvi nada do outro lado.

- Boa noite, meu amor.

Encerrei a chamada.

Olhei o relógio, o último dia com meus avós. Viajaríamos à noite e chegaríamos de madrugada em Florianópolis. Seria ótimo, a primeira ação do dia certamente seria ir ver Andrew.

Passamos o dia da volta mais próximos. Fiquei o máximo que pude com minha avó, sabendo que não a veria por algum tempo.

Ao arrumar a mala, vi a foto de Andrew. Luana e Amanda quiseram ver, enfatizaram o quanto ele era lindo. Para mim, ele sempre seria o homem mais lindo da Terra.

Havia chegado a hora de partir. Todos foram nos levar ao aeroporto.

Chorei com minhas primas quando anunciaram o voo e, abraçada aos meus avôs, os fiz lembrar do quanto eram especiais.

A despedida de quem amamos sempre gera lágrimas, aqueles dias em Porto Alegre foram inesquecíveis para todos nós.

## 11 - Ondas de Amor

Dormi durante toda a viagem. Chegamos quase a uma da madrugada, estava exausta e carregada de sono.

Pegamos um táxi, dormi no banco traseiro, fui acordada por minha mãe na porta de casa.

Subi as escadas, caí na cama e apaguei.

Acordei quase nove horas da manhã. Ainda sonolenta, percebi que estava em casa. Um fato maravilhoso.

Lembrei que veria Andrew, fui revigorada, pulei da

cama. Era extraordinário!

Tomei banho batendo os dentes, a temperatura havia

caído bastante.

Coloquei calça jeans, dois casacos, touca, luvas e cachecol, separei numa mochila os presentes e, ansiosa, liguei para ele.

- Oi, Andy - falei carinhosamente. - Bom dia!

- Lindo dia - declarou, feliz. - Chegou bem?

- Cheguei, estou acabando de me arrumar. Posso ir

cedo?

- Estou te esperando desde que acordei. Já era para ter vindo — brincou.

— Estou indo, não vejo a hora de te ver! - declarei animada.

—Vem logo...Você está me devendo algo imprescindível.

— Sei — sorri. — Sei o que é. Andy, conversei com meus pais na viagem e... eles disseram que vão fazer um almoço hoje para te conhecer. Pode ser hoje?

— É preciso, portanto, que seja logo.

— Então estou indo para sua casa e na hora do almoço trarei você, ok?

— Ok, linda. Vem logo, vem? — implorou.

— Estou indo! Beijos.

— Beijos.

Quando desci, só meu pai estava acordado, em pé, bebendo café e lendo o jornal aberto em cima da mesa.

— Acordou cedo, filha? Sua mãe continua desmaiada.

— Pai, vou me encontrar com Andrew agora, tá?

-Tão cedo?

— Estou há uma semana sem vê-lo! Na hora do almoço venho com ele, como combinamos.

— Tão cedo, filha?

— Não é tão cedo. Não tenho nada a fazer hoje... Pai? — implorei. — Por favor?

— A que horas estão planejando vir?

— Na hora do almoço.

Ele deu um sorriso de canto.

— Estou indo então.

— Estaremos esperando vocês.

— Ok — beijei o rosto dele —, ah, pai, por favor, não faça aquela pergunta típica sobre o que ele faz da vida.

— Quero saber de tudo, Helen.

- Andrew está saindo da depressão, pensa em voltar a estudar e seguir a carreira de escritor e diretor de teatro.

- Ok, então, estamos esperando vocês. Comporte-se,

hein?

- Pai! - franzi o rosto. - Pegou meu carro na casa do

senhor Levi?

- Já, sim, está lá fora.

- Pai, posso pedir uma coisa? — ele balançou a cabeça, concordando. - Não pergunte nada sobre a

questão da fertilidade. Espere outra oportunidade?

- Gostaria de saber sobre isso, quero que ele conte.

- Pai! Vai deixá-lo constrangido no primeiro dia?! Por favor?!

- É um assunto importante, serei discreto, porém não posso deixar de perguntar.

- Está bem, até mais - fiquei preocupada e com a expressão triste.

Fui para fora e vi meu carro.

- Senti sua falta, lindão - sussurrei desarmando o alarme. Estava muito frio, contudo, meu coração se aquecia com a esperança de que logo estaria com o Andrew.

Cheguei à casa dele, já esperavam por mim. Mel me recebeu com um caloroso abraço.

- Olá, querida, como foi de viagem?!

- Foi tudo ótimo, Mel.

-Vem, entre! Como está frio!

- Helen! - Alan apareceu de repente e me abraçou.

- Oi, amigo, senti sua falta!

-Você é muito chata, mas, vou confessar, senti saudade de você!

— Depois a gente se acerta.

—Vem, Andrew está lá em cima — fomos subindo a escada. — Mas, o que estou te devendo?!

— Vocês me deixaram aflita sem notícias de Andrew! — Belisquei seu braço.

— Essa doeu! — ele esfregou o braço. - Não foi culpa nossa, ele não deixou!

Cheguei à sala e fui surpreendida por Richard.

- Oi, Helen, como é bom te ver! - ele me abraçou apertado e me deu um beijo no rosto.

—Vocês mereciam apanhar! — belisquei seu braço.

- Ai! - ele esfregou o braço sorrindo. - O que nós fizemos?!

— Me deixaram sem notícias!

- Não foi culpa nossa, Andrew não deixou que preocupássemos você.

- Fiquei aflita e preocupada, sem saber o que estava acontecendo!

— Foi mal, amiga. — Richard esbarrou no meu ombro.

— Vocês são uns chatos, mas confesso que senti saudade de vocês.

- Só deles? - Andrew entrou na sala, sorrindo, lindo, de casaco, touca, tênis e calça.

Ele ficou parado, me olhando. Seu sorriso me fez sorrir, seus olhos refletiam vida.

-Vamos embora, estamos sobrando. - Richard cutucou Alan.

Ao saírem, abraçaram Andrew, Alan ainda beijou o rosto dele com força, eles sorriram e Andrew o empurrou, Richard puxou Alan pelo pescoço, tirando-o dali.

— Andrew? - falei, emocionada, fiquei sem ação.

— Espere um instante — ele sorriu. — Não quero te abraçar assim.

Andrew foi se levantando lentamente da cadeira, se colocando em pé. Fiquei de boca aberta, meu coração batia acelerado.

— Não vou ganhar um abraço? — ele perguntou, com um lindo sorriso. - Só não faça nada com força. Vem!

Chorei quando o abracei com carinho. O abraço dele era aconchegante.

Minhas pernas tremeram ao sentir seu corpo encostado ao meu. Não sabia por que ele estava de pé, porém, naquele momento, não quis compreender, apenas continuar abraçada a ele, sentindo seu cheiro inconfundível, protegida em seus braços. Somente naquele momento vi que meus quase 1,70 metro de altura não era nada diante de seus 1,85 metro.

— Senti sua falta - ele falou amavelmente depois de um longo tempo em silêncio.

-Andrew?Você está de pé?! - chorava, encostada em seu peito.

— Raros dias depois de ir ao médico me sinto dessa forma, bem.

— Senti tanta saudade.

— Não chora, estamos juntos agora — ele acariciou meu rosto.

O tempo pareceu parar, seus braços pareciam torres de uma fortaleza, meu eterno lugar seguro.

Sua mão acariciava minha cabeça, apertando-a contra seu peito. Seu cheiro desenhava todas as paisagens lindas que contemplei na viagem.

Ele se afastou e segurou meu rosto com as duas mãos.

— Senti saudade desse seu rosto lindo.

Ele me deu um beijo, simples e amável, porém tirou meu fôlego.

— Não posso acreditar que estou com você — sussurrei, depois de abrir os olhos.

— Nem eu — ele segurou minhas mãos. — Preciso me sentar.

Ele se sentou na cadeira.

— Andrew, você pode ficar de pé?!

—Venha — fomos até o sofá. — Sente aqui comigo. Posso fazer isso às vezes.

Ele colocou as pernas por cima de um pufe à sua frente.

Me sentei ao seu lado.

—Vem cá — ele recostou no sofá e abriu os braços.

Deitei no seu peito. Ele me abraçou, coloquei meus pés sobre o sofá. Ficamos um longo período em silêncio. O cheiro dele era capaz de fazer sonhar.

— Andrew? — sussurrei seu nome quando percebi que poderia acabar dormindo em meio àquela paz que sentia.

— Hum? — procurei seu rosto.

— Está dormindo?

— Não, estou pensando em você — ele abriu os olhos.

— O que está pensando?

— Nesse momento, parece sonho.

Vóltei para seus braços.

— Estou sentindo uma alegria indescritível. Como você me faz bem! Se pudesse, não sairia daqui — sussurrei.

— É só ficar, linda — ele suspirou fundo. — Conte sua viagem.

- Queria ouvir você primeiro, Andy.

- Andy? - ele sorriu.

- Saudade do seu sorriso! - levantei a cabeça para olhar seu rosto. - É tão lindo! Ah, como senti saudade de você. -apertei-o com força. - Mas, como te falei... Andy, porque, de tanto ficar falando de você, acabei abreviando seu nome. Ficou tão fofo, não achou?

- Fofo? - ele sorriu. - Pode me chamar do que quiser, amor, principalmente falar que sou seu namorado.

- Amor? - olhei para ele.

- O que você é. Achou que só você tinha arrumado um apelido? Pensei muito e você se tornou o amor da minha vida.

Abracei-o apertado.

- Não vale, devia ter te chamado primeiro de “meu amor”, você sempre vai dizer que a ideia original é sua.

- Foi demorar... Os direitos são meus. Mas, conte, como foi em Porto Alegre?

- Foi ótimo. Lembrei de quando era criança, adolescente. Rever minha família foi maravilhoso, estar nos lugares que marcaram tanto minha vida, inesquecível. Só não foi perfeito porque você não estava lá. Senti sua falta. Todos os dias pela manhã acordava com aquele cheiro da floresta trazendo você.

Ele me abraçou apertado.

- Senti sua falta. Foi diferente... Estranho.

- Estranho?

- Num momento sinto algo novo, consumindo meu interior como o fogo, me fazendo reconhecer que, pela primeira vez, estou apaixonado por alguém. No outro dia,

sinto um frio, uma saudade incômoda, uma vontade insana de estar perto de você.

Fiquei emocionada e dei um sorriso de canto.

— Meus sentimentos foram parecidos! Porque... nunca senti por ninguém o que surgiu aqui - coloquei a mão no coração.

— Não sei o que você fez comigo, mas... sempre procurei — ele me apertou contra o próprio peito e beijou minha cabeça.

— Adorei sua carta, Andrew! Tão linda! Chorei, emocionada!

— Carta doida, Helen; eu não disse coisa com coisa, não quis nem ler depois.

— Entendi tudo, perfeitamente e... tocou fundo em meu interior.

— Conte mais sobre a viagem.

— Não foi perfeita, Andy, senti muito sua falta... No dia em que não falei com você, então, foi horrível! Fiquei tão preocupada. Aliás, o que aconteceu? — afastei-me e sentei-me ao seu lado. — Por que Richard e Alan disseram que você não deixou que eles me avisassem? Avisarem o quê? Pode começar a contar, senhor Andrew.

— Quer falar sobre isso?

— Quero, sim — acariciei seu rosto. — É importante para mim.

Ele ficou pensando.

— Fui para a sessão de quimioterapia — ele expirou de uma vez. — Não queria te preocupar.

-Andrew! Por que não contou?! Deveria ter contado! Viria na mesma hora! - cruzei os braços e fiz uma expressão de desapontamento.

- Não fique chateada comigo, Helen. Sabia que você ia querer vir, não queria que adiasse a viagem - fiquei com as expressões fechadas. - Não fique assim, hein? - ele mexeu no meu cabelo.

- Sabia que tinha algo a mais - segurei o choro. - Queria estar aqui com você, queria segurar sua mão, te ajudar. Por que me privou disso?

- Não queria te magoar. Me perdoa?

Ficamos em silêncio. Esperei a frustração passar.

- Não me impeça mais de estar com você nesses momentos, não vou te deixar, será que ainda não entendeu?!

- Entendi - sussurrou.

- Fiquei morta de preocupação, de vontade de estar ao seu lado. Não podia ter feito isso comigo. Sei decidir o que é melhor pra mim!

- Fica linda quando está chateada — ele me puxou para seus braços.

-Andrew, promete que não vai esconder esses assuntos?

- Prometo, não fique chateada.

- Agora conte tudo. Como foi?

- Não queria te preocupar, pedi a eles que não te falassem nada. Alan queria quebrar o trato, queria te contar no dia em que não nos falamos, não deixei. Vou para a sessão e quando volto sinto alguns dos efeitos colaterais dela.

- Eu li algumas informações — segurava o choro. — Como são suas sessões, de quanto em quanto tempo?

— Uma por mês, depende de como estarei. Existe um ciclo e depois avaliam como estou. A sessão em si não dói, embora cause alguns hematomas nos braços. O pior é depois.

— Posso ver? — toquei seu braço.

— Não sei, você é tão sensível, Helen.

— Quero ver, tudo de você me interessa.

Ele suspendeu o casaco, me afastei para olhar, quando vi seu braço roxo, suspirei fundo. Não consegui segurar as lágrimas.

— O que sente depois da sessão? - suspirei fundo e expirei.

— Costumo sentir alguns sintomas. O cabelo já caiu, sinto enjoos e a pior parte são os vômitos.

— Então, no dia em que não nos falamos, quando liguei, você estava tendo uma crise? — perguntei amavelmente.

— Estava, o dia costuma ser agitado.

— Andrew, queria muito estar cuidando de você.

— Me perdoa. Não queria que viesse.

— Certamente viria... Lembrei daquela noite em que estava superofegante, que pediu que ficasse falando até você dormir? O que aconteceu? Seja sincero.

— Foi um dos piores dias - ele suspirou fundo. - Não sabia se estava anestesiado ou completamente imóvel diante da possibilidade de não mais te ver — ele abriu os braços. — Vem cá. Naquela noite, sinceramente - ele pausou - pensei que fosse morrer, fiquei totalmente out, sei lá, o único laço que me trazia à realidade, dando esperança, era o som da sua voz. Se eu fosse partir, queria ouvir você.

— Andrew, se soubesse, estaria aqui - chorei. - Não posso pensar nessa hipótese. Você é o homem da minha vida,

não posso imaginá-la sem você - ele beijou minha cabeça.

- Depois, quando acordou, se sentiu melhor?

- Acordar e saber que tinha sobrevivido, sentir seu amor, foi único. Não tinha sentido nada parecido.

- Por algum momento pensou em Deus?

- Para ser sincero, sim... Queria que Ele não me deixasse morrer, queria viver o nosso amor.

- Somente pelo nosso amor?

- Talvez pela vida que você despertou em mim. Talvez por Ele também, não sei.

- Não posso preencher seu vazio, Andy, mas Ele pode.

—Vamos mudar de assunto?

- Tudo bem. Quanto tempo duram os sintomas?

- Depende. No meu caso um, dois dias, depois me sinto melhor.

- Por isso ficou de pé hoje?

- Não sinto dores, fica fácil fazer alguns movimentos.

- E a fisioterapia? Quando as faz?

- Faço três vezes na semana. Júlia, minha fisioterapeuta, costuma me colocar para caminhar um pouco e avalia como estão os movimentos.

- Quero conhecê-la. Quando sente dores, quem te ajuda?

- Os rapazes, Mel e, às vezes, Rubens.

- Como descobriu o câncer, Andy?

- Quer saber mesmo?

- Quero, sim.

- Estive em coma profundo, durou um mês. Fizeram muitos exames nesse tempo. Os médicos já sabiam o que tinha, porém, preferiram esperar por outros exames detalhados. Antes de acordar do coma, vivia sendo sedado para não sentir dor. Depois de alguns dias passei a acordar sem dores agudas, devido a analgésicos. Numa tarde, Alan e Richard estavam no quarto; quando acordei, percebi que estavam diferentes, me abraçaram chorando, sabia que não viriam boas notícias. Richard pediu ao médico para contar. Foi a primeira vez em que os vi chorar daquela forma, Alan afastou-se, chorando, e Richard continuou abraçado a mim; foi quando revelou que eu tinha câncer.

Ele deixou as lágrimas caírem pelo rosto, abracei-o mais apertado.

— O que aconteceu depois? — perguntei, com lágrimas nos olhos.

— Choramos por um longo tempo juntos. Depois o médico apareceu e explicou o que era a doença. O câncer estava no começo, poderia ter resultados positivos ao tratamento de quimioterapia, poderia continuar levando a vida, desde que usasse cadeira de rodas. Fiquei ferido profundamente, não conseguia me ver sentado naquilo. Se não fossem meus amigos, não sei o que seria de mim.

— Como estão hoje os seus ossos?

— Depois de um tempo, das sessões, fiquei bom, contudo, parece que, quando todo o medicamento sai do organismo, começo a sentir fortes dores em todo o corpo, tudo dói, principalmente as juntas.

-Você vai ficar bom! Eu creio! E como foi a conversa sobre a fertilidade?

— Depois da notícia do câncer, o médico conversou comigo, explicou que deveria preservar minha fertilidade, uma das maneiras era o congelamento do sêmen. Estava tão

atordoado que recusei. O médico insistiu, nada importava mais - seu semblante intensificou a tristeza. - Comecei as sessões de quimioterapia, nunca tive arrependimento algum por ter recusado. Até te conhecer...

- Andrew, sei que a medicina tem sua importância, porém, fico com os impossíveis que a fé pode fazer na

vida do homem. Você vai ser curado!

- Sua fé deve ser grande, Helen...

— Pensei muito em você nesses dias — suspirei fundo. — Me responda com sinceridade: houve algum dia que você desejou ter alguém com quem pudesse conversar de forma profunda? Não sei se estou sendo clara, você nunca desejou conhecer Deus?

Ele se ajeitou no sofá e ficou pensando, olhando para janela.

— Eu conheci, Helen.

- Conheceu?!

— Uns cinco meses antes do acidente, um colega que jogava futebol conosco falou sobre Deus — ele falava pausado e sem empolgação. - Sempre acreditei que pudesse existir uma força maior capaz de reger todo o universo. No final da partida de futebol, aceitei conhecer o tão “conhecido” Deus pessoalmente. Naquele momento, senti algo diferente. Nessa época, meus pais se separaram, sabia que aquilo iria acontecer, a separação deles me deixou muito irritado com Deus, pois esse amigo vivia dizendo que Ele amava famílias, e a minha estava se destruindo.

Ele ficou em silêncio. Suspirei fundo, tentando absorver aquela história.

— Andrew, confesso que estou perplexa — expirei. —Você também culpa Deus por sua família ter se acabado?

— Por que não interveio?

— Ele não teve culpa se seus pais se separaram. Ele nos deu o livre arbítrio para tomar decisões. Foi o que seus pais escolheram. Andrew, a vida é feita de escolhas.

— Fiquei irritado, não quis mais saber d’Ele.

— E a diferença que sentiu por dentro?

— Não sei definir.

— Negue que o que você sentiu naquele dia foi melhor que a vida?

Ele pensou um instante de cabeça baixa e depois me olhou.

— Não posso.

— Porque no fundo, você sabe, foi o melhor que você podia ter feito. Mesmo que tenha negado tantas vezes seus sentimentos naquele dia, foi real para você. Ele é Pai.

— Pai? — falou, descrente. — Se Ele é Pai, por que sempre senti o contrário? Sempre me senti só, abandonado e rejeitado?!

— Andrew, você sempre se sentiu assim não por causa d’Ele, mas pela ausência do seu pai, e você atribuiu todo o fracasso a Deus.

Ele ficou em silêncio.

— Você talvez nunca tenha tido o amor do seu pai e acabou achando que Deus faria o mesmo.

— Helen, não suporto ouvir a palavra “pai”, Deus não é pai — sua voz era cheia de ressentimentos.

— Andrew, você não odeia Deus, você odeia seu pai -ele me olhou sério. - Você tinha algum sintoma que apontava para o câncer antes do acidente?

— Não. Por quê? - perguntou, irritado.

— Não estou afirmando, porém suponho que seu câncer tenha começado em virtude de suas emoções — ele continuava sério. - Alguns estudos mostram que causas emocionais não resolvidas podem desenvolver câncer. Você viveu um período conflituoso com seu pai por anos, as brigas e a separação, em seguida, o acidente. Talvez tudo possa ter começado aí.

-Virou psicóloga agora? - seu tom era rude. - No mínimo está me dizendo que não sei resolver minhas emoções.

— Estou dizendo que você não suporta a dor pelo que aconteceu no passado, sua alma está ferida, você precisa perdoar seu pai.

-Você não sabe nada sobre meu pai! - ele continuou sendo áspero comigo.

— Saberá se você me contasse! Só quero te ajudar — segurei o choro.

— Então não fique me falando sobre ele — protestou, sério.

— Andrew — segurei seu rosto e o fiz me olhar —, você precisa perdoar o que seu pai fez.

Ficamos em silêncio. Mel entrou na sala.

— Desculpe se estou atrapalhando. Helen, seu pai ligou para dizer que eles estão esperando vocês.

— Obrigado, Mel - disse ele, tentando desfazer o rosto chateado. — Já vamos descer.

Dei um sorriso de canto enquanto ela saía.

Fiquei olhando para ele.

— Se ficar com essa cara amarrada não vou sair daqui — segurei seu rosto e ele continuou sério. - Andrew? Não fique assim comigo, puxa! - Segurei seu rosto com as duas mãos, beijei-o com força. — Você fica lindo zangado também, não me assusta essa cara de sério, está mais lindo! — Sorri.

-Tinha prometido que se você fizesse isso de novo, ia saciar minha vontade por mais um beijo — ele voltou a me olhar, apaixonado como sempre.

— Também te devo uma promessa parecida.

Fomos nos aproximando lentamente. Ele me observou e tocou meu rosto. Colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, minha respiração sumiu. Segurou meu queixo e cheirou meu rosto. Fechei os olhos. Não resistiria à louca vontade de sentir o beijo dele. Quando senti sua respiração próxima a mim, fomos interrompidos.

Richard entrou, falando alto com Alan, que devia estar bem longe dele. Ele percebeu a hora errada.

— Cheguei na hora errada. Foi mal — desculpou-se, sem jeito.

— Péssima hora em que você apareceu. — Andrew se afastou, sorrindo.

— Foi mal, pessoal, podem continuar onde pararam, estou descendo. Ia pegar o livro aqui. Puxa, desculpem — ele saiu.

Ficamos nos olhando, sorrindo.

— Foi bom que ele apareceu, acabaria estragando a surpresa.

— Surpresa?

— Algo que planejei pra nós dois hoje à tarde.

-Ah, me diz, o quê?!

— Surpresa! — ele se aproximou e esfregou seu nariz no meu. - Depois de enfrentar o sogrão vou te levar a um lugar. Vamos descer? Aliás, me desculpe se fui rude.

-Tudo bem, Andy, me perdoe também.

Ele me abraçou apertado, depois se sentou na cadeira de rodas.

Descemos pelo elevador. Alan, Richard e Rebecca, que haviam chegado, estavam na sala.

Richard, quando nos viu na porta, veio ao nosso encontro, Rebecca o seguiu. Enquanto ele falava com Andrew, ela me cumprimentou.

— Oi, Helen, tudo bem?

— Puxa, cara, foi mal, me desculpe. - Ouvi Richard dizendo a Andrew.

— Oi, Rebecca, tudo bem. E você? - trocamos beijos.

-Tudo ótimo, Helen. O que Richard fez, afinal?

— Nada, fez o que precisava ser feito, salvou de estragar uma surpresa — lembrou Andrew.

— Fiquei aliviado. - Richard colocou a mão no peito, sorrindo.

— Richard sempre chega na hora errada — lembrou Alan.

— Concordo. No dia em que viajei ele teve que seguir o táxi que nos levava para o aeroporto, chegou todo arrepiado

— soltei uma risada.

— Ele não nos contou isso — falou Alan, sorrindo.

— Você é muito engraçadinha — disse Richard, tirando minha touca.

— Para! Pegou as manias de Alan? — Alan franziu as expressões para mim.

- Bem, pessoal, chegou a hora da verdade - falou Andrew. - Torçam por mim, pois vou para uma luta de gladiadores — todos sorriram.

- Relaxa, amigo, vai dar tudo certo. - Richard apertou o ombro de Andrew. - Levo vocês?

- Não precisa. Vamos juntos — falei.

Fomos andando para o lado de fora. Richard, Alan e Rebecca foram nos seguindo. Richard levou outra cadeira dobrável e colocou no porta-malas do carro.

Dentro do carro percebi que Andrew não parecia à vontade.

- O que foi, Andy? Está calado...

- Estou ansioso.

- Quer dirigir?! - perguntei, animada.

- Não, amor, não estou pronto para dirigir.

Durante o caminho, esqueci de fazer alguns procedimentos básicos.

-Você devia ligar a seta para mudar de pista, não?

- Eu sei, esqueci — sorri.

- Você também não deveria esticar tanto em uma marcha.

- Acho que você quer dirigir.

- Deixa pra lá.

Quando chegamos à porta da minha casa olhei o relógio, meio-dia e meia. Ele suspirou fundo.

- Calma, amor, relaxe, vai dar tudo certo.

Desci do carro e peguei a cadeira. Ele sentou, fui empurrando até a entrada da varanda. Estava ansiosa,

fazia dois anos que tinha levado o tal namorado por quem achei que

era apaixonada para conhecer meus pais; todavia, agora era tudo diferente, completamente tudo.

Fui andando pelo lado da garagem, onde tinha uma entrada para varanda. Quando cheguei perto da porta, meu pai apareceu, senti frio por dentro.

— Pai, esse é Andrew. Andrew, esse é meu pai, Paulo.

— Muito prazer, senhor Paulo — ele estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Oi, rapaz, tudo bem com você?

-Tudo bem.

-Vamos entrar porque o frio aqui fora está demais.

Pronto, havíamos passado pela primeira impressão. Meu pai tinha sido muito cordial. Entramos, minha mãe se aproximou para cumprimentá-lo.

— Essa é minha mãe, Andrew, Suzan.

— Oi, querido, seja bem-vindo. Fique à vontade.

— Muito prazer em conhecer vocês.

— Vamos sentar e conversar um pouco? - sugeriu meu pai.

— Querido, vou colocando a mesa, não demorem - falou ela, indo para a cozinha.

Andrew se levantou da cadeira e sentou no sofá. Sentei ao seu lado, meu pai sentou à frente. Estava meio inquieta com aquela combinação de fatores nada confortáveis.

— Helen contou que sua família não é daqui, Andrew.

— Somos descendentes de italianos, senhor.

— Família tradicional?

— Sim — Andrew deu um pequeno sorriso. — Meus bisavós vieram para Santa Catarina na década de 1920, trazidos pelos pais. Daí os descendentes são todos nascidos aqui. Nos

anos 1970, com a morte dos meus bisavós, depois que meu pai se casou, meus avós resolveram voltar para a Itália. E aqui estamos desde aquela época. Como deve saber, minha mãe faleceu há pouco mais de um ano. Tenho alguns parentes no Rio de Janeiro também por parte de mãe, mas a maioria é da Itália

- E os pais de sua mãe?

- Morreram faz uns anos.

- Sua família da Itália, são de que local?

- De Milão.

- Sua família é bastante tradicional. Gosto de ouvir sobre histórias de famílias

-Venham, já está tudo pronto! - anunciou minha mãe.

Fomos para a sala de jantar. Ela havia arrumado uma linda mesa.

Andrew sentou-se ao meu lado. Ele observou quando meu pai agradeceu a Deus pelos alimentos.

- Andy, você come lasanha? - sussurrei para ele.

- Claro, amor, pode colocar — ele sorriu.

- Helen nos disse que você pretende voltar à faculdade. Já decidiu? - perguntou meu pai.

“Pai, não comece a falar dessas coisas profundas!”

- Tenho pensado, sim, senhor. Depois do período de depressão pelo qual passei, minha vida mudou muito - ele me olhou — depois que conheci Helen.

-Você é novo, rapaz, não pode perder a vida. Volte para a faculdade, sim!

- Você tem talento, Andrew — ressaltou minha mãe. — Muito talento. Li sua história, é fantástica!

- Obrigado, senhora, escrever é um dom herdado da

minha mãe.

Durante um tempo ficamos em silêncio.

- Senhora, Suzan - disse Andrew quebrando o silêncio -, fazia muito tempo que não comia uma lasanha tão boa!

- Que bom que gostou. Precisa experimentar da Helen!

— Deve ser divina também.

Sorrimos juntos.

Meu pai ainda fez várias perguntas sobre família e o assunto girou em torno de países e história. Fiquei fascinada com a inteligência de Andrew. Ele esbanjou conhecimentos com meu pai, um sábio. Fiquei pasmada. Apenas eles dois dominaram a conversa até o final do almoço.

Minha mãe trouxe a sobremesa a base de biscoitos, musse de chocolate e outro de leite condensado e pedaços de frutas vermelhas.

-Viu? Não é só você que sabe minha sobremesa favorita — sussurrei perto do ouvido dele.

- Foi Mel que te contou - ele sorriu.

— Digamos que sim.

Fomos para a sala. Sentei perto dele, meus pais à frente.

— Sei que é uma pergunta típica, mas quais os seus planos com Helen? - perguntou meu pai.

Fiquei gelada.

— O motivo de estar aqui é justamente a Helen, senhor. Estou interessado na sua filha — ele apertou minha mão. — Ela é uma pessoa muito especial para mim, meu desejo é, se vocês permitirem, reconstruir minha vida ao lado dela. Quero pedir permissão para namorar Helen.

— Bem, Andrew — meu pai suspirou fundo —, de certa forma vocês já estão namorando, só faltava a nossa permissão para ser oficial. Você me parece ser um bom rapaz, é alguém de boa educação, porém, quanto à sua doença, pensou nisso?

“Você tinha que falar sobre a doença, pai?! Que golpe certo!”

— Conversei muito sobre esse assunto com Helen — ele não perdeu a calma e a voz totalmente gentil. - Desde a primeira vez, ela sabe do risco que há entre nós quanto ao câncer. - Não suportava ouvir aquilo, continuei me esforçando para não chorar. - A doença é cruel, não sei o tempo que terei vivendo bem — apertei sua mão, a frase doeu. — Nunca escondi nada, ela sabe de tudo, o tratamento, limitações, mas, por um milagre que não merecia, Helen escolheu ficar comigo.

— E seu tratamento? É um assunto particular, mas creio que reconstruir sua vida com Helen envolve um relacionamento sério, estou certo ou não?

— Está certo, sim, senhor Paulo — fiquei emocionada.

— Não quero jamais forçá-los a nada — continuou meu pai. — Porém penso no futuro de Helen. Sei que seu tratamento te limitou em algumas coisas, principalmente quanto à sua fertilidade. Poderia nos falar um pouco sobre isso?

— Tive uma grande depressão quando soube da doença e só pensava na morte. Então não fazia sentido preservar fertilidade — ele ficou triste. - Não fiz o que era preciso ser feito. Hoje não sei se posso gerar filhos — meu pai suspirou fundo e minha mãe ficou com os olhos úmidos.

- Helen é uma menina jovem - falou meu pai. — Sempre teve sonhos relacionados à família, em casar, ter filhos. Pensaram bem sobre isso? Se chegarem ao casamento, como será? Queria ouvir você, Andrew, e depois Helen.

- Sei que é um dos maiores sonhos de Helen, senhor

- concordou Andrew, ao me fitar os olhos - fui claro a ela quanto a esse assunto. Mesmo sem entender, ela escolheu ficar comigo. Não posso mudar o que fiz, ao conhecer Helen, percebi o erro que cometi. Hoje posso realizar muitos dos sonhos dela, menos esse - ele cerrou os lábios e minha mãe deixou as lágrimas escorrerem.

- Pai — segurei o choro —, quero ficar com Andrew, tenho fé, é tudo que tenho. Nada pode mudar o que sinto por ele.

- Nos preocupamos com vocês, Helen — falou minha mãe —, e quando a paixão se for? Será que a ideia de não poder ter filhos vai mantê-los juntos?

- Mãe, você me ensinou, a paixão vai passar, mas o amor entrará no lugar, ele vai nos sustentar.

- Pelo visto, é algo que foi conversado seriamente entre vocês dois? - perguntou ela.

- Conversamos, sim, mãe.

- Sabe, Andrew - meu pai falou amavelmente —, o que me preocupa também em relação a vocês dois é o fato de não terem a mesma fé. Somos cristãos, saber que você é tão resistente me deixa preocupado. Conheço minha filha, mas nunca a vi tão interessada em alguém como agora, me preocupo com a hipótese de você influenciá-la erradamente.

- Não creio que tal fato possa acontecer, Helen é muito firme no que crê. Ela tem me falado a respeito disso, e, para ser sincero, não me sinto à vontade com o assunto. No fundo, todos sabem que é o bom caminho a seguir; mas, no meu caso, não estou pronto, posso perceber claramente que o fato de ter conhecido Helen só pode ser algum plano divino. Entenderei perfeitamente se não concordarem com o namoro — “Não diga isso, Andrew!” —, mas não mudaria meus sentimentos por ela. Aproveito e peço uma chance, não posso garantir, talvez venha mudar.

— Pelo que sentem um pelo outro — meu pai coçou a barba que estava por fazer —, podemos dar essa chance a vocês, sim. Esperamos que Helen não mude sua forma de ser ou deixe de fazer suas obrigações por causa do namoro. Quero enfatizar que voltem a conversar muito sério sobre tudo o que falamos hoje.

— Posso enfatizar isso — Andrew mexeu no meu queixo.

— Então temos a permissão de vocês?

— Têm a nossa benção — meu pai balançou a cabeça.

Não me contive, levantei e abracei eles dois, enquanto

ele se esticava para apertar a mão de Andrew.

— Não posso deixar de pedir que você cuide da nossa única pérola. Se por acaso machucá-la ou feri-la, não sei como vou reagir. Helen é uma garota de ouro, uma ótima filha e sei que Deus a criou para realizar grandes coisas. Cuide da minha filha, rapaz, principalmente a respeite.

— Sei do valor de uma pérola, posso cuidar dela e zelar por ela como por minha vida. Irei respeitá-la.

Voltei-me e dei um beijo rápido em Andrew.

— Quero aproveitar e perguntar ao senhor se posso levar Helen para sair comigo hoje.

— Estarei de olho na hora. Não quero que ela chegue tarde em casa, menos ainda sozinha, a estrada de

Jurerê é bastante deserta.

— Pode deixar, ela não voltará sozinha.

A conversa se estendeu sobre vários assuntos. Minha mãe fazia perguntas concernentes às artes e meu pai sobre carros e histórias das famílias antigas.

Meus pais foram para a cozinha, continuei com Andrew no sofá.

Olhei seus olhos.

— Andy, fale um pouco sobre o tempo que ficou deprimido. Lembro que Richard falou sobre sua depressão, ficou muito mal nesse tempo?

— Muito mal, cheguei no fundo do poço. Voltei para casa depois da internação, não tinha vontade de fazer nada, nem de comer. Emagreci mais por causa disso, não queria ver ninguém, ficava no quarto dia e noite, não aceitava a cadeira de rodas, me sentia um inválido! Muitas vezes pensei em tirar minha vida e... Por duas vezes - ele suspirou fundo — tentei tirá-la.

As lágrimas se emaranharam nos olhos.

— Na primeira vez, tomei todos os remédios que vi na frente. Tive um princípio de overdose. Alan me encontrou caído no quarto, o socorro rápido salvou minha vida. Fui me recuperando. Logo depois da segunda sessão de quimio, depois dos sintomas, quando resolvi raspar a cabeça, consegui me ver no espelho, nunca fui vaidoso; porém, estaria mentindo se dissesse que não me achava bonito. Me deparei com a imagem distorcida. Depois disso, tentei de novo, querendo tomar os remédios, mas antes que tomasse, Mel

entrou no quarto e gritou comigo. Nesse dia, chorei muito no ombro dos meus amigos, que me deram palavras de coragem e, por fim, decidi e prometi não repetir.

— Dói só de imaginar - limpei os olhos. - Que bom que está aqui — abracei-o apertado. - É maravilhoso ver que está vencendo dia após dia!

— Às vezes é difícil acreditar que tudo é real. Quando penso em você parece que estou sonhando.

Seu toque no meu rosto foi carinhoso.

— E minha surpresa?!

-Vamos? Preciso passar em casa primeiro.

-Vou ao banheiro me arrumar e já volto.

— Já está arrumada, amor.

— Não vou demorar!

Chegamos em Jurerê Internacional quase às três horas da tarde. Olhei para o banco de trás e lembrei da

mochila, com os presentes, peguei sem dizer nada.

Entramos e Mel nos avisou que Alan e Richard ainda não tinham chegado, mas que viriam para o jantar. Andrew subiu e demorou um pouco a voltar.

Ele voltou mais agasalhado, lindo como sempre.

— Andy, tenho um presente para te dar - peguei a mochila e tirei o primeiro embrulho. - Espero que goste.

Ele abriu o presente e sorriu. Era um porta-retrato de vidro, com um piano e notas musicais em relevo, seu apoio era uma pauta musical.

-Adorei, amor, muito bonito, mas está faltando sua foto aqui.

— Gostou?

— Claro que sim!

-Vi numa loja no dia em que saí com minhas primas na cidade, achei a sua cara. Quanto à foto, prefiro que seja nossa, é só tirar e colocar. Tem mais um. — Tirei da bolsa outro embrulho. Era um livro.

Ele pegou o embrulho e abriu.

-“Davi, um músico apaixonado?”—Ele examinou o livro.

— Você é um artista, Andrew, um músico maravilhoso, vai gostar.

-Acredito que sim, gosto de ler. Prometo que lerei com todo o carinho e atenção - ele se aproximou e beijou meu rosto. - Obrigado, amor, adorei. Agora tenho duas surpresas para te dar também. Vem cá.

Ele foi me levando até o piano.

-Você vai tocar?! — emocionei-me.

— Senta aqui — sentei-me ao lado dele no banco do piano. — Lembra aquela música que cantei pra você? — ele tocou algumas notas no piano.

— Lembro sim, tão linda, quem canta? Não conheço, esqueci de perguntar naquele dia.

— Claro que não conhece, fiz para você — ele piscou o olho.

— Fez uma música pra mim?! — abracei-o e deitei em seu ombro, enquanto ele tocava algumas notas.

— Naquele dia, falei que foi feita pra você, mas pelo jeito não escutou.

-Amor, fez pra mim?! Entendi que ela combinava comigo, não o sentido real da palavra, de feita pra mim, entende?!

— Coisas de quem estuda Letras - ele sorriu. — Naquele dia improvisei apenas o coro, depois fiz todo o

resto e algumas modificações, ela se chama “Helen”. Espero que goste. É assim — ele fez uma linda introdução no piano.

— Não acredito, amor, estou emocionada, que lindo!

Ele começou a cantar.

— Tantos sonhos me deu a sonhar — sua voz era linda demais. Deitei-me de novo no seu ombro e o abracei. — Uma vida nova quero desejar, sabia que o amor chegaria, sabia que ia te amar, doce menina, expressão exata da alegria. Como é lindo seu olhar, seu riso me faz feliz... Linda Helen, iluminada, me trouxe para a luz, simplesmente linda, não posso evitar. Sei que te amarei enquanto viver... Ainda não dará, pois há muito em mim... Nem toda minha vida, ainda faltará tempo para lhe dar tudo, tudo que há em mim. Você trouxe uma razão, me apeguei. Há muito em mim. O que mais posso dizer? Te amo. Te amo. Iluminada Helen.

—Andrew! — Molhei seu casaco com minhas lágrimas. — Que música linda! Ninguém nunca fez algo tão lindo assim. Canta mais uma vez?

Ele repetiu uma parte da música.

— Gostou, princesa?

— Dizer que amei ou que adorei é tão pouco! É linda, encantadora, sua voz é linda, estou emocionada! Você vai gravá-la pra mim, porque quero ouvi-la o dia todo! Ver você tocando, você cantando me deixa sem palavras!

—Você é iluminada, Helen, o que o seu nome significa.

Acariciei seu rosto e desenhei seus traços, ele afagou minha nuca.

— Quem será que irá nos interromper agora? — soltei uma risada.

— Ah, Andy, você me faz feliz.

— Pensei nos seus beijos diariamente.

- Eu também.

Ele se aproximou, minha respiração sempre sumia quando sentia a dele. Nossos lábios se tocaram suavemente.

- Andrew - falou Mel, nos interrompendo.

Meus lábios desfizeram o beijo formando um sorriso.

- Desculpe incomodar, meninos.

- Oi, Mel - ele negou com a cabeça com um lindo sorriso.

Abracei ele enquanto ria. Parecia que todos estavam chegando na hora errada. Mal senti seu beijo.

- Só ia dizer que fiz um bolo de cenoura e chocolate -ela riu, coçando o nariz -deixa pra lá.

- Depois experimentamos, Mel.

Quando ela saiu da sala, rimos juntos.

- Chega, não vou mais arriscar, vamos princesa.

- Todo mundo está chegando na hora errada.

- Não acabaram as surpresas.

-Andy?! Meu coração vai cansar de bater rápido!

-Vai não, só o ajuda a bater mais tempo. Venha que quero te mostrar algo.

Fomos para fora. Ele tirou uma chave de carro do bolso.

Ele abriu a garagem, no fundo, escondido, havia um carro.

- De quem é esse carro, Andrew? Ele é lindo!

- É meu, um Porsche 1980. Gosto de carros antigos, dos novos também.

- Por isso que Richard diz que você é antiquado. Olha o ano desse carro! — eu ri.

- É uma beleza. É lindo, o que acha?

- É lindo mesmo! Você vai dirigir?! — falei, animada.

— Quero te levar a um lugar, mas não sei se posso — ele ficou segurando a porta do carro. — Faz tempo que não dirijo.

-Você pode dirigir! Se por acaso você se cansar, eu dirijo - entrei e sentei no banco do carona. - Adoraria dirigir seu carro - fiquei examinando o painel. - Vem!

— Não sei se posso, Helen...

—Vamos, não fique com medo! — abri a porta para ele.

Ele entrou lentamente. Suas mãos permaneceram no volante.

— Sabe o que significa isso? — ele suspirou fundo. — Desde o acidente que não dirijo, sinto minhas pernas tremerem, uma adrenalina doida, não sei se vou conseguir.

— Andrew, vamos lá, estou com você — segurei sua mão. —Você vai conseguir. Vamos? Ligue o motor, escute o som que você tanto gosta — ele ligou o carro e acelerou um pouco. — Vamos? Acabou de cantar que quer desejar uma nova vida. E então?

— E a cadeira? Se precisar dela?

— Não vai precisar, estou aqui. Você está se sentindo bem?

— Fisicamente, sim. Estou com muito receio de sair — ele desligou o carro. — Não posso fazer isso, é mais forte! Não pensei que seria tão difícil — ele abaixou a cabeça, apoiando-se no volante.

— Andrew? Olha pra mim — ele levantou a cabeça e me olhou. — Você precisa vencer seu medo, senão ele vai te dominar e te vencer. Você vai conseguir, olha aonde chegou?! Está aqui dentro. Vamos, ligue o carro, estou aqui - abracei o seu braço.

Ele ligou o carro e, depois de um tempo, foi saindo devagar. Abri um imenso sorriso. Ele contornou o jardim e chegou até a saída.

- Será que consigo, Helen? Estou nervoso.

- Calma, relaxe. Respire fundo, vou ficar pertinho de você. Não costuma ter tantos carros na rua, e veja, amor, você está dirigindo! Chegou aqui, pode chegar em qualquer lugar! Sinta sua vida outra vez, Andy, você está vivo e pronto pra viver. Vamos?

Ele suspirou fundo e fomos saindo devagar. Ele não passou de cinquenta quilômetros por hora durante todo o percurso.

Chegamos à praia, um lugar lindo, fazia frio, o sol nos iluminava, sem muito nos aquecer. Suspirei fundo de felicidade.

Paramos em frente ao mar. Poucas vezes fui àquele lado da praia. Ele estava feliz por ter chegado ali dirigindo, estava orgulhosa dele.

- Fazia tanto tempo que não vinha aqui. E você?! Me trouxe sozinho, sem ninguém, estou tão feliz!

- Obrigado, Helen, por me ajudar a vencer meus medos. Obrigado - ele me beijou suavemente. - Essa é a surpresa, porém não está completa. Venha.

Ele colocou um CD com uma música internacional romântica, que particularmente amava, saiu do carro ficou em pé perto da porta, fui para onde ele estava. Aproximei-me, ele me puxou para perto dele e me abraçou.

- Queria que fosse aqui, você sabe - ele sorriu -, as promessas.

Dei um sorriso, disfarçando o olhar.

— Planejou isso, Andy? - Minha respiração mudou, estava em seus braços.

— Sim, adorava vir aqui para escrever em dias como este. Aqui surgiu a história do príncipe e da plebeia.

— Que legal!

— Costumava sentar ali, na areia da praia. Aqui nasceram músicas, poemas... Esse lugar sempre foi um pouco do meu recôndito, bem-vinda a ele — Andrew sorriu. — É a primeira pessoa que trago aqui. Sou grato a todos que nos interromperam neste dia — sorrimos. — Precisava ser especial, o início da nossa história, do nosso amor. Foi um dos motivos de conseguir vir - ele carinhosamente tirou minha touca. - Eu adoro seu cabelo - quando ia reclamar, ele me silenciou. — Psiu, está lindo, combina com tudo, te deixa linda. Jamais vou esquecer a primeira vez que te vi — ele puxava as mechas e as soltava contra o vento. - Seu cabelo jogado de lado queimou em meu peito. Você estava linda demais.

Emoções corriam por todo o meu interior, me deixando sem saber como agir naquele momento.

Ele tirou as minhas mãos da sua cintura, colocou em volta do seu ombro e me abraçou. Senti meu corpo derretendo em seus braços. Ele aproximou-se lentamente e olhou meus olhos, sua respiração era a certeza que chegara o momento ideal. Olhei seus lábios, não havia indagação quanto ao que queríamos. Fechei os olhos e nos beijamos. Me entreguei àquele momento tão esperado. Havia uma imensa ternura e uma intensa verdade, ele era tão gentil, tão carinhoso, amabilíssimo. Seu beijo era suave, doce e apaixonado, ele me abraçava forte, o lugar perfeito para mim. Naquele momento, não podia saber quais impressões se passavam dentro de mim, um misto de alegria com um conforto sereno, sem que me esforçasse, uma lágrima rolou pelo meu rosto. O beijo dele era único, totalmente envolvente, carregado de carinho e emoção. Em meio àquela cena magnífica, entendi o que era o amor. Ele se afastou, não abri os olhos, apenas quando ele sussurrou meu nome.

— Helen — seu sorriso era fantástico, o brilho dos seus olhos incríveis -, eu te amo.

Não podia acreditar no que estava ouvindo, fiquei paralisada, olhando seus lindos olhos. Ele segurou meu rosto com as duas mãos, deslizou as mãos por entre meus cabelos e me puxou para perto de si de novo. Seu beijo era recheado de misturas que somente ele possuía. Suas mãos um pouco geladas iam desaparecendo no aconchego do carinho entre meus cabelos. Meu coração batia no ritmo da canção que estava no ar, misturado ao longe pelas ondas sonoras que vinham do oceano.

Ele era tudo que eu desejava. Seu beijo me amarrou ainda mais a ele, com cordas de amor.

Depois daquele momento, nos abraçamos. Reclinei a cabeça e, encostada em seu peito, pude ouvir seu coração. Envolvida em seus braços, me senti protegida e amada.

Afastei-me e olhei seus olhos.

— Andrew, eu amo você.

Outro beijo apaixonado nos sentenciou de novo a sermos um do outro para sempre.

— Seu beijo me tira da realidade, Andy.

— Esperei ansioso por cada um deles — ele me puxou e nos beijamos com intensidade.

Meu fôlego se perdeu e meu coração novamente achou o ritmo da música daquela noite de luar; ele me apertou em seus braços, desfaleci novamente com o calor de seu corpo junto ao meu.

- Não consegui descobrir — ele sussurrou.

- O quê? - permaneci de olhos fechados.

- Os versos dos seus beijos.

—Versos? — falei embriagada. Suspirei fundo buscando o raciocínio lógico.

- Apenas surgem palavras - ele deslizou o rosto no meu -, desejo, insaciável, veleidade... Amor - ele sussurrou nos meus lábios.

- Esqueça os versos - o puxei pelo pescoço, queria mais dos seus beijos.

Seu beijo foi ainda mais carregado de anseio. Fui cada vez menos favorecida de força.

- Adoro seus beijos, amor — ele falou, mexendo no meu cabelo. - Não sei o que ele tem, mas juro que vou descobrir.

Seu beijo desfez minhas forças.

- Te amo demais — falei em seus lábios, ainda embriagada por ele.

- A vida que você trouxe me transformou.

Fui envolvida por seus braços.

- Eu te amo, linda. Tenho algo pra te dar - ele tirou uma caixinha do bolso.

- Andrew, já me deu as duas surpresas. Tem mais?

- Essa não entrou na conta, é especial também, abra.

Era um lindo cordão de ouro com um pingente de coração e, no meio dele, um brilhante separando as iniciais dos nossos nomes, A e H.

- É lindo, Andrew! E essa pedrinha, como brilha! - fiquei analisando. - Andy, essa pedrinha é o que estou pensando?

- Deixe-me colocar - ele tirou meu cachecol, me virei para que ele a colocasse.

- É um brilhante?

- É sim, amor, por quê?

-Andrew, como vou usar?!

- Usando. Deixa eu ver? - virei-me para ele. - Perfeito.

-Você escolheu?

- No dia em que fui ao médico, tomei coragem e fui com Richard a uma joalheria perto do hospital. Não era exatamente o que procurava.

- E o que planejava? - abaixei para olhar o retrovisor.

- É lindo!

- Queria uma aliança para te pedir em casamento.

—Andrew?! — minha surpresa fez surgir um sorriso nervoso. - Não está falando sério!

- Por que não?!

- Não sei, estou surpresa, pensou nisso?!

- Só não comprei porque Richard ficou dizendo que te assustaria.

- Andrew?! — fiquei boquiaberta. — Não acredito!

- Por que não, amor?! Não acredita que te amo e que quero casar com você?

- Não sei.

Ele me puxou e me beijou com força, um beijo longo, arrebatador.

- Acredita agora?

Fiz cara de dúvida, ele me beijou de novo.

— Pode ficar duvidando o dia todo, não vou cansar de te beijar.

— Só estou surpresa com o que falou. No primeiro dia oficial do namoro, você dizendo que quer casar comigo, não quer surpresa?! Sei que falou hoje com meus pais sobre compromisso sério, sinceramente pensei ser apenas um jeito de convencê-los.

— Achou que não era sério?

— Não. Não sei.

— Quando te vi pela primeira vez, Helen, sabia, queria você. Você é a pessoa que faltava na minha vida.

— Que lindo, amor! Também quero muito casar com você!

— É tão bom ouvir seu desejo — ele colocou a mão no peito. — Pode ser hoje se quiser.

— Olha que posso aceitar. Naquele dia, queria tanto dizer que era você a pessoa que deu forma ao meu maior sonho. Sempre imaginei meu casamento, mas o noivo não tinha rosto e, daí me apaixonei por você, passei a te imaginar naquele lugar vazio - escondi meu rosto no seu ombro -, mas você acabou dizendo primeiro. É você, Andrew, sei que é. — olhei seus olhos, eles me atraíam.

— Nosso amor é inevitável, Helen.

Nós nos beijamos.

Ficamos um longo período em silêncio nos olhando. Ele carinhosamente mexia nos meus cabelos, que eram levados de um lado para o outro por causa do vento.

Puxei-o para entrarmos no carro, além do frio, ele não podia ficar cansado. Dentro do carro, deitei em seu ombro.

Ele me beijou - naqueles momentos, o mundo parecia parar. Ele gentilmente beijou meu pescoço, seu afago me desvaneceu.

Ficamos abraçados, ele cantava sussurrando as canções.

- Sua voz é tão linda, Andrew, cantando, falando, você não tem noção! Você fala tão bem o inglês, foi o intercâmbio?

- Como sabia?

- Richard contou na nossa primeira conversa sobre você - sorri. - Você é tão culto, inteligente! - beijei seu rosto. - Lembrei da primeira vez em que ouvi você ao telefone. Lembra?

- Claro que sim, estava tão nervoso, adorei sua voz, doce como você. Ouvi você brigando com Richard.

— Que vergonha! - escondi meu rosto no seu pescoço. - Fiquei muito nervosa —quase esqueço o raciocínio ao sentir seu cheiro. — Você não-senti nada?

- Fiquei nervoso também, pelo jeito não percebeu. - Ele sorriu. Continuei aspirando seu perfume. - Não imaginava que Richard faria aquilo. Quando você ligou, ele falou que era você, naquela hora gelei, daria tudo para ouvir sua voz.

— Eu também — precisava me afastar para raciocinar. — Naquele dia, senti meu coração bater tão rápido, fiquei me controlando para não gaguejar.

— Como foi a primeira conversa com Richard? Ele não contou detalhes, apenas afirmou que poderia investir em você sem medo.

— Ele me traiu! Ele prometeu que não diria que estava apaixonada por você!

— Ele não falou — ressaltou Andrew, sorrindo.

— Ah, foi mal. Agora você sabe, sobre isso que falamos. Lembro que ele mencionou que se não estivesse sob outro juramento contaria alguns segredos. Pode dizer?

— Estava apaixonado por você também, linda, confessei para eles dois, eu os fiz prometer que não diriam a você. Não queria parecer um bobo diante da garota mais linda que conheci.

— Eles poderiam ter dito.

— O que você pensaria de mim?

— Não sei, mas no mínimo me deixaria mais nervosa para te conhecer.

— Foi melhor como aconteceu. Eles também sabiam que você estava apaixonada por mim.

— Eles armaram dos dois lados.

— Só soube depois daquela noite em que começamos a namorar. Não quiseram estragar a surpresa.

— Fizeram bem. Amor, acho melhor nós irmos, está esfriando, não quero que fique nessa friagem.

Ele segurou meu queixo e beijou-me rapidamente, continuou segurando o queixo e olhou para o alto, como se estivesse pensando.

— Hum... Isso não é beijo — eu ri.

Ele colocou o braço no banco do carro e tocou meu rosto, preendi a respiração ao senti-lo tão próximo. Sua mão afagou minha cabeça carinhosamente, ele me puxou e nos beijamos.

— Te amo, linda! Vamos, então? Você precisa descansar, chegou hoje de viagem.

— Não quero descansar, descansei, estou bem, quero ficar com você.

Não resisti ao olhar para ele, puxei-o pela nuca e o beijei.

Andrew voltou dirigindo mais rápido. Mostrei a ele onde meus avós moravam, novamente ele ficou reclamando, triste, por ter dispensado várias oportunidades de me conhecer, confortei-o dizendo que estávamos juntos, era o que importava.

Ele encostou o carro no lugar de onde o havia tirado e sentou-se na cadeira de rodas.

O frio estava deixando a ponta do meu nariz vermelha. Mel tinha acendido a lareira da sala do primeiro andar. Olhei o relógio, aproximava-se das sete horas da noite.

-Vem, amor - disse Andrew. — Vamos sentar na sala enquanto eles não chegam.

— Andy? Você mencionou que sua mãe escrevia poesias? Poderia ver alguma hoje?

— Ah, sim. Fica na sala o livro dela. Vem.

Sentei-me no sofá e ele pegou um livro na estante.

— Ela publicou esse livro? Título interessante, Rascunhos do amor.

— Esse e mais dois. Fez de forma independente, poucos exemplares apenas para distribuir para amigos. Ela jamais imaginou que várias editoras a procurariam. Pensou em assinar contrato com uma grande editora; porém, resolveu adiar, sua vida afetiva estava muito abalada.

— Lamento — abri o livro.

-Você vai gostar muito desse, fala de amor.

— Posso levar emprestado?

— Claro, depois te dou um. Olha esse pensamento — ele abriu em uma página.

Comecei ler.

“Dizem, amar é um verbo, algo apenas visto quando praticado. Dizem, o amor é a força mais sublime que existe nesta vida tão curta. Ouvi dizer que ele é definido por tantas palavras belas, algumas até mesmo desconhecidas. Mas, em meio aos meus pensamentos tão confusos, aprendi que há certeza em cada definição que ouvi. O amor não é abstrato, ele se vê, se toca, se sente e é real. Olhando ao meu redor, avistei um casal apaixonado, observei uma mãe com o filho, contemplei o pôr do sol, vi tantas formas e compreendi. O amor está sempre em movimento, girando este mundo amargo, criado para ser o palco de um grande espetáculo de um amor tão singelo que fez valer cada palavra branda referente ao amor.

E nesses subtendidos títulos encontrados, alguns ainda dizem que ele não possui som e nem cores; tenho minhas dúvidas e fico com minhas certezas, se a primazia da arte vista nos detalhes da natureza tão bela, não é amor, então, desconheço as conclusões racionais dos poetas.”

Sorri e exclamei:

— Uau! Que pensamento profundo, Andrew! Agora sei a quem você puxou. Lindas palavras!

—Vai adorar esse livro, é todo assim. Embora minha mãe não vivesse o amor no seu casamento, ela sempre acreditou nele, até em Deus.

— Ela pensava em Deus quando escreveu esse pensamento?

— Provavelmente sim.

Alan apareceu onde estávamos.

- E aí, pessoal?! Como foi com o sogrão?

- Seu Paulo é muito sábio. Sobrevivemos.

- Para, Andrew! - empurrei seu braço.

- Puxa, que legal! Fico feliz por vocês! - ele abraçou Andrew apertado. - Que bom, Helen! - ele beijou meu rosto.

- Cadê o Richard? — perguntou Andrew.

- Ele me ligou faz uma hora, dizendo que estava vindo

- Alan pegou o celular e ligou para ele.

Enquanto Alan conversava com Richard, notei que Andrew estava me olhando.

- O que foi, lindo?

- Eu, lindo? Você é linda - ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, sorri.

- Ele está ali fora — falou Alan. — Então o namoro de vocês é oficial?

- É, sim - falei, sorrindo.

—Tenho que dispensar as gatas de plantão. — Alan sorriu.

- Sempre achei que você não tinha nenhum senso de humor — peguei uma almofada e joguei nele.

- Tem certeza, Andrew, de que é a Helen? Essa menina é tão chata!

- Não chama de chata minha gatinha — falou Andrew, me abraçando.

- Chato é você! — fiz cara de desdém.

Richard apareceu na sala com Rebecca.

- Oi, pessoal - falou Rebecca.

- Como vai esse casazinho? — perguntou Richard.

- Helen é minha namorada, oficialmente falando — declarou Andrew.

— Fico muito feliz com essa notícia! Muito mesmo! -falou Richard, emocionado, andando depressa e abraçando Andrew.

-Você torceu tanto, não é, gatinho? — disse Rebecca para Richard.

— É verdade — ele consentiu, cerrando os lábios. — Puxa! Fico muito feliz, amigão!

— E armaram muito pra cima de nós, não é, rapazes? -falei, expressando falsa chateação.

— Eles estão armando, Helen, desde que Andrew viu sua foto na internet — revelou Rebecca.

— Somos inocentes, não fizemos nada — defendeu-se Alan.

— Sei, eu que o diga - falei. — Como dizer que o número do celular não era seu. Lembra? Mas sabia que era de Andrew.

— Richard também sabia - acusou Alan. - Pra que iríamos contar? Estragar tudo?

— As armações...

Sorrimos juntos.

Mel anunciou que o jantar estava servido.

Fomos para a sala de jantar, onde uma linda mesa estava arrumada, nos esperando. Andrew afastou a cadeira para que eu me sentasse. Ele se sentou na cadeira da cabeceira da mesa. Richard e Alan sentaram-se à direita dele, Rebecca e eu sentamos do lado esquerdo.

—Viu, Richard? Você precisa aprender essas cortesias com Andrew. — Rebecca cutucou Richard antes de se sentar.

— Andrew é que é ultrapassado - falou Richard.

— Não fala isso do meu namorado, ele é fino e educado, fique sabendo - fiz cara de desdém para Richard.

-Arrumou uma defensora, hein, Andrew? - disse Alan.

- Ah, ninguém fala mal do meu namorado perto de mim!

- Diz isso para aquele seu amiguinho idiota, ok?

“Você tinha que falar em Alex agora, Alan?” A tensão

ficou no ar.

- Está falando de Alex? Não lembro de ele ter dito algo mau de Andrew. Disse a você?

- Sabe, Andrew — ele falou com Andrew e olhando para mim -, esqueci de contar a vocês. Esse carinha, amigo dela, outro dia veio falar comigo.

- O quê?! — perguntei surpresa, Andrew não desviou o olhar de Alan.

- Ele veio falar comigo nos últimos dias de aula, um dia depois daquele que pedi o desbloqueio do álbum de fotos, lembra? - consenti. — Estava saindo da aula, ele estava me esperando, falou cheio de marra que não iria abrir mão de você para um qualquer. Por fim, mandou dizer a Andrew que o fato de ele estar na pior não mudaria o fato de que você era do próprio Alex.

- Alex falou isso? — engoli seco.

- Fiquei ouvindo doido para arrebeitar ele, quando ele mencionou Andrew, o desafiei a resolvermos fora dali. E, como falei hoje de manhã, Richard sempre chega na hora errada, a tensão entre mim e aquele idiota estava presente. Ia quebrar a cara dele ali mesmo! Não é de hoje que quero!

- Eles estavam a ponto de se atracar — explicou Richard —, cheguei na hora certa e afastei os dois, poderiam ser punidos! Desde aquela época do futebol falo isso para esse cara

— ele empurrou a cabeça de Alan.

— Por que não disseram nada? — perguntei, chateada.

— Coisa de homem, Helen — disse Alan, colocando a comida no prato. — Juro que, se ele me irritar como fez, não vou me importar com mais nada, posso até ser expulso, mas vou sair feliz! Você devia voltar mesmo, Andrew — eles se olharam. — Aí aquele idiota não tiraria tanta onda e você iria desfilar ao lado de Helen.

Naquele momento, toda a minha chateação passou subitamente.

-Andrew, você está pensando em voltar para a faculdade?! - meu sorriso roubou o lugar da chateação.

— Estou pensando, sim. Viu o que aconteceu? Não posso te deixar sozinha.

— Não posso acreditar nisso! Seria bom demais, um sonho! — Segurei sua mão. — Volta, sim, Andrew, estaremos lá com você! E, quanto a Alex, por favor, não briguem, é meu amigo. Não quero que meus amigos briguem por minha causa.

— Adoraria quebrar a cara dele e vou fazer — lembrou Alan.

— Concordo com você — Andrew permanecia sério.

— Não vale a pena, Alan. Não liguem para o que ele diz. Mas, Andrew, não espero que volte só por isso, existem motivos infinitamente melhores, não acha? Sua peça, sua formação, sua vida de volta. Sempre vou estar lá, do seu lado.

— E nós também. — Richard segurou seu ombro.

— Deixe-me pensar, ok?

— Não sabe o quanto fico feliz! — declarei com grande sorriso.

-Vamos pegar um cinema depois. Não querem ir conosco? - sugeriu Richard.

— Puxa, posso dar um ótimo castiçal. O que acham? -reclamou Alan.

-Alan, o que você precisa é não ter medo de se apaixonar — fitei-o. — Experiências erradas não querem dizer que outras que virão serão da mesma maneira.

— O que você andou falando de mim para ela? — ele me apontou com o garfo falando com Andrew.

— Te garanto que nada. Ela está falando o que estamos cansados de te dizer, e olha que ela não ouviu nossas conversas — respondeu Andrew.

— Ah, então você já ouviu isso? — mordi os lábios, concordando com a cabeça.

— Esses caras são muito chatos — falou Alan com a boca cheia.

— Alan, você é um gatinho — disse Rebecca —, mas não consegue manter um relacionamento estável com ninguém porque fica com medo de gostar de alguém de verdade. Conheço dezenas de meninas na faculdade que arrastam um bonde por você e você não está nem aí. Está sozinho porque quer!

— Concordo com Rebecca - enfatizei. - Também conheço umas cinco garotas, pelo menos, que suspiram por você quando te veem. Corra o risco, Alan — olhei para Andrew. -Vale a pena.

— Bem, Richard, aceito o convite em outra ocasião — falou Andrew -, mas hoje tenho que devolver a princesa cedo, senão o rei arranca minha cabeça — todos sorriram.

Falamos sobre diversos assuntos, principalmente sobre o regresso de Andrew à universidade.

No final fomos para sala principal.

— Andrew, posso usar o banheiro? — perguntei.

— Não preciso responder, preciso? — Ele ficou sério. — Você pode usar o de baixo ou o lá de cima.

— Vou usar o daqui de baixo.

Andrew subiu com Richard.

Levei a bolsa. Escovei os dentes, passei batom, retoquei o lápis. Estava começando a gostar de usar a maquiagem depois da insistência das minhas amigas. Aproveitei para arrumar os cabelos, estavam alvoroçados.

Voltei para a sala.

— Alan — olhei para ele quase que implorando —, quero te pedir que não brigue com Alex, adoro ele e você também, não quero vê-los brigando.

— Não sei, Helen, se posso evitar. Há tempos que trocamos faíscas, uma hora vai explodir.

— Alan está procurando motivos, Helen — disse Rebecca. - Pelo que sei, eles dois se detestam há tempos, só não aconteceu uma briga feia porque Richard está sempre acalmado esse stressadinho aí!

— Richard é um bom samaritano, um fleumático--sanguíneo, igual a Andrew - debochou Alan.

— E você é um colérico assumido! Devia se lembrar do seu outro temperamento, o sanguíneo, bem mais calmo e agradecer por ter Richard por perto, ele sempre te protegeu — lembrou Rebecca.

- Imaginava que você era colérico - falei, negando com a cabeça. - Alex também é, por isso estão sempre a ponto de explodir.

- É só ele falar mais uma - ameaçou Alan. - Não respondo por mim.

-Você precisa aprender a se controlar,Alan! - disse Rebecca. - Nem sempre terá Richard ou Andrew por perto para te defender.

- Deixa esse menino quieto - fiz careta.

Os rapazes desceram pelo elevador.

- Andy - me aproximei dele -, precisamos ir.

- Não vai, não, amor - Andrew fingiu ter um ataque cardíaco colocando a mão no peito. Sorri.

- Está cedo, Helen — falou Richard.

- Andrew combinou que chegaria antes das 10 horas comigo, são 9h20, preciso ir. Amei nosso dia juntos. Tchau, seu chato — bati na cabeça de Alan. — Tchau, amigo — abracei Richard.

-Tchau, Helen - falou Richard me abraçando. - Estou muito feliz por vocês! Não imagina o quanto.

- Posso saber por que você me bate e beija Richard?!

— reclamou Alan.

- Porque ele não me irrita como você faz!

Andrew me levou à porta.

- Tudo foi lindo, Andy, tudo! - abaixei-me e o beijei rápido. Ele me segurou pelo braço e me beijou com entusiasmo.

- Eu te amo, Helen. Retocou a maquiagem? - falou com um pequeno sorriso. — Adorei o gosto desse batom.

- Sabia que ia gostar, é brilho com sabor de morango.

- Adorei, linda.

- Andrew, amo muito você!

Quando abri a porta, sentimos o frio vindo de fora.

- Amor, me dá as chaves, vou dirigir agora.

—Você vai dirigir?!

Richard pelo jeito ouviu e veio com Rebecca e Alan.

- Escutei direito? Ouvi que você vai dirigir?! - perguntou Richard, surpreso.

- Ele dirigiu hoje até a praia, Richard - declarei orgulhosa dele.

- Cara, que máximo! - Richard abraçou Andrew. -Alan, está sabendo que Andrew voltou a dirigir hoje?!

- Que notícia boa! - Alan abraçou Andrew também sorrindo. - Estou orgulhoso de você, meu brother.

- Fico muito feliz! — Richard abaixou e apertou a mão de Andrew contra o peito e apoiou em seu ombro.  
- Sabe que torcemos por você, e sua vitória é admirável!

Eles se abraçaram de novo. Alan juntou-se ao abraço.

- Nós vamos com vocês! - disse Alan.

- Não precisa — Andrew os censurou.

- Deixe-os irem, Andy, vou ficar preocupada se você voltar sozinho.

- Andrew não decide nada aqui - falou Alan, fingindo brigar de luta com ele.

- Então, vamos - concordou Andrew, soltando-se da gravata de braço de Alan.

- Vou dirigindo seu carro, Helen - falou Alan.

- Não vai mesmo. Nem sei se sabe dirigir! Meu carro é novo!

Todos riram.

- Você é tão engraçadinha - ele fez cara de desprezo.

- Gatinho, aproveita e me deixa em casa? - pediu Rebecca.

- Andrew, vamos passar na casa dela no caminho, ok?

- disse Richard. - Não perderia ver meu irmão voltar a dirigir por nada! - ele abraçou Andrew de novo.

Richard, Alan e Rebecca foram na picape.

Andrew entrou no meu carro e mexeu em todos os lugares, retrovisores, banco.

- Já dirigiu carros populares, amor? - perguntei, com ar de curiosidade.

- Claro — ele ficou procurando onde se ligava o farol.

- Há alguns anos.

- Sei — apertei o botão do farol. — Aqui é a seta — falei, sorrindo.

— Você é muito esperta — ele cerrou os olhos. — Sei onde é a seta.

- Ahã - falei, duvidando.

Fomos saindo devagar, com Richard atrás, nos seguindo.

- Qual foi seu primeiro carro, Andy?

Ainda falava, achando engraçado vê-lo se acostumando com o carro.

- Um esportivo, amor.

- Qual? Quantos anos você tinha?

- Quando fiz 16 anos, meu pai me deu um Golf.

- Não tinha carteira com 16.

- Era um pedido de desculpa por ele não ter ficado na minha formatura — falou com desdém.

Resolvi mudar de assunto.

- Como chegou ao Porsche?

- Fui para os Estados Unidos logo depois, nem usei meu carro direito, só usava escondido. Quando voltei, vendi. Então, um amigo do meu pai estava vendendo aquele Porsche, que me deixava doido desde que era adolescente, único dono, realizei meu sonho.

- Não pensou em um carro mais novo?

- Gosto de carros novos também, talvez troque. Meu Porsche é lindo, não?

- E velho. Nossa, Andy, quanto luxo! Este é meu primeiro carro.

- Começou bem, é um ótimo carro. Luxo?! Luxo é ter você, riqueza.

- O que seus pais faziam? Digo, sua mãe fazia o que além de escrever?

- Era uma executiva de sucesso, gerenciava uma grande empresa de vendas de cosméticos, dizia que tinha o sonho de um dia largar tudo e ser artista. Queria escrever, assim como você, e das suas poesias criar as canções.

- Que sonho lindo!

- Pena que não deu tempo... Ela só cantava em reuniões com os amigos.

- E seu pai, Andy, o que faz?

- Ele é o tal - ele falava como ar de deboche.

- Fala para mim sobre sua família, Andy, por favor.

- O senhor Alberto Gamberini é dono de uma poderosa empresa de tecnologia, segurança em informática - ele falava com desdém. — Sua receita gira em torno de uma fortuna ao ano. Seu sonho era que o herdeiro assumisse seu lugar. Tão bem-sucedido, porém, tão incapaz de compreender a escolha alheia.

-Você chegou a trabalhar com seu pai?

— Trabalhei por um ano, depois que voltei do exterior. Definitivamente não era meu sonho. Não me lamentaria como minha mãe, que foi frustrada por não fazer o que amava, por uma grande influência dos pais. Não levaria esse legado, faria diferente, seria o que sonhei ser. Isso afastou ainda mais o senhor Alberto de mim.

— Puxa, Andy - raciocinava de modo rápido, tentando compreender a fundo a complicada relação dele com o pai.

- Então você não continuou trabalhando com ele porque queria seguir seu sonho de estudar teatro? Por esse fato ele se afastou?

— Ele sempre foi ausente, Helen. Não me lembro de nenhum momento especial em que estivesse presente — falou, com deboche. — São raros os instantes com sua presença, só dava valor ao trabalho,

ao trabalho e ao trabalho — sua voz estava cheia de ressentimentos.

— Ele não te procura?

— Não quero mais falar sobre ele.

-Tudo bem, Andrew, fique sabendo que vou falar sobre isso outras vezes.

Encostei-me em seu braço, ele acariciou meu rosto.

Deixamos Rebecca em casa e continuamos o percurso.

Paramos em frente a minha casa, Richard parou atrás.

— Foi linda a noite, inesquecível. Sem contar nossos beijos.

— Obrigado, Helen, por me tirar da escuridão. Meus dias se tornaram novos, só posso dizer o quanto te amo — ele me beijou rápido. — Te amo! — beijou minha testa e foi dizendo eu te amo e me dando vários beijos no rosto.

-Também te amo - suspirei fundo. - Até amanhã, lindo. -Amanhã vamos passar o dia juntos?

-Vamos, claro que sim, quero passar o dia todo com você. Já estou com saudade, Andy. Te amo.

— Também te amo. \

— Até amanhã. — Nós nos beijamos outra vez.

— Até mais, princesa.

Ele desceu do carro e entrou na picape.

A mistura de emoções que senti naquele dia permanecia, envolvendo todos meus pensamentos.

## 12 - O Dom Supremo

Acordei quase às dez horas da manhã. Meus pensamentos viajaram para o dia anterior, o amor que sempre sonhei, os carinhos desejados, os beijos apeteçados. Um sonho tomando forma, cravejado com sentimentos excelsos.

Almocei rápido para ir ao encontro dele.

Existia uma felicidade sobrepujando o interior, tudo parecia reluzir em mim, como o sol daquela tarde. O frio não fazia diferença, somente o calor dentro de mim.

Cheguei à mansão dele, Mel atendeu à porta.

- Oi, minha querida, entre.

- Oi, Mel, tudo bem?

- É tão bom te ver. Fique à vontade que vou chamar Andrew. Ele está no quarto.

Fui para o piano, fiquei tentando tocar algumas canções que buscava na memória. Nesse momento, eu o vi descendo pelo elevador, sorri.

“Como ele consegue me fazer rir, sem fazer nada, somente aparecendo?!”

Ele se aproximou e sentou-se ao meu lado. Quando olhei seus olhos, suspirei fundo.

— Que saudade, Andy — abracei-o apertado.

—Você está tão linda. Adoro seu cabelo solto — ele entrelaçou os dedos em cada fio.

Ele me beijou. O beijo dele tirava meu estado de sã consciência.

— O que está tocando? — ele perguntou, abraçando-me pela cintura.

— Nada de mais. Andy, toca minha música?

— De novo? Não se cansa dela?

— Nunca me cansaria de ouvi-la! E você não a gravou.

-Vou me lembrar disso.

Ele tocou e cantou a minha música. Dizer “minha” era fantástico. Me fazia sentir, no mínimo, totalmente amada.

-Amo essa música, Andrew. É a mais linda de todas.

— Que bom que gostou dela — ele sorriu.

— O que vamos fazer hoje?

— Richard quer ir ao cinema conosco. Vamos?

— Se quiser...

—Vamos para a sala?

-Vamos. Você aproveita e esclarece uma curiosidade.

— O quê?

-Antes quero dizer que — fui para a frente dele parando-o — eu amo você, Andrew. E quer saber? Te acho lindo, lindo demais! — dei um beijo rápido nele.

— Só você mesmo, Helen, para me achar lindo. Mas te amo também, e linda é você — ele sorriu.

— Não precisa de comentários.

Sentamos no sofá.

— Andy, talvez não seja a hora certa, mas queria muito saber. Lembra quando conversei com Richard, a primeira vez - ele consentiu com a cabeça. - Ele contou que você não era namorado, mas que, numa ocasião uma garota mexeu muito com o seu coração - fiz cara de desdém. - Queria saber como foi.

— Para quê, linda? Só você mexeu comigo. Richard devia estar brincando com você. Aposto que só queria te provocar para avaliar se estava ou não interessada em mim.

— Andrew, quero saber, quem foi ela? No dia fiquei com ciúme, ele não te contou?!

— Mais ou menos. Adoraria ver a cara que você fez.

— Ele falou exatamente isso. Me diz, Andrew, quem foi? Era da faculdade?

— Foi só uma namorada. Você também namorou antes, hein?

— Sim, mas nunca senti por nenhum deles o que sinto por você. Fiquei curiosa. Me diz quem é?

— Você é muito teimosa - ele apertou meu queixo. - Não foi importante.

— Me conta. Quero saber que ponto essa pessoa mexeu com você.

— Foi uma garota da faculdade, amor, mas não estava apaixonado, por isso terminamos. Não leve em consideração o que Richard falou, ele tem a essência de um juiz criminal, fica jogando para tentar pegar algo. Esquece.

— Quero saber quem foi, Andy. Ela ainda está na faculdade?

— Sim. Vamos falar sobre outros assuntos?

— Qual o nome dela? Me diz.

— Não é importante e nunca foi.

— Só me diz. Quem é?

— Karen.

— Karen?! — fiquei pasmada.

— É, mas e daí? Esquece.

— Estou chocada — franzi o cenho. — Claro! Só podia ser você a pessoa de quem ela falava! Sempre mencionava você como se sentisse saudades, não é difícil pensar que era você por quem ela se apaixonou perdidamente! Sofrendo muito quando terminou. Claro! Por que não pensei nisso antes?!

— Ela te falou?

— Sempre falava de você com tanto carinho.

— Por que ela ficava te falando sobre mim? Talvez não fosse eu.

— Era sim! Perguntava por você sempre que encontrava com ela. Estava interessada em você, lembra? Jamais desconfiaria disso!

— O que muda?

— Parece que ela está em outra, porém não sei qual vai ser a reação dela quando disser que estamos namorando. Agora entendo a insistência dela em querer te ver. Entendi

- segurei os lábios, pensando - o porquê de ela ter ficado desapontada quando mencionei que te conheci. Agora entendo. Esse detalhe muda muito minha relação com ela.

— Seja o que for, espero que não mude em nada seus sentimentos por mim.

— Não, Andy, jamais! Por que terminou com ela?

— Esquece esse assunto, amor, sempre procurei alguém que me fizesse sentir o que você faz, a vida toda estava procurando você.

— É tão lindo ouvir isso. Mas, por que durou seis meses então?

- Porque ela sempre arrumava uma desculpa para não terminarmos. Helen, vamos mudar de assunto, vamos? Porque esse passou há tempos.

— Vamos ver um filme enquanto os meninos não chegam?

Levantei-me e sentei na frente de uma pilha enorme de DVDs e blurays.

Mel apareceu e nos perguntou se queríamos comer algo.

- Nós vamos ver filme, Mel. Quer comer, amor?

- Não estou com fome, pipoca é uma boa pedida, não acha?

— Quer um chocolate quente? — Mel perguntou.

- Aceito, sim.

Mel saiu.

— Andrew, não sei o que ponho. Você tem tantos filmes.

- Escolhe um.

-Ah!Você tem suas peças gravadas?!

— Tenho, sim.

- Então quero vê-las! Me fale sobre suas peças? - Continuei procurando. — Onde estão?

— Estão por aí. A primeira peça que escrevi foi o drama de um homem que tinha sido abandonado pelo seu grande amor. Essa mulher o deixa porque se apaixona pelo melhor amigo dele. Ele quase enlouquece por causa dela. A peça tinha quatro canções que compus com um amigo. Era dramática.

— Como terminou?!

— Não prefere ver, linda?

- Claro que sim! Até hoje as pessoas comentam essas duas peças que você fez na faculdade.

Fiquei procurando um a um. Achei os dois DVDs. A peça de que Andrew falou se chamava “A paixão contada pela dor”. Peguei o DVD e fiquei pensando em Karen, no que ela ainda poderia sentir por Andrew. Tive ciúmes por ela tê-lo namorado.

- Achou, amor? - perguntou Andrew, me tirando daquele alienado pensamento.

- Se importa de vermos? Queria muito ver!

- Não estou atuando nessa, apenas escrevi e ajudei a dirigir.

- Fez tudo, Andy! Vamos ver?! - falei, empolgada.

- Pode colocar.

- A outra é sobre o quê?!

- Na outra estou atuando, mas, não sei se quero que veja — ele cerrou os lábios.

- Se for falar de sua aparência não quero ouvir! Vamos ver a de drama, depois a outra! Sou capaz de esquecer de tudo quando te vir encenando. Dura quanto tempo?

- Uma hora e quinze minutos cada.

Tentei ligar a televisão, acabei me enrolando com o aparelho de DVD e com tanta tecnologia.

- Amor, me dá os controles, eu coloco.

Sentei-me ao seu lado e começamos a ver a primeira peça. Foi uma enorme produção, não somente por ser dele, tudo era perfeito. Quando ouvi a primeira música, beijei apertado seu rosto e elogiei seu talento incrível. Mel entrou com a pipoca e o chocolate.

A peça era muito dramática, chorei ouvindo as outras canções. Andrew tocava enquanto o ator principal cantava, contando seu estado lamentável. No final, esse homem não

suporta a dor de ver a amada nos braços de seu melhor amigo e decide tirar a própria vida. Quando está quase a ponto de tomar veneno, ele resolve escrever uma carta de despedida para ela, na qual relembra tudo o que eles viveram juntos e como a vida dele era feliz. Depois disso, ele resolve não se matar, carregando aquela dor no peito até o dia em que a dor pudesse desaparecer.

Quando acabou, estava afogada em lágrimas.

- O que foi, linda? — ele sorriu e secou meu rosto.

- Andrew, por que escreveu uma história tão triste? Puxa, as músicas são lindas, mas a história é muito triste! Coitado desse homem!

- É só uma história. As pessoas gostam desse estilo de peça.

- Agora entendo porque essa peça fez tanto sucesso e ainda se fala dela. Ela é show!

—Vai querer ver a outra?

- Claro que sim, ainda mais que é você que está nela!

- limpei os olhos. - Não pode negar, Andrew, você tem muito, muito talento!

Richard apareceu na porta com Rebecca. Eles pareciam muito chateados.

- E aí, pessoal, que cara é essa? - perguntou Andrew.

- Deixa pra lá — resmungou Rebecca.

- Sentem aqui com a gente! — falei, animada.

- Não, não vamos atrapalhar vocês — disse Richard.

- Para, Richard! — falei com uma dose de raiva. —Vem cá!

Ele se sentou do meu lado e Rebecca ficou em pé.

—Vou ao banheiro, licença — falou Rebecca, saindo chateada.

— O que aconteceu? - perguntou Andrew.

-Tem horas que não aguento o ciúme sem fundamento dela! — reclamou Richard, com o volume baixo de voz.

— Estava com ela no shopping almoçando, quando meu celular tocou. Vendo que era uma amiga da faculdade, ela se levantou no meio do almoço e começamos a brigar do lado de fora. Nada a ver!

— Será que não tem nada a ver mesmo? - perguntei. -Talvez essa menina tenha dado motivos.

— É só uma colega de classe.

— É Laura? — perguntou Andrew.

— Sim.

— Então tem motivos — continuou Andrew. — Sabe que ela sempre foi a fim de você.

— Mas nunca dei motivos.

— Somos assim, amigo - falei apertando seu ombro. -Somos ciumentas.

— Agora ela fica de cara amarrada - protestou Richard.

Nesse instante, vimos Alan passando pela porta, ele voltou e entrou na sala.

— E aí, pessoal? — falou Alan, sorrindo.

Richard levantou-se e puxou Alan pelo pescoço.

— Fiquem aqui conosco! — falou Andrew.

— Richard! — chamei-o. — Fica com a gente um pouco, vamos ver a peça de Andrew!

— Não se importam?

— Senta aí! — exigiu Andrew.

— Só ele é convidado? - reclamou Alan.

— Senta aí, seu chato - fiz careta.

— Há quanto tempo não vejo essas peças! — lembrou Richard. — Vou adorar revê-las.

- Qual delas vão assistir? - perguntou Alan.

-Vimos a de drama — respondi —, agora vamos ver a de comédia.

- Essa quero ver! - Alan se jogou no outro sofá rindo de satisfação.

- Perdi alguma coisa? — falei sem entender.

- Não viu essa peça, Helen? - perguntou Richard.

- Não, vou ver agora, por quê?!

- Por nada, só queria saber - ele sorriu de canto.

- Andrew, o que tem nessa peça que eles estão desse jeito?

- É só uma comédia, linda, não ligue pra esses caras — ele cerrou os lábios, fazendo uma expressão como se soubesse que eu não iria gostar. — Comédia romântica.

- Andrew, você não vai beijar ninguém, vai?! — meu ciúme cortou o fôlego.

Alan soltou uma risada.

- Só um beijinho, amor — tranquei a expressão na hora —, não precisa ficar com ciúme, foi só uma peça.

Continua querendo ver?

- Quero - respondi, irritada. - Põe logo, antes que me arrependa!

- Vou adorar ver sua cara, Helen! - falou Alan, ainda rindo.

- Não provoca a garota, cara - ameaçou Richard, jogando uma almofada em Alan.

Fiz cara feia para Alan, cruzei os braços e encostei no sofá.

- Por mim, pode ficar assim — sussurrou Andrew no meu ouvido, depois de me abraçar. — Sabia que sua carinha amarrada te deixa linda?

Rebecca entrou na sala e sentou-se ao lado de Richard.

- É sua peça, Andrew? - perguntou ela, surpresa.

— É sim.

- Há quanto tempo não vejo! Vai ser muito legal recordar!

Richard beijou o rosto dela, ela o fitou como se estivesse muito chateada.

Quando começou a peça, mudei logo minha expressão. Andrew contracenava com uma menina e um rapaz. Ele estava simplesmente encantador, diferente do atual. Tinha o cabelo curto, estava forte. Sabia o quanto ele era lindo, mas, vendo um vídeo recente, percebi o porquê de as meninas terem enfatizado tanto sua beleza. Ele estava lindo demais. Uma quantidade indefinida de beleza.

- Até que era bonitinho, não é, princesa? - Ele mexeu no meu cabelo, foi quando lembrei de fechar a boca.

— Não posso negar que você estava lindo demais, Andrew! Porém te acho lindo de qualquer jeito. Não ia gostar de te conhecer nessa época, você devia ser super disputado e talvez nem iria olhar pra mim, deveria estar cercado de tantas outras, todas em volta de você. Não ia me notar.

— Seria impossível não te notar — ele falou, sussurrando no meu ouvido.

A peça era uma comédia super engraçada. Contava a história de dois amigos, um todo extrovertido e outro reservado. O mais desinibido ficava tentando arrumar uma namorada para o calado. Andrew era o atirado, totalmente diferente do seu jeito de ser, o que reafirmou o quanto ele tinha talento.

Soltei risadas diversas vezes durante a peça. Richard, Rebecca e Alan também.

-Você é o cara, Andrew - falou Richard em meio aos risos.

-Ah,Andrew, você devia voltar para a faculdade! - disse Rebecca, sorrindo. - Você tem muito talento!

- O engraçado é que esse cara era todo lerdo, agia da mesma forma com as garotas! - lembrou Alan.

- Bom é saber que Andrew não é desse jeito do personagem - reclamei.

- Mas o sucesso com as garotas sim - afirmou Alan.

- Suas diretas não me provocam, se quer saber, Alan -fiz cara de desdém. - Sei quem é o amor dele.

- É isso aí, amor — disse Andrew.

A peça continuou e nossos risos se misturavam com os das pessoas que assistiam ao vivo. Pude ver em alguns momentos os olhos dele brilhando, presos naquilo que ele tanto gostava de fazer. Ouvir sua risada me deixava feliz.

Tudo ia bem até que, próximo do final, o personagem de Andrew mostrava ao amigo como se conquistava uma menina. Começou mostrando como se fazia cada gesto de paquera. Meu ciúme doeu no peito. Tinha certeza de que ele estava me olhando enquanto eu fixava os olhos na tevê. O pior momento, quando ele dava um beijo rápido na moça.

- É agora! — lembrou Alan.

Era uma bela atriz. Depois do beijo rápido, ele a beijou de verdade. Ali parei de ver, não aguentei continuar olhando, meu coração batia de uma forma tão diferente que não soube lidar com as emoções. Foi horrível o que senti vendo o meu Andrew beijando outra mulher, um longo beijo. Era no mínimo um martírio!

- Amor, não está com ciúme, tá? É só uma peça.

-Agora é a parte que você apanha, Andrew! - lembrou Alan achando hilário aquela cena de ciúme.

- Acho melhor deixá-los sozinhos - falou Richard, percebendo o quanto estava chateada.

- Está acabando a peça; o final é a melhor parte! — reclamou Alan.

- Cala a boca! — disse Andrew para Alan. — Amor? Não fica assim, vai? — ele beijou meu rosto.

Andrew desligou a TV.

- Estou indo à cozinha depois volto. Querem algo? -perguntou Richard.

—Vou com você — falou Rebecca, levantando-se.

- Também vou, senão vai sobrar pra mim! — disse Alan, que passou por mim e apertou meu nariz.

- Está com ciúmes? - perguntou Andrew.

- O que você acha? — Coloquei as mãos no rosto com os cotovelos apoiados nas pernas e enfiei os dedos entre os cabelos, abaixando a cabeça. Estava com muito ciúme!

- É só uma peça, não te conhecia nessa época - ele se aproximou, falando próximo do meu ouvido.

- Agora sei o que é sentir ciúmes. Não estou preparada para isso, Andrew - continuei na mesma posição.

- Helen, faz parte do teatro, não há emoção, é apenas um beijo técnico, nada demais.

- Minha vontade é de enforcar essa garota! - olhei para ele. - Não suportaria ver essa cena num dia atual!

- Não fica chateada! — seu jeito, como se tivesse gostando, estava irritando. — Não é sempre que acontecem essas cenas.

- É assim que você se sente quando falamos de Alex?

- Deve ser - ele tirou o cabelo do meu rosto. – Esquece o ciúme. Foi no passado.

- E se tivesse que ser hoje? Ficaria muito chateada. Me desculpe por não entender que faz parte da sua profissão, porém, não posso negar que detestei, e não sei se aceitaria.

- Amor, adoro o teatro, contudo, meu sonho é ser diretor, um escritor de peças, quem sabe até de cinema. Não quero ser apenas um ator, quero ir além disso, quero escrever peças e músicas. Esse é o meu sonho. Se voltasse a escrever peças, não colocaria cenas como essa para minha atuação.

- Me desculpe, Andrew, não é justo, me perdoe. É que, não estava preparada para ver, e não sei se quero ver de novo. Nunca senti esse ciúme desenfreado no peito.

- Está linda com ciúmes - ele sorriu de canto. - Então posso beijar quem for preciso?

- Claro que não! Ah, Andrew - toquei seus lábios -, seus beijos são apenas meus, não posso sequer pensar na hipótese de ter outra mulher em seus braços que não seja eu.

-Te entendo, amor - ele me puxou e me abraçou. - Não vai existir mais, mesmo que me peça, pois se fosse o contrário iria enlouquecer. Meus beijos serão para sempre seus, prometo que não serão de mais ninguém, somente seus.

- Andy... não estou sendo compreensiva. Olha o que está me prometendo! E se for preciso fazer? E se algum dia alguém te obrigar? Não sei, algo dessa forma?

- Ninguém vai me obrigar, está prometido. Agora não fica chateada e diz o que achou da peça.

- Adorei a primeira, não me peça para falar da segunda, a vontade que tenho é de quebrar o DVD no meio! — falei, alterada.

Ele soltou uma linda risada. Era muito gostoso o som do seu riso, porém eu ainda estava explodindo de ciúmes.

- Tudo bem, amor, esquece.

Ele me fitou com aquele olhar brilhante e acariciou meu rosto. Depois se aproximou lentamente e me beijou.

- Adoro o seu beijo, Andy — sussurrei.

- Adoro tudo em você.

Alan apareceu com várias guloseimas nas mãos.

- Querem comer algo? Se importam que eu veja filmes com vocês?!

- Me importo, sim! - falei, com raiva.

- Estava brincando, Helen, vou ficar quieto.

- Por que não vê tevê na outra sala? - reclamei. - Uma casa tão grande!

- Puxa, mandando ficar sozinho nesta mansão? Não quero ficar sozinho - ele sentou e começou a comer chocolate.

- Nosso plano inicial é ir ao cinema, e não ficar vendo filme - falei.

- Quem vai ao cinema? Vocês dois?

- Richard e Rebecca também. Não sei se continuam com os planos, mas nós vamos, não é, Andy?

- Podemos ir, amor.

- Vocês vão me deixar sozinho?! - reclamou Alan.

- Alan, você precisa é arrumar uma namorada - falei, debochando.

- Pra quê? Pra ficar tendo ataque de ciúmes?! É melhor ficar.

- Não - respondi. - Para você não ficar somando cinco quando deve haver somente quatro!

- Podia dormir sem essa - falou Andrew, sorrindo.

- Vou embora! - ele falou, chateado, porém, não se levantou.

- É pra descontar as besteiras que me falou hoje!

- Foi engraçado - ele falou com ar de alegria.

- Não teve graça nenhuma! Cadê o Richard? — perguntei.

- Está brigando com Rebecca - falou com a boca cheia de chocolate.

Richard chegou com Rebecca, parecia que estavam chateados.

- Vamos ao cinema? - perguntei.

- Vamos outro dia - falou Richard, olhando para Rebecca. - Vocês dois deveriam ir.

- Quer ir, linda? - perguntou Andrew.

- Por mim, tanto faz, Andy - abracei-o. - O importante é estar com você.

- Então vamos outro dia - disse Andrew. - Vamos ver um filme aqui?

- Vou embora — falou Rebecca.

- Não, Rebecca, fica conosco? - pedi.

- Que filme vocês vão ver?

- Não sei.

— Vocês deveriam ir — falou Richard.

- Prefiro que fiquem - enfatizou Alan. — Se Rebecca for embora, Richard vai querer subir para estudar e eu vou ficar sozinho.

- Você precisa é de uma namorada, seu chato! — falei.

- Bem, se eu receber um convite para ficar... — disse Rebecca olhando para Richard.

- Quero que você fique — declarou Richard, abraçando--a, enquanto ela permanecia séria.

O que vamos ver? — Alan pegou o controle e ficou vendo a grade da programação.

— Não vamos incomodar? — perguntou Richard.

— Não, amigo, senta aí conosco! — falei, me levantando e tomando o controle de Alan,

-Vamos ver se tem filme romântico - falei, rindo.

— Está doida?! — disse Alan, tomando o controle da minha mão.

Fiquei discutindo com ele qual seria o filme da TV a cabo que escolheria, enquanto Andrew me olhava, sorrindo. Na disputa pelo controle, ele, por ser mais alto, ganhou e escolheu um filme de suspense.

— Vou pegar algo de comer. Querem? — perguntou Richard.

— Quero chocolate, sim - respondi.

— E você, gatinha? — disse ele apertando o queixo de Rebecca.

Ela deu um pequeno sorriso.

— Quero chocolate também - ela prendeu o riso.

— Coloca logo o filme! Antes que me arrependa de ter deixado você ficar! — falei com cara feia para Alan

— Mas é chata, viu?! — falou ele, puxando meu cabelo. Bati no braço dele.

Ver filmes com eles foi muito mais divertido do que pensava. Alan me assustava frequentemente. Não era fã daquele tipo de filme, mas poder esconder meu rosto nos braços de Andrew estava fazendo com que mudasse de ideia a respeito. Richard deve ter gostado, pois Rebecca durante todo o filme esqueceu que estava chateada e se assustava, escondendo o rosto nos braços dele.

— Agora sei qual o gênero de filme que vou levar você para ver - sussurrou Andrew.

Na quarta vez que Alan me assustou, belisquei seu braço com força.

— Alan, para! — reclamei. - Andrew?

— Se você assustar minha namorada de novo — falou Andrew, puxando Alan pela camisa - juro que vou quebrar sua cara, ouviu?

Fiz cara de desdém para Alan. Me senti o máximo, protegida por Andrew.

Alan começou, então, a assustar Rebecca, Richard deu um soco no braço dele, enquanto ele continuava dando risadas.

O filme acabou, ajeitei a roupa para ir embora.

— Eu te levo, Helen — disse Andrew.

— Hum, agora é “eu te levo”, que ótimo! - falou Richard, sorrindo. - Vou levar Rebecca em casa e pegar meu livro de volta.

— Mas você vai voltar com quem, Andy? — perguntei.

— Peço a Rubens para nos seguir.

— Que Rubens! Eu levo o carro de Helen - afirmou Alan, levantando-se do sofá.

—Você cismou que vai dirigir meu carro!

—Vou ter cuidado, prometo — a expressão dele não me inspirou confiança.

— Com essa cara?

— Me dê as chaves — exigiu Alan.

— Ai, meu Deus, guarda o meu carro!

— Sua chata.

Fomos no carro de Andrew e Alan veio atrás, piscando.

- Se ele arranhar meu carro, juro que ele vai arrumar

- resmunguei, quando o vi nos ultrapassando e buzinando. Ele acelerou e sumiu na nossa frente.

- Não se preocupe, linda, ele dirige bem - me confortou Andrew.

- Quando vai me deixar dirigir seu carro?

—Você não falou que ele era velho?

- O que tem? É uma graça.

- Qualquer dia. Quando aprender a dar seta e a passar a marcha no tempo certo — ele sorriu e piscou o olho.

- Não me provoque, Andrew. - Sorri com ele. - Sei usar a seta e passar marcha!

- Sei que sabe - ele continuou, dando seu sorriso de deboche.

Cheguei em casa e me despedi dele com um beijo, que sempre me arrebatava.

Desci do carro e fui andando até onde Alan tinha parado com meu carro, próximo à garagem. Aproximei-me dele e abri a mão, esperando a chave.

- Entregue — ele deixou as chaves caírem na minha mão. - Só deu um arranhãozinho aí do lado.

- Onde?! - fiquei aflita, procurando.

- Estou brincando, sua chata! - Ele riu.

- Não teve graça! — bati no seu braço. — Posso saber por que nos cortou acelerando daquele jeito?!

- Queria ver se o carro tinha uma boa arrancada.

- Pelo jeito tem, não é?!

- Ah, sim - ele sorriu. - Boa noite, chatinha! - Ele bagunçou meu cabelo.

-Tchau, seu chato!

Depois do almoço, fui ao pet shop que ficava próximo ao shopping onde trabalhava. Iria colocar em prática um desejo que tive quando estava viajando - presentear Andrew com um cachorro da raça golden retrievier. Havia ligado para o pet quando cheguei de viagem e o cachorro

estava disponível.

Fiquei ansiosa para saber o que Andrew diria. No começo da noite, fui à casa dele.

Ao me aproximar, ouvi-o tocando minha música. Ele sabia que estava chegando. Entrei sem chamar. Deixei o cachorro numa gaiola perto da porta, de maneira que ele não visse. Entrei de mansinho e tapei seus olhos, enquanto ele tocava.

— Seu perfume entra com o ar da noite. É impossível não saber que é você.

Beijei-o. Ele me puxou para me sentar ao seu lado. Reservei para ele um abraço apertado.

- Continue, não pare - deitei em seu ombro.

Ele cantou e tocou pianíssimo, minha música.

— Por que demorou a vir hoje?

- Tive que resolver alguns assuntos no centro.

- Senti sua falta - ele novamente me beijou.

- Andy? Tenho um presente pra você.

— Pra mim?! — perguntou, surpreso. - O quê?

Fui até a porta e tirei o cachorrinho da gaiola. Ao ir me aproximando, Andrew sorriu, surpreso. Entreguei a ele.

— E aí, cara, como você se chama? — Ele pegou o cachorro, ergueu-o e ficou olhando.

— É macho. Gostou?

- Muito bonito esse carinha. Adorei, linda - ele me deu um beijo rápido.

- Não tem nome. Você gostou?

- Puxa, claro! Adorei, estou surpreso!

- Andy, te dei ele para que você possa voltar a fazer o que gostava, correr.

Ele colocou o cachorro no colo e me olhou.

-Você o trouxe por causa da história que contei a respeito de Rock?

- Não julgue uma falsa esperança, amor, creio que um dia você vai voltar a fazer tudo o que sempre fez. E ele -acaricieei a cabeça do cachorro - estará com você.

Ele ficou em silêncio, olhando para o cachorro.

- Obrigado, Helen — ele cerrou os lábios.

Toquei seu rosto e o beijei.

- Só falta um nome pra ele, qual daremos?

- Não sei - ele deu um pequeno sorriso, erguendo-o. -Que tal Trovão? Hulk? - sorrimos.

-Ai,Andy, tem que ser um nome que lembre nós dois, esses são tão machistas.

- Ele é um macho, amor - ele sorriu. - Que tal então

- ele ficou pensando - Snoop, Scooby?! - Comecei a rir e ele depois. - Pensou em algum, linda?

- Não, porém penso que deve ter algo a ver com nós dois.

- Hum, você pode se chamar... deixa-me ver... Prince.

- Prince?!

- Falou que precisa ter algo de nós dois? Qual o nome da história que fez com que nos conhecêssemos?

- Príncipe... Gostei. Parece mesmo um príncipezinho! Adorei! Prince?! - fiquei chamando o cachorrinho e, na segunda vez, ele atendeu. - Que fofinho, Andy, ele olhou!

- Isso aí, Prince. Mas agora você vai andar - ele colocou Prince no chão - porque quero ouvir minha princesa dividindo esse carinho comigo - ele me abraçou.

-Você é meu amor, Andrew, você, sim, é meu príncipe.

Encostei-me em seu braço.

- Andy, toca outra música?

Viajei nos pensamentos ao som daquela melodia celestial, simplesmente linda.

- Que música linda, Andy - foi meu primeiro comentário quando ele terminou.

- Fiz para você.

- Para mim?! - Coloquei a mão na boca, surpresa. -Outra?!

- Só falta a letra, agora é fácil - ele puxou meu queixo e me beijou. - Falar de você é estar inspirado sempre.

- Ah, Andrew, seu romantismo parece fantasia.

- Por que pensa assim? Te amo, falar do amor é lembrar de nós dois.

- O que é o amor para você?

- O que sinto agora. E para você?

-Tantas coisas, Andrew... Existe um texto que expressa com exatidão o que é o amor. Você leu alguma vez Coríntios 13?

- Hum, vai começar a pregar para mim?

- Para, Andrew! Conhece?

- Creio que sim, mas adoraria ouvir você me dizendo.

-Vamos sentar no sofá?

Sentamo-nos na sala. Prince arrumou um cantinho perto da lareira e se deitou por cima das almofadas.

- Prince se sente em casa. Olha — apontou Andrew.

- Ele deve estar com frio.

- Me diz, linda, o que é então o amor para você?

- Esse texto diz que o amor é paciente e benigno -ele me olhava apaixonado. - Diz também que ele não é invejoso - fui falando lentamente -, não se vangloria, não é soberbo, o amor não é importuno, ele sempre chega na hora certa. O amor não busca os seus interesses, não arde em ciúmes, não suspeita mal. O amor também não se alegra com injustiças, porém, se alegra intensamente com a verdade. O amor, Andy, tudo sofre, tudo acredita, tudo espera, tudo suporta.

- Conheço esse texto, mas foi diferente, vindo de você

- ele parecia encantado.

- E o final, que é minha parte favorita, é que o amor jamais acaba.

- Enquanto você falava, meu interior se aquecia.

-Tudo o que esse texto diz tem vida.

- Você mencionou que o amor não arde em ciúmes. Acha que o ciúme não faz parte do amor?

- O texto diz arder, arder é algo ruim, um dos sinônimos é atormentado, mas, dentro dos limites, mostra cuidado com o outro.

- Sempre acreditei que o amor fosse algo eterno, foi o que sempre procurei, e sabia que um dia encontraria exatamente você.

- Também acredito nisso. Lembrando, se você ler todo o texto, verá que, no começo, mesmo que saiba fazer coisas maravilhosas na Terra, até a fé de transportar os montes, se não tiver amor, ou seja, Andy, se você não tiver Deus em nada do que fizer, nada disso será aproveitado.

Ele ficou em silêncio, pensativo.

-Tenho algumas características do amor.

- Quais?

- Teria paciência suficiente para te procurar por toda a vida. O final é exatamente o que passo, sofro por não ser perfeito para você, por não poder realizar coisas simples como andar de mãos dadas pelas ruas; porém, lá no fundo, quando você apareceu, creio que um dia pode ser real, vou esperar o tempo que for

para acontecer, vou suportar o que vier por essa esperança.

- Também acredito em tudo o que falou — apertei-o nos meus braços - e creio, Andrew, que o amor que sentimos jamais se acabará.

- Sempre procurei esse amor e em você encontrei. Não posso negar, tudo o que citou, nenhum escritor neste mundo conseguiria expressar com tanta perfeição e exatidão.

- Concordo, Andy — suspirei fundo e soltei rápido. — Está ficando tarde, preciso ir.

- É a pior parte do dia, quando você diz que precisa ir.

- Um dia não vai mais acontecer.

- Helen, eu... quero me casar com você — ele tocou meu rosto.

- Co-como? — perguntei, surpresa.

- Quero me casar com você.

—Vô-você está, você quer mesmo, quer casar comigo?!

— fiquei nervosa, assimilando o que acabara de ouvir .

- Por que a surpresa, amor? Já declarei, vou me casar com você.

Fiquei sorrindo, sem palavras, totalmente emocionada.

- Que lindo, Andy, também quero, e muito, me casar com você.

- Amo você.

- Também te amo.

Nós nos beijamos, me tornei dependente de tudo o que vinha dele.

Era sábado. Acordei e liguei para Andrew.

- Bom dia, Andy!

- Bom dia, princesa.

- Sabe o que pensei em fazermos hoje?

- O quê?

- Podíamos ir ao cinema. O que acha?

- Sabe, amor, para ser sincero, fiquei aliviado com o fato de não ir ao cinema no dia que combinamos com Richard.

- Por quê?

- Porque fico envergonhado de sair em lugares públicos com cadeira de rodas.

- Não acredito, Andrew! Não tem por que ficar envergonhado!

- O que as pessoas vão pensar?

- O que importa o que vão pensar? Andrew, você está vivo, é uma dádiva divina e o único fato importante. Andy, você venceu tantas barreiras, ir ao cinema é tão pouco. Vamos, sim! Vamos nos divertir, passear, vamos fazer tudo! Não tem motivo para ficar constrangido! Vamos?!

- Ok, eu vou. Escuta, Richard está aqui do meu lado enchendo a paciência querendo ir conosco — eu ri.

—Tudo bem, Andy, é claro que ele pode ir com Rebecca!

- declarei, sorrindo.

- Passo para te buscar.

- Ok. Antes, vou ao salão cortar o cabelo.

- O quê?! Não vai cortar! - ele falou, espantado.

- Só vou aparar as pontas, Andy - falei, sorrindo - e

fazer massagem.

- Ah, bem, isso pode.

-Também estava pensando em escurecê-lo, sei lá, como nunca pinteï...

- Não inventa, Helen! Gosto dele exatamente dessa cor.

- Não posso nem escurecer um tom?

- Nem um tom, nem um semitom, nem um sustenido ou um bemol! - sorrimos juntos.

-Você é demais, Andrew!

Fui para o salão, demorei a ser atendida. Saí às 19h30. Olhei o celular, encontrei cinco chamadas não atendidas de Andrew.

- Oi, amor, estou saindo daqui. Está na minha casa?!

- Não. Acabou?

- Desculpe-me, amor, demorou muito para que fosse atendida.

- Só estava impaciente para te ver. A hora não passa ou o relógio para quando não estou perto de você.

- Também senti sua falta.

- Sinto falta de ver seu sorriso, de ouvir sua voz, de ver você chegando. Quando joga o cabelo para o lado ou tira a mecha que cai sobre os olhos.

Estava fazendo exatamente o que ele dizia.

- Onde você está, Andrew? — olhei o estacionamento e vi um carro piscando de longe.

—Você veio me buscar?! Está na picape de Richard?!

- É para carregar essa - ele suspirou fundo - droga de cadeira.

- Um dia não vai mais usá-la. E meu carro?

—Vamos deixá-lo na sua casa. Só deixa te dar um beijo antes, hein?

Andei na direção dele. Andrew estava dirigindo.

- Estava com saudades. — Nós nos beijamos, ouvi Richard limpando a garganta.

- Oi, pessoal — cumprimentei-os, sorrindo.

Richard e Rebecca desceram e me cumprimentaram.

- Que bom que vocês vieram!

- Não podia perder a volta do meu irmão à vida — falou Richard sorrindo para Andrew.

-Vamos, senão nos atrasamos! - entreguei a chave do meu carro a Richard.

- Tem algum segredo? — ele perguntou.

- Não, Richard - sorri. - Meu carro não é importado como o seu - ele sorriu. — Só desarmar o alarme.

Não tivemos dificuldades no shopping. Nunca tinha percebido as acessibilidades para as pessoas que usam cadeiras de rodas. Dentro do cinema ele deixou a cadeira no espaço reservado e sentou-se nas cadeiras comuns. O filme foi lindo, romântico, a maior parte do tempo nos beijamos em vez de ver o filme.

Na saída, avistamos uma loja de revelação digital. Apontei uma cabine de fotos instantâneas.

- Andy, olha, uma daquelas cabines de fotos!

- Amor, quer mesmo tirar foto com um cara feio?

- Vou fingir que não ouvi. Vamos?! Para colocar no porta-retratos!

Rebecca puxou Richard para fazer o mesmo.

Na cabine fizemos uma sequência de beijos e caretas.

Estava ansiosa, meus pais conheceriam a casa de Andrew. Embora tudo fosse tradicional, a opinião deles era importante.

A noite chegou. Tomei banho e troquei de roupa. Fomos no carro do meu pai.

- Uau, Helen, que mansão linda! - comentou minha

mãe.

- É linda mesmo, mãe, vai adorar por dentro.

- As casas de Jurerê possuem uma arquitetura fantástica

- mencionou meu pai.

Mel nos recebeu calorosamente.

- Lindo lustre. - Minha mãe sussurrou ao entrarmos na sala.

Prince apareceu, abanando a cauda.

- Oi, meu fofinho - peguei Prince no colo.

- É o cachorro que deu a ele? - perguntou ela.

- É, sim. Lindo, não é, mãe?

- Interessante não ter comprado um pra você.

- Quem sabe não mudo de ideia?

“Ou me caso logo com Andrew e ganho Prince como meu também.”

Andrew, Richard e Alan apareceram na sala. Andrew estava lindo, me aproximei e lhe dei um beijo rápido. Ele educadamente cumprimentou meus pais.

- Oi, seu chato - falei, abraçando Alan. - Já voltou?! Feliz aniversário atrasado.

- Cheguei ontem à noite, chatinha!

- Poderia ter ficado mais tempo com seus pais. Mãe, pai, esses são os amigos de Andrew e meus amigos também. Richard vocês já conhecem, mas esse chato não, é Alan.

Eles se cumprimentaram.

- A filha de vocês gosta de pegar no meu pé — falou Alan, expressando chateação.

- Eles implicam um com o outro, porém se amam - explicou Richard a meus pais.

- Helen sempre foi assim - revelou minha mãe. - Sempre gostou de implicar com as pessoas de que mais gosta.

- Eu sabia! — falou Alan, bagunçando meu cabelo.

- Mãe?! - reclamei. Todos ficaram rindo. - Me lembre de entregar seu presente de aniversário, seu chato! Está no carro.

- O que é? — perguntou Alan.

- Depois você vai ver. Talvez seja um livro de história e cultura.

- O presente é para mim ou para Andrew? - Todos começaram a rir.

- Achei muito legal a ideia do cachorro, Helen — disse Richard. - Legal mesmo! Tivemos muitas aventuras juntos com Rock. Adorei o bichinho.

- Rock era o cachorro antigo de Andrew - expliquei aos meus pais.

- Chorou a noite toda, Helen, valeu — resmungou Alan

- Esses dois aí têm sono de pedra, tive que acordar e cuidar do cachorro.

Todos sorriram coletivamente.

- Ele deve ter sentido falta dos irmãos - falei, rindo.

- Só ficou quieto quando o coloquei ao pé da minha cama.

- Falei que era saudade dos irmãos - ele bagunçou meu cabelo.

- Mas venham - disse Richard. - Venham conhecer o resto da casa.

Meus pais foram andando na frente, Andrew me puxou pelo braço.

- Quero meu beijo.

Segurei seu rosto, ele me puxou pela nuca e me beijou.

Pareci flutuar.

- Esse, sim, valeu - ele sussurrou.

Enquanto Richard mostrava os cômodos, minha mãe fazia dezenas de perguntas sobre a decoração, sobre os móveis, parecia que ia comprar a casa.

Ela se apaixonou pela mesa de jantar, como imaginava. A noite estava agradável, o jantar, delicioso. Sentamo-nos na sala e conversamos até altas horas da noite. Nós nos despedimos e meu pai agradeceu pela noite.

Aproximava-se o último final de semana das férias.

Era uma quinta-feira. Estava no trabalho, atendendo uma cliente super exigente. Quando ela saiu, comentei com as meninas que trabalhavam comigo o quanto ela tinha sido chata.

- Essa foi light, Helen - disse Elisabeth. - A outra que saiu deixou mais desarrumado o balcão.

- Ela cheirou quase todos os perfumes! Aposto que nem sabia mais qual era o cheiro do último — dei um pequeno sorriso enquanto guardava os frascos no balcão.

Elisabeth sorriu, indo atender um cliente.

Fiquei arrumando os perfumes de volta no balcão.

- Estou procurando um perfume para minha namorada. Quando levantei a cabeça, o sorriso surgiu dos dois lados. Era Andrew.

-Você poderia ajudar? - ele perguntou.

— Depende. Não sabe o perfume que ela usa? - Suspirei fundo, apaixonada.

— Ela não falou o nome, faz isso para me deixar desnorteado quando aparece com aquele cheiro maravilhoso.

— Hum, fica um pouco difícil de ajudar, senhor. Se você me disser como é o jeito dela, fica mais fácil.

— Ela é romântica, sensível, inteligente — seus olhos brilhavam. — É divertida, sonhadora, educada, fina, única, especial. Quer mais?

— Este deve ser o perfume dela. - Peguei atrás de mim o vidro do perfume que usava. - Sente? - Dei a amostra a ele.

— Não estou certo, mas suponho que o cheiro é exatamente o seu. Se permitisse poderia sentir de perto. Adoraria cheirar o seu pescoço.

— Não acho uma boa ideia, tenho namorado. Porém, a sua namorada deve ser uma garota de muita sorte por ter um namorado tão detalhista como você — me aproximei dele e lhe dei um beijo rápido. — Que surpresa você aparecer por aqui, Andy. Veio sozinho?

— Acha que viria sozinho? Olha lá fora.

Olhei e vi Richard de longe. Ele acenou, eu o chamei.

— Vou levar o perfume, moça linda.

—Vai levar mesmo, Andy? O meu ainda não acabou, está quase no fim.

— Eu sei. Você comentou esses dias. Não podia deixá-lo acabar, adoro seu cheiro. Queria que você me indicasse um.

— O seu não temos, pelo menos procurei e não achei — sorrimos. — Me recuso a deixar que você mude seu cheiro!

— Boa noite, amiga — disse Richard, sorrindo, beijando minha mão, depois me abraçou.

- Oi, amigo, que surpresa maravilhosa vocês dois aqui!

- Estava esperando vocês me chamarem - falou em tom de inconformação.

- Podia ter vindo, amigo!

- Queria ver se meu brother sabia paquerar - sorrimos.

- Que seja eternamente comigo, ele é muito sedutor.

-Você podia me ajudar, indicando um perfume para

noite. O que acha?

- Adoraria, amigo, mas vou chamar uma colega para ajudar - chamei Valéria. -Valéria, esses dois são muito especiais para mim. Esse é o amor da minha vida, Andrew, e esse um dos meus melhores amigos, Richard — eles se cumprimentaram. -Ajude meu amigo a achar o perfume ideal,já dou a dica: aquela nova coleção esportiva é a cara dele.

- Linda - falou Andrew -, pode indicar algo para Mel? Ela faz aniversário na segunda.

- Não sabia, preciso pensar em algo para dar a ela. Olha, Andy — peguei uma amostra —, acredito que ela vai gostar deste.

- Você é quem sabe, confio no seu bom gosto, pelo menos para perfume.

- Onde não tive bom gosto?

- Quer resposta?

- Se for o que estou pensando, novamente dispenso os comentários. Mas vai levar esse para Mel?

—Vou, você diz que é bom.

Ele tirou um cartão da carteira e me entregou.

- Andy, tenho descontos se comprar no meu cartão.

- É um presente. E, por falar nisso, vou ficar te esperando lá fora, não quero que seu gerente pense que você está dando em cima de um cliente. E, não consigo ficar perto de você e não te beijar.

- Daqui a meia hora saio, amor - pisquei o olho. - Sua presença me deixa desconcertada - sussurrei próximo ao seu ouvido, ele riu.

Andrew ficou ao lado de Richard, que acabou comprando um perfume para Rebecca também.

Eles saíram e as meninas que trabalhavam comigo, que não atendiam ninguém, vieram animadas para perto de mim.

- Helen! Que homem é esse que você traz aqui?! - exclamou Valéria.

- Lamento informar, ele tem namorada.

- Deve ser por isso que ele resolveu comprar um perfume para a namorada, só para mostrar que tem uma - falou, frustrada.

- Aquele é Andrew, Helen?! - perguntou Elisabeth, empolgada.

- É ele, sim — declarei, apaixonada.

- Por que ele usa cadeira de rodas? - perguntou Valéria.

- Ele tem câncer, mas vocês ainda vão vê-lo curado por Deus.

- Tomara mesmo! - concordou Elisabeth. - Helen, ele é um gatinho!

- Sei que é! Sempre foi.

- Ele não tem outros amigos solteiros, não?! - perguntou Lilian, outra vendedora.

- Tem um, sim. E é um gatinho também.

- Puxa, Helen! Poderia trazê-lo aqui qualquer dia! Comprometidos não valem! - reclamou Lilian.

- Quem sabe.

Quando saí do trabalho, Andrew estava com Richard, conversando, me esperando perto de uma loja.

- Cadê meu presente? - virei-o para mim e o beijei.

- Espero que goste, porém, não quero que o use para trabalhar, este é só para mim.

-Aquele só uso para a noite, Andy - sorri. - Sabe disso.

- Melhor assim. Aliás, você está linda toda maquiada, fico incomodado só de pensar nas cantadas que você leva diariamente.

Entrei na sua frente e fiquei próxima ao seu rosto.

- Nenhuma delas fez e jamais fará o que você é capaz de fazer comigo apenas com um olhar. Sou sua, Andy, guarda isso.

- Não fala assim - ele sussurrou no meu ouvido, quando me puxou pelo braço —sou capaz de esquecer meus bons costumes.

Beijei seus lábios e Richard nos interrompeu, limpando a garganta. Sorrímos juntos.

Último sábado de férias.

Andrew me ligou à tarde.

- Oi, linda.

- Andy, estava pensando em você.

- O que está fazendo?

- Estou fazendo as unhas, por quê?

—Vou passar aí. Quero te levar a um lugar, combinado?

- Pensei que íamos sair apenas à noite. Mas tudo bem, claro!

—Vai se arrumando que estou saindo daqui.

- Aonde vamos?

- Surpresa.

- Que roupa coloco?!

- Algo simples, não é um local fechado.

- Fiquei curiosa!

- Se arruma. Beijo.

Fechei o celular e fiquei pensando.

Me arrumei para esperá-lo.

Ouvi-o buzinando e fui em um pulo para o lado de fora. Quando o vi, apressei os passos e entrei no carro.

- Que saudade, amor! - abracei-o apertado.

- Você está linda — ele mexeu no meu cabelo e me beijou.

- Agora diz, aonde vamos?

- Vou te levar a um lugar incrível. Não adianta perguntar, é surpresa.

Durante todo o caminho fui perguntando onde era, ele apenas respondia com risos.

Nós nos afastamos do centro, ele me levou à Praia Mole.

Saímos do carro e o abracei.

- Adoro esse lugar, é a praia mais bela da ilha.

- Já passei por aqui, Andy, mas confesso nunca parei para admirá-la.

- Olha a cor das águas em contraste com a montanha verde, e o azul do céu realça as ondas quebradas.

- Ela se tornou mais linda através dos seus olhos.

Coloquei meus braços em seus ombros e nos beijamos.

- Não é o lugar incrível que quero te mostrar.

- Mais incrível que este?!

-Verá.

Entramos no carro e fomos até a Lagoa da Conceição.

- Te trouxe aqui, princesa, porque acho maravilhoso o pôr do sol. Já viu?

— Não! Costumava vir à Lagoa?

— Às vezes, apenas para ver o pôr do sol. Gostava de ficar sozinho com meus pensamentos.

— Vamos ficar dentro do carro? Vamos sentar ali? — Apontei um banco na beira da lagoa.

-Vamos sentar na grama.

Desci do carro, ele foi se apoiando em mim. Com cuidado, eu o ajudei a dar alguns passos e nos sentamos na grama que beira a Lagoa. Sentei na frente e ele me abraçou por trás. Estava frio, mas a paisagem do sol sendo encoberto por nuvens era incrível. Recostei-me nele.

— Está frio, Andy, porém me sinto aquecida no seu amor.

— olhei para ele.

— Seu amor enche minha vida de novas cores, Helen. Amo você.

— Mesmo nesse inverno, seu amor me leva de volta ao outono.

— Nos apaixonamos naquela estação. Desejo que tenhamos muitas outras para lembrar.

— A cada estação te amarei mais. Quem diria que um dia estaria assim com você?

— Por quê?

— Porque brigava comigo mesma, não querendo admitir que estava apaixonada por você, e hoje, nós dois, é tão bom, me sinto feliz, parece que encontrei meu porto seguro, entende?

— Entendo, sim. Você trouxe a vida que jamais esquecerei - ele pegou o celular dele e tirou uma foto. - Para o seu álbum de fotos.

— Ficou linda. Essa vou imprimir e colocar no meu quarto. Se chamará Meu Outono.

— Eu te amo.

-Amo você, Andrew, amo demais.

Nós nos beijamos. Todo o meu ser estava apegado a ele.

A paisagem que nos cobria era incrível.

O sol fugiu das nuvens e foi se escondendo por trás das montanhas próximas à lagoa, o alaranjado do céu parecia uma obra de arte. Comecei a descrever aquela cena na mente. Magnífico ou impressionante? Poderia usar essas duas palavras e até outras, porém, elas não descreveriam aquela cena com exatidão. Não apenas o sol se pondo, mas a nossa presença fazendo parte daquele cenário, combinavam tão bem.

A primazia encontrada nos meus sentimentos por Andrew foi muito além de uma paixão, exatamente como a mãe dele descreveu, tinha cores, vida, detalhes, sentimentos sublimes, esse era o amor que sentia por ele. Andrew era como um lugar de descanso, mas conseguia ser também uma correnteza, me transportando para o oceano — a dimensão do nosso amor, este, sim, devia ter o tamanho do que existia entre nós.

O que o futuro nos guardava? Não sabia, estava nas mãos de Deus. Apenas fazia planos, aspirações pelo que esperava dele, talvez quisesse que ele me trouxesse Andrew em cada acontecimento, ou um pouco mais da sua presença em cada emoção, em cada estação. Talvez o futuro poderia vir com emoções ruins, sensações desagradáveis, mas não queria temer, apenas viver e ser feliz para sempre ao lado do grande amor da minha vida... Andrew Gamberini.

Caminhando entre as folhas secas, desconfiei, poderia acontecer um lindo outono de sonhos, de realizações de sonhos pensados; outros, como Andrew, aconteceram assim, sem planejamento, esta era a melhor parte: muitos sonhos que não são esperados são infinitamente melhores que os planejados e se tornam nossos sonhos mais valiosos. Esperava o grande amor da minha vida, sempre esperei, já sonhar... Ah! Andrew não era um sonho esperado, era a essência que faltava em mim.

Sem sonhos, as perdas se tornam insuportáveis, as pedras do caminho se tornam montanhas, os fracassos se transformam em golpes fatais.

Mas, se você tiver grandes sonhos... seus erros produzirão crescimento, seus desafios produzirão oportunidades, seus medos produzirão coragem.

Por isso, meu ardente desejo é que você nunca desista de seus sonhos.

Augusto Cury

Fim do livro